



ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

“O INQUIETANTE VAZIO”: A REPRESENTAÇÃO DA
FAMÍLIA, ATRAVÉS DO DESENHO E DO RORSCHACH,
EM CRIANÇAS COM PSICOSE

ANA MARGARIDA PEREIRA DOS SANTOS

Orientador de Dissertação:
PROFESSOR DOUTOR EMÍLIO SALGUEIRO

Coordenador de Seminário de Dissertação:
PROFESSOR DOUTOR EMÍLIO SALGUEIRO

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2013

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor Emílio Salgueiro, apresentada no ISPA - Instituto Universitário para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica, conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

O trabalho científico e o trabalho artístico (...criativo) têm ambos por característica essencial a de projectar, dar sentido e transformar a realidade; ou seja, reduzir os objectos e factos a significados sociais. São semióticas do real.

Ugo Volli

A todas as crianças inquietas.

Agradecimentos

Em especial, ao Professor Doutor Emílio Salgueiro, por me ter guiado ao longo deste percurso, por ter sempre um conselho sábio para dizer, pelo interesse demonstrado no tema do meu trabalho, mas acima de tudo, por acreditar em mim nos momentos de maior aflição.

Ao Prof. Pedro Aleixo, pela sua disponibilidade, pelo seu entusiasmo e por tudo o que me ensinou sobre Rorschach, sem a sua colaboração neste trabalho, certamente que ficaria menos rico. Por ser um grande Professor... e uma grande Pessoa.

À Dra. Filomena Andrade e ao Dr. Luís Simões. Ao Dr. Juan Sanchez, por partilhar o gosto pelo desenho. Ao Dr. Carlos Doblado, à Dra. Rita Rodrigues, à Dra. Rebecca Montalto, à Dra. Manuela Santos e à Dra. Margarida Quina. À Ana e à D. Ermelinda. Agradeço a todos pela disponibilidade.

Ao Dr. Pedro Caldeira e à Dra. Carla Pardilhão, por me ajudarem a pensar. À Prof. Teresa Aleixo, pela motivação e pela sua genuinidade.

A todas as crianças e respectivas famílias que participaram no estudo, sem elas não seria possível a sua realização. Os seus mundos inquietantes, fizeram-me também crescer.

A todos os colegas Ispanos, pelos bons momentos de trabalho, mas também de diversão ao longo destes anos. Por terem crescido comigo a nível profissional e pessoal. Em especial, à Joana e à Ana, pelo companheirismo durante a realização deste trabalho, pelas muitas horas juntas, pelas trocas de ideias e pelos momentos de descontração.

À minha analista, por conter as minhas angústias.

Aos meus familiares e amigos, por me apoiarem ao longo deste percurso, por estarem sempre lá, por acreditarem em mim...às vezes mais do que eu.

OBRIGADA!

Resumo

Na Psicose, o meio poderá ter um papel preponderante, sendo que se pensa que os conflitos nestas crianças estão intimamente ligados a uma relação muito arcaica com a mãe, que vão ameaçar a sua integridade e suscitar uma angústia de fragmentação corporal intensa (Widlocher, 1978). Este estudo, de cariz descritivo, tem como objectivo compreender como 9 crianças do sexo masculino, com diagnóstico psicodinâmico de Psicose, com idades entre os 8 e os 13 anos de idade, que são seguidas em Pedopsiquiatria, representam a sua família no desenho, isto é, como a vêem e como a sentem. O teste Rorschach, bem como os outros instrumentos, entrevista com os pais, Desenho Livre, Desenho da Figura Humana e Auto-retrato, foram utilizados numa perspectiva complementar. No Desenho da Família, surgem predominantemente expressos sentimentos de escassa valorização pelas figuras parentais. Estas são maioritariamente sentidas como ameaçadoras, distantes, pouco disponíveis e passivas, ou seja, pouco securizantes, não sendo consideradas como figuras de referência. Foram encontradas semelhanças nos desenhos, tais como: traço indeciso, pouco recurso à cor, elementos suspensos no vazio, figuras humanas sem pés, sem mãos e com os olhos desprovidos de pupila. Estes traços vão ao encontro do que estas crianças sentem em relação à família, revelando uma representação de si face ao meio, frágil e incompleta, limites imprecisos entre o mundo interno e externo, sentimentos de vazio interior e falta de suporte. Desta forma, o Desenho da Família é um instrumento útil, que nos permitiu aceder a como estas crianças representam a sua família.

Palavras-chave: Psicose, Família, Desenho, Rorschach.

Abstract

In Psychosis, family may have an important role, leading us to believe that the conflicts in these children are directly bounded to a very archaic relationship with their mother, which will threaten the integrity of the individual and evokes an intense anguish of body fragmentation (Widlocher, 1978). This descriptive study, aims to understand how 9 male children with a psychodynamic diagnosis of psychosis, aged between 8 and 13 years old, who are followed up in Pedopsychiatry, represent their family in the drawing, that means how they see it and feel about. The Rorschach test, as well as other instruments like Interviews with Parents, Freehand Drawing, the Human Figure Drawing and Self-portrait, were used in a complementary perspective. In Family Drawing, arise predominantly expressed feelings of sparse recovery by parental figures. These Parental Figures are mostly perceived as threatening, distant, somewhat not emotionally available and passive, which means slightly reassuring, not being considered as reference figures. Resemblances were found in the drawings, such as: indecisive trait, little use of colour, suspended in the void elements, human figures with no feet, no hands and with eyes lacking of pupil. These traits are in line with how these children experience their family, revealing a representation of themselves related to their family environment, fragile and incomplete, imprecise boundaries between internal and external world, inner emptiness and lack of support feelings. Therefore, the Family Drawing is a useful tool that allowed us to access how these children represent their family.

Key-words: Psychosis, Family, Draw, Rorschach.

Índice

AGRADECIMENTOS.....	V
RESUMO.....	VI
ABSTRACT.....	VII
Índice.....	VIII
Lista de Figuras.....	XI
Lista de Abreviaturas.....	XII
I. Introdução.....	1
II. Enquadramento teórico.....	3
2.1. Psicose infantil.....	3
2.1.1. Uma viagem ao passado das Psicoses infantis.....	3
2.1.2. Definição de Psicose infantil.....	4
2.1.3. Diagnóstico e Prognóstico na Psicose.....	6
2.1.4. Intervenções na Psicose.....	6
2.1.5. A criança com Psicose e a família.....	7
2.1.6. Estados-Limite.....	9
2.2. Desenho na Psicose infantil.....	9
2.2.1. Uma viagem ao passado do Desenho infantil.....	9
2.2.2. O Desenho como instrumento de acesso à personalidade da criança.....	10
2.2.3. O Desenho na Psicose Infantil.....	11
III. Método.....	13
3.1. Objectivos.....	13
3.2. Problemas.....	13
3.3. Delineamento.....	13

3.4. Participantes.....	14
3.5. Contexto.....	14
3.6. Instrumentos.....	14
3.6.1. Entrevista semi-estruturada com os pais.....	15
3.6.2. Desenhos.....	15
3.6.3. Teste Rorschach.....	16
3.7. Procedimentos.....	17
IV. Resultados.....	19
4.1. Caso 1 - “Jorge”: “ <i>Gosto de famílias felizes, não gosto de famílias tristes...</i> ”.....	19
4.2. Caso 2 - “João”: “ <i>Não conheço nenhuma família. Eu não tenho família, só pais!</i> ”.....	21
4.3. Caso 3 - “Filipe”: “ <i>...se fosse humano era pó.</i> ”.....	24
4.4. Caso 4 - “Daniel”: “ <i>O meu pai não desenhei, porque passamos por um grande problema de violência doméstica.</i> ”.....	26
4.5. Caso 5 “Rodrigo”: “ <i>...os olhos e o nariz são iguais aos da mãe. Não gosto deste boneco.</i> ”.....	29
4.6. Caso 6 - “Luís”: “ <i>...depois é a minha mãe que é só metade!</i> ”.....	31
4.7. Caso 7 - “Pedro”: “ <i>Na piscina de bolas, as que estão por baixo, estão no escuro a ver filmes de terror e às vezes têm medo, mas não ‘tão sozinhas...’tão umas com as outras.</i> ”.....	34
4.8. Caso 8 - “Tomás”: “ <i>...depois comecei a correr à volta das árvores, assim em círculos a contornar as árvores, sempre à volta das árvores, depois deitei-me a olhar para as nuvens...</i> ”.....	37
4.9. Caso 9 - “Bernardo”: “ <i>O gigante e a giganta...é uma família de gigantes</i> ”.....	39
V. Discussão.....	43
5.1. Todos diferentes...todos iguais.....	44
5.2. A Representação da Família.....	53
5.3. Limitações do estudo.....	58
5.4. Investigações futuras.....	59

VI. Conclusões	60
VII. Referências	61
VIII. Bibliografia.....	64
ANEXOS.....	65
ANEXO A (Estudo aprofundado sobre os casos).....	66
ANEXO B (Carta para a Comissão Institucional de Ética).....	203
ANEXO C (Autorização da Comissão Institucional de Ética para a realização do estudo).....	207
ANEXO D (Projecto do estudo entregue aos Pedopsiquiatras).....	209
ANEXO E (Guião utilizado na recolha de dados).....	213
ANEXO F (Consentimento informado para os pais).....	220
ANEXO G (Quadro dos indicadores gráficos próprios da Psicose, mais comuns nos desenhos).....	222
ANEXO H (Registos das cotações do DFH, versão de Goodenough).....	224
ANEXO I (Quadro resumo dos três níveis de análise de interpretação do DF e síntese das principais conclusões obtidas neste desenho).....	234
ANEXO J (Quadro síntese das principais conclusões obtidas relativamente à representação de si e das imagos parentais, no cruzamento entre os Desenhos e o Rorschach).....	236

Lista de Figuras:

Figura 1: Caso 1- Desenho da Família Real

Figura 2: Caso 2 - Desenho da Família Imaginária

Figura 3: Caso 3 - Desenho da Família Imaginária

Figura 4: Caso 4 - Desenho da Família Imaginária

Figura 5: Caso 5 - Desenho da Família Real

Figura 6: Caso 6 - Desenho da Família Imaginária

Figura 7: Caso 7 - Desenho da Família Real

Figura 8: Caso 8 - Desenho da Família Real

Figura 9: Caso 9 - Desenho da Família Imaginária

Lista de Abreviaturas:

A-R: Auto-retrato

DFH: Desenho da Figura Humana

DF: Desenho da Família

DFI: Desenho da Família Imaginária

DFR: Desenho da Família Real

EE: Ensino Especial

FH: Figura Humana

IM: Idade Mental

IC: Idade Cronológica

JI: Jardim de Infância

NEE: Necessidades Educativas Especiais

QI: Quociente de Inteligência

RCH: Rorschach

I. Introdução

Este trabalho, baseado num referencial teórico psicanalítico, tem como objectivo compreender como nove crianças com diagnóstico de Psicose, representam a sua família no Desenho. Isto é, como a vêem e como a sentem, utilizando o instrumento Rorschach, numa perspectiva complementar. Baseia-se numa experiência clínica directa, com crianças e seus familiares, proporcionando-nos assim o entendimento de casos reais.

A escolha deste tema prende-se com o crescente interesse ao longo da minha formação pelo Desenho infantil, considerando-o como um instrumento poderoso no acesso ao mundo psíquico da criança. Este permite-nos ver mais além do que consta no papel. Ver o que é invisível aos olhos do senso-comum, tarefa esta, que se assume como fundamental na prática profissional do Psicólogo. O interesse pela Psicose infantil deve-se ao facto de este ser um mundo enigmático, cheio de controvérsias, que desperta em mim vontade de compreendê-lo. Dado que a criança é influenciada pelo meio, tendo sempre em consideração que ela própria também o influencia, surgiu assim a ideia deste estudo, em que é dada relevância ao papel da família na vida destas crianças.

Para cada caso, teve-se em conta a história clínica da criança, tentando-se que haja um entendimento do desenvolvimento sócio-emocional, psicomotor, cognitivo e psicoterapêutico da mesma, de forma a tê-lo em consideração na interpretação do material recolhido. Desta forma, pretende-se que haja um entendimento global do caso, em que o passado e o presente se cruzam. Não se pode ajudar a melhorar o futuro sem se conhecer o passado e sem que haja um entendimento do presente.

De forma a uma melhor compreensão para o leitor, este trabalho encontra-se dividido em quatro partes fundamentais. Como ponto de partida e com um cariz introdutório será feito um enquadramento teórico sobre o tema, por vezes, com algumas viagens ao passado. No capítulo seguinte, apresentarei a metodologia, que dará a conhecer mais aprofundadamente o que se pretende com este estudo, bem como foi realizado.

Posteriormente, no capítulo dos resultados, serão apresentadas resumidamente as nove crianças que participaram nesta investigação. Será abordada a história clínica da criança, entrevista com os pais, observação da mesma, as principais conclusões retiradas através da interpretação clínica dos desenhos aplicados, havendo uma articulação com os desenhos que já tinham sido realizados no passado, em acompanhamento pedopsiquiátrico. Para cada caso, será apresentado o cruzamento das principais conclusões obtidas no Desenho da Família e no teste RCH, o que nos

permitirá compreender como estas crianças vêm e sentem as suas figuras parentais e inevitavelmente a si próprias. Para uma leitura mais aprofundada sobre cada caso remete-se o leitor para a consulta do Anexo A (p. 66). Aqui, poderá encontrar a história clínica, entrevista com os pais, observação da criança, aspectos mais relevantes do acompanhamento pedopsiquiátrico, interpretação de cada desenho recolhido e dos que constavam no processo, bem como uma interpretação mais detalhada da prova RCH, onde também consta o protocolo, com a respectiva cotação e o psicograma. Importa referir, que todos os desenhos que estão presentes ao longo deste trabalho, foram editados no programa *Microsoft Office Picture Manager*, de forma a serem mais visíveis para o leitor.

Por fim, como ponto fulcral deste trabalho, teoria interiorizada e prática unem-se na discussão, pois será feita uma articulação entre a teoria apresentada inicialmente e os resultados encontrados mais relevantes. Numa primeira parte, serão abordados os traços comuns e as diferenças encontradas nos protocolos RCH, que nos permitirão compreender melhor o funcionamento mental destas crianças e o que conseqüentemente, nos ajudará a entender o significado do que foi encontrado de comum e de diferente nos desenhos. De seguida, apresentam-se as características formais transversais à maioria dos casos, bem como as características diferenciais, sendo que o mesmo será feito relativamente aos conteúdos presentes nos desenhos. Numa segunda parte, a questão crucial deste trabalho será respondida e através de uma análise global dos casos, compreenderemos como estas crianças vêm e sentem a sua família, através do Desenho e do RCH. Por fim, os principais resultados serão resumidos numa breve conclusão.

“O inquietante vazio” é assim um trabalho, que nos demonstra os vazios interiores sentidos por estas crianças, expressos através dos desenhos. Vazios, que estão inevitavelmente associados às relações estabelecidas com os seus familiares e aos sentimentos que delas advêm. Vazios estes, que causam uma inquietação nestas crianças, também sentida por mim devido aos movimentos contratransferenciais. Um estudo baseado na compreensão de 9 crianças e respectivas famílias, num contacto real em 18 sessões, onde técnicas projectivas se cruzam. 61 desenhos (38 aplicados na actualidade e 28 realizados no passado) e 9 protocolos RCH, permitem-nos aceder aos pensamentos mais profundos destas crianças.

II. Enquadramento Teórico

2.1. Psicose Infantil

São pacientes que não têm tecto para os seus deuses íntimos, nem uma tela para os seus espectáculos interiores. A sua regra de vida é o enigmatismo: quem acha que os compreende, não compreende nada, mas quem não os compreende, começa a compreendê-los.

Racamier

2.1.1. Uma viagem ao passado das Psicoses infantis.

A evolução das ideias sobre as Psicoses infantis, pode ser distinguida em quatro etapas, que correspondem também à evolução da Psiquiatria infantil (Duché, 1978). Uma primeira etapa, médico-pedagógica, durante o século XIX, em que os casos de atrasos mentais eram de especial interesse para os clínicos. Nestas observações, possivelmente existiriam psicóticos, mas ainda não se considerava esta entidade isoladamente (Duché, 1978). O primeiro caso de Psiquiatria infantil, foi o conhecido “Menino selvagem de Aveyron”, “Victor”, encontrado num bosque. Posteriormente, constatou-se que se tratava de um caso de Psicose infantil, numa linha deficitária. Foi posto ao cuidado de Itard, que o tentou reeducar, sem grandes progressos. Esta, foi a primeira psicoterapia de uma criança com Psicose, com o intuito que esta nova relação estabelecida fosse estruturante, servindo de modelo para outros trabalhos futuros. “Victor”, não mostrava qualquer afecto por aqueles que cuidavam dele, tinha comportamentos agressivos e não aceitava nenhuma mudança, características estas, próprias da Psicose infantil (Duché, 1978).

Numa segunda etapa, no início do século XX, houve o nascimento da noção de esquizofrenia (Duché, 1978). Posteriormente, numa terceira etapa, surge o Autismo infantil precoce de Kanner (Duché, 1978). Neste período, Mahler (1952) descreveu que existiam dois tipos de psicose infantil: a autística e a simbiótica, sendo que estas Psicoses se deviam à incapacidade do bebé em ultrapassar as fases de autismo e de simbiose, respectivamente, consideradas normais. Numa quarta etapa, surgiram as perspectivas psicanalíticas, em que é dada uma maior importância à estrutura psicopatológica da Psicose, numa vertente dinâmica e evolutiva (Duché, 1978). Para tal, contribuíram diversos autores como Melanie Klein (1960), tendo em consideração as relações objectais. Desenvolveu a sua teoria sobre os estados de desenvolvimento da criança, com base na clínica das Psicoses, referindo que a criança é inicialmente Psicótica. Assim, para Klein (1960), a Psicose é explicada, por uma fixação numa posição esquizo-paranóide.

2.1.2. Definição de Psicose infantil.

Nos anos 80, houve uma revolução conceptual, sendo que o Autismo, considerado como Psicose infantil, passou a ser considerado como uma perturbação do desenvolvimento, sendo assim classificado e tendo os critérios diagnósticos nas classificações americanas mais utilizadas, no DSM-IV-TR (*Diagnostic and Stastisc Manual of Mental Disorders*) e no ICD-10 (*Classificação Internacional de Doenças, OMS*) (Gadia, Tuchman & Rotta, 2004). Pelo contrário, na Classificação Francesa das Perturbações Mentais da Criança (Misès et. al, 2012), Autismo e Psicose, surgem incluídos no mesmo capítulo, denominado por: “Perturbações Pervasivas do Desenvolvimento (PPD), esquizofrenia, transtornos psicóticos, da infância e Adolescência.”

Desta forma, apesar das tentativas que têm sido feitas, de unificar o diagnóstico, actualmente ainda não existe um consenso entre os autores das diferentes abordagens relativamente a esta questão (Gadia, Tuchman & Rotta, 2004). Para Dugas et. al (1978), no terreno da Psicose infantil existe uma curiosa batalha campal, onde se defrontam diversos conceitos teóricos a patogénicos, bem como os significados dos diversos sintomas. Existem diversos estudos, bastante desiguais, onde existem diferentes perspectivas, que se tornam confusas do ponto de vista da classificação, bem como da etiopatogenia (Ajuriaguerra, 1974). A complexidade das perturbações evolutivas infantis e a sua ambiguidade, fazem com que o conceito de Psicose infantil não seja estanque, havendo uma confusão terminológica (Duché, 1978). Uns autores falam de esquizofrenia infantil, outros de demência precoce, outros de Psicose simbiótica, entre outros. Esta multipluralidade de termos tem inevitavelmente consequências, impossibilitando por exemplo, a apreciação dos resultados terapêuticos (Duché, 1978). Vidigal (2006), considera que este é um tema complexo, sendo que o que se sabe é ainda muito pouco.

A Psicose infantil, pode-se então definir como uma perturbação da personalidade, em que há uma desorganização do Eu e da relação da criança com o meio ambiente. Nestas crianças, existe (Ajuriaguerra & Marcelli, 1991). De acordo com Alvarez (1994), a criança com Psicose, tem falta de contacto com a realidade e o seu Ego desenvolveu-se de forma frágil. A Psicose, vai interferir tanto no desenvolvimento emocional, bem como no desenvolvimento cognitivo da criança (Alvarez, 1994). Assim, quando a Psicose atinge um psíquico em maturação, vai alterar o que já foi adquirido, bem como o que a criança virá a ser (Duché, 1978).

Para Tustin (1977), na criança com Psicose, os processos cognitivos primários seguem um rumo distinto do habitual, havendo uma falta de contacto com a realidade. Tustin (1977), realizou os seus estudos sobre a “depressão psicótica”, considerando que o sentimento causado pela

ruptura da ligação primária entre o bebé e a mãe (seio), fundamental no desenvolvimento psicológico do bebé, faz com que surja um enorme sentimento de desgosto, um “buraco negro”, contra o qual a criança luta, utilizando mecanismos de defesa primitivos, como a identificação projectiva, maníaca ou o isolamento autista. Desta forma, a criança nega a descontinuidade existente entre o seu mundo interno e o externo, preservando o sentimento de continuidade (Sá, 2003). De acordo com Tustin (1977), este “buraco negro” cria-se, pois a criança ainda não tem a capacidade de fazer face a esta separação. O Autismo primário normal dá assim lugar ao Autismo secundário patológico. A “depressão psicótica”, causadora de um sentimento de defeito à criança, irá assim inibir o seu desenvolvimento psicológico e por outro lado, desorganizá-lo (Tustin, 1977). Para Tustin (1977), as crianças com Psicose não se podem englobar dentro de dois grupos psiquiátricos como alguns clínicos as consideram: Autismo infantil primitivo e esquizofrenia infantil, uma vez que algumas dessas crianças não se enquadram nem numa categoria nem noutra.

De acordo com Houzel et. al (2004), na Psicose, existe uma diversidade de quadros clínicos, que são concebidos relativamente à predominância no funcionamento psíquico da criança, de mecanismos de defesa de dois tipos. Os mecanismos presentes no Autismo, como a identificação adesiva e o desmantelamento, ou mecanismos de defesa descritos pelos autores Kleinianos, presentes na posição esquizo-paranóide, como a identificação projectiva e a clivagem do objecto e do Ego. Todos estes quadros clínicos são transformáveis, podendo por exemplo evoluir para uma linha deficitária (Houzel et. al, 2004).

Para Sá (2003), a Psicose pode estar presente na criança de diversas formas: núcleo psicótico, partes psicóticas, estados psicóticos e pode tratar-se de uma estrutura psicótica. Segundo Ajuriaguerra e Marcelli (1991), em crianças com um núcleo estrutural psicótico, não há uma distinção entre o Eu e o Outro e há uma escassez de contacto com a realidade. Existe uma angústia primária de aniquilamento, sendo que os processos primários prevalecem sobre os processos secundários. São utilizados mecanismos de defesa arcaicos, como a identificação projectiva, de forma excessiva (Vidigal, 2006), a clivagem, a introjecção, a negação e defesas maníacas, como a idealização e a onnipotência. Existe também, uma ausência de ligação entre as pulsões libidinais e as pulsões agressivas (Ajuriaguerra & Marcelli, 1991).

Estas crianças têm usualmente dificuldades ao nível do esquema corporal, com uma imagem corporal desajustada, desordens do pensamento e da linguagem, que levam inevitavelmente a dificuldades na inclusão sócio cultural. Apresentam também, dificuldades de simbolização ou ausência da mesma, bem como impulsos afectivos, como agressividade ou afetos exacerbados (Marretto & Moya, 2008). Segal (1957) constatou que a capacidade para formação de

um símbolo, em que este representa o objecto, sendo diferente do mesmo, ocorre apenas em crianças com pensamentos ditos “normais”. Nas crianças com Psicose, há uma equação simbólica, que torna o símbolo e o objecto iguais, não os diferenciando.

Para Sá (2003), na Psicose, há uma “intolerância ao vazio, vivido esquizoidemente, falhando os pensamentos e a imaginação e organizando-se um pensamento de concepções e de conceitos.” (p. 137)

2.1.3. Diagnóstico e prognóstico na Psicose.

O que o psicoterapeuta sente, quando está com estas crianças, é de extrema importância para o diagnóstico de Psicose, sendo que muitas vezes se sente a angústia e o sofrimento destes pacientes. Dado que estamos a falar de crianças, e que o prognóstico é incerto, os diagnósticos devem ser feitos com a maior prudência (Vidigal, 2006).

De acordo com Ajuriaguerra e Marcelli (1991), existem cinco factores que contribuem para um prognóstico desfavorável na Psicose e no Autismo: presença de disfunções familiares, existência de organicidade associada à Psicose, ausência de linguagem até aos 5 anos, a precocidade do aparecimento da perturbação e a profundidade da debilidade mental.

2.1.4. Intervenção na Psicose.

Segundo Vidigal (2006), na Psicose, deve haver uma intervenção terapêutica abrangente, apoiada numa equipa multidisciplinar, com recurso à psicoterapia e quando necessário à psicofarmacologia, psicomotricidade, musicoterapia, etc. Deve haver uma articulação entre os diversos intervenientes na vida da criança, como a escola e incluir a família no tratamento, com o objectivo de se melhorar a interacção e organizar o quotidiano destas crianças (Vidigal, 2006). Para cada caso, devem ser ponderadas as especificidades de intervenção, tendo-se em consideração as características individuais da criança (Widlocher, 1978).

Houzel (1985), considera que a psicoterapia analítica é fundamental no tratamento de crianças com Psicose e deve ser realizada com a maior frequência possível, de forma a fortalecer a relação terapêutica entre a criança e o Psicoterapeuta e para que este entenda melhor a criança. Apesar das suas dificuldades de relação com o Outro, constituírem um desafio para o psicoterapeuta, por vezes, a indiferença perante o Outro, camufla uma necessidade de vinculação e uma angústia intensa, que apelam a uma resposta (Alvarez, 1994). Para Tustin (1977), o maior obstáculo na intervenção com a criança com Psicose, é a “barreira” autística que parece existir entre a criança e o mundo envolvente. Contudo, esta “barreira” é uma forma de expressão

concreta do Autismo patológico (precipitado pela depressão psicótica), que é a característica principal, que se esconde por detrás da Psicose infantil. Na intervenção, é fundamental que estas crianças sintam que a “violência” se encontra no seu interior, que vai ameaçar o exterior, vai ser contida num *setting* capaz de tolerar esses sentimentos (Tustin, 1977).

Na psicoterapia com estas crianças, devem ser utilizadas técnicas interpretativas e técnicas reparadoras, como a *maternage*, que têm como objectivo restabelecer uma ligação que não foi estabelecida de forma correcta, devido às perturbações de contacto com o Outro e com a realidade (Widlocher, 1978). Estas técnicas, não suprimem a carência, mas limitam os efeitos da mesma, ajudando a criança a estabelecer uma nova relação, que lhe permita evoluir apesar da sua condição (Widlocher, 1978).

Segundo Alvarez (1994), na intervenção com crianças com Psicose, o psicoterapeuta deve ser suficientemente sadio para pensar com o paciente e ao mesmo tempo tem de ser capaz de ficar perturbado para que possa sentir pelo paciente, até que a criança seja capaz de pensar por si mesma. Cada vez mais, os psicoterapeutas são solicitados para ajudarem crianças com Psicose, pois estas já não respondem ao reconforto comum e às solicitações de pais e professores (Alvarez, 1994).

2.1.5. A criança com Psicose e a família.

Segundo Vidigal (2006), qualquer psicopatologia na infância, deve ser considerada no contexto sócio-familiar, uma vez que a criança está integrada no meio familiar, em interacção com os diversos intervenientes, sendo que a criança é inseparável deste meio (Malpique, 1999). Contudo, há que ter em consideração que a causalidade linear, da qual resultam explicações simplistas, já foi há muito abandonada. Assim, o ser humano é influenciado pelo meio e influencia-o, mutuamente (Vidigal, 2006).

Todas as crianças psicóticas são diferentes umas das outras, uma vez que cada uma tem as suas próprias características e os seus impedimentos, que são combinados com factores relativos aos pais e com diversos factores ambientais, usualmente desastrosos e inquietantes (Tustin, 1977).

Desde 1940, que existem estudos sobre a relação entre as figuras paternas e o doente com Psicose, sendo que nos anos posteriores, o papel da família, bem como as relações intrafamiliares, foram bastante estudadas (Vidigal, 2006). Contudo, existem mais estudos relativamente aos pais de crianças autistas, do que propriamente de Psicóticas, sendo que usualmente estas são agrupadas em estudos relativos a esquizofrénicos adultos (Ajuriaguerra & Marcelli, 1991).

Na Psicose, o meio poderá ter um papel preponderante, uma vez que se pensa que os conflitos nestas crianças, estão intimamente ligados a uma relação muito arcaica com a mãe (que por vezes surge de forma literal representada no desenho), uma relação de dependência do bebé para com a mãe, em que o amor passa pela devoração do outro, pela sua absorção ou destruição. Estes conflitos, suscitam uma angústia intensa, que vão ameaçar a integridade do indivíduo e suscitar uma angústia de fragmentação corporal. Desta forma, os pais desempenham um papel no conflito da criança (Widlocher, 1978). Lacan (1978), na sua teoria das Psicoses, defendia que o mecanismo essencial da Psicose era a forclusão de uma pessoa significativa. Para uma criança com Psicose, um objecto ausente, trata-se de um objecto que está presente, mas é considerado como um mau objecto (Vidigal, 2006).

De acordo com Sá (2003): “A Psicose é uma patologia da relação precoce e da gravidez, organizando-se, na relação, como uma patologia do pensamento perante as emoções e os afectos e como patologia da comunicação interior e relacional.” (p. 136). Estudos de David et. al (1981) apontam neste sentido, defendendo que se a figura materna evitar constantemente o olhar, hiperestimular a criança ou se a forma como a contém for caótica, vão desencadear, uma interação visual escassa, poucas trocas comunicacionais e um mau diálogo, respectivamente.

Actualmente considera-se que, “o traço marcante do pensamento latente destas famílias é a paradoxalidade, assim como ainda as equações simbólicas, ausência de actividade de ligação, actividade fantasmática e um pré-consciente rudimentares.” (Vidigal, 2006, p. 195). Nas famílias de crianças com Psicose, há também uma ausência de diferenciação inter-geracional, dos papéis familiares, por vezes dos sexos e até dos temperamentos. Nestas famílias, todos os membros fazem um hiperinvestimento narcísico, sendo que cada um é um espelho para o Outro, surgindo uma ameaça de ruptura quando a criança muda com o processo terapêutico (Vidigal, 2006).

Com a psicopatologia dos filhos, estes pais vivenciam experiências traumáticas de forma repetitiva, o que irá destabilizar a sua economia psíquica. Assim, as atitudes destes pais, correspondem usualmente às necessidades da sua economia psíquica. A sua dor está muitas vezes relacionada com um processo de luto bastante difícil de realizar (Vidigal, 2006). Em alguns casos, os pais podem beneficiar de psicoterapia individual, psicoterapia de grupo e psicoterapia com orientação sistémica, em que a criança também está inserida. Cada vez mais, os pais estão a ser incluídos no processo terapêutico dos filhos. Contudo, o desejo dos pais deve evidentemente ser tido em consideração (Vidigal, 2006). Porém, estas intervenções tornam-se mais difíceis de pôr em prática, quanto mais escassos são os recursos humanos e monetários (Widlocher, 1978).

2.1.6. Estados-Limite.

Dado que um dos casos aparenta ter um funcionamento psíquico, mais na ordem de um Estado-Limite, sentimos a necessidade de fazer uma pequena viagem sobre este tipo de funcionamento. De acordo com Houzel et. al (2004), o Estado-Limite é uma organização psíquica, onde a criança se encontra entre uma organização para-depressiva e um funcionamento psicótico. Como qualquer funcionamento mental, este não é estático. Por vezes, são utilizados mecanismos de defesa mais primitivos, de tipo psicótico, o que causa perturbações ao nível da simbolização e do pensamento. O funcionamento neurótico, não se chega a estabelecer (Houzel et. al, 2004), sendo que não se pode referir que também operam defesas verdadeiramente neuróticas, pois o recalçamento falha (Boekholt, 1993). Desta forma, para além das defesas mais primitivas, surgem também outras mais elaboradas e mais sociáveis, sendo que a maioria de defesas de um tipo ou outro, nos dão indicações quanto à severidade da patologia (Quina, 2012).

Para Mahler (1989), a origem do Estado-limite, ocorre devido a uma falha no processo de separação-individuação, o que impede a criança de atingir a autonomia. Assim, estas crianças procuram muito o apoio do Outro. Bergeret (1998) é da mesma opinião, referindo que pode existir um atraso afectivo na criança, um estado de dependência em relação ao Outro. Estas amaturações, não se encontram estruturadas nem numa linha psicótica nem numa linha neurótica, sendo que a afectividade e a dependência destas crianças, evocam a de uma criança pequena (Bergeret, 1998).

Segundo Boubli (1999), a patologia-limite representa um exemplo impressionante das influências das relações familiares na infância. A maioria dos casos diz respeito a crianças que tiveram uma infância bastante complicada, com conflitos familiares, hospitalizações, depressões maternas e separações. O prognóstico pode ser favorável, se se realizar um trabalho terapêutico em diversos eixos: psicoterapêutico, pedagógico, reeducativo.

2.2 Desenho na Psicose Infantil

Le dessin d'un enfant c'est un peu de son ame.

Edouard Claparede

2.2.1. Uma viagem ao passado do desenho infantil.

Ao longo dos anos, tem havido um despertar do interesse pela arte infantil, como expressão de pensamentos e sentimentos (Di Leo, 1987). Luquet (1987) definiu quatro fases no desenvolvimento do grafismo, sendo que podem existir recuos. A primeira, “Realismo

Fortuito/Involuntário”, surge entre os 18 meses e os 3 anos. Aqui, emergem as garatujas, desprovidas de significado, que à medida que o tempo passa, vão sendo cada vez mais controladas. Surge a pré-escrita, que já tem significado, uma vez que tem o intuito de imitar a escrita, uma actividade que a criança observa, realizada por adultos considerados significativos.

Posteriormente, surge a “Fase Pré-figurativa” ou “Realismo Falhado”, aos 3-4 anos. Aqui, a criança utiliza o círculo, com o intuito de representar pessoas, animais ou objectos e começa também a utilizar a cruz. Faz representações formais de objectos, sem relação entre si, desenhando-os sem os englobar num todo, dada a sua incapacidade de sintetizar. Aqui, há o intuito de que o desenho seja realista, mas ainda não chega a sê-lo. A partir dos 4/5 anos, surgem os girinos (Luquet, 1987).

A terceira fase, é o “Realismo intelectual”, que surge dos 4 aos 7 anos. Aqui, há funcionalidade no que é desenhado, sendo que a criança inventa o que vai desenhar, sem se desorientar. Desenha de acordo com o seu modelo interno, com subjectividade e não de acordo com o que é realmente visto, com objectividade. Recorre à transparência, à planificação e ao rebatimento e começa a legendar o que desenha (Luquet, 1987).

Por último, surge a fase do “Realismo visual”, dos 7 aos 12 anos. Este é alcançado quando a criança começa a ter juízo crítico relativamente ao que fez e como fez. A criança desenha o que é realmente visto, sendo que as transparências são substituídas pela opacidade. Os rebatimentos são substituídos pela perspectiva e o espaço real representado de forma autêntica (Luquet, 1987).

2.2.2. O desenho como instrumento de acesso à personalidade da criança.

O desenho infantil, de cariz projectivo, permite-nos aceder à forma como a criança representa o tipo de relações presentes no seu mundo emocional, aproximando-se da realidade externa. Desta forma, conseguimos aceder ao seu mundo interno, através do que projecta no papel (Ferro, 1995). Para Di Leo (1987), o desenho reflecte a personalidade da criança, onde surgem expressos aspectos afectivos da personalidade e da cognição. Ao desenhar, a criança não têm consciência de que está a comunicar mais sobre si própria do que sobre o que desenhou. Segundo Di Leo (1987), para além do conteúdo manifesto e do seu simbolismo, os sentimentos também se expressam através de características formais e estilísticas, como a qualidade da linha, o sombreamento, a simetria e o equilíbrio. Quando a criança expressa emoções no desenho, como alegria ou tristeza, é a expressão dos seus próprios sentimentos, onde fica claro que a criança se

desenha a ela própria. Quando a criança desenha o adulto, expressa muitas vezes o seu conceito de figura parental (Di Leo, 1971).

Apesar da importância do desenho, este deve ser apenas um instrumento auxiliar nos processos de diagnóstico e psicoterapêutico (Di Leo, 1987). Não deve ser considerado isoladamente, mas sim de uma forma mais abrangente, relacionado com o comportamento presente da criança, com o futuro e com a sua história pessoal. Deve assim, possibilitar *insights*, confirmando o que já é sabido (Di Leo, 1987). De acordo com Di Leo (1987), a interpretação do desenho deve ser feita numa perspectiva evolutiva, pois o que é “normal” numa idade, pode ser patológico noutra. Uma criança dita “normal” que esteja a entrar na latência, transita do processo primário do pensamento para o secundário, do egocentrismo para a objectividade, da irracionalidade à lógica, do princípio do prazer ao princípio da realidade (Di Leo, 1987).

2.2.3. O desenho na Psicose infantil.

Para Di Leo (1987), nos psicóticos adultos, que rejeitam a realidade, a sua arte pode ser a expressão mais pura do Self. Aqui, tanto os sentimentos como o intelecto são projectados de uma forma mais genuína, pois estão livres de influências externas, de restrições culturais. Foram feitos estudos que compararam a arte de crianças pequenas com a de adultos psicóticos. Conclui-se que havia semelhanças, pois há predominância da subjectividade, forças instintivas e emocionais, os processos primários prevalecem e existe muita fantasia. Porém, estas semelhanças surgem apenas quando o psicótico se encontra numa fase de regressão, pois assim que estabiliza, a produção é bastante diferente das feitas pela criança pequena (Di Leo, 1987). Enquanto que, nas crianças pequenas, a sua forma de desenhar expressava um estágio do desenvolvimento, na doença mental, o que desenhavam expressa o esforço que fazem para reduzir as intoleráveis e assustadoras impressões que vêm do exterior. Desta forma, a imaturidade das crianças, não se pode comparar com o afastamento da realidade de um psicótico, sendo que apesar dos desenhos aparentarem semelhanças, são a expressão de mundos completamente distintos (Di Leo, 1987).

Segundo Widlocher (1978), tal como a Psicose infantil, se traduz através da linguagem (mutismo, solilóquio, ecolália), também se traduz noutras formas de expressão, como no desenho. Neste, a criança com Psicose exprime os seus fantasmas com uma facilidade surpreendente, uma vez que não há uma censura entre o Ego e os desejos do ID.

De acordo com Haag (1990), as crianças autistas, devido à falta de ligação interna, desenhavam os elementos no vazio, separados, numa tentativa de fazerem esta ligação. Criam assim este espaço entre os elementos, como um espaço que não conseguem transpor, sem lhes causar

uma forte angústia de aniquilamento. Há uma condensação entre a figura e o fundo, num esforço intenso de introjecção-separação-abstracção-concentração-simbolização (Haag, 1990).

Na Psicose, os Desenhos da Figura Humana têm características bizarras, há uma dispersão das partes do corpo, não há uma unidade, o que reflecte a desorganização psíquica. Quando há progressos no tratamento, há uma alteração das produções gráficas e as figuras humanas surgem mais reconhecíveis e mais coesas (Di Leo, 1971; Dugas et. al, 1978; Aubin, 1980). Para Dugas et. al (1978), estes DFH, reflectem assim as perturbações da imagem do corpo, destas crianças. Por vezes, as suas FH surgem pouco investidas, sem nenhum detalhe na cara e no tronco, sem mãos nem pés e com os braços e pernas cortadas, evidenciando as suas dificuldades nas relações inter-humanas, bem como um sentimento de dissolução do Ego face ao mundo exterior (Aubin, 1980). Alguns destes desenhos são geométricos, sendo que as FH se reduzem a figuras lineares ou angulares. Nesta firmeza geométrica, a criança procura segurança e uma forma de se consolidar, dado que existem sentimentos de vazio interior (Aubin, 1980). Muitas vezes, também sucede que estas representações humanas são reduzidas à cabeça. Por vezes, estas figuras surgem dentro de caixas, conchas ou com um contorno reforçado, o que pode ser uma defesa contra um sentimento de dissolução perante o mundo externo (Aubin, 1980).

Carneiro (1988) realizou um estudo em que aplicou o Desenho da Família a adolescentes com Psicose, com o intuito de encontrar os indicadores gráficos que indicavam regressão, isto é, susceptíveis de conduzirem ao diagnóstico de Psicose. Neste estudo, concluiu-se que estes adolescentes conseguiam recorrer ao processo de simbolização e que as suas famílias reais eram sentidas como angustiantes, o que os levou a desinvestir no desenho. Concluiu-se também que se desenharam a si próprios desinvestidos ou suprimiram-se do desenho e que as personagens surgem maioritariamente desenhadas no lado esquerdo da folha.

Como referido anteriormente, actualmente, o processo de diagnóstico de Psicose assume-se como bastante complexo (Vidigal, 2006), assim como o tratamento, que nos dias de hoje, é ainda pouco estudado (Marretto & Moya, 2008). Desta forma, este estudo torna-se pertinente, uma vez que nos permite conhecer um pouco mais acerca do funcionamento mental destas crianças, abordando as questões familiares, ajudando-nos a melhor compreender e ajudar estas crianças, bem como as suas famílias. Apenas produzindo mais investigação, se pode dar pequenos contributos no auxílio do diagnóstico e futuramente delinear novas e melhores formas de intervenção.

III. Método

3.1. Objectivos

Este estudo, pretende tentar compreender como crianças com diagnóstico de Psicose representam a sua família no desenho, que tem um papel tão preponderante nas suas vidas. Pretende-se assim entender, como estas crianças vêem e sentem a sua família, mais concretamente as suas figuras parentais, através do cruzamento de técnicas projectivas: DF e RCH. Espera-se que as conclusões retiradas contribuam no futuro para o delineamento de novas e melhores formas de intervenção, sustentadas na família.

Espera-se também, encontrar traços comuns nos desenhos (e.g. recusa de cor, Campos, 2003), bem como os traços diferenciais, aprofundando o conhecimento acerca do funcionamento mental destas crianças e permitindo-nos assim complementar as informações obtidas no DF e no RCH. Pretende-se que estes comuns, possibilitem futuramente auxiliar, na medida do possível, no complexo diagnóstico desta problemática.

3.2. Problemas

A questão fundamental que se pretende ver respondida com este trabalho é a seguinte: *Como é que as crianças com Psicose representam a sua família no desenho? Como vêem e sentem as suas figuras parentais?* A outra questão em estudo, que também nos ajudará a responder à questão principal é a seguinte: *Quais são os traços comuns que se podem encontrar no desenho de uma criança com Psicose? E quais as diferenças?*

3.3. Delineamento

Trata-se de um estudo qualitativo, pois os dados obtidos foram analisados com uma postura interpretativa. Neste tipo de estudo, o conhecimento é obtido privilegiando a subjectividade. Há um interesse em compreender como estas crianças vivenciam as suas figuras parentais, ou seja, o fenómeno é estudado a partir da perspectiva do Outro, o que implica invariavelmente que nos coloquemos no seu lugar, sendo esta uma condição anterior ao conhecimento e à explicação dos seus comportamentos (Simões, 1990). Neste estudo, há uma procura de globalidade em todos os casos para se compreender a questão em estudo. Estuda-se assim a realidade, sem a fragmentar e sem a descontextualizar, partindo-se dos dados e não de teorias prévias para os compreender, sendo utilizado um método indutivo (Almeida, 2007).

Inicialmente, pretendia-se fazer um estudo comparativo, entre crianças com diagnóstico de Psicose e sem diagnóstico. Contudo, por questões de recursos e de tempo, não foi possível.

Desta forma, trata-se de um estudo do tipo descritivo, que engloba a compreensão de 9 casos de crianças diagnosticadas com Psicose. Procura-se retratar em detalhe, características destas crianças, sendo que se pretende obter um conhecimento mais aprofundado sobre como sentem a sua família. Para tal, são utilizadas várias fontes de informação: história clínica, apontamentos relativos ao processo psicoterapêutico que constavam no processo, entrevista semi-estruturada, observação clínica, desenhos realizados no passado, desenhos actuais e RCH (D' Oliveira, 2007).

3.4. Participantes

Participaram neste estudo, 9 crianças do sexo masculino, com diagnóstico psicodinâmico de Psicose, com idades compreendidas entre os 8 e os 13 anos de idade (M=11 anos; DP=1 ano e 5 meses). Estas crianças são actualmente seguidas em Pedopsiquiatria, num Hospital da Grande Lisboa. A selecção dos participantes foi feita primeiramente pelos Pedopsiquiatras que as seguem e posteriormente pela investigadora, em discussão com os mesmos. Desta forma, dado que esta amostra foi seleccionada por conveniência por parte da investigadora, não é representativa da população em questão.

Estas crianças frequentam a escola desde o ensino primário até ao ensino básico. São crianças integradas em famílias maioritariamente pertencentes a um baixo estatuto-socio económico. Quatro das crianças vivem com ambos pais, que estão casados ou vivem em união de facto, uma das crianças vive com o pai e com a sua companheira, por motivos de divórcio. As restantes quatro crianças inserem-se em famílias monoparentais, uma delas porque o pai está imigrado, outra porque o pai está preso e duas em que há ausência do pai, devido a separação conjugal. A maioria das crianças, 6, tem irmãos. Todas se encontram medicadas.

3.5. Contexto

Os dados foram recolhidos no Hospital onde as crianças são acompanhadas, em contexto de gabinete. Por condições de logística, não se conseguiu que os dados fossem todos recolhidos no mesmo gabinete e que estes estivessem totalmente livres de distrações.

3.6. Instrumentos

Neste estudo, foram aplicados estes instrumentos, pela seguinte ordem: Entrevista clínica semi-estruturada com os pais; Desenho Livre; DFH (Machover, 1978; Goodenough, 1965); Auto-Retrato; DF (Corman, 1967); e Teste RCH (Rorschach, 1999). Desta forma, na Psicose infantil, o desenho e o RCH, assumem-se como instrumentos privilegiados para acedermos ao mundo interno destas crianças.

3.6.1. Entrevista clínica semi-estruturada com os pais.

A entrevista inicial com os pais permitiu-nos aprofundar e verificar algumas das informações presentes na história clínica, que constava no processo (recolhida pelo Pedopsiquiatra que realizou a primeira consulta), bem como obter informações adicionais relativamente ao presente da criança. Foi utilizada uma entrevista semi-directiva, uma vez que foi criado um esquema de entrevista, com perguntas relacionadas com os temas que seriam abordados (Ghiglione & Matalon, 1993). Porém, estes temas nem sempre foram tratados pela mesma ordem, houve crianças em que houve necessidade de se abordar outras questões e por vezes, os pais abordaram os temas espontaneamente (Ghiglione & Matalon, 1993).

3.6.2. Desenhos.

Exceptuando a entrevista, todos os restantes instrumentos, são de cariz projectivo. Os desenhos permitiram-nos aceder ao mundo interno destas crianças, ajudando-nos assim a compreender melhor o seu funcionamento mental (Ferro, 1995). Na aplicação dos desenhos, foram utilizadas folhas de papel branco A4, dois lápis de carvão e uma caixa com 24 lápis de cor.

O DL permitiu-nos, estabelecer um contacto inicial com a criança, rápido, fácil e agradável (Di Leo, 1987). Deu-nos a visão do mundo que a envolve e esclareceu-nos acerca da sua personalidade, uma vez que nele, a criança exprime o que sente ao criar (Corman, 1967). Dado que não é um pedido temático, a criança tem assim mais liberdade para desenhar o que entender, o que nos permitirá aceder aos seus interesses e em algumas situações, à sua história de vida, ao seu universo, constituindo uma “linguagem” espontânea de uma enorme riqueza (Aubin, 1980).

Através do DFH, pode-mos ver como a criança concebe a FH e como se concebe a si própria, supondo que nesta criação entram em jogo partes de si, bem como partes de pessoas consideradas significativas na sua vida (Machover, 1978). Este desenho, permitiu-nos também aceder ao nível intelectual de maturidade da criança (Goodenough, 1965). Na sua interpretação, foram utilizadas a versão de Goodenough (1965) e de Machover (1978). A esta última, foi dado um maior ênfase, pois tem um cariz mais projectivo, sendo utilizado o respectivo inquérito Na versão de Goodenough (1965), mais mecanizada, ponto-por-ponto, foi utilizada a sua grelha de cotação. O A-R, numa perspectiva complementar ao DFH, é um pedido mais directivo, que nos permitiu compreender como a criança se representa a si própria (Di Leo, 1987), o que se encontra inevitavelmente relacionado, com a forma como sente as suas imagos parentais.

O DF foi aplicado de forma a compreendermos como a criança representa a sua família, isto é, como a vê e como a sente, uma vez através do pedido para desenhar uma família, a criança se projecta e exprime a sua subjectividade, de forma mais ou menos consciente. As relações familiares, vão-se compreender pelo investimento que a crianças faz nas diversas figuras, de formas distintas e pela ordem pela qual as desenha, bem como se representa a si própria neste contexto familiar (Corman, 1967). O respectivo inquérito deste desenho, também foi utilizado. Desta forma, este é o instrumento privilegiado para responder à questão essencial deste trabalho, sendo que todos os outros foram utilizados numa perspectiva complementar.

3.6.3. Teste RCH.

Este instrumento, permitiu-nos de uma forma geral, compreender melhor o funcionamento mental da criança. Na sua aplicação, foram utilizados os dez cartões, os protocolos de anotação, uma folha com os 10 cartões a preto e branco, bem como um cronómetro. Segundo Anzieu (in Prefácio, Chabert, 1998), este teste de manchas de tinta, foi criado com o intuito de estudar a imaginação, bem como determinar um diagnóstico psicológico em personalidades normais ou patológicas, em crianças, adolescentes e adultos. Segundo Marques (2001), trata-se de um instrumento com qualidades psíquicas particulares, em que está inevitavelmente presente uma intersubjectividade. Assim, na confrontação com o cartão, a criança tem liberdade para expressar os seus devaneios e preocupações, em que estão presentes a fantasia ou a realidade objectiva vivenciada no presente, transformando o estímulo à sua maneira (Traubenberg & Boizou, 1999).

Para Traubenberg e Boizou (1999), a interpretação dos protocolos RCH, pode ser baseada em eixos interpretativos diferentes. Dado que neste estudo, o RCH será utilizado numa perspectiva complementar ao DF e que se pretende compreender como a criança sente as suas imagos parentais, os protocolos foram analisados com base no eixo interpretativo: Representação de si e as imagens parentais. Como tal, nesta análise, foi dada uma maior ênfase ao cartão I, IV, VI e VII. Dado que no RCH há uma projecção do corpo vivenciado, esta análise mais específica, permitiu-nos compreender, qual a representação que a criança tem de si, através das imagens distintas que dá, possibilitando-nos aceder à fase de identificação em que se encontra, através do seu grau de autonomia, de diferenciação em relação ao mundo externo, bem como das suas imagos parentais. A representação que a criança tem de si e a sua maneira de estar no mundo, está invariavelmente relacionada com a diferenciação e a interiorização das imagos parentais (Traubenberg & Boizou, 1999).

3.7. Procedimento

Primeiramente, foi feito o contacto com a Chefe da Equipa pertencente a um Hospital da Grande Lisboa e respectivo Director da área de Pedopsiquiatria, aos quais foi explicada a investigação e pedida autorização para a realização do estudo, prontamente aceite. Posteriormente, foi redigida uma carta para a Comissão de Ética do Hospital, explicativa do estudo (ver Anexo B, p. 203). Após a autorização da Comissão de Ética (ver Anexo C, p. 207), conversei com todos os Pedopsiquiatras da equipa, sendo que lhes foi explicado o estudo, bem como entregue o projecto do mesmo (ver Anexo D, p. 209). Foi-lhes pedido que seleccionassem os casos com diagnóstico psicodinâmico de Psicose que tivessem em acompanhamento, entre os 6 e os 12 anos, para ingressarem na investigação. A partir dos 6 anos de idade, uma vez que a partir desta idade há um maior controlo do traço e surge uma maior intencionalidade no que é desenhado e até aos 12 anos, para se obter uma amostra em que não houvesse uma diferença de idades muito significativa.

Após a selecção dos casos pelos Pedopsiquiatras, estes iam sendo debatidos com os mesmos, de forma a compreender-se em conjunto se deveriam integrar a investigação. Posteriormente, as respectivas famílias foram contactadas telefonicamente, onde lhes foi explicado o estudo, de participação voluntária, as suas implicações, as questões de confidencialidade e a ausência de risco para a criança. Após a aceitação para a participação e para a consulta do processo, foi agendada a sessão. Inicialmente, pretendia-se obter uma amostra de 10 famílias, sendo que para se atingir esse objectivo, foram contactadas 14 famílias. Todas aceitaram participar, contudo, algumas faltaram às sessões marcadas e participaram efectivamente no estudo, 9 famílias. Foi criado um guião de forma a uniformizar a recolha de dados. Neste, constam as linhas orientadoras de aplicação dos instrumentos, bem como as questões que se colocaram à família na entrevista e às crianças nos inquéritos dos desenhos (Ver anexo E, p. 213).

Numa primeira sessão, num primeiro momento, foi apenas com os pais, sendo que a criança aguardou na sala de espera. Explicou-se novamente o estudo e foi entregue o consentimento informado para que os pais assinassem (Ver anexo F, p. 220). Posteriormente, procedeu-se a uma pequena entrevista semi-estruturada, onde foram recolhidas informações relativas ao passado da criança, como o que os levou a pedirem ajuda e quando, como se encontra a criança neste momento e se houve melhorias ao longo dos anos. Foram também recolhidas algumas informações relativas ao presente, de forma a compreendermos melhor o caso (e.g. apoios que beneficiam).

Num segundo momento, os pais aguardaram na sala de espera e a criança entrou no gabinete. Inicialmente, foi explicado à criança que já tinha conversado com os pais, porque estava ali e o que iríamos fazer. Foram colocadas algumas questões de acolhimento, relacionadas com os seus interesses, escola, amigos e família, para que a criança ficasse mais à vontade e para que se pudesse conhecê-la melhor. Primeiramente, foi-lhe proposto que fizesse um DL, através da instrução: *“Vou-te pedir que faças um desenho, podes desenhar o que tu quiseres”*. De seguida, foi aplicado o DFH: *“Vais desenhar uma pessoa, desenha com muito cuidado e demora o tempo que for preciso.”* Após a execução deste desenho, foi aplicado o respectivo inquérito (Machover, 1978). Posteriormente, foi pedido o A-R, em que se solicitou à criança que se desenha-se a ela própria. Por fim, foi-lhe pedido o DF, sendo que inicialmente, foi pedido à criança que desenha-se uma família. Quando a criança desenhou uma família imaginária, foi-lhe posteriormente pedido que desenha-se a sua família. Quando desenhou primeiramente a sua família real, já não lhe foi feito mais nenhum pedido. Em ambas as versões do DF, foi aplicado o inquérito de Corman (1967).

Durante a execução dos desenhos, prestou-se atenção a vários aspectos, como o tempo dispendido, à ordem dos elementos desenhados e às verbalizações espontâneas. Quando essas verbalizações não aconteceram, encorajou-se a criança a falar sobre o que estava a desenhar, mas de forma pouco dirigida. Para todos os desenhos, foi entregue uma nova folha branca A4 e em todos, foram disponibilizados lápis de cor e de carvão, exceptuando no DFH, em que só foi utilizado o lápis de carvão. Após a realização do DL, DFH e A-R foi pedido à criança que contasse uma história sobre o desenho. No final, foi explicado à criança que nos iríamos ver mais uma vez, para fazermos um jogo. Acompanhou-se a criança à sala de espera e foi dado um breve *feedback* aos pais de como tinha corrido a sessão.

A segunda sessão foi apenas com a criança. Após uma breve conversa inicial para que esta ficasse mais à vontade, foi-lhe feita a proposta da prova RCH, através da instrução: *“Vou-te mostrar 10 cartões e peço-te que me digas tudo o que eles te fazem pensar ou o que se pode imaginar a partir deles. Não há respostas certas ou erradas”*. A sequência de 10 cartões foi apresentada à criança e os tempos de latência, bem como o tempo total por resposta foram registados, com o auxílio do cronómetro. O inquérito foi feito cartão a cartão, bem como o inquérito dos limites foi realizado quando necessário. Todas estas informações foram anotadas nos protocolos. Após a conclusão da prova, foi explicado à criança que já não nos iríamos ver mais, mas que iria continuar a vir para o acompanhamento pedopsiquiátrico. Foi acompanhada à sala de espera, onde se deu um breve *feedback* aos pais. Por fim, será redigido um relatório e enviado por correio à família, com as principais conclusões obtidas, numa perspectiva valorizadora da criança.

IV. Resultados

4.1. Caso 1 - “Jorge”: “*Gosto de famílias felizes, não gosto de famílias tristes...*” (Ver anexo A, p. 67)

O “Jorge”, de 10 anos, chegou ao Hospital com 5 anos e desde então que é acompanhado em Pedopsiquiatria. Foi enviado por uma Educadora atenta, que considerava que ele se relacionava mal com as outras crianças, isolando-se e tendo comportamentos de oposição. Actualmente, frequenta o 6º ano de escolaridade, onde beneficia de apoio psicológico e de Professora do Ensino Especial. Vive com a sua mãe, diabética, com o pai, que tem bronquite asmática e com o irmão de 6 anos, inserindo-se assim numa família com diversos problemas de saúde. Até aos 4 meses foi cuidado pela sua mãe e até entrar para a creche, com quase 2 anos, foi cuidado pela avó materna.

Ao longo da sua infância, sempre foi considerada uma criança muito activa e impaciente. Aos 3 anos, já sabia ler e surgiu um interesse muito particular: identificava as matrículas dos carros de pessoas conhecidas, cor, marca e modelo. Tinha comportamentos auto e hétero-agressivos, que se intensificaram aos 4 anos, após o nascimento do seu irmão. Sempre teve um contacto fugidivo, tinha oscilações de tom de voz e dizia que ouvia barulhos. Quando contrariado, ia buscar uma faca e dizia que se atirava pela janela. Ao longo do acompanhamento, queixava-se frequentemente de grandes discussões entre os pais, dizendo que o pai agarrava a mãe com força, magoando-a. Nessas alturas, ficava bastante assustado e dizia que se queria atirar da janela, para lhe darem atenção.

Veio acompanhado pela mãe às sessões, uma senhora de aspecto cuidado, com uma postura defensiva, que aparenta ser muito funcional. Em entrevista, refere com alguma tristeza, que o filho é seguido em consulta de obesidade, devido à medicação. Considera que ao longo dos anos, houve algumas melhorias, pois já não se isola tanto, mas por vezes ainda “*explode*”. Diz que “*às vezes parece que recua para trás*” e que gostaria que o filho fosse mais autónomo e mais compreensivo, pois tem dificuldade em aceitar o “não”. O “Jorge”, com um fácies harmonioso, tez pálida, de porte forte, entra no gabinete com um andar trapalhão, cabisbaixo, não me dirigindo o olhar. O seu contacto visual é fugaz, tornando-se mais prolongado à medida que a sessão decorre. A sua inquietude é constante... levanta-se várias vezes e vagueia pela sala, revelando as suas dificuldades de atenção e concentração. Sinto a sua angústia, que se vai tornando cada vez mais intensa... O seu discurso é bastante desorganizado, expressando ideias confusas, e repetitivo. Fala dos colegas que passaram ou não de ano lectivo e do pai que é mau,

por não respeitar a mãe, saltando de uma temática para a outra. Há uma constante exacerbação de si próprio, de forma a camuflar a sua insegurança.

O seu grafismo é ainda imaturo, sendo que o DF, que realizou com 9 anos, também revela essa imaturidade. No geral, os seus desenhos evocam desconforto, os elementos são desenhados isolados, suspensos no vazio e são desprovidos de cor... No DL, representa o seu interesse pelos carros. Revela também que sente a sua imago paterna como ameaçadora. No DFH, expressa o seu desejo de ser uma pessoa forte, ao contrário de como se sente. Desenha uma figura grande, havendo uma inflação do Ego, de forma a evitar sentimentos de vazio (Coelho, 1993). Revela também um sentimento de estranheza relativamente a si próprio e uma necessidade de contenção. A sua noção de imagem corporal, é ainda incipiente. Recusa desenhar-se a si próprio, demonstrando o quão penoso é para si representar-se, dizendo que está gordo e que tem uma doença.

No DF, representa a sua família, sendo que o princípio da realidade se sobrepõe ao princípio do prazer-desprazer (Corman, 1967). Desenha o pai a dizer-lhe: “*Olha, vamos matar a mãe!*” e a mãe diz: “*Não digas isso!*”, acrescentando: “*Gosto de famílias felizes, não gosto de famílias tristes...*” Representa assim uma discussão no seu seio familiar, de cariz delirante. O seu pai é sentido como ameaçador, tal como surge no RCH. É o menos investido, surge desvalorizado, o mau objecto, causador do conflito. Porem, é desenhado em

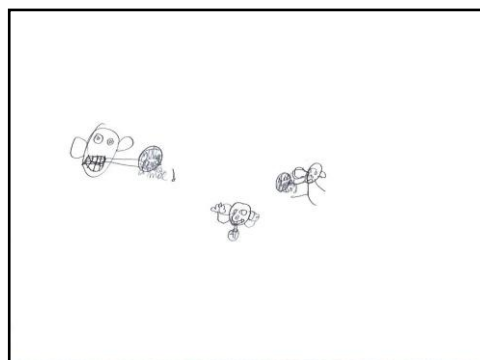


Figura 1:

Caso 1 – DFR: Desenha primeiro o pai, à esquerda, depois a si, ao centro e por fim à sua mãe, à direita.

primeiro lugar, é o maior e o único que tem um olhar preenchido com íris, o que vai ao encontro de no RCH, este pai também ser sentido como passivo. A sua mãe surge como o elemento indefeso, que está a ser atacado. É a mais investida, expressando uma ligação com a mesma, de maior proximidade, como se pode constatar no RCH, apesar de ser com um cariz quase fusional. Porém, esta mãe, é desenhada em último e no inquérito também surge desvalorizada, sendo este desinvestimento se pode dever ao facto de a sentir como ameaçadora e distante, como surge no RCH. As suas imagos parentais são assim sentidas como pouco contentoras. Relativamente ao irmão, há uma grande rivalidade, suprimindo-o do desenho, negando a sua existência... O “Jorge” surge enaltecido no inquérito, mas no desenho é desvalorizado, o que nos dá conta da criação de uma “máscara”, para camuflar como realmente se sente, frágil e incompleto perante o meio, como também surge no RCH. Dado que não pode investir nas imagos parentais, pela decepção

afectiva, investe assim em si próprio (Corman, 1967). No DF, que já tinha realizado anteriormente, com 9 anos, não havia uma angústia tão marcada relativamente ao irmão, pois não o suprimiu. As figuras humanas estão a sorrir, próximas entre si e todas no mesmo plano, o que evidencia uma maior harmonia e proximidade entre os elementos da família (Corman, 1967). Comparando estes desenhos, é notável que o seu pensamento estava mais organizado, aquando a sua realização do que actualmente.

Em suma, através dos desenhos e do RCH, o “Jorge” é uma criança com pouca diferenciação entre o mundo interno e o externo, sentindo-se frágil e incompleto, perante o meio, com tentativas compensatórias para se narcisar. Revela dificuldades importantes no acesso à sua identidade e as suas imagos parentais não foram interiorizadas como objectos diferentes de si. A imago paterna é sentida como passiva e ao mesmo tempo ameaçadora, enquanto que, a imago materna também é sentida como ameaçadora e distante, pouco disponível emocionalmente, havendo uma relação quase fusional com a mesma. Desta forma, as suas imagos parentais são sentidas como pouco securizantes, não sendo para si consideradas como figuras de referência. Para colmatar este vazio, utiliza constantemente a clivagem entre as suas figuras parentais, como mecanismo de defesa (notório no DF e no seu discurso). O pai surge sempre como o mau objecto e a mãe como o bom objecto, evitando assim uma maior desorganização do Ego (Coelho, 1993). Em conclusão, os comportamentos agressivos do “Jorge” são uma externalização da sua angústia interior, do seu sofrimento... Os seus comportamentos de retirada, servem para se proteger deste mundo exterior, sentido como ameaçador, pouco contentor, pouco disponível para si...

4.2. Caso 2 - “João”: *“Não conheço nenhuma família. Eu não tenho família, só pais!”* **(Ver anexo A, p. 81)**

O “João”, de 13 anos, é acompanhado em Pedopsiquiatria desde os 5 anos, pois tinha comportamentos agressivos no JI, para com os colegas e dificuldades ao nível da linguagem expressiva. Vive com a sua mãe, com o seu pai e com uma irmã de 18 anos. Os seus pais são pouco escolarizados, carenciados economicamente e o relacionamento entre ambos tem piorado ao longo do tempo. Actualmente, frequenta o 7º ano com currículo alternativo. Beneficia de acompanhamento psicológico e de Terapia da fala.

Na sua infância, era uma criança carinhosa e por vezes agressiva... Desde pequeno que surgiram dificuldades alimentares, que ainda prevalecem actualmente, nomeadamente na ingestão de peixe e carne. Ao longo do seu percurso escolar, são evidentes as suas dificuldades de

aprendizagem, sendo que no 5º ano ainda não sabia ler. Na escola, tinha comportamentos agressivos e de oposição, solicitando com frequência a atenção do adulto. Em actividades individuais, tinha dificuldades de concentração, por não se considerar apto. A sua mãe saía muito cedo para trabalhar e era a irmã que o levava para casa dos avós, onde permanecia até ir para a escola, à tarde. Mais tarde, começou a ficar em casa sozinho. Era agressivo com os pais e com a irmã, dizendo que os matava. Dizia que a mãe era chata, que achava que ela gostava mais das tias, mas que gostava de a ter por perto. Desvalorizava o pai, dizendo que ele não prestava. Por vezes, isolava-se em casa. Uma revolta pelo “abandono”...pela solidão... com tentativas de solicitar a atenção dos seus pais...querendo-os por perto...

Veio acompanhado às sessões pelo pai, um homem grande, com um aspecto cansado, que aparenta ser bastante autoritário, evocando em mim alguma tristeza. Conta que o “João” desde bebé que era diferente, pois não queria comer, nem estudar. Actualmente, estas dificuldades mantêm-se e não quer brincar com as outras crianças. Considera que não tem havido melhoria, pois é muito nervoso e diz que quer matar pessoas. Ressalta a pouca autonomia do filho. O “João”, bastante alto, magro e pouco higienizado, entra no gabinete, com um andar desengonçado, olhando-me fugazmente, com um ar tímido. Olha a maior parte do tempo para baixo, revelando a sua insegurança. O seu rosto, parece não conhecer um sorriso... é uma criança “desvitalizada”. É bastante difícil chegar até ele, entrar no seu mundo... O seu discurso é pobre e por vezes responde às minhas questões apenas com “sim”...”não” ou adoptando um discurso contraditório, o que me causou alguma frustração. Não retira qualquer prazer das tarefas que lhe proponho, demonstrando uma maior impaciência à medida que as sessões decorrem.

De uma forma geral, os seus desenhos, são desconfortáveis, havendo ainda alguma imaturidade presente nos mesmos. Os elementos são desenhados suspensos no vazio, como se voassem. No DL, desenha um carro que viu no gabinete, havendo uma procura de colagem a um objecto real, tratando-se de uma representação em eco, uma “desenholália” (Emílio Salgueiro, comunicação pessoal, Lisboa, 8 de Outubro, 2013). Este carro, sem ocupantes, vazio, está guardado na garagem, isolado, talvez como ele se sinta, solitário...vazio. No DFH, expressa a sua fragilidade, desenhando uma figura máscula, viril, numa tentativa compensatória de se narcisar. Exprime também a sua zanga com o mundo que o rodeia e sentimentos de incompletude perante o mesmo. A sua representação da FH surge ainda de forma imatura. No A-R, também expressa a sua fragilidade, com uma tentativa de se narcisar, bem como a sua necessidade de afecto e de relação.

No DF, mostra-se resistente em desenhar, dizendo: “*Não conheço nenhuma família. Eu não tenho família, só pais!*” Desenha curiosamente uma família de peixes, um alimento que não gosta, sendo que o princípio do prazer-desprazer se sobrepõe ao princípio da realidade (Corman, 1967). A figura paterna, surge valorizada comparativamente às outras, foi desenhada em primeiro lugar e maior, havendo uma identificação parcial inconsciente com o mesmo. Esta maior proximidade com a figura paterna, expressa

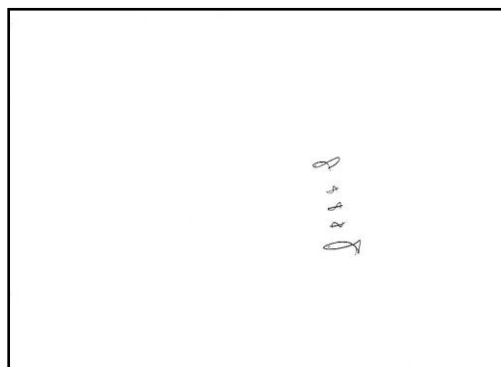


Figura 2:

Caso 2 – DFI: Começou a desenhar de baixo para cima: tio; primo; filhotes; tia.

no desenho, também surge no RCH, embora seja uma proximidade quase fusional. A figura materna surge desvalorizada, sendo desenhada em último lugar, pouco investida e não tendo em consideração a sua condição hierárquica. Exprime assim tendências afectivas negativas relativamente à mesma, pois no RCH, esta é sentida como pouco disponível para si. Os filhotes, com os quais possivelmente se identifica, surgem desvalorizados, pelo seu pequeno porte, relativamente aos outros peixes. Também no RCH, surge relativamente a si próprio um sentimento de fragilidade perante o meio. Recusa o pedido de desenhar a sua família real, o que se pode dever ao facto de as suas figuras parentais serem sentidas como pouco securizantes e não serem consideradas figuras de referência, tal como surge no RCH.

Comparando os desenhos realizados actualmente e o desenho realizado com 10 anos, este dá-nos conta de um maior investimento na tarefa e surge colorido, apesar de revelar a sua desorganização psíquica. Os desenhos actuais são pouco investidos, pobres em conteúdo, sem cor... Desta forma, ao longo dos anos, a Psicose veio-se instaurando de tal modo, que compromete o seu funcionamento emocional e cognitivo. Na escola, apresenta muitas dificuldades, que parecem ter vindo a aumentar ao longo do tempo. O seu QI com 7 anos era de 82 e actualmente é de 61, uma diferença significativa que também vai neste sentido.

Concluindo, tanto nos desenhos como no RCH, o “João” é uma criança cujos limites entre o mundo interno e o mundo externo estão pouco delimitados, tendo uma imagem de si incerta, frágil e incompleta, perante o meio. As suas imagos parentais não são consideradas como objectos diferentes de si, mas sim como partes suas, principalmente a imago paterna. São ambas sentidas como distantes e pouco disponíveis para si, isto é, pouco securizantes, particularmente a imago materna, não sendo consideradas como figuras de referência. A sua necessidade constante de apoio por parte do adulto, pode ser assim uma forma a obter a sua atenção. Tanto nos

desenhos como no RCH, não retira qualquer prazer das actividades propostas. Investe pouco por não se considerar apto para as realizar, o que nos dá conta deste desinvestimento no exterior, que também faz em casa, ao isolar-se de um mundo sentido para si como pouco contentor...

4.3. Caso 3 - “Filipe”: “...se fosse humano era pó.” (Ver anexo A, p. 94)

O “Filipe”, de 12 anos, chegou ao Hospital com 4 anos, encaminhado pela urgência, por episódios frequentes de ingestão de detergente líquido e óleo para carros. Desde então que beneficia de acompanhamento em Pedopsiquiatria. Os seus pais encontram-se divorciados. Vive com o pai, com a sua nova companheira e com quatro meios-irmãos. Aos fins-de-semana, vai para casa da mãe. Actualmente, frequenta o 7º ano, com bom aproveitamento escolar.

A sua mãe diz estar deprimida desde os 9 anos, por se sentir culpabilizada pela separação dos pais. Fez duas tentativas de suicídio, sendo que numa delas foi internada. Já foi acompanhada em Psiquiatria. Durante as suas crises depressivas, o “Filipe” ia viver para casa da tia. A sua mãe nunca quis ter filhos, sendo que anteriormente já tinha feito uma interrupção voluntária da gravidez. Durante a gravidez do “Filipe” dava murros na sua própria barriga... Quando nasceu, tiveram alta ao 2º dia e ao 3º dia, o “Filipe” teve que ser internado uma semana, por ter ficado desnutrido, por a mãe não ter leite. De noite, quando não podiam pôr o “Filipe” a urinar, colocavam-lhe uma fralda, sendo que ele não queria, pois dizia que não era bebé. Esta criança não foi desejada... e cuidar do “Filipe”, sempre foi demasiado exigente para estes pais.

Aos 6 anos, surgiram os delírios, as oscilações do tom de voz e tinha dificuldade em distinguir a realidade da fantasia. Na escola, era introvertido, apático e por vezes agressivo. O pai preocupava-se bastante com o facto de o “Filipe” não ter a lateralidade definida e por vezes, era agressivo com ele. Quando os pais se decidiram divorciar, dormia com a mãe e o pai começou a dormir na cama do “Filipe”. Os limites nesta família são ténues, o que deu aso a uma inversão de papéis. O pai falava ao telemóvel com outras mulheres e a mãe ameaçou-o com uma faca, sendo que o “Filipe” assistiu.

Veio acompanhado às sessões pelos pais. Têm um aspecto deprimido e descuidado. A mãe tem tiques faciais, está visivelmente medicada e tem um discurso confuso, repetindo ideias. O pai tem um contacto retraído e ansioso. Causaram em mim tristeza e angústia, dado o estado psíquico de ambos, notoriamente pouco saudável. A mãe, conta que o “Filipe”, antes dos 3 anos, já não parava quieto. Diz que o filho *“fala para fora, o que devia pensar para dentro”* (sic mãe). Descreve-o como muito teimoso e inteligente. Consideram que houve uma melhoria ao longo dos anos e preocupa-os o facto de o “Filipe” ser muito falador, pois é bom aluno, mas poderia

ser melhor, o que revela uma grande exigência com esta criança nas questões escolares, em detrimento das suas condições afectivas. O “Filipe”, alto, magro, aspecto cuidado, fâcieis expressivo, com uma tez muito pálida, entra no gabinete com uma postura cabisbaixa e sorridente. Colabora em todos os pedidos com bastante entusiasmo e mantém o contacto visual. Fala incessantemente e ri-se bastante, por vezes de forma despropositada. Fez-me sentir bem, pois é uma criança cativante.

Comparando os seus desenhos actuais, com um desenho que realizou com 7 anos, nota-se que houve uma evolução ao nível do grafismo, mas ainda é visível uma imaturidade, bem como ainda existe alguma fantasia nas suas criações. Três dos seus cinco desenhos são cabeças, suspensas no vazio, o que significa que é uma parte do corpo que o “Filipe” valoriza. Isto pode-se dever ao facto de ser na cabeça que estão as funções intelectuais e dos seus pais privilegiarem os aspectos escolares. Estas cabeças isoladas, que não revelam afecto, também nos dão conta da utilização do isolamento como mecanismo de defesa, que consiste numa dissociação entre os vínculos de amor e os agressivos. Evita assim que a fantasia e a realidade se unam, impedindo a desorganização do Ego (Coelho, 1993). No DL, expressa a sua alegria por ter uma nova família e por outro lado, a apatia que sente quando está com a sua mãe. No DFH, desenha um minotauro e expressa a sua zanga face ao mundo exterior e a sua angústia interior de aniquilamento, referindo: “...se fosse humano era pó” (sic “Filipe”), devido a uma dinâmica familiar disfuncional. Desenha uma figura de força, havendo uma tentativa compensatória de se narcisar. No A-R, expressa o seu vazio interior.

No DF, desenha uma família imaginária, sendo que o princípio do prazer-desprazer, se sobrepõe ao princípio da realidade (Corman, 1967). A figura paterna surge mais valorizada, comparativamente à figura materna, mas não é sentida como contentora. No RCH, surge como distante, como o representou no carro, distante de si (DFI) e ao mesmo tempo ameaçador, o que levou a anulá-lo, revelando alguma

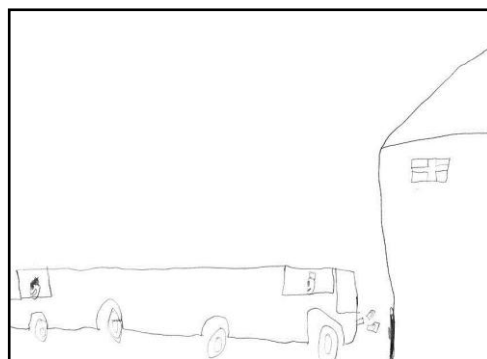


Figura 3:

ansiedade (DFR). Há uma maior proximidade com o seu pai, relativamente à sua mãe, o que também surge no RCH, embora seja uma relação quase fusional. A figura materna surge bastante desvalorizada. Também no RCH, é sentida como distante e pouco disponível para si, sendo que no DFR, a coloca a olhar para si, pois nunca se sentiu olhado por ela. No DF, as suas figuras parentais, não são sentidas como securizantes, não

Caso 3 – DFI: Pai a conduzir e bebé atrás

sendo consideradas figuras de referência, tal como no RCH, dizendo sobre as mesmas: *“o meu pai é muito sério e a minha mãe muito nervosa... não queria ser como o meu pai e como a minha mãe”*. O “Filipe”, surge desvalorizado (DFI), tendo tentativas compensatórias para se narcisar (DFR), dada a impossibilidade de investir nas suas figuras parentais. Também no RCH, surge uma representação de si face ao meio frágil. No DFI, desenha-se mais novo, com 5 anos, exprimindo uma saudade por uma idade de ouro, havendo assim tendências regressivas (Corman, 1967).

Em suma, tanto nos desenhos como no RCH, o “Jorge” é uma criança cujos limites entre o mundo interno e o externo são ténues, revelando dificuldades importantes no acesso à sua identidade. Tem uma representação de si face ao meio pouco estruturada, incerta, frágil, com tentativas compensatórias de se narcisar, devido à impossibilidade de investir nas suas imagens parentais. Estas, não são sentidas como figuras de referência, principalmente a imagem materna. A imagem paterna é sentida como distante e ameaçadora, havendo uma relação quase fusional com a mesma. A sua imagem materna também é sentida como distante e causa-lhe alguma estranheza. Concluindo, o “Filipe” é uma criança inserida num meio pouco saudável... pouco disponível para si emocionalmente, que não atende às suas necessidades afectivas, havendo uma maior preocupação com as questões de cariz escolar. Por parte de ambos os pais, há uma grande indisponibilidade psico-afectiva, desde o nascimento do “Filipe”, que é reconhecida por ambos. O seu vazio interior... deve-se a nunca se ter sentido olhado e desejado...

4.4. Caso 4 – “Daniel”: *“O meu pai não desenei, porque passamos por um grande problema de violência doméstica.”* (Ver anexo A, p. 110)

O “Daniel”, de 10 anos, chegou ao Hospital com 5 anos, por apresentar um discurso confuso e fantasiado, tremia quando contrariado, em momentos de maior inquietação, mexia nas coisas repetidamente e era agressivo. Desde então beneficia de acompanhamento em Pedopsiquiatria e de Terapia da fala. Actualmente, frequenta o 5º ano de escolaridade, com apoio de uma Professora de EE.

Vive com a mãe e com o irmão, pois os pais separaram-se após um episódio de violência doméstica, em que o “Daniel” e a mãe foram agredidos pelo pai. Uma mãe com vários problemas de saúde física e com depressão nervosa, que a levou a vários internamentos. Um pai emigrado, distante, que sofre de alcoolismo e violento. Um irmão, com suspeita de comportamentos aditivos... dão-nos conta que esta criança se insere no seio de uma família pouco organizada.

O seu crescimento foi marcado por esta instabilidade familiar, que condicionou a progressão de um desenvolvimento sadio. Sempre foi uma criança com dificuldades de separação, relativamente à figura materna. Desde os 3 anos, que confundia as ideias. Ao longo dos anos em que foi acompanhado, surgiram comportamentos auto-agressivos, tendências regressivas, uma grande culpabilidade, ideias persecutórias, verbalizava que se queria matar e tinha um enorme medo de que os seus pais morressem.

Veio acompanhado pela mãe, uma senhora de aspecto cuidado, pouco escolarizada, que fala incessantemente. Foi uma entrevista longa e angustiante, que despoletou em mim sentimentos antagónicos, de empatia e desconfiança de pouca genuinidade. Contou-me que, desde os 3 meses que sentiu que o “Daniel” era diferente e fala do internamento do filho, aos 3 anos, com sofrimento. Diz-me com orgulho: *“Tá sempre com medo de me perder! O meu filho é a cara do pai.”* Considera que ao longo dos anos houve uma melhoria, mas que actualmente está pior, devido à ausência do pai. Sinto que também ela sofre com a ausência do ex-marido.

O “Daniel” entra no gabinete com um andar trapalhão e cabisbaixo. Pele muito clara, cabelo um pouco comprido, algum peso a mais, que figura em roupas que aparentam ser de adulto. O seu olhar é triste, mas olha com facilidade. No seu lábio, é visível uma marca física da agressão por parte do pai, que tal como as marca que tem na sua memória, ficará para toda a vida. Ali...não habitam sorrisos. Colabora nas tarefas que lhe proponho, demonstrando alguma satisfação. Fala com prazer e o seu discurso, surge por vezes, fantasiado e descontextualizado, como se as ideias se “atropelassem”. Nota-se alguma preocupação com os problemas familiares, falando-me sobre eles. O “Daniel” fez-me sentir bem, pois é uma criança que cativa pelo seu discurso fantasiado, partilhando comigo os seus projectos para o futuro.

Comparando os desenhos que realizou e os desenhos anteriores, que constavam no seu processo, os mais recentes surgem mais elaborados, mais vitalizados, dando-nos conta de um mundo interno mais organizado. Há uma temática recorrente, as montanhas, que podem simbolizar uma necessidade de abrigo, de contenção. Nos seus desenhos, ainda existe alguma imaturidade. No geral, os desenhos são agradáveis, utilizando o colorido com uma junção harmoniosa, mas desenha os elementos suspensos no vazio. É notável um maior investimento no DL e no DFI. No DL, revela uma boa capacidade simbólica, contando a sua história de vida. No DFH e no A-R, exprime o seu desejo de ser gostado pelo Outro.

No DF, desenha primeiramente uma família imaginária, prevalecendo o princípio do prazer-desprazer, sobre o princípio da realidade (Corman, 1967). Os conflitos entre estes pais e a

dissolução do lar são representados, principalmente no DFR, dizendo: “O meu pai não desenhei, porque passamos por um grande problema de violência doméstica.” (sic “Daniel”) A mãe surge como o objecto privilegiado, havendo uma identificação parcial a nível inconsciente. No RCH, surge como frágil e passiva. O pai surge desvalorizado, distante de si, uma vez que no RCH surge como distante e ameaçador. Em relação ao irmão, há uma identificação parcial consciente, de desejo de ser como ele. O “Daniel” surge também desvalorizado, pois no RCH constata-se que tem uma representação de si face ao meio frágil. Projecta-se em bebé, com 5 anos (tendências regressivas), em adulto e idoso, representando tendências diferentes, em diversos períodos da vida, entre as quais se encontra dividido (Corman, 1967). Estas tendências regressivas, também são observáveis na sua história clínica, pois quando o pai vinha a Portugal, o “Daniel” só brincava com coisas de bebé. Desenha o seu ideal de família, onde todos contribuem para a manutenção de uma mansão, excepto o pai que trabalha numa fábrica. Uns limpam, outros trabalham na agricultura, outros tratam dos animais. Há harmonia, cooperação e ausência de conflitos, o que não experienciava no seu lar...

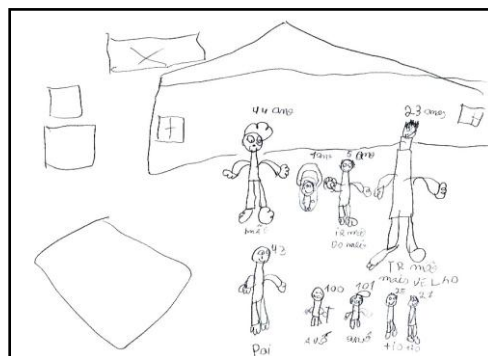


Figura 4:

Caso 4 – DFI: Começou pela mãe, em cima; bebé de 1 ano; irmão do meio; irmão mais velho; pai; avô, avó, tia e tio.

Em suma, através dos desenhos e do RCH, é possível constatar que o “Daniel” é uma criança cujos limites entre o mundo interno e externo, se encontram maioritariamente bem delimitados. Tem uma representação de si, face ao meio, frágil. Na sua família, os papéis não se encontram bem delimitados, o que abre espaço para uma atitude de parentalização por parte do “Daniel” em relação à mãe, sentida como frágil e desprotegida. Mãe e filho, encontram-se envolvidos numa relação de dependência mútua, possível de observar também na história clínica, pois até aos 18 meses, dormia em cima da mãe. Esta dificuldade em separar-se da mãe, significa que não interiorizou o objecto interno de forma adequada, pois se assim fosse, era capaz de suportar a ausência do objecto externo (Myquel & Cozzari, 1990). O seu pai é sentido como ameaçador, frágil e distante, com o qual não se identifica. Assim, as suas imagos parentais não são sentidas como figuras de referência, principalmente a imago paterna. O “Daniel” sente uma grande culpabilidade, que nos dá conta do recurso a mecanismos de defesa, numa linha neurótica, o que vai ao encontro de no RCH, se revelar uma criança adaptada, mas que se desorganiza face a situações mais complexas. Desta forma, trata-se de um funcionamento Limite, em que a parte psicótica é predominante, mas ainda existem zonas de neuroticidade. O “Daniel” é assim uma criança carente, com necessidade de afecto e de relação...que não perdeu a vontade de sonhar!

4.5. Caso 5 “Rodrigo”: “...os olhos e o nariz são iguais aos da mãe. Não gosto deste boneco.” (Ver anexo A, p. 129)

O “Rodrigo”, de 11 anos, chegou ao Hospital com 4 anos, enviado pela consulta de Psicologia de uma Maternidade, por hétero-agressividade, problemas do sono e irrequietude. Desde então que beneficia de acompanhamento em Pedopsiquiatria, em Psicomotricidade e em Psicologia. Vive com a sua mãe e com a avó materna, uma família bastante carenciada economicamente. Os seus pais separaram-se após o seu nascimento. A sua mãe sofre de depressão e por vezes é agressiva com o “Rodrigo”. Durante as suas duas gravidezes foi agredida pelo ex-companheiro e teve uma infância marcada por violência parental. O pai, com o qual o “Rodrigo” não tem contacto, cumpre 3 anos de pena suspensa por agressão à mãe. Sofre de alcoolismo e já esteve internado por depressão. Anteriormente à gravidez do “Rodrigo”, a mãe já tinha tido um filho que morreu com um mês de vida, devido a uma hemorragia cerebral, provocada pelas agressões sofridas durante a gravidez. Na gravidez do “Rodrigo” foi atirada pelas escadas e teve 15 dias internada, sendo que o “Rodrigo” nasceu prematuro em consequência da agressão e ficou um mês internado. Uma existência marcada por uma enorme violência, onde deveria estar protegido... na barriga da sua mãe e no seu lar...

Na sua infância, tinha comportamentos auto e hétero-agressivos, com colegas e com a mãe. Dizia que o coração e o cérebro lhe diziam para fazer coisas más. Recorreu várias vezes às urgências e sofreu vários internamentos em Pedopsiquiatria, um deles durante um mês, por passagens ao acto graves. Fugiu de casa várias vezes, para casa da tia, numa delas, nu e descalço. Após a morte do avô materno, tinha menos tolerância à frustração. A sua mãe dizia que não aguentava mais e tinha medo de cometer uma loucura com ela ou com o filho, sendo que já pediu para o “Rodrigo” ser institucionalizado. Durante toda a sua infância, foi uma criança com falta de suporte relacional, privada de cuidados afectivos, de regras e limites consistentes. O seu percurso escolar, foi marcado por dificuldades de aprendizagem, que têm vindo a acentuar-se. As suas capacidades cognitivas parecem ter vindo a deteriorar-se. Numa primeira avaliação psicológica tinha um QI total de 85, numa segunda de 63 e na actualidade, tem um QI de 50, considerado “Muito inferior” para a sua faixa etária. Actualmente, frequenta o 5º ano de escolaridade, com apoio do EE.

Veio às sessões acompanhado pela mãe, uma jovem com um ar deprimido, que evocou em mim alguma tristeza. A mãe considera que ao longo dos anos não houve melhorias, pois o “Rodrigo” continua agressivo quando contrariado. Refere que para o filho é muito difícil aceitar o “não”. Diz que tem amigos de minutos, em que qualquer um que queira brincar com ele é

amigo, revelando assim a sua necessidade de contacto com o Outro. O “Rodrigo”, uma criança alta, magra, com um aspecto cuidado e um ar dócil, mas apático, entra no gabinete com uma expressão de tristeza, com um olhar vazio, embotado. Tem constantemente a boca entre-aberta, a língua ligeiramente de fora, como se tivesse dificuldade em respirar. O seu discurso é lento, confuso e fantasiado. Tem uma postura cabisbaixa e os seus movimentos também são lentificados. Acede aos pedidos que lhe são solicitados, embora não retire qualquer prazer dos mesmos. Fez-me sentir triste, por ser uma criança “desvitalizada”, sem alegria...

Ao nível do grafismo, há ainda uma imaturidade. No geral, os seus desenhos evocam desconforto e revelam a sua falta de suporte, de contenção e a sua necessidade de contacto com o Outro, sentindo que o mundo está fechado para si. Os elementos são desenhados como se voassem no vazio. Utiliza cores harmoniosas, embora quando desenha personagens em relação, surgem apenas desenhadas a carvão, representando assim as suas relações pouco coloridas. No DL, desenha-me a mim e a ele, com uma barreira ao meio, como se os limites entre si e o Outro, fossem tão ténues, que sente necessidade de colocar uma barreira entre ambos, para nos separar. Desenha também uma vaquinha doente, com um estojo de médico ao lado, projectando nela o seu mal estar interno e demonstrando assim a sua esperança de que eu e ele, em conjunto o ajudemos a cuidar de si, da sua parte doente. No DFH, desenha a sua mãe, desvalorizada, sendo sentida como funcional. No final, diz: “...os olhos e o nariz são iguais aos da mãe. Não gosto deste boneco.” (*sic* “Rodrigo”), sendo que para si não é considerada como uma figura de referência. A sua FH, é ainda imatura, embora comparativamente às figuras humanas que constavam nos desenhos do processo, haja uma evolução. No A-R, há uma desvalorização de si próprio e surge uma super-valorização do cérebro, devido às suas frustrações a nível escolar (Machover, 1978) ou por ser ali que habitam os seus monstros, os seus medos e a sua parte doente.

No DF, desenha parte da sua família real, sendo que o princípio da realidade, se sobrepõe ao princípio do prazer-desprazer (Corman, 1967). Desenha-se com 5 anos, numa idade inferior, revelando saudade pela idade de ouro e expressando tendências regressivas. Desvaloriza-se, havendo um investimento narcísico em si próprio compensatório, dada a impossibilidade de investir nas suas figuras parentais. Também no RCH, surge uma representação de si frágil, face ao meio, com tentativas compensatórias de se narcisar. Desenha-se acompanhado pela prima, de 11 anos, que

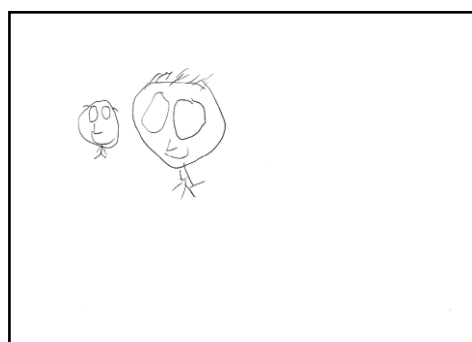


Figura 5:

Caso 5 – DFR: Desenha-se primeiro a si, mais pequeno e depois a prima, maior.

surge valorizada. As suas figuras parentais, não surgem representadas, suprimindo-as do desenho, por lhe causarem angústia. Há assim uma desvalorização das mesmas, uma negação da sua existência, não sendo para si, consideradas como figuras de referência, tal como surgem no RCH, principalmente a sua imago paterna.

No processo do “Rodrigo” constavam cinco desenhos, sendo que em todos eles está presente a imaturidade também visível nos seus desenhos actuais. Com 6 anos, fez um desenho da sua avó, dizendo que era a única pessoa de quem gostava e que não gostava da sua mãe, desvalorizando assim a figura materna, tal como surge no DFH e no DF. Noutro desenho, representou o seu Pedopsiquiatra, em cima de uma prancha voadora, como se evocasse uma esperança de que este o viesse salvar, tal como fez comigo no DL, revelando assim a sua necessidade de que alguém o salve...

Em suma, tanto nos desenhos como no RCH, o “Rodrigo” é uma criança cujos limites entre o seu interior e o mundo exterior, são ténues, revelando dificuldades no acesso à sua identidade. Tem uma representação de si face ao meio, frágil. As imagos parentais não são sentidas como figuras de referência, principalmente a imago paterna. Esta, é sentida como ameaçadora, forte e por outro lado, ridícula, enquanto que, a imago materna é sentida como forte e frágil. Face a situações mais complexas, desorganiza-se com maior facilidade, emergindo uma angústia de fragmentação mais intensa. Concluindo, o “Rodrigo” é uma criança que teve uma infância marcada pela violência. Sente-se só, carente...sendo uma criança com uma grande necessidade de afecto e de relação. As suas fugas são numa tentativa de procurar relações mais contentoras...uma busca pelo afecto, noutro lar sentido como mais securizante...

4.6. Caso 6 - “Luís”: “...depois é a minha mãe, que é só metade!” (Ver anexo A, p. 144)

O “Luís”, com 11 anos, é acompanhado em Pedopsiquiatria desde os 6 anos. Foi encaminhado por um serviço de urgência, devido a manifestações de ansiedade episódica, quando ouvia barulhos de foguetes ou semelhantes, após ter assistido a um acidente com o pai, em que este sofreu queimaduras causadas por fogo-de-artifício. Tinha irrequietude e sintomas de ansiedade somática. Actualmente, beneficia de acompanhamento em Psicologia e em Terapia da Fala. Vive com a sua mãe, com o seu pai e com um irmão de 8 anos. A sua mãe sofre de depressão. O seu pai é imigrante e teve depressão após o acidente, sendo que recuperou com a ajuda de medicação. Os pais fizeram um tratamento de infertilidade para engravidar, desejando bastante esta criança. No início da gravidez, houve um descolamento da placenta e a mãe teve

que repousar durante toda a gravidez. O “Luís” teve que ser reanimado à nascença e esteve 15 dias internado, na incubadora. Um lutador, desde o seu primeiro minuto de existência...

Aos 3 anos, assisti ao acidente que envolveu o pai e desde então, que quando ouvia um barulho semelhante, como por exemplo, um bater da porta, ficava a tremer, pálido, agitado e gritava. Dizia que via a cara do pai queimada. Era uma criança meiga, mas quando contrariado fazia muitas birras, sendo que nestes momentos era agressivo com o irmão. O pai vinha de férias e quando se ia embora o “Luís” ficava bastante triste. Em Julho de 2013, teve o primeiro surto psicótico, com episódios de alucinações visuais, durante cinco dias, agitação psicomotora e não queria dormir, tendo recorrido às urgências. No seu percurso escolar, sempre existiram dificuldades de aprendizagem, marcadas pelas dificuldades de concentração, parecendo muitas vezes absorto, alheado do que se passava na aula. Actualmente, frequenta o 5º ano, pela segunda vez.

Veio acompanhado pela mãe, uma senhora de aspecto cuidado que adopta uma postura passiva, não causando em mim qualquer desconforto. Conta que o “Luís” tinha ataques de ansiedade, após o pai se ter magoado com um foguete, sendo que o filho assistiu. Diz que actualmente, tem ataques de ansiedade nocturnos. Considera que ao longo dos anos melhorou, mas que agora está pior, pois na escola está *“mal com ele próprio, com dificuldades de concentração, está distraído, recorta papéis, desenha nos testes, pinta as unhas, não sei onde ele tá.”* (sic mãe), mostrando-se bastante preocupada. Refere que com os colegas, se relaciona bem. O “Luís”, de aspecto cuidado, um fãcieis harmonioso e um ligeiro estrabismo convergente, é uma criança expressiva, com um contacto adequado, sendo fácil chegar até ele. O seu discurso é ainda pobre. Colaborou em todos os pedidos que lhe foram solicitados, sendo uma criança bastante educada, que me fez sentir bem.

No geral, os seus desenhos são ainda imaturos, desagradáveis, desprovidos de cor. Contudo, nos desenhos realizados anteriormente, utilizou cor, dando-nos conta de uma maior vitalidade, na altura em que os desenhou. Utiliza o limite inferior da folha, como suporte para desenhar, o que pode significar falta de contenção, de suporte (Campos, 2003). Também nos desenhos que realizou anteriormente, revela esta falta de contenção. Anteriormente, as FH, surgiam representadas de uma forma mais imatura, sendo que houve uma evolução neste aspecto, embora a sua representação, seja ainda incipiente. No DL, surge o isolamento como mecanismo de defesa, pois o desenho é pobre, rectilíneo, frio e a casa encontra-se fechada, isolada, com as janelas colocadas muito altas (Coelho, 1993). Dá-nos conta, que sente o seu seio familiar como pouco contentor, uma vez que refere que dentro daquela casa se encontra a sua família. Aqui,

expressa também o seu vazio interior. No DFH, desenha o seu irmão, representando-o como o preferido, o perfeito, o feliz, com muitos amigos e sem aborrecimentos, em detrimento de si, que é o que “paga”, expressando assim a rivalidade fraterna. No A-R, desenha-se bastante desvalorizado, menos investido do que o irmão, com um olhar vazio, triste...ao contrário do seu irmão que está a sorrir, no DFH.

No DF, desenha uma família imaginária, sendo que o princípio do prazer-desprazer, se sobrepõe ao princípio da realidade (Corman, 1967). A figura paterna surge valorizada, sendo o mais investido, havendo uma identificação consciente com o mesmo. A figura materna surge desvalorizada e é sentida como funcional. Suprime-se do desenho, surgindo assim bastante desvalorizado. Também no RCH, surge um sentimento de incompletude, de fragilidade, perante o meio. O seu irmão, também não é representado,

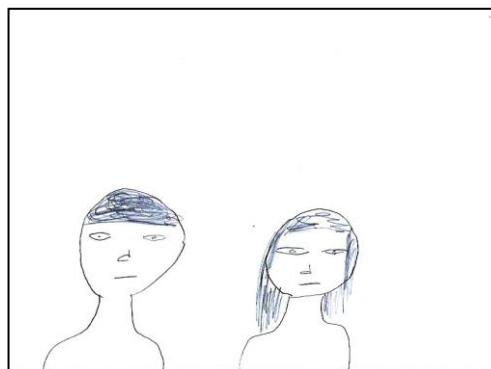


Figura 6:

Caso 6 – DFI: Desenha primeiro o pai, à esquerda e depois a mãe.

havendo uma desvalorização do rival. Dado que é um elemento que lhe causa angústia pelo ciúme, suprime-o do desenho, negando assim a sua existência (Corman, 1967). Em particular, no DFR, diz que a família está a tirar uma fotografia. Dado que sente a sua família como pouco contentora, surge assim a necessidade de contê-la numa fotografia. Aqui, o pai é representado com uma rasura na cara, que pode ser uma representação real da sua cicatriz, causada pela queimadura do foguete. Evidencia assim a fragilidade do seu pai, tal como surge no RCH. O “Luís”, também surge representado com várias rasuras na cara, tal como o seu pai, evidenciando assim uma relação preferencial com o mesmo. Aparece apenas um pouco da mãe, dizendo: “...depois é a minha mãe que é só metade!” (sic “Luís”). Dado que no RCH, surge como assustadora, surge assim a necessidade de uma quase-supressão do desenho. Também no RCH, apesar de ambas as figuras parentais, serem sentidas como pouco contentoras, a figura paterna surge como causadora de uma menor angústia. No DF, que realizou com 7 anos, desenhou o pai, a mãe e o seu irmão. Representa o casal como se só tivesse um filho, eliminando-se a si próprio. Dá-nos assim conta, da existência de conflitos de rivalidade fraterna, desde essa altura. Desvaloriza-se a si próprio de uma forma extrema, o que significa que não se sente apreciado no seu seio familiar, devido à rivalidade entre irmãos (Di Leo, 1967).

Em suma, através da análise dos desenhos e do RCH, o “Luís” é uma criança cujos limites entre o mundo interno e o externo são ténues. Revela dificuldades importantes no acesso

à sua identidade, tendo uma representação de si face ao meio, incompleta. Os objectos não são sentidos como diferentes de si, mas sim como partes suas. A imago paterna é sentida como passiva e frágil, havendo uma relação preferencial com a mesma. A imago materna também é sentida como passiva e por outro lado, assustadora, havendo fortes sentimentos de desvalorização para com a mesma. Desta forma, as suas imagos parentais, não são sentidas como figuras de referência, sendo consideradas como pouco contentoras, principalmente a imago materna. Face a situações mais complexas, desorganiza-se, emergindo uma angústia de fragmentação intensa. Uma situação traumática desencadeou assim nesta criança, um intenso sofrimento... que pode ser reactivado a qualquer momento, o que lhe causa uma inquietação constante...

4.7. Caso 7 - “Pedro”: “Na piscina de bolas, as que estão por baixo, estão no escuro a ver filmes de terror e às vezes têm medo, mas não ‘tão sozinhas...’tão umas com as outras.” (Ver anexo A, p. 158)

O “Pedro”, de 9 anos, chegou ao Hospital com 6 anos. Veio encaminhado pela consulta de desenvolvimento de um Hospital da Grande Lisboa, onde tinha acompanhamento pedopsiquiátrico e psicológico, desde os 4 anos, por PHDA do tipo misto, perturbação de oposição, comportamentos auto e hétero-agressivos e problemas relacionais com a mãe. Desde então, que beneficia de acompanhamento esporádico em Pedopsiquiatria e recentemente, de apoio em consulta de Enfermagem, com periodicidade semanal. Actualmente, frequenta o 5º ano de escolaridade, com apoio individual do EE. Vive com a sua mãe, com o seu pai e com um meio-irmão de 13 anos, fruto do primeiro relacionamento da mãe. A mãe tem patologia depressiva, encontrando-se medicada. Na sua infância, foi abandonada pela mãe e nunca conheceu o pai. Teve o primeiro filho com 15 anos. O seu pai trabalha de noite. Até há cerca de 3 anos, tinha problemas com o álcool, com comportamentos agressivos e confessa ter pensamentos suicidas. Entre o casal, há discussões frequentes. O seu irmão é descrito como irrequieto e foi seguido em Pedopsiquiatria, por indicação da escola. O “Pedro” vive assim no seio de uma família pouco sã...

Quando começou a andar, mexia em tudo, melhorando apenas com recurso à medicação. Tinha oscilações de humor e comportamentos agressivos, mas depois reagia com indiferença ao sucedido, tendo falta de ressonância afectiva. Não permitia que a mãe e o irmão se aproximassem, o que despoletava uma crise de agressividade. Também não deixava que os pais conversassem um com o outro, o que os pais cumpriam. Quando o pai não dormia em casa, o “Pedro” dormia com a mãe, revelando assim as dificuldades destes pais na imposição de limites.

A mãe sempre o tratou de forma regressiva, sentindo-se culpabilizada por isso, mas refere que quer fazer pelo filho tudo o que a sua mãe não fez por ela. O “Pedro” roubava objectos na escola e nos supermercados. Os pais encontraram-no por duas vezes, com um cinto ao pescoço.

Veio acompanhado pelos pais na primeira sessão e apenas pelo pai na segunda. Os pais têm um ar jovem, vêm vestidos de negro e têm um fâcieis triste, sendo que nunca sorriram. A mãe adopta uma postura muito defensiva e foi muito difícil chegar até ela. O seu contacto com o filho, aparenta ser bastante funcional. O pai tem um ar cansado um contacto visual fugidiu e a sua presença é desconfortável. A mãe diz que tudo começou quando a doença não era só hiperactividade e precisava de tomar anti-psicóticos. Considera que ao longo dos anos houve melhorias, mas no futuro, teme que o filho não tenha limites e que entre no mundo das drogas. O “Pedro”, de porte forte, entra no gabinete com uma expressão triste. Tem um ar dócil, um olhar vazio, embotado, sendo que os sorrisos que expressa são em devolução aos meus, forçados. O seu contacto visual é fugidiu. Pergunto-lhe como correu a sessão anterior, com o Enfermeiro e conta-me que esteve na piscina de bolas, dizendo: “...as que estão por baixo, estão no escuro a ver filmes de terror e às vezes têm medo, mas não ‘tão sozinhas...’tão umas com as outras.” Fala-me assim um pouco de si, revelando o medo que sente, por se sentir só e o seu desejo de estar mais acompanhado. O seu discurso é imaturo e lentificado e responde-me muitas vezes que não sabe. Nestes momentos, olha para o chão, demonstrando algum medo do desiludir o Outro. Investe pouco nas tarefas que lhe são propostas. É uma criança distante, sendo difícil chegar a ele, o que me fez sentir um pouco frustrada e ao mesmo tempo triste, pois é uma criança “desvitalizada”...

Nos seus desenhos, ainda é notória uma imaturidade. No geral, são desconfortáveis, pouco investidos e há algum recurso à cor. Desenha elementos suspensos no vazio e utiliza a margem do papel, reflectindo assim a sua necessidade de suporte (Campos, 2003). No DL, revela como se sente só, desenhando um carro diminuído, perdido na imensidão do vazio, isolado. O ocupante tem uma expressão assutada, tal como ele se sente, assustado por conduzir este carro sozinho que o leva na pista da sua vida. O facto de desenhar um brinquedo que diz ser seu, significa que há uma colagem ao objecto real, tratando-se de uma representação em eco, uma “desenholália” em diferido (Emílio Salgueiro, comunicação pessoal, Lisboa, 8 de Outubro, 2013). No DFH, surge uma FH ainda imatura. Há uma ênfase no corpo, que se pode dever ao facto de ser obeso, o que é um grande motivo de preocupação para os pais. Dá-nos também conta de um conflito edipiano primitivo, em que o menino escapa por entre as pernas do tenebroso pai e vai ao encontro da mãe. Aqui, expressa também o seu desejo de maior contacto social. No A-R, surge desvalorizado e revela também a sua necessidade de afecto e de relação.

No DF, desenha a sua família real, sendo que o princípio da realidade se sobrepõe ao princípio do prazer-desprazer (Corman, 1967). O “Pedro” representa-se como sendo o mais pequeno, havendo assim uma desvalorização de si próprio. Também no RCH, surge uma imagem de si, face ao meio, fragilizada. A figura paterna surge valorizada, sendo a única que se liga a si pelo toque, havendo uma identificação parcial inconsciente com o mesmo. Expressa também uma relação preferencial com o mesmo e a sua vontade de passar mais tempo com o seu pai, pois no RCH, é sentido como pouco disponível para si. A figura materna surge desvalorizada, sombreada, causando-lhe alguma ansiedade, o que é corroborado no RCH, por senti-la como ameaçadora e também pouco disponível para si. Relativamente ao irmão, também surgem sentimentos de desconsideração, devido à rivalidade fraterna e há uma identificação de desejo para com o mesmo, uma identificação parcial do Outro.

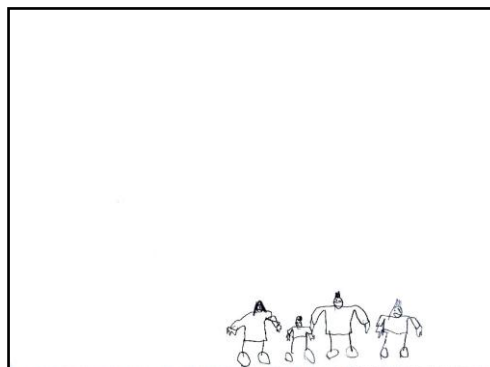


Figura 7:

DFR - Caso 7: Desenha o pai, a figura maior, depois a ele, mais pequeno, de seguida a mãe, à esquerda e por fim, o irmão, à direita.

Nos desenhos anteriores, que constavam no processo, nota-se alguma imaturidade, tal como nos desenhos actuais. Num dos desenhos, realizado com 8 anos, desenha uma figura feliz, com um olhar esperançoso, perante o mundo... Esperança essa, que parece agora estar adormecida. Este desenho demonstra também, que o “Pedro” é uma criança com interesses, pela temática estar relacionada com um clube de futebol, tal como sucede no DL, em que desenhou um interesse seu. No DF, realizado com 8 anos, desenha o seu pai distante da família, devido à sua ausência, mas numa posição de destaque, evidenciando também a necessidade da presença deste pai.

Em conclusão, através da análise dos desenhos e do RCH, para o “Pedro”, os limites entre o mundo interno e o externo são ténues. Tem uma representação de si face ao meio, fragilizada, havendo uma tentativa constante no RCH de se narcisar. Revela dificuldades no acesso à sua identidade, sendo que as suas imagos parentais, são sentidas como partes suas. A imago paterna é sentida como ameaçadora, distante e pouco disponível para si, mas ao mesmo tempo desejando que este pai esteja mais presente na sua vida, mais ligado a si, como surge evidenciado no DF. A imago materna é sentida como ameaçadora e também pouco disponível. Desta forma, as suas imagos parentais, são sentidas como pouco securizantes e não são consideradas como figuras de referência, principalmente a imago materna. No RCH, a ausência

de respostas cor, dá-nos conta da sua dificuldade em exprimir o afecto. O “Pedro”, é assim uma criança com um embotamento afectivo, que reveste um sofrimento interior. Investe pouco nas tarefas...desinvestindo no meio exterior... As suas tentativas de suicídio são um apelo ao mundo que o rodeia, que por vezes parece estar adormecido... Uma criança ávida de afecto, que rouba objectos, para ficar com algo dos outros para si... dentro de si, de forma a preencher o seu vazio interior. Encontra-se inserido numa família, pouco disponível emocionalmente para si, em que parece que as exigências de uma criança, não estão ao alcance das suas capacidades...tal como a sua mãe assume.

4.8. Caso 8 - “Tomás”: “...depois comecei a correr à volta das árvores, assim em círculos a contornar as árvores, sempre à volta das árvores, depois deitei-me a olhar para as nuvens...” (Ver anexo A, p. 172)

O “Tomás”, de 11 anos, chegou ao Hospital há aproximadamente um ano atrás, encaminhado pela urgência, beneficiando actualmente de seguimento em Pedopsiquiatria. Dos 4 até aos 8 anos, já tinha sido acompanhado em Pedopsiquiatria, por alterações ao nível do comportamento e do humor. Contudo, não houve melhorias e tiveram que recorrer à urgência, devido ao aumento de comportamentos hétero-agressivos graves, com ideias paranóides e sintomas de grande ansiedade. A sua família, de etnia cigana, é descrita como pouco funcional e pouco contentora. Vive com a sua mãe, com uma irmã de 8 anos, com um irmão de 12 anos, com os avós maternos e com um tio de 10 anos. A sua mãe sofre de depressão. O seu pai, actualmente encontra-se detido por roubo e há suspeita de Esquizofrenia. Teve uma infância marcada por comportamentos semelhantes aos do “Tomás”. O seu irmão mais velho é também seguido em Pedopsiquiatria, por comportamentos agressivos. É assim uma criança, que se insere num meio pouco sadio...

Ainda na sua vida intra-uterina, já vivenciava uma inquietude constante, uma vez que o pai e conseqüentemente, ele, a mãe e o irmão, andavam fugidos à polícia. Durante os primeiros meses de vida, sofreu vários internamentos. Apenas com 3 anos, assistiu à detenção do seu pai. Mesmo após esta detenção, a inquietude permaneceu...sendo que tiveram que mudar de residência várias vezes, devido a conflitos com grupos rivais, que já agrediram e esfaquearam a sua mãe, ao que o “Tomás” assistiu. A sua agressividade surgiu aos 4 anos. Batia nos colegas, apenas por lhe dirigirem o olhar, atirava nenucos da janela, dizia que morriam e ria-se, matava cães e gritava com a mãe, o que nos dá conta de uma enorme revolta dentro de si. Ao longo da sua infância, as idas às urgências tornaram-se contantes, sendo que por vezes dizia que ouvia vozes, que diziam para espetar uma faca no seu pescoço. Os conflitos em que a sua família está

envolvida, levaram-no a abandonar a escola durante três anos, por não ter uma residência fixa. Uma criança privada dos seus direitos...sem escola e sem amigos. Fez o 1º ano, reprovou no 2º ano, devido a dificuldades de aprendizagem e apenas aos 11 anos, regressou à escola, frequentando actualmente o 2º ano de escolaridade, com aproveitamento insuficiente e com várias queixas de comportamento. Uma infância pouco feliz... uma infância instável...com um rumo incerto....

Veio acompanhado às sessões pela mãe. Uma jovem fragilizada, com um aspecto pouco cuidado, que evocou em mim tristeza. Conta que era uma criança muito calma, que se tornou agressiva. Fica visivelmente emocionada, ao dizer que na escola ainda só sabe escrever e que a preocupa que o filho não brinque com ninguém. O “Tomás”, magro, de pele morena, pouco higienizado, entra no gabinete sorridente e com um brilho no olhar. O seu discurso é pobre e tem uma postura calma. Acede a todos os pedidos e revela-se uma criança insegura, olhando com relutância para mim enquanto desenha, como se necessita-se da minha aprovação para prosseguir. Fez-me sentir bem, pelo seu ar dócil.

Os desenhos que realizou com a Pedopsiquiatra são recentes, encontrando-se assim no mesmo nível de desenvolvimento dos que realizou comigo, havendo alguma imaturidade nos mesmos. No geral, os seus desenhos são desconfortáveis e os elementos surgem desenhados como se voassem ou apoiados sobre o limite inferior da folha. Os seus desenhos revelam assim a sua falta de contenção, a sua solidão, a sua necessidade de afecto e de relação...a sua insegurança... o pouco contacto com a realidade...a sua inquietação interior... também expressa nas histórias que conta: “...depois comecei a correr à volta das árvores, assim em círculos a contornar as árvores, sempre à volta das árvores, depois deitei-me a olhar para as nuvens...” Um mundo pouco colorido, notável pelos seus desenhos desprovidos de cor. No DL, surge uma temática recorrente, evocada num desenho realizado anteriormente: a sua necessidade de ter uma figura de referência, alguém com quem possa fazer o que mais gosta. O DFH aponta no mesmo sentido, expressando a sua solidão. Aqui, é notória alguma dificuldade na representação do esquema corporal. No A-R, emergem as suas atitudes de desconfiança e de paranóia perante o Outro, sentimentos de incompletude perante o meio e uma onipotência, de forma a preencher a sua falha narcísica.

No DF, representa a sua família, sendo que o princípio da realidade se sobrepõe ao princípio do prazer-desprazer (Corman, 1967). Uma família com 10 elementos, tipicamente de etnia cigana, havendo uma necessidade de preencher a folha de conteúdo, de forma a colmatar os seus sentimentos de vazio e de carência (Coelho, 1993). Refere que estão a tirar uma fotografia, como se a sua família fosse tão pouco contentora, que houvesse necessidade de contê-la num

rectângulo, o que é corroborado por não se identificar conscientemente com nenhum dos familiares, não desejando ser nenhum deles... Há uma identificação parcial inconsciente com a sua avó e o avô é sentido como ameaçador. Desenha-se a si, desvalorizado, junto dos avós e do tio, afastado dos seus pais e irmãos que se são desenhados próximos, evidenciando assim conflitos de rivalidade fraterna. A figura materna surge desvalorizada no desenho e no inquérito. Está ligeiramente mais investida, o que está relacionado com o facto de no RCH surgir como uma figura de força, mas por outro lado, é representada como se fosse uma criança, considerando-a imatura, como surge no RCH. O seu pai, é desenhado numa posição central, mais acima do que os outros, surgindo em destaque no inquérito e no desenho (Corman, 1967). Contudo, há uma idealização, pois no RCH, surge como ameaçador e passivo. Há assim uma inflação do objecto, de forma a evitar sofrimento psíquico, o luto pela sua perda (Coelho, 1993).

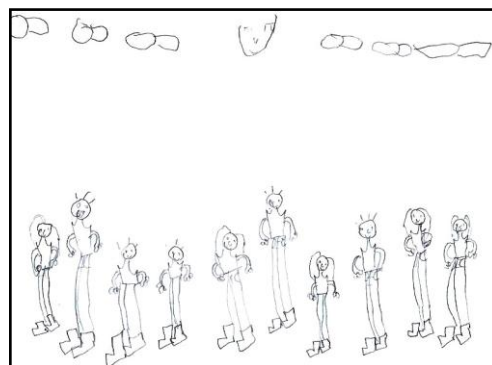


Figura 8:

Caso 8 – DFR: Desenhou da esquerda para a direita, começando na avó e acabando na tia.

Em suma, tanto nos desenhos como no RCH, o “Tomás” é uma criança cujos limites entre o mundo interno e o externo são ténues, tendo uma representação de si perante o meio, frágil e incompleta. Revela dificuldades importantes no acesso à sua identidade, pois houve uma falha na estruturação da relação de objecto, sendo que as suas imagos parentais não são consideradas diferentes de si, mas sim como uma partes suas. A imago paterna, está idealizada, sendo que inconscientemente é sentida como ameaçadora e passiva. A sua imago materna é sentida como imatura e ao mesmo tempo forte. As suas figuras parentais são assim sentidas como pouco securizantes, não sendo consideradas como figuras de referência, principalmente a imago paterna. Conclui-se assim que o “Tomás” é uma criança carente, ávida de afecto e de relação, com uma grande inquietude interior, que se traduz nos seus comportamentos...estando inserido num seio familiar, pouco disponível para si emocionalmente...

4.9. Caso 9 - “Bernardo”: “*O gigante e a gigante...É uma família de gigantes*” (Ver anexo A, p. 187)

O “Bernardo”, de 8 anos chegou ao Hospital acerca de um ano e meio, sendo que desde os 5 anos, que era acompanhado em Pedopsiquiatria, noutra local, por quadro de depressão infantil. Actualmente, beneficia de Hipoterapia, Psicomotricidade e de Terapia da fala. O seu agregado familiar é constituído pela mãe, pelo pai e por uma irmã mais velha. A sua mãe sofre de

depressão. No início do casamento, era agredida pelo marido, sendo que o “Bernardo” presenciou algumas agressões. A sua irmã tem 11 anos e já foi acompanhada em Terapia da Fala e em Psicologia, até aos 8 anos, por labilidade emocional.

Aos 4 anos, quando entrou para o infantário, começou a ser seguido em Psicologia, por alterações do comportamento, oscilações de humor, indiferença perante a tristeza causada, enurese e encoprese, sendo que posteriormente, foi encaminhado para Pedopsiquiatria. Estes comportamentos intensificaram-se aos 5 anos, após a morte do seu avô, de quem era próximo. Dizia que se queria matar e que ia fugir para casa dos avós. No acompanhamento pedopsiquiátrico, revelou que se sente culpabilizado pela morte do avô, dizendo: *“A última vez que estive em casa do avô disse que não gostava dele, que gostava da avó...por isso deve ter morrido.”* Sempre foi muito agitado e agressivo, mas quando acalmava ficava triste e pedia desculpa. Para acalmá-lo era necessário contê-lo, abraçando-o. Havia uma grande rivalidade entre irmãos e a irmã tinha medo dele, sendo que já a ameaçou com uma faca. Na escola, houve vários episódios de auto e hétero-agressividade para com os colegas, professores e com a mãe, sendo levado para as urgências, pelos bombeiros. Tinha a sensação que os colegas estavam contra ele e dizia que os matava. Actualmente, frequenta o 3º ano de escolaridade, pela segunda vez, com apoio em EE. Não transitou de ano, tendo reagido com tristeza, o que levou a um aumento das crises de agressividade. Os técnicos que o acompanham também já sofreram agressões. Recentemente, foi internado durante quase um mês, em Pedopsiquiatria, sendo que melhorou o seu contacto.

Veio acompanhado pelos pais que aparentam ser pouco escolarizados. O seu sofrimento em relação ao filho é notável, sendo que não sabem o que fazer mais, principalmente a mãe. Esta tem um olhar evitante e o pai tem um humor depressivo, sendo que evocaram em mim uma enorme tristeza. A mãe, referiu que após o falecimento do seu pai, os comportamentos do “Bernardo”, que não eram normais, se intensificaram. Revelam a sua preocupação relativamente ao filho não ter amigos. A irmã, antes brincava com ele, mas agora já não quer, pois está a crescer, sendo que o pai diz: *“...agora em vez de termos um problema, temos dois.”* Consideram que ao longo dos anos, houve algumas melhorias. Quando vou buscá-lo à sala de espera, o “Bernardo”, pequeno, com excesso de peso, de óculos, esconde-se atrás da mãe, negando-se a vir comigo, mas acaba por ceder. No seu fácies fechado, demonstra zanga, mas por outro lado, tem um ar dócil e frágil. Inicialmente, olha-me de forma fugaz e rejeita o meu pedido para desenhar, com oposição marcada. À medida que a sessão decorre está progressivamente mais disponível para a relação, mantém o contacto visual e colabora nas tarefas propostas, retirando prazer das mesmas, embora necessite constantemente do meu apoio. Tem oscilações de humor repentinas, demonstrando

zanga num momento e noutro ri à gargalhada. O seu discurso surge por vezes, confuso, fantasiado e descontextualizado. Os seus gestos são bruscos, tendo um contacto desajeitado. Por vezes, fez-me sentir ansiosa, por vezes receosa da sua reacção, mas com uma grande vontade de chegar até ele. Na última sessão, quando me despedi dele, senti que ficou zangado comigo ...desiludido por eu deixá-lo ir...

As suas FH são menos evoluídas do que as que se encontram nos seus desenhos anteriores, havendo actualmente um menor investimento ao nível do grafismo e uma imaturidade mais acentuada. No geral, os seus desenhos são desconfortáveis e utiliza a margem inferior da página, como base para desenhar, o que revela a sua falta de suporte (Campos, 2003). Recorre à cor, mas quando representa figuras humanas, desenha-as apenas a carvão, demonstrando assim o pouco colorido das suas relações... No DL, desenha-nos aos dois, aliados, numa luta contra os “maus”, que nos querem atacar. Deposita assim neste desenho, a esperança de que nós, em conjunto, consigamos vencer os maus, os monstros, que habitam na sua mente. Há uma clivagem, entre os bons e os maus, como mecanismo de defesa, contra um exterior ameaçador (Coelho, 1993). Revela também que os limites entre si e o meio são ténues. No DFH, desenha uma pessoa com “orelhas de burro”, pois não transitou de ano, o que o deixa triste, revelando a sua fragilidade narcísica. Por outro lado, a figura é grande, havendo uma tentativa compensatória de se narcisar. Há uma idealização, ao serviço da integração, havendo uma exaltação do poder mágico defensivo onnipotente, perante um exterior ameaçador (Coelho, 1993), através do desenho de uma personagem boa do *“Harry Potter”*. O A-R, aponta no mesmo sentido e exprime também a sua desorganização psíquica e a sua dificuldade em controlar os impulsos.

No DF, desenha uma família imaginária, “*o gigante e a gigante...é uma família de gigantes*”, sendo que o princípio do prazer-desprazer se sobrepõe ao princípio da realidade (Corman, 1967). Apesar da figura paterna ser desenhada numa posição central, de ser a única desenhada com mãos, é desenhada em último com uma boca rasurada, causando-lhe assim alguma ansiedade (Di Leo, 1987). No inquérito, surge valorizado e por vezes desvalorizado, o que vai ao encontro de no RCH, a imago paterna ser sentida

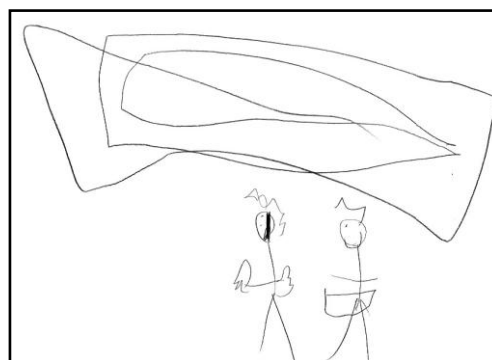


Figura 9:

Caso 9 – DFI: Começou por desenhar a gigante, à direita com saia e depois o gigante, à esquerda.

como ameaçadora e por outro lado passiva. Estes sentimentos levam assim o “Bernardo” a desvalorizá-lo no desenho e ao mesmo tempo, a fazer pequenos investimentos nesta figura.

Apesar da figura feminina ser desenhada em primeiro lugar e de surgir um pouco mais investida, vestida com uma saia, no inquérito, tanto é valorizada como desvalorizada, o que também vai ao encontro da sua imago materna no RCH, surgir como amigável e por outro lado ameaçadora. Assim, no desenho há um desinvestimento na mesma, mas ao mesmo tempo alguma valorização.

Suprime-se do desenho, havendo uma extrema desvalorização de si próprio. No RCH, este facto é corroborado, por ter uma representação de si incerta, frágil e incompleta, face o meio. A sua irmã, também não surge representada, havendo uma negação de existência da sua rival (Corman, 1967). A representação do casal, sem crianças, consiste numa forma extrema de eliminação dos rivais, pois se estes pais não tivessem tido filhos não existiria rivalidade fraterna, exprimindo assim que o “Bernardo” não se sente apreciado no seu seio familiar (Corman, 1967). Também no desenho da casa que realizou com 7 anos, em que explica ser a *“casa onde moram os pais, que ainda não têm filhos”*, surgem as questões da rivalidade fraterna, sendo esta uma temática recorrente. Diz que estas figuras estão no espaço, estão distantes de si, sentindo assim as suas figuras parentais como pouco presentes. Não há uma identificação com nenhuma das figuras e perante o pedido do DFR, recusa-se e exprime a sua zanga, riscando vigorosamente a parte superior da folha. Desta forma, as suas figuras parentais são consideradas como pouco contentoras e pouco disponíveis emocionalmente para si, tal como surge no RCH.

Em suma, o “Bernardo” é uma criança cujos limites entre o mundo interno e o externo, são imprecisos, revelando dificuldades importantes no acesso à sua identidade. Tem uma representação de si incerta, frágil e incompleta, face o meio. As suas imagos parentais não foram interiorizadas como objectos diferentes de si, mas sim como partes suas. São sambas sentidas como ameaçadoras e por outro lado, passivas. A imago paterna é também sentida como forte, enquanto que, a imago materna é sentida como amigável e pouco disponível emocionalmente para si. Na prova projectiva, C.A.T., que realizou em avaliação psicológica, com 8 anos, as conclusões também apontam no mesmo sentido. Desta forma, as suas figuras parentais não são para si consideradas como figuras de referência, sentindo-as como pouco securizantes. Estas, causam-lhe alguma ambivalência, com a predominância de sentimentos de desvalorização pelas mesmas. As tentativas de fuga para casa da sua avó, são uma procura por um lar por si sentido, como mais acolhedor. Aos 5 anos, o “Bernardo” sentiu uma culpa muito “pesada” para uma criança... a culpa pela morte de alguém de quem gostava. Sente-se só, desprotegido, o que se traduz em comportamentos agressivos desmedidos... apelando à necessidade de contenção, de um abraço... No seu íntimo é uma criança dócil e ávida de afecto, com uma grande falha narcísica, utilizando a onipotência, como uma forma de preenchimento dessa ferida...

V. Discussão

Nove crianças e suas respectivas famílias, todas diferentes, todas iguais. **Todas diferentes**, pois cada criança tem direito à sua própria individualidade, com o seu temperamento, com as suas preferências, com os seus temores e com os seus desejos. Não há duas crianças iguais. Têm histórias de vida diferentes, percursos diferentes, vivem em famílias diferentes, chegaram ao Hospital por motivos diferentes, umas beneficiam de acompanhamento há mais tempo do que outras e os seus graus de Psicose, também são invariavelmente distintos.

Todas iguais, porque todas têm idades aproximadas, todas têm infâncias sofridas, com famílias provenientes de um estatuto social baixo, todas beneficiam de acompanhamento Pedopsiquiátrico e todas têm um funcionamento psíquico em que predomina maioritariamente a parte psicótica. Através da observação clínica, concluiu-se que a maioria destas crianças, apresentam um discurso confuso, por vezes fantasiado e descontextualizado. A sua linguagem é predominantemente imatura. Em algum momento das sessões, fizeram gestos mais bruscos, revelando um contacto desajustado. Algumas destas crianças têm um contacto visual bastante fugaz, outras olham com relutância e outras conseguem olhar por um período mais prolongado, mas todas nos dão conta de um contacto com o Outro diferente. Muitas delas têm um olhar que causa desconforto, um olhar vazio, triste, embotado, sofrido... Com a grande maioria destas crianças, em algum momento da sessão e algumas durante toda a sessão, sente-se uma angústia, que nos dá conta da sua inquietação interior...

Também em entrevista, a maioria dos pais referiram as dificuldades ao nível da socialização destas crianças. Algumas não têm amigos, devido ao seu contacto desajustado com o Outro, muitas vezes, com recurso a comportamentos agressivos e de oposição. Ressaltaram também, a falta de autonomia destas crianças e conseqüentemente, a sua dependência face ao Outro, que se assume como a maior preocupação destes pais. Nas histórias clínicas, também é possível constatar que algumas destas crianças tiveram complicações peri-natais e dificuldades na infância, em diversas áreas do seu desenvolvimento (e.g. alimentação, sono). A maioria adopta comportamentos auto-agressivos. Os seus percursos escolares são marcados por dificuldades de aprendizagem. Todas estas características descritas anteriormente, são próprias do funcionamento de crianças com Psicose e vão ao encontro do que é descrito na literatura.

Apesar de, este trabalho ter como objectivo compreender o que há de comum nestas crianças, ao representarem a sua família, há que ter alguma prudência. Desta forma, as características transversais aos desenhos, bem como, o que foi encontrado de semelhante nas

provas RCH, serão abordadas, mas tendo em consideração a individualidade destas crianças e quando possível, serão salientadas essas mesmas diferenças.

Sumariamente, numa primeira parte desta discussão: *“Todos diferentes... todos iguais”*, será abordado o que foi encontrado de semelhante e de diferente na análise dos protocolos RCH. Estes traços comuns permitir-nos-ão compreender melhor o funcionamento psíquico destas crianças, o que posteriormente nos possibilitará entender com maior facilidade as características semelhantes e as diferenças presentes nos desenhos. Serão salientadas as características formais e estilísticas, bem como os conteúdos, mais comuns nos desenhos e as diferenças encontradas, o que nos vai permitir responder a uma das questões deste estudo: *Quais são os traços comuns que se podem encontrar no desenho de uma criança com Psicose?* Posteriormente, numa segunda parte, *“A representação da família”*, através do que foi encontrado de comum no DF e utilizando as conclusões retiradas dos protocolos RCH, numa perspectiva complementar, bem como os traços comuns encontrados nos desenhos, iremos responder à questão principal deste estudo: *Como é que as crianças com Psicose representam a sua família no desenho? Como vêm e sentem as suas figuras parentais?* Por fim, serão apresentadas as limitações deste estudo, bem como sugestões de futuras investigações.

5.1. Todos diferentes ... todos iguais

Primeiramente, de forma a compreendermos melhor o que surgiu de comum e de diferente nos desenhos, consideramos importante evidenciar os traços comuns nos protocolos RCH. Tal como não existem duas crianças iguais, também não existem dois protocolos **RCH** iguais. Contudo, todos têm **semelhanças**, uma vez que todos os casos se tratam de funcionamentos psíquicos em que a parte psicótica prevalece.

Na sua grande maioria, estas crianças, têm uma diferenciação imprecisa do seu esquema corporal, sendo que os limites entre o mundo interno e o externo são ténues. Os limites das imagens que dão são maioritariamente mal delimitados, imprecisos, móveis e grande parte das imagens são mal vistas. Muitas vezes, não há uma preocupação em delimitar o percepto. Estas crianças apresentam um pensamento confuso, sendo que em muitas das imagens que dão, há uma tendência a cruzamentos e sobreposições entre conteúdos. Revelam dificuldades ao nível da integração das imagens, sendo que em muitas delas, há uma sensibilidade especial para o que não está acabado, dando conteúdos fragmentados. As representações humanas são escassas e muitas delas distorcidas, parcelares, construídas ponto por ponto ou anatómicas. Surgem também muitos monstros, que nos dão conta de um pensamento fantasiado e assustador. Existem muitos

conteúdos de animais inteiros e parcelares, que revelam personalidades imaturas. Estão também presentes, muitas imagens do mundo vegetal e animais de um reino mais ou menos evoluído.

Por todos estes aspectos referidos anteriormente, estas crianças revelam grandes dificuldades no acesso à sua identidade. Têm uma representação de si face ao meio, pouco estruturada, incerta, incompleta, frágil e hiperdependente do mesmo, com provável origem numa falha narcísica primária, reactivada pelo material (Traubenberg & Boizou, 1999). Há assim, a necessidade de uma relação dual muito próxima, que as securize. Em muitos dos casos, é notável que ao longo do protocolo, dão imagens frágeis e dão também imagens de força, numa tentativa compensatória de combater essas fragilidades, tentando preencher a sua falha narcísica. Dado que na maioria destas crianças, houve pouco investimento por parte do Outro, investem assim em si próprias, de forma compensatória, embora não seja eficaz. As tentativas que fazem para integrarem as imagens, são numa tentativa de unificação de si próprias, mas não são bem sucedidas.

Dado que estas crianças revelam dificuldades importantes no acesso à sua identidade, existe assim um distúrbio de estruturação da relação de objecto. Desta forma, as suas imagens parentais não são diferenciadas de si, mas sim sentidas como uma parte sua. O Outro é pouco distinto das suas próprias pulsões, existindo uma quase confusão entre o sujeito e o objecto. Em alguns casos, existem imagens para-humanas, que exprimem a persistência da onipotência. Este modo de relacionamento existe, para que haja a sobrevivência de um laço particularmente estreito, com uma imagem materna muito arcaica (Traubenberg & Boizou, 1999).

Nestes protocolos existem muitas recusas face aos cartões que remetem mais fortemente para as imagens parentais, o que revela uma perturbação emocional muito intensa face às mesmas. Nestas recusas, por vezes, estas crianças referem que não vêem nada, pois muitas das vezes, também não foram vistas pelas suas figuras parentais, o que revela a pouca disponibilidade emocional das mesmas.

A maioria das crianças, no contacto inicial com a prova, dá respostas onde surgem elementos ansiogénicos, como os dentes, olhos, morcegos. Desta forma, perante o desconhecido emerge uma angústia, que revela que têm dificuldade em organizar-se sozinhos, o que nos dá conta da sua dependência face ao adulto, tal como a maioria dos pais evidenciam em entrevista clínica. Em muitos dos protocolos, é possível verificar que estas crianças se desorganizam face a situações mais complexas, como no cartão X, que apela mais fortemente à fragmentação,

emergindo uma angústia intensa, que devido aos movimentos transferenciais, é também sentida por mim.

Através de uma análise transversal dos psicogramas é possível concluir, que na maioria dos casos, são dadas poucas banalidades, assim como o número de respostas com boa qualidade formal é baixo, o que revela o pouco contacto com a realidade, característico do funcionamento psicótico. O facto de haver poucas respostas humanas e muitas das que são dadas serem associadas a más formas, revela que estas crianças apresentam dificuldades na representação de si face ao meio.

Nos protocolos RCH, foram também encontradas **diferenças**. No caso do “Pedro” (Caso 7) e no caso do “Luís” (Caso 6), há uma ausência de respostas cor, o que revela alguma dificuldade em exprimir o afecto e um pensamento pobre, o que é comprovado pelos seus T.R.I.’s serem “Coartativos puros”.

Apesar de todos os casos serem bastante parecidos, existe uma criança, o “Daniel” (caso 4), em que os limites entre o mundo interno e externo, se encontram maioritariamente bem definidos. Contudo, face a situações mais complexas, desorganiza-se. Tem uma representação de si face ao meio, fragilizada, sendo que existem tentativas constantes de estruturação, que se apoiam sobre um eixo médio. Embora se trate de uma identidade frágil, as suas imagos parentais são sentidas como diferentes de si, contrariamente às outras crianças. Contudo, estas figuras, tal como nas outras crianças, não são sentidas como figuras de referência. De todos os casos, este parece apontar para um funcionamento psíquico “Estado-Limite”. Nos seus desenhos, surgem mecanismos de defesa mais primitivos, próprios do funcionamento psicótico, como a identificação projectiva maciça. Contudo, devido à forte culpabilidade sentida por esta criança, também existem tendências depressivas, o que nos dá conta da utilização de mecanismos de defesa de cariz neurótico. Desta forma, apesar da parte psicótica ser predominante, ainda existem zonas de neuroticidade, o que nos dá conta deste funcionamento “Estado-Limite”.

Assim como não há duas crianças iguais, também não há dois **desenhos** iguais. Contudo, numa análise global dos desenhos, é possível encontrar algumas **semelhanças** (Para consulta do quadro em que constam os indicadores gráficos próprios da psicose, mais comuns encontrados nos desenhos, ver Anexo G, p. 222). Primeiramente, importa referir que em todos os desenhos, é visível uma **imaturidade**. A maioria dos desenhos encontra-se na fase de desenvolvimento, que Luquet (1987) apelida de “Realismo intelectual”. Nesta fase, a criança desenha de acordo com o seu modelo interno e não como vê realmente, isto é, desenha o que acha que deveria estar ali,

com recurso a transparências, havendo um predomínio da subjectividade sobre a objectividade. Esta fase de desenvolvimento do desenho, é comum ocorrer entre os 4 e os 7 anos. Contudo, estas crianças têm idades compreendidas entre os 8 e os 13 anos, sendo que a maioria dos seus desenhos, se deveriam encontrar na fase posterior, denominada por “Realismo visual” (Luquet, 1987), que surge por volta dos 7 anos e se estende até aos 12 anos.

Segundo Di Leo (1987), a fase do “Realismo intelectual”, surge associada à fase de desenvolvimento considerada por Piaget e Inhelder (1997), como o “Estágio Pré-operacional”. Esta é uma fase intuitiva, em que há um egocentrismo, com visão subjectiva do mundo, imaginação, fantasia, criatividade, funcionando ainda intuitivamente e não logicamente, o que nos dá conta da uma personalidade ainda imatura. As crianças com um funcionamento Psicótico são usualmente imaturas, vivendo de forma mais intuitiva do que lógica, por vezes com recurso à fantasia, tal como as crianças deste estudo. Desta forma, é normal que as suas produções gráficas, que refletem a sua personalidade, sejam também imaturas. Tal como já foi referido anteriormente, esta imaturidade, é também visível nos protocolos RCH.

Comparando os desenhos actuais, com os que realizaram no passado, em alguns dos casos, surgem **temáticas recorrentes**, que nos dão conta, que os conflitos internos que expressam nos desenhos, perduram ao longo do tempo e são de especial importância para a compreensão da criança. A maior parte dos desenhos actuais, são **pouco investidos** e realizados rapidamente, revelando o pouco investimento destas crianças no exterior. Contudo, fazendo uma comparação intra-casos, nas sequências de desenhos aplicados, normalmente o DL surge como o mais investido, sendo que 5 deles são coloridos. Este facto revela que num contacto inicial com o Outro, há um investimento na relação. Expressam assim a sua necessidade de contacto e de relação, também constatada na observação e em alguns desenhos. A grande maioria dos desenhos transmitem uma **impressão desconfortável**, quer pelas características formais e estilísticas, quer pelos conteúdos desenhados, evidenciado assim a inquietação interior destas crianças e os seus mundos um pouco assustadores.

Relativamente às **características formais e estilísticas**, na maioria dos desenhos, o **traço** surge **indeciso**, por vezes quebrado, indiciando assim a insegurança destas crianças (Di Leo, 1987). A maioria, tem uma grande falha narcísica, que se revela um sentimento de fragilidade, de incerteza e de incompletude, perante o meio, como foi possível constatar através da análise dos protocolos RCH. Desta forma, estes traços quebrados, indecisos, entrecortados, revelam assim como estas crianças se sentem, face ao mundo exterior. Apesar da maioria dos traços serem indecisos, a **pressão** aplicada no papel é maioritariamente **forte**, o que pode

significar fortes impulsos e a libertação dos instintos (Corman, 1967). Desta forma, o traço forte, expressa assim as pulsões fortes que estas crianças têm no seu interior, colocando-as no papel. Para Campos (2003), o traço forte pode também revelar insegurança. De acordo com esta ideia, este traço forte, pode também ser uma forma de estas crianças camuflarem a sua insegurança, representado o contrário de um interior fragilizado. Dado que para estas crianças, os limites entre si e o meio são ténues, como foi possível concluir nos protocolos RCH, este traço carregado, por também ser uma tentativa de delimitar o mundo interno e o externo.

Relativamente à cor, em 4 dos casos, há uma **recusa** total de **cor**. Excluindo o DFH, em que não são fornecidos lápis de cor à criança, obtemos um total de 29 desenhos. Destes 29 desenhos, na sua grande maioria, 20 desenhos, são desprovidos de cor e em apenas 9, há um recurso à cor. Desta forma, estas crianças evidenciam assim os seus mundos internos pouco coloridos, “desvitalizados”...pouco alegres. Este facto vai ao encontro da literatura, sendo que Campos (2003) referiu que esta é uma característica no desenho de psicóticos. Curiosamente, nos desenhos coloridos, em que estão presentes pessoas em relação, estas são desenhadas apenas a carvão e o restante desenho é colorido, evidenciando assim o pouco colorido das suas relações.

Numa análise inter-casos, 7 das crianças, desenham os **elementos isolados**, suspensos no **vazio**, como se voassem. Segundo Coelho (1993), este depósito de objectos isolados, vazios de conteúdo, sem conexão, sobre o fundo branco, trata-se de uma identificação projectiva maciça, um mecanismo de defesa, próprio do funcionamento psicótico. A identificação projectiva é o primeiro organizador do espaço psíquico, que permite delimitar o mundo interno do mundo externo. Quando as falhas da função continente do objecto externo, alteram o processo de desenvolvimento sadio, a tensão torna-se esmagadora e a identificação projectiva, ganha características maciças e violentas, que fazem com que haja uma desintegração do objecto (clivagem) e do Ego. O mundo exterior é assim entendido como ameaçador, sendo que frente a esta realidade dolorosa e persecutória, o Ego tem vivências de esvaziamento, de desorganização e de despersonalização. Desta forma, a folha em branco, que representa o mundo externo, serve para projectar estes objectos fragmentados (Coelho, 1993). A génese deste mecanismo de defesa, explica em parte, como estas crianças se posicionam face ao meio. Também no RCH, surgem estas dificuldades, ao nível dos limites entre o mundo interno e o externo, as falhas da função continente do objecto externo, a desintegração do Ego e este exterior sentido como ameaçador. A dificuldade que a maioria destas crianças tem em contar histórias, dá-nos conta das suas dificuldades ao nível da simbolização, que está inevitavelmente associada, ao mecanismo de identificação projectiva maciça.

O facto de, estes elementos estarem suspensos no vazio, também nos dá conta da falta de suporte e de contenção, destas crianças. Os elementos não se encontram apoiados no chão e a ausência de chão é também a ausência de suporte. Evidencia também a falta de contacto com a realidade, pois todos nós caminhamos no chão e se voássemos, viveríamos num mundo fantasiado, tal como estas crianças vivem. Como se diz na gíria popular, é como se estas crianças “*não tivessem os pés na terra*”. Apenas duas crianças desenharam uma **linha representativa do chão**, que reflecte o grau de contacto do sujeito com a realidade. Contudo, esta linha surge desenhada de forma **irregular**. As figuras apoiam-se sobre ela, de forma débil, como se houvesse uma força impulsionadora proveniente desta linha e as elevasse no ar (Campos, 2003). Este chão, que dá suporte, é irregular, revelando também a falta de suporte destas crianças e o pouco contacto com a realidade. Outro aspecto que vai neste sentido, numa análise inter-casos, é o facto de a maioria das crianças, seis, desenharem utilizando a margem inferior do papel como suporte. Isto é, os **elementos** surgem **apoiados sobre** esta **linha inferior**, o que de acordo com Campos (2003), revela necessidade de suporte.

De 38 desenhos, em 21 dos mesmos, os elementos surgem suspensos no vazio. Noutros 15 desenhos, a criança utiliza a margem inferior da folha, como base para desenhar. Em 3 desenhos, os elementos surgem fragilmente apoiados, sobre a linha representativa do chão¹. Desta forma, podemos constatar que em todos os desenhos, sem excepção, surge esta falta de suporte, de contenção e um contacto escasso com a realidade, características próprias da Psicose.

Outro aspecto que vai neste sentido é o facto de em 38 desenhos, 36 serem concebidos com a **folha na posição horizontal**. Se a folha estiver colocada na horizontal, esta adquire uma maior estabilidade do que se a folha se encontrar na vertical, pois se a margem do papel que estiver próxima de si for maior, há um maior suporte para desenhar. Desta forma, também através deste aspecto, estas crianças revelam a sua falta de suporte.

Nestes desenhos, existem também algumas **diferenças**. Comparativamente aos desenhos, realizados no passado, em alguns constata-se que houve uma **evolução** ao nível do **grafismo**, noutros não. No caso do “Tomás” (caso 8) não é possível constatar se houve ou não evolução, uma vez que os desenhos anteriores foram realizados com uma grande proximidade dos aplicados na actualidade. Relativamente à **disposição** dos elementos, não existe um posicionamento privilegiado para estas crianças desenharem.

¹ Dá um total de 39 desenhos e não de 38, dado que num dos desenhos, um dos elementos toca fragilmente a linha do chão e os outros surgem suspensos no vazio. Assim, o mesmo desenho foi considerado duas vezes, por nele estarem presentes estes dois indicadores gráficos.

No caso do “Bernardo” (caso 9), há algumas particularidades. No seu A-R, surgem varreduras simples, próprias do desenho em idades mais precoces, evidenciando uma intensidade pulsional mal modulada (Decobert & Sacco, 2000). Contrariamente aos outros desenhos surge também uma justaposição de cores, de modo confuso, que evidencia a sua desorganização psíquica (Campos, 2003). Dado que estas crianças são imaturas, têm dificuldade em controlar os impulsos e há uma desorganização no seu pensamento, seria esperado que estes indicadores gráficos surgissem em mais desenhos, dado que estas são características do funcionamento psicótico.

No que diz respeito aos **conteúdos**, também foram encontradas **semelhanças** nos desenhos. Primeiro, importa referir que a maioria dos conteúdos que surgem são **figuras humanas**, uma vez que os pedidos apelam nesse sentido (29 dos pedidos). Contudo, estas também surgem nos desenhos em que não se apela ao mesmo, isto é, no DL, estando presentes em 5 dos 9 DL. No total dos desenhos, 38 desenhos, as figuras humanas surgem assim em 34. De acordo com Goodenough (1965), em todas as FH desenhadas, no DFH, as crianças têm uma intenção clara de representá-las, pertencendo na sua classificação, à classe B. Todas as crianças, obtiveram uma IM abaixo da esperada para a sua idade e conseqüentemente um QI, também considerado “Muito inferior”, para a sua faixa etária, exceptuando o caso 6, 7 e 8, que obtiveram um QI “Inferior” (Para consulta dos registos de cotação, ver Anexo H, p. 224). Estes resultados corroboram novamente esta **imaturidade** ao nível do grafismo, uma vez que seria esperado que as FH nestas idades surgissem mais proporcionais e com introdução de vestuário.

A maioria das FH's surgem desenhadas de **frente**, evidenciando o desejo de contacto social com o Outro (Machover, 1978), o que vai ao encontro da observação clínica, bem como de um maior investimento nos DL. Em algumas das figuras humanas (caso 1, 5 e 9), o **corpo** surge representado **sem pés e sem mãos**. Os pés possibilitam-nos o contacto com o chão, com a realidade e possibilitam a estabilidade corporal (Machover, 1978). Surgem também sem mãos, que são a parte do corpo que está em maior contacto com o Outro (Machover, 1978). Desta forma, surge novamente evidenciada a falta de suporte destas crianças, bem como o pouco contacto com a realidade, as suas dificuldades ao nível do contacto com o Outro e uma representação de si frágil e incompleta face ao meio, tal como surge no RCH. Esta representação de si, também se pode observar numa análise inter-casos do **A-R**. Nestes desenhos, constata-se que estas crianças têm uma imagem de si frágil e por vezes, incompleta perante o meio, sendo que em todas há uma grande falha narcísica, como se pode averiguar nas conclusões retiradas dos protocolos RCH.

A maior parte das crianças, oito, desenham as figuras humanas com **olhos desprovidos de pupila**, o que transmite a sensação de esvaziamento destas figuras. Através deste olhar, estas crianças expressam assim o seu vazio interior. De acordo com Campos (2003), estes olhos podem significar que a criança sente que o mundo está fechado para si, o que vai ao encontro do que Machover (1978) refere. Para ele, estes olhos representados como “janelas da alma”, podem indiciar auto-absorção. Desta forma, através destes olhos, estas crianças podem também expressar as suas dificuldades de interação com o mundo.

Na maioria das FH's representadas² é dado um maior ênfase à cabeça em detrimento do corpo, que é renegado para segundo plano. Numa análise, inter-casos, algumas crianças, desenham apenas a cabeça e uma parte do tronco (caso 2 e 6), outras desenham apenas a cabeça (caso 3) e outras desenham toda a figura humana, mas a cabeça é notavelmente desproporcional relativamente ao resto do corpo, sendo que a cabeça surge maior e o corpo menos investido (caso 4 e 5). Esta **ênfase na cabeça**, encontrada em 5 crianças, dá-nos mais uma vez conta de uma imaturidade ao nível do grafismo, uma vez que nos primeiros desenhos infantis, começa por surgir apenas a cabeça que representa todo o corpo e é típico de crianças mais pequenas, desenharem a cabeça maior que o corpo. Pelo contrário, há outras crianças, que dão um maior ênfase ao corpo do que à cabeça, sendo que esta se encontra diminuída (caso 1, 7, 9). Para estas crianças, o corpo adquire uma maior importância, por diversas razões, que se poderá obter esclarecimento, numa leitura mais aprofundada sobre estes casos, consultando o Anexo A (p. 71, 163 e 193).

O “Filipe” (caso 3) é a única criança a desenhar apenas a cabeça, isolada, desprovida de afecto, insuflada, preenchendo uma grande parte da folha e suspensa no vazio. Utiliza assim o **isolamento** como mecanismo de defesa (Coelho, 1993). Este mecanismo, de controlo obsessivo, surge também presente nas **casas** que encontramos nos desenhos, realizadas por quatro crianças (caso 3, 4, 6, 8). Estas casas são vazias, aparentam estar fechadas, sem porta (caso 4) e as janelas são desenhadas, maioritariamente, muito em cima. Estes desenhos, são pobres, frios, com poucos conteúdos e rectilíneos. Este mecanismo de defesa, mais primitivo do que a formação reactiva, consiste numa dissociação entre os vínculos de amor e os agressivos, implicando um afastamento afectivo, de forma a evitar que a fantasia e a realidade se unam, impedindo a desorganização do Ego (Coelho, 1993). Este mecanismo está relacionado com fantasias de controlo mágico onipotente do objecto, que estão presentes na maioria das figuras humanas desenhadas, uma vez que estas são rígidas e vazias, expressando a despersonalização (Coelho, 1993).

²No DFH, uma vez que estes são pedidos cognitivos e não emocionais como no A-R e no DF.

Tal como o isolamento, existem outros mecanismos de defesa, presentes nestes desenhos. A **clivagem**, presente nos desenhos de duas crianças (caso 1, e 9), é um mecanismo de defesa primário que está inevitavelmente ligado à identificação projectiva maciça, que já foi abordado anteriormente, sendo este a sua base. Nestes desenhos, surgem expressos aspectos dissociados: o idealmente bom e o idealmente mau. Estas personagens humanas estão revestidas de poder físico e de capacidade de se defender, frente a ataques provenientes do exterior (Coelho, 1993), sentido para algumas destas crianças, como ameaçador. Existem também defesas maníacas presentes nos desenhos de três crianças (caso 1, 2 e 9), nomeadamente a **omnipotência**. Nestas FH's (DFH), há uma inflação do Ego, sendo que se encontram centralizadas e na parte superior da folha. Desta forma, evita-se o temor da destruição interna do objecto e sentimentos de vazio e de carência. A omnipotência, acompanhada pela fantasia de controlo e de domínio dos objectos, surge bastante explícita no DFH do “Bernardo” (caso 9). Através da presença destes mecanismos de defesa nos desenhos, é possível constatar que estas crianças utilizam predominantemente, defesas primárias, próprias do funcionamento psicótico, que são activadas contra as pulsões agressivas.

Outro dos conteúdos mais comuns são os **carros**, sendo que existem seis crianças a desenhá-los, embora todos eles apresentem características distintas. Duas das crianças (caso 1 e 3), desenharam carros longos. No caso do “Filipe” (caso 3), há uma distância considerável entre si e o condutor, indiciando assim a distância das suas relações. No caso do “Jorge” (caso 1), este carro leva apenas dois ocupantes, sendo que todos os outros lugares se encontram vazios. O outro carro desenhado, pelo “João” (caso 2), está vazio, isolado, estacionado, tal como o carro desenhado pelo “Tomás” (caso 8). No caso do “Pedro”, o carro está isolado mas tem um ocupante assustado, tal como no caso do “Bernardo” (caso 9), em que apesar da pessoa estar fora do carro, combate um fogo, revelando um exterior sentido como ameaçador. Dado que os participantes são todos do sexo masculino e que estão numa idade em que os carros constituem um interesse, é normal que estes surjam nos desenhos. Contudo, as significações que lhes atribuem são invariavelmente distintas. No geral, podemos dizer que através destes veículos, estas crianças exprimem assim os seus vazios interiores, as suas dificuldades ao nível do contacto com o Outro e a distância existente nas suas relações de maior proximidade, uma vez que o exterior é pouco contentor, pouco disponível e por vezes ameaçador, tal como surge no RCH.

Algumas crianças, como o “João” (caso 2) e o “Rodrigo” (caso 5), **reproduzem objectos** que estão presentes no gabinete. O “João” reproduz um carro e o “Rodrigo” uma mala de médico e um computador. Há assim uma procura de colagem ao objecto real, uma representação

em eco, uma “desenholália” (Emílio Salgueiro, comunicação pessoal, Lisboa, 8 de Outubro, 2013). Outra criança, o “Pedro” (caso 7), reproduz um carrinho, que diz ser um brinquedo seu. Neste caso, há uma representação de um objecto real, mas em diferido, uma “desenholália” (Emílio Salgueiro, comunicação pessoal, Lisboa, 8 de Outubro, 2013) em diferido.

Ao nível dos conteúdos, também existem algumas **diferenças** nos desenhos. Em alguns dos desenhos, os elementos surgem sem um enquadramento, enquanto que noutros, surgem enquadrados, de diferentes formas (caso 4, 6 e 8). Este facto, evidencia os seus mundos desorganizados, pouco enquadrados, pouco estruturados, em que há uma dificuldade na conexão dos elementos, revelando a incapacidade de os colocar num todo harmonioso. Também no RCH, surgem estas dificuldades ao nível da integração das imagens.

No A-R, do “Bernardo” (caso 9), este reveste-se com uma armadura, de forma compensatória, para delimitar os limites entre o mundo interno e o mundo externo, que são ténues, dando-nos conta da uma representação de si face ao meio, de fragilidade. Dado que esta é uma característica da Psicose, seria esperado que este reforço dos limites do corpo, surgisse noutros desenhos.

5.2. A Representação da família:

Mais concretamente, no **DF**, também podem ser encontradas, semelhanças e diferenças (Para consulta do quadro resumo dos três níveis de análise de interpretação do DF e síntese das principais conclusões obtidas neste desenho, ver Anexo I, p. 234). No que diz respeito às **semelhanças**, a nível gráfico, a maioria das crianças (6), ocupa uma pequena parte da folha. Evidenciam assim, o seu medo de ocupação do vazio, de confrontação com o mesmo, por lhes suscitar os seus sentimentos de esvaziamento. Ao nível das estruturas formais, a maioria dos desenhos (6), são marcados pelo racional, em detrimento do sensorial. Há assim um predomínio da objectividade sobre a subjectividade, o que pode em parte ser explicado, por estas crianças terem alguma dificuldade ao nível da expressão dos afectos e um pensamento concreto. Relativamente ao conteúdo, a maioria das crianças (5), desenha a sua família imaginária, em detrimento da família real. Desta forma, o princípio do prazer-desprazer, sobrepõe-se ao princípio da realidade, em que a criança tenta obter o máximo prazer ao desenhar e o mínimo de desprazer (Corman, 1987), uma vez que estas famílias são sentidas como pouco contentoras. Este facto, demonstra também a imaturidade destas personalidades³.

³ Referimo-nos à primeira produção gráfica do DF, que pode ser a imaginária ou a real, uma vez que a segunda produção que é pedida, é inevitavelmente direccionada.

Em todos os DF (12 desenhos), entre versões da família imaginária e da família real, há uma **recusa total de cor**, evidenciando assim as relações pouco coloridas existentes nestas famílias. A grande maioria das **figuras** desenhadas, **não se tocam**, revelando a pouca proximidade afectiva entre os elementos da família (Corman, 1987), exceptuando no caso do “Pedro” (caso 7), em que o pai tem a mão sobre o seu ombro, demonstrando o seu desejo de proximidade com o mesmo.

Estas crianças encontram-se inseridas em famílias com dificuldades ao nível da imposição de limites, o que é notório nas suas histórias clínicas, por exemplo, através do acesso constante ao quarto dos pais. Esta falta de imposição de limites implica uma confusão inter-geracional, uma falha nos limites e uma perturbação da identidade (Ferreira, 2002), tal como surge nos protocolos RCH destas crianças, pois revelam dificuldades no acesso à identificação e os limites entre si e o Outro, são ténues. Assim, o facto, de estas figuras surgirem representadas, afastadas umas das outras, como que separadas por barreiras brancas, também pode ser uma forma destas crianças colocarem limites/barreiras nestas relações familiares, de forma a delimitarem o seu mundo interno, o Eu, do seu mundo externo, do Outro.

Três das crianças em estudo, quando no inquérito lhes foi perguntado: “*Onde é que estão estas pessoas?*”, responderam que estavam a **tirar uma fotografia**. Dado que sentem estas famílias como pouco securizantes, como surge no RCH, há assim a necessidade de enquadrá-las, de contê-las num rectângulo, numa fotografia. Duas das crianças, perante o **pedido** para desenharem a **família real**, após terem desenhado uma família imaginária, **recusam-se**. Desta forma, exprimem assim sentimentos negativos, relativamente às suas famílias, sendo notório que estas lhe causam alguma angústia, o que vai ao encontro do estudo realizado por Carneiro (1988).

Em alguns desenhos (caso 3, 4 e 9) surgem figuras anuladas, havendo sentimentos de desvalorização para com as mesmas. Esta **anulação** como mecanismo de defesa, surge de forma a controlar a relação agressiva com o objecto e assenta sobre a clivagem e sobre outros mecanismos obsessivos. Aqui, há uma fantasia onnipotente, de que um acto bom, pode apagar um acto agressivo (Coelho, 1993).

Em três dos desenhos (caso 3, 4 e 5), surgem expressas **tendências regressivas**. Estas crianças representam-se assim em idades inferiores, exprimindo a sua saudade pela idade de ouro, uma idade em que os conflitos que vivenciam actualmente, ainda não estavam presentes (Corman, 1967). Mais concretamente, no DFI do “Daniel”, estas tendências regressivas são mais evidentes, uma vez que se projecta em duas crianças, com duas idades inferiores às suas.

Em todos os desenhos, estas **crianças** surgem **representadas de forma desvalorizada**, mais ou menos extremada (Para consulta do quadro síntese das principais conclusões obtidas relativamente à representação de si e das imagens parentais, no cruzamento entre os desenhos e o RCH, ver Anexo J, p. 236). No caso do “Bernardo” (caso 9), há uma desvalorização extrema de si próprio, através da sua supressão do desenho. Estas desvalorizações vão ao encontro do que foi concluído na análise dos protocolos RCH, uma vez que estas crianças têm uma representação de si perante o meio, fragilizada, incerta e incompleta. Devido a estes sentimentos, por vezes, surgem tentativas compensatórias de se narcisarem, expressas de variadas formas no desenho (e.g. desenhando-se em primeiro lugar), tal como também surgem no RCH, embora essas tentativas sejam em vão.

Também nestes desenhos, surgem expressos **conflitos edipianos**, vivenciados por estas crianças, embora de uma forma muito primitiva. A desvalorização dos irmãos, devido à **rivalidade fraterna**, também surge em muitos dos DF. Em 9 crianças, duas não têm irmãos. Em 6 dessas 7 crianças, surgem expressos estes conflitos, às vezes de uma forma extrema, através da supressão do irmão do desenho, como no caso do “Jorge” (caso 1). Em duas das crianças (caso 6 e 9), nas suas versões do DFI, esta rivalidade fraterna, surge ainda de forma mais extrema, uma vez que é apenas representado o casal parental. Há assim uma extrema desvalorização de si próprio, por não se sentir apreciado no seu meio familiar (Di Leo, 1987), bem como uma negação de existência da sua rival, um elemento que lhe causa angústia (Corman, 1967). A representação do casal, sem crianças, consiste numa forma extrema de eliminação dos rivais, pois se estes pais não tivessem tido filhos não existiria rivalidade fraterna (Corman, 1967). O surgimento destas vivências nos desenhos, dão-nos conta de que estas crianças, apesar de serem “diferentes”, sentem os mesmos conflitos das crianças ditas “normais”, embora de forma mais primitiva.

As **figuras parentais**, surgem maioritariamente **pouco investidas**, sendo que por vezes, é possível observar que uma surge valorizada em relação à outra, apenas em termos comparativos. Isto é, no DF, tem que haver necessariamente a valorização de uma figura, em detrimento da outra, mostrando-nos assim uma relação de maior proximidade com a mesma e não por ser considerada como uma figura de referência. No RCH, em que não existe esta implicação da valorização-desvalorização, clarifica-nos acerca dessas valorizações e desvalorizações e ajuda-nos a compreender que em alguns casos, as diferenças entre uma imagem e outra são ténues. Por vezes, no RCH, surgem sentimentos de ambivalência relativamente a estas figuras parentais, bastante notáveis nos desenhos, o que leva estas crianças a investir e a

desinvestir nas mesmas, como no caso do “Bernardo” (caso 9). Em alguns casos, no RCH, surgem também expressas relações quase fusionais com uma das imagos parentais, em que sujeito e objecto, quase que se confundem, sendo que no DF, são evidenciadas essas relações de maior proximidade. Contudo, importa ressaltar, que este escasso investimento nas figuras familiares, também ocorre na representação de si, bem como nos outros desenhos em geral, havendo um paralelismo entre os desenhos.

No DF e no RCH, a maioria destas imagos parentais, são sentidas por estas crianças como ameaçadoras, distantes, pouco disponíveis emocionalmente e passivas. Estes sentimentos, explicam uma imagem de fragilidade, de incompletude e de esvaziamento destas crianças, perante o meio, uma vez que, o que sentem em relação a si próprias, está inevitavelmente relacionado com o que sentem em relação às suas figuras parentais. Algumas destas imagos parentais, são consideradas como maus objectos internos (caso 1, 4 e 7). Por outro lado, há crianças que têm identificações parciais, mais ou menos conscientes, com as figuras parentais (caso 4, 6 e 7). A maioria destas crianças (cinco), tem uma relação preferencial com a imago materna, em algumas das situações, quase fusional com a mesma, evidenciando assim uma relação arcaica. As restantes crianças (quatro), têm uma relação preferencial com a imago paterna, algumas delas também de carácter fusional. Desta forma, estas diferenças, não são consideradas significativas. Contudo, importa referir, que para muitas destas crianças, o seu pai está ausente, daí a existência de uma relação preferencial com a mãe (caso 4, 5 e 8), excepto no caso do “Luís” (caso 6), em que apesar do pai estar emigrado, tem uma relação preferencial com o mesmo, devido a esta mãe pouco suficiente, que é apenas “metade”, como ele próprio refere. Desta forma, tanto no RCH, como nos desenhos, podemos concluir que as **figuras parentais** destas crianças, são sentidas como **pouco securizantes, não sendo consideradas como figuras de referência.**

No que diz respeito às **diferenças** encontradas nestes desenhos, apenas no DF do “Rodrigo” (caso 5), as figuras parentais surgem suprimidas, havendo assim uma extrema desvalorização das mesmas. Contudo, no RCH, compreende-se mais aprofundadamente, que essa desvalorização é mais acentuada relativamente à imago paterna, pois é sentida como ameaçadora, forte e ridícula, enquanto que a imago materna é sentida como frágil, mas também forte.

No DF do “Tomás”, de forma mais acentuada, surge a idealização do seu pai, que está preso desde os seus 3 anos, como mecanismo de defesa. Este mecanismo de defesa, está inevitavelmente relacionado com a clivagem e há uma idealização do objecto, de forma a afastá-lo do objecto persecutório, tornando-o imaculado. Há assim uma inflação do mesmo, por se encontrar centralizado e acima dos demais, de forma a evitar sofrimento psíquico, o luto pela

perda daquele objecto (Coelho, 1993). Esta idealização, foi confirmada no RCH, uma vez que a sua imago paterna, surge como ameaçadora.

Em suma, mesmo nos casos em que o DF surge pouco investido e apesar das dificuldades que estas crianças têm ao nível da simbolização, este instrumento, permitiu-nos aceder nestas crianças, como se sentem em relação a si próprios, bem como às suas figuras parentais, irmãos, bem como a outros familiares. Estas relações estabelecidas entre os membros da família surgiram representadas de forma mais ou menos consciente, o que se torna inevitavelmente útil para compreendermos melhor o funcionamento psíquico destas crianças. A validade das conclusões obtidas nestes DF's é acentuada pelo facto de irem ao encontro das histórias clínicas, observações, entrevistas e de outras provas projectivas complementares, como outros desenhos e os RCH's. Mais concretamente, o significado dos traços comuns e das diferenças encontradas nos desenhos, vão ao encontro das conclusões que surgem no DF e no RCH, em relação a como estas crianças se sentem face ao meio e sentem a sua família. Desta forma, o **DF** é um **instrumento** projectivo bastante **útil**, para averiguarmos como crianças com diagnóstico de **Psicose**, vêm e sentem a sua família.

Pelas suas histórias clínicas, é notório que são crianças com infâncias pouco felizes... sofridas... mais propriamente, preenchidas de angústias, de vazios, de tristezas, do que repletas de sorrisos, tal como todos nós, defensores das crianças e da importância de boas vivências durante a infância, desejaríamos. Muitas destas crianças vivem em famílias pouco sãs mentalmente e muitas delas, em termos físicos também. Pais, tios, avós, que provavelmente também tiveram infâncias pouco felizes...com uma incapacidade inter-geracional de “quebrar a corrente”. A muitas destas crianças, foram-lhes negados os seus principais direitos: direito a ser desejado por ambos os pais; direito a ter uma mãe disponível; direito a um pai presente (Ferreira, 2002). Desta forma, uma falha narcísica primária e os conflitos presentes nas dinâmicas familiares condicionaram a progressão de um desenvolvimento psíquico sadio destas crianças. Na maioria, estas crianças mostram-se ávidas de afecto, evidenciando a necessidade de terem nas suas vidas, uma figura que as securize.

Contudo, este trabalho não se trata de culpabilizar estas famílias pela patologia destas crianças, mas sim tentar compreender a criança, como um ser integrado na família, tentando entender e não julgar estes familiares. Certamente que essa é uma via muito fácil na sociedade actual, que procura activamente bodes expiatórios. Em nenhuma parte deste trabalho, se põe em causa, que estes pais amam os seus filhos e que tudo o que fazem por eles, é por considerarem ser o melhor. É notório que a maioria dos pais que participaram neste trabalho, têm as suas

incapacidades, mas são devidas a questões suas, enquanto indivíduos, em alguns casos reconhecidas pelos mesmos, sendo os sentimentos que nutrem por estes filhos, nunca foram postos em causa. Muitos destes pais, encontram-se num grande sofrimento psíquico, numa grande inquietação, tal como os seus filhos. Por vezes, inquietação esta, também sentida por mim durante as entrevistas.

A família tem um papel preponderante na vida da criança, uma vez que a maneira da criança estar no mundo face ao Outro, depende inevitavelmente das relações que estabelece com as figuras parentais e o que sente acerca de si própria (Traubenberg & Boizou, 1999). Como foi possível constatar neste estudo, estas crianças estão inseridas em famílias pouco sadias, pouco securizantes. Desta forma, seria importante que se delinçassem futuramente novas formas de intervenção, mais apoiadas na participação activa da família, bem como o acompanhamento psicológico da mesma, em detrimento do recurso à Psicofarmacologia. Espera-se que no futuro, a integração das diversas valências, seja uma regra e não uma excepção. Não retirando o mérito do acompanhamento Pedopsiquiátrico que estas crianças têm, que para além das mais valias da Psicofarmacologia, permite que estas famílias, tenham uma rede de suporte, um “porto de abrigo”, que muitos dos membros integrantes das mesmas, nunca tiveram. Citando Ferreira (2002), temos que parar para reflectir, de forma a evitar *“a transmissão de geração em geração da miséria psicológica que atingiu o ser humano cada vez mais isolado de afectos, vazio de pensamentos – numa corrida para a frente à procura...de quê?”* (p. 52).

5.3. Limitações do estudo:

Tal como qualquer outro estudo, este também tem as suas limitações. Preferencialmente, as crianças fizeram as duas sessões em dias diferentes e quando foi possível, as sessões não foram marcadas a seguir da consulta de Pedopsiquiatria ou de Enfermagem. Contudo, estas questões nem sempre foram praticáveis e por diversas razões, algumas das crianças fizeram as duas sessões no mesmo dia. Houve também crianças, em que a sessão foi após consulta de Pedopsiquiatria. Excepcionalmente, uma das crianças, o “Filipe” (caso 3), teve as duas sessões, após consulta de Pedopsiquiatria. Desta forma, os níveis de cansaço na realização das provas variaram de criança para criança, o que teve certamente repercussões nos resultados obtidos.

O facto do contexto onde foram recolhidas as provas, isto é, o gabinete, não estar livre de distrações, por questões de logística, teve também influências nos resultados, nomeadamente ao nível das produções gráficas, onde constam reproduzidos elementos que se encontravam no gabinete. Dado que todas as crianças estão medicadas, esta questão tem inevitavelmente

repercussões, ao nível das produções gráficas e do RCH. Desta forma, o material obtido, permite-nos aceder a mundos internos mais organizados, não nos permitindo aceder de forma tão clara à desorganização interior destas crianças. Duas das nove crianças (caso 5 e 6) tinham realizado o RCH, há cerca de um mês, em contexto escolar. Desta forma, não foram esperados os 4 meses aconselháveis entre aplicações, sendo que podem estar presentes nestes protocolos, efeitos de aprendizagem.

Importa também referir, que este trabalho tem nele, muito de mim. Citando Di Leo (1987): *“Os factos não são inteligíveis até colocarmos neles algo de nós mesmos.”* Todas as provas utilizadas com a criança são de cariz projectivo, sendo que a variável subjectividade está inevitavelmente presente nas interpretações realizadas. Em busca de um significado, podem ser trilhados caminhos diferentes, por pessoas diferentes. Como não existem duas crianças iguais, também não existem dois profissionais que façam duas interpretações iguais. Tal como o desenho é uma expressão pessoal, o seu significado também é (Di Leo, 1987). Apesar de leituras aprofundadas, a pouca experiência que detenho na interpretação destas provas, pode ter levado a interpretações menos concordantes.

5.4. Investigações futuras:

No futuro, espera-se que este seja um trabalho que tenha continuidade. Dado que a informação que se pode extrair destes instrumentos é bastante rica, podem ser variados os caminhos a seguir. Contudo, de seguida sugerem-se alguns. Futuramente, pode-se fazer um estudo comparativo entre os DF de crianças psicóticas e os DF de crianças ditas “normais”, sem diagnóstico, tal como inicialmente se propunha, de forma a encontrar as principais diferenças e semelhanças. Pode-se também, tentar obter uma amostra feminina, de forma a comparar resultados entre sexos. Embora seja mais difícil obter uma amostra feminina, uma vez que vários estudos relatam que há uma maior incidência de patologia mental, em crianças do sexo masculino. Outra sugestão, é que se faça um estudo mais aprofundado, acerca da representação que estas crianças têm acerca de si próprias, recorrendo a outros instrumentos mais específicos, de forma a complementar a informação obtida.

Da minha parte, espero no futuro poder continuar a desenvolver este trabalho, que me deu muito prazer realizar. Analisar desenhos é tentar decodificar algo que nos querem transmitir, mas que não conseguem... é como viajar até uma mina profunda, que é o mundo interior da criança e voltar, trazendo um carrinho cheio de diamantes em bruto, prontos a serem lapidados.

VI. Conclusões

No DF, estas famílias são sentidas como pouco contentoras, havendo uma recusa total de cor, que evidencia as relações familiares pouco coloridas no seio familiar e as figuras não se tocam, revelando a distância afectiva entre os membros familiares. Tanto no DF como no RCH, estas crianças, surgem desvalorizadas, de forma mais ou menos extrema, dada a imagem de fragilidade que têm de si, perante o meio. A maioria destas imagos parentais, são sentidas por estas crianças como ameaçadoras, distantes, pouco disponíveis emocionalmente e passivas. Estas, no DF, surgem maioritariamente pouco investidas e não existem diferenças significativas, quanto à preferência entre imago paterna ou materna. Algumas destas figuras são sentidas como maus objectos internos e com outras existem identificações parciais. Respondendo assim à questão fundamental deste trabalho: *Como é que as crianças com Psicose representam a sua família no desenho? Como vêm e sentem as suas figuras parentais?* No DF, utilizando o RCH numa perspectiva complementar, surgem predominantemente expressos sentimentos de escassa valorização pelas figuras familiares. Desta forma, as figuras parentais destas crianças são sentidas como pouco securizantes, não sendo consideradas como figuras de referência.

Respondendo a outra das questões iniciais deste estudo: *Quais são os traços comuns que se podem encontrar no desenho de uma criança com Psicose? E quais as diferenças?* Salientamos as seguintes semelhanças: traço indeciso, pressão forte, pouco recurso à cor, elementos isolados suspensos no vazio e margem inferior da página utilizada como base para desenhar. As FH surgem maioritariamente desenhadas de frente e algumas surgem sem pés e sem mãos, bem como os olhos surgem desprovidos de pupila. Relativamente às diferenças, em alguns desenhos, os elementos encontram-se enquadrados, enquanto que, noutros não. Estes traços, corroboram o facto de estas figuras parentais serem consideradas como pouco securizantes, uma vez que revelam que estas crianças têm uma representação face ao meio, frágil, incerta e incompleta. Evidenciam também os limites imprecisos entre o mundo interno e externo, vivências de esvaziamento, falta de suporte, pouco contacto com a realidade, necessidade de contacto com o Outro. Estas características, que também surgem nas conclusões RCH, são próprias da Psicose.

Concluindo, o DF, permitiu-nos aceder nestas crianças, como se sentem em relação a si próprias, bem como às suas figuras parentais. A validade das conclusões retiradas deste instrumento é acentuada pelo facto do significado dos traços comuns e das diferenças encontradas nos desenhos, irem ao encontro das conclusões que surgem no DF e no RCH. Desta forma, o DF é um instrumento projectivo útil, que nos permite aceder a como as crianças com diagnóstico de Psicose, representam a sua família, isto é, como a vêm e a sentem.

VII. Referências

- Ajuriaguerra, J. (1974). As psicoses infantis. In Ajuriaguerra, J., *Manual de psiquiatria infantil* (p. 665-722) (2ª ed.). Rio de Janeiro: Masson/Atheneu.
- Ajuriaguerra, J. & Marcelli, D. (1991). Psicoses infantis. In Ajuriaguerra, J. & Marcelli, D., *Manual de psicopatologia infantil* (p. 240-267) (2ª ed). Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas.
- Aleixo, P. (2013, Junho). *Técnica Rorschach*. Curso do Departamento de Formação Permanente, em ISPA-IU, Lisboa.
- Almeida, L. & Freire, T. (2007). *Metodologia de investigação em psicologia e educação* (4ª ed.). Braga: Psiquilibrios.
- Alvarez, A. (1994). *Companhia viva: psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, borderline, carentes e maltratadas*. Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas Sul.
- Aubin, H. (1980). *El dibujo del niño inadaptado: significados y estructuras*. Barcelona: Laia.
- Bergeret, J. & Col. (1998). *Psicologia patológica: teórica e clínica* (7ª ed.). Lisboa: CLIMEPSI.
- Boekholt, M. (2000). *Provas temáticas na clínica infantil*. Lisboa: CLIMEPSI.
- Boubli, M. (1999). *Psicopatologia da criança*. Lisboa: CLIMEPSI.
- Campos, D. M. (2003). *O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade – Validade, técnica de aplicação e normas de interpretação* (35ª ed.). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Carneiro, F. (1988). O desenho da família de adolescentes psicóticos. *Jornal de Psicologia*, 4, 8-12. Recuperado de <http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/19178/2/32981.pdf>.
- Chabert, C. (1998). *O rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Coelho, J. C. (1993). *Mecanismos de defesa no desenho infantil* (Dissertação de Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa). Recupero de <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/436>.
- Corman, L. (1967). *O teste do desenho de família*. Paris: Puf.
- David, M., Castex E., Léger E. M., Merlet A. M. (1981). Danger de la relation précoce entre le nourrisson et sa mère psychotique: une tentative de réponse. *Psychiatrie de l'enfant*, 24, 1, 151-196.
- Decobert, S. & Sacco, F. (Eds.). (2000). *O desenho no trabalho psicanalítico com a criança*. Lisboa: CLIMEPSI.
- Di Leo, J. (1971). *Young children and their drawings*. London: Constable.
- Di Leo, J. (1987). *A interpretação do desenho infantil* (2ª ed.). Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Artes Médicas.

- D' Oliveira, T. (2007). *Teses e dissertações: recomendações para a elaboração e estruturação de trabalhos científicos* (2ª ed.). Lisboa: RH.
- Duché, D. J. (1978). A evolução das ideias sobre as psicoses infantis e o autismo infantil. In Koupernik, C., Lebovici, & Widlocher, D. (Eds.), *As Psicoses Infantis* (pp. 7-32). Lisboa: Veja.
- Dugas, M., Guériot C. & Vélin, J. (1978). Semiologia clínica das psicoses na criança. In Koupernik, C., Lebovici, & Widlocher, D. (Eds.), *As Psicoses Infantis* (pp. 85-103). Lisboa: Veja.
- Ferreira, T. (2002). *Em defesa da criança: teoria e prática psicanalítica da infância*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Ferro, A. (1995). *A técnica na psicanálise infantil. A criança e o analista: da relação ao campo emocional*. Rio de Janeiro: Imago.
- Gadia, A., Tuchman, R. & Rotta T. (2004). Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. *Jornal de Pediatria*, 80 (2), 83-94. Recuperado através de <http://www.scielo.br/pdf/jped/v80n2s0/v80n2Sa10.pdf>
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1993). *O inquérito: teoria e prática* (2ª ed.). Oeiras: Celta.
- Goodenough, F. (1965). *Test de inteligência infantil*. Buenos Aires: Paidós.
- Haag, G. (1990). Le dessin préfiguratif de l'enfant: quel niveau de représentation? *Journal de la psychanalyse de l'enfant*, 8, 91-129.
- Houzel, D. (1985). A psicoterapia da criança pequena psicótica. In Lebovici, S. & Kestenberg, E., *A evolução da psicose infantil* (pp. 165-169). Porto Alegre, Brasil: Artes médicas.
- Houzel, D., Emmanuelli, M. & Françoise, M. (Eds.) (2004). *Dicionário de psicopatologia da criança e do adolescente*. Lisboa: CLIMEPSI.
- Klein, M. (1960). *Una nota sobre la depression en el esquizofrénico. Envidia y gratitud y otros trabajos*. Barcelona: Paidós.
- Lacan, J. (1978). *A família*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Luquet, G. H. (1987). *O desenho infantil* (4ª ed.). Porto: Livraria Civilização.
- Machover, K. (1978). O Traçado da Figura Humana: Um Método para Estudo da Personalidade. In H.H. Anderson, & G. L. Anderson (Eds), *Técnicas projectivas do diagnóstico psicológico* (pp. 345-370). São Paulo: Mestre Jou.
- Mahler, M. (1952). Child psychosis and schizophrenia: autistic and symbiotic infantile psychoses. Recuperado através de <http://web.ebscohost.com/ehost/delivery?sid=5c969515-bffd-494a-a4d5-d71ed8fd0b49%40sessionmgr4001&vid=9&hid=4109>
- Mahler, M. (1989). *As Psicoses infantis e outros estudos*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Malpique, C. (1999). *Pais/filhos em consulta psicoterapêutica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Marques, M. E. (2001). *A psicologia clínica e o Rorschach*. Lisboa: CLIMEPSI.
- Marretto, A. & Moya, C. (2008). O corpo para a criança psicótica: possibilidades de intervenção em terapia ocupacional. Recuperado através de http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2008/anais/arquivosINIC/INIC0304_01_O.pdf
- Misès, R. (Ed.) (2012). Classification française des troubles mentaux de l'enfant et de l'adolescence (5^a ed) – R-2012. Recuperado através de <http://www.psychiatrie-francaise.com/data/Documents/files/CFTMEA%20-%20R-2012.pdf>
- Myquel, M. & Cozzari, S. (1990). De la dépendance a l'indépendance l'angoisse de séparation. *Neuropsychiatrie de l'enfance*, 38, 249-251.
- Piaget, J. & Inhelder, B. (1997). *A psicologia da criança* (3^a ed.). Porto: ASA.
- Quina, M. (2012, Dezembro). Estados-Limite na infância. Comunicação apresentada *no âmbito da formação de estagiários de Psicologia*, Lisboa, Portugal.
- Sá, E. (2003). *Patologia Borderline e Psicose na clínica infantil* (Coleção de teses). Lisboa: ISPA.
- Salgueiro, E. E. (2013, Outubro). Navegando à bolina com João dos Santos. Comunicação apresentada *no Ciclo de Conferências 2013: A ciência que por cá se faz do Centro de investigação ISPA-IU*, Lisboa, Portugal.
- Segal, H. (1957). Notes on symbol formation. *International Journal of Psycho-analysis*, vol. 38, 6, 391-397).
- Simões, A. (1990). A investigação-acção: natureza e validade. *Revista portuguesa de pedagogia*, 24, 39-51.
- Trautenberg, N. R. & Boizou, M. (1999). *O rorschach na clínica infantil*. Lisboa: CLIMEPSI.
- Tustin, F. (1977). *Autisme et psychose de l'enfant*. Paris: Éditions du Seuil.
- Van Kolck, O. L. (1981). *Interpretação psicológica de desenhos* (2^a ed.). São Paulo: Livraria Pioneira.
- Vidigal, M. J. (2006). *Pensar a esquizofrenia na criança*. Lisboa: Trilhos.
- Widlocher, D. (1978). Psicoterapia. In Koupernik, C., Lebovici, & Widlocher, D. (Eds.), *As Psicoses Infantis* (pp. 165-183). Lisboa: Veja.

VIII. Bibliografia

- American Psychological Association (2012). *Manual de publicação da APA. Métodos de Pesquisa* (6ª ed.). Porto Alegre, Brasil: Penso.
- Beizmann, C. (1966). *Livret de cotation des formes dans le Rorschach*. Paris: Ed Centre Psychol Appliquee.
- GenoPro (2011). Version 2.5.4.1.
- Lopes, C. (2013). *Como fazer citações e referências para apresentação de trabalhos científicos? Aplicação prática da norma APA (2010, 6ª ED.)*. Lisboa: ISPA.
- Microsoft Office Picture Manager. Windows 7.
- Salgueiro, E. E. (1996). *Crianças Irrequietas: 3 estudos clínico-evolutivos sobre a “instabilidade motora” na idade escola* (Coleção de teses). Lisboa: ISPA.
- Traubenberg, N. R. (1975). *A prática do rorschach*. São Paulo: Editora Cultrix.

ANEXOS

ANEXO A

(Estudo aprofundado sobre os casos)

Caso 1 - “Jorge”: “*Gosto de famílias felizes, não gosto de famílias tristes...*”

1. História Clínica

O “Jorge” nasceu no dia 15 de Novembro de 2002, tendo à data das sessões 10 anos e 8 meses. A sua história clínica foi maioritariamente recolhida pela Pedopsiquiatra que o acompanha, na primeira consulta, dia 22 de Abril de 2008, em que tinha 5 anos e 5 meses. Actualmente, o seu agregado familiar é constituído pela mãe, pai e pelo irmão mais novo.

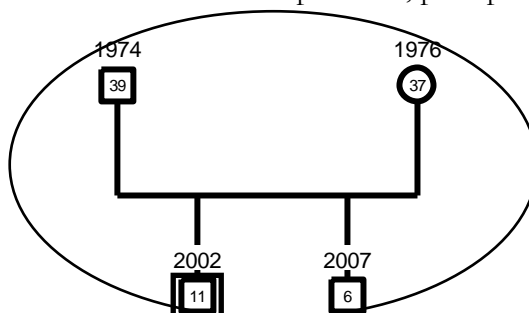


Figura 10:

Caso 1 - Genograma

Motivo da primeira consulta: Foi enviado pela Educadora do JI, que desde os 3 anos, achava que ele se relacionava mal com as outras crianças. Isolava-se, era muito tímido e por vezes tinha comportamentos de oposição. Foi diagnosticado com Síndrome de Asperger em Neuropediatria.

Dados relevantes da entrevista livre com a mãe, na primeira consulta: Referiu que o filho era muito activo, impaciente e que tentou atirar-se da janela duas vezes. Quando o irmão nasceu, tornou-se mais agitado e mais agressivo com os colegas. Em casa, tinha atitudes regressivas, com alterações do sono e desejo de que a mãe volta-se a dormir com ele.

• Anamnese:

Antecedentes familiares: A mãe tem o 9º ano de escolaridade, é ajudante de pastelaria e tem diabetes. O pai tem o 12º ano de escolaridade, é motorista de pesados e tem bronquite asmática.

Antecedentes pessoais: Foi a primeira gravidez, nasceu de 39 semanas, sem complicações. No período pós-parto foi um bebé tranquilo. Tinha caprichos alimentares e era lento a comer. No que diz respeito à linguagem, aos 3 anos, começou a formar frases. Ficou com a mãe até aos 4 meses e desde os 4 meses até ao 1 ano e 10 meses, ficou com a avó materna, quando entrou para a creche. Teve dificuldades de adaptação, porque era agressivo com os colegas. Com 4 anos, nasceu o seu irmão. Aos 5 anos, foi para a pré-primária e com 6 anos, ingressou no 1º ano. Beneficia de apoio psicológico na escola e de Professora do EE, desde os 6 anos. Actualmente, transitou para o 6º ano de escolaridade.

- **Acompanhamento:** É acompanhado em Pedopsiquiatria, com periodicidade variável, usualmente superior a um mês. Actualmente, está medicado com Risperidal e Depakine.

Avaliações complementares de diagnóstico: Com 9 anos, foi avaliado em Psicologia, onde se concluiu que tinha uma desarmonia evolutiva, numa vertente psicótica. O nível cognitivo, era adequado para a sua idade. No grafismo, a representação do esquema corporal era imatura. Na prova projectiva C.A.T., os pais surgiram como pouco contentores e principalmente o pai, era sentido como mau objecto interno.

Na creche e no JI, tinha dificuldade na organização do pensamento e ideias. Com 3 anos, já sabia ler e identificava matrículas dos carros de pessoas conhecidas, cor, marca e modelo. Tinha uma grande autonomia nas actividades da vida diária. Fazia muitas birras e pedia ajuda ao adulto para resolver os seus conflitos. Tinha estereotipias e auto-agredia-se.

Resumo dos aspectos clínicos relevantes: Com 5 anos, na pré-primária, quando encontrava uma pessoa conhecida escondia-se. Aos 6 anos, no 1º ano, não queria ir ao intervalo brincar. Com 9 anos, no 4º ano, era muito bom aluno. Isolava-se e era gozado pelos colegas. A mãe contrariou-o e o “Jorge” disse-lhe que se queria atirar da janela, indo buscar uma faca para se tentar matar. Tinha um contacto fugidio e oscilações de tom de voz. Queixava-se de grandes discussões entre os pais, dizendo que o pai agarrava a mãe com força, magoando-a. Nessas alturas, dizia que se queria atirar da janela, para lhe darem atenção. No 5º ano, com 10 anos, tentou abordar um colega com uma faca no refeitório. Tinha um discurso mais desorganizado e dizia que ouvia barulhos na cabeça, mas que não eram vozes. Andava muito inquieto e quando os pais discutiam ficava muito assustado. Começou a ser seguido em consulta de obesidade.

Desenhos anteriores: No processo do “Jorge” constava um desenho. Este DF foi realizado com 9 anos, em avaliação psicológica. Dado que não presenciei a sua execução, a interpretação que posso fazer é apenas em termos gráficos. Ocupa apenas uma parte inferior da folha, sendo que os quatro membros familiares surgem representados no vazio. Comparativamente ao DF realizado na actualidade, não há uma angústia tão marcada relativamente ao irmão, pois não há supressão do mesmo. As FH’s surgem estereotipadas e representadas de corpo inteiro, com alguma imaturidade. A imagem corporal é reduzida, o que pode significar insegurança (Di Leo, 1987). Estão a sorrir, próximas entre si e todas no mesmo

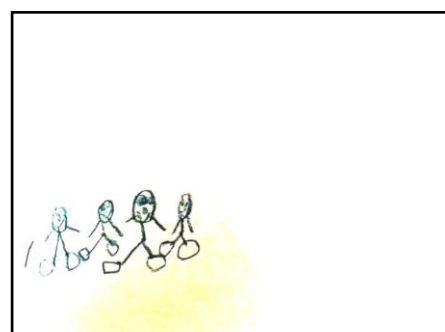


Figura 11:

Caso 1 - DF que constava no processo

plano, o que evidencia uma maior harmonia e proximidade entre os elementos da família (Corman, 1967), comparativamente ao desenho que realizou comigo. Através deste desenho, é notável que o seu pensamento estava mais organizado aquando a sua realização do que actualmente.

2. Participação no Estudo:

- **Resumo das sessões:** As duas sessões foram realizadas no mesmo dia, antes da consulta de Pedopsiquiatra. Veio acompanhado pela mãe. O “Jorge” trouxe as notas da escola, sendo que mas mostrou com algum orgulho. Com o “Jorge”, senti-me um pouco angustiada, inquieta, mas é uma criança cativante, com a qual é fácil de empatizar.
- **Entrevista com a mãe:** A mãe, de aspecto cuidado, é uma pessoa tranquila e adopta uma postura defensiva. Tem um registo muito funcional, com dificuldade em expressar o afecto e coloca muitas questões. No geral, senti-me bem com esta mãe. Conta que em Neurologia achavam que o “Jorge” tinha Asperger, mas que afinal não era, tinha apenas confusão de ideias. Conta um episódio em que o “Jorge” foi buscar uma faca e disse que se ia mandar pela janela. Refere que tudo isto começou por volta dos 5/6 anos. Refere que quando foi para o 5º ano, a medicação foi aumentada, o que lhe causou mais apetite e que actualmente é seguido em consulta de obesidade. Considera que ao longo dos anos, houve melhoria em algumas coisas, noutras não. *“Agora já gosta de ir a festas e já não está só no canto dele. Mas se tiver no canto dele, também não chateia ninguém...mas às vezes explode.” (sic mãe)* Diz que *“às vezes parece que recua para trás” (sic mãe)* e que gostaria que ele fosse mais autónomo e mais compreensivo, pois tem dificuldade em aceitar o “não”. No final da entrevista, acrescenta que é uma criança muito meiga.
- **Observação da criança:** É de raça caucasiana. Tem um desenvolvimento estato-ponderal adequado para a sua idade e é obeso. Vem vestido de acordo com a idade, género e estação. Tem um facieis expressivo e harmonioso. Apresenta um contacto visual muito fugaz. À medida que as sessões decorrem, está progressivamente mais à vontade. Tem dificuldade em adaptar-se à situação estruturada, levantando-se várias vezes e vagueando pela sala, havendo uma inquietude notável. Realiza alguns desenhos de pé. Acede a quase todos os pedidos que lhe são solicitados, mas com dificuldades de atenção e concentração. Por vezes, mostrou-se resistente em realizar algumas tarefas, verbalizando que tinha sono.

Relativamente à linguagem, apresenta um discurso bastante desorganizado, com confusão de ideias. Por vezes, não responde ao que lhe pergunto. Aborda sempre as mesmas temáticas. Refere os nomes dos colegas que passaram ou não de ano lectivo e fala do pai que é mau, por

não respeitar a mãe, saltando de uma temática para a outra. Há uma constante exaltação de si próprio, com tendências narcísicas, de forma a camuflar a sua insegurança.

• **Instrumentos aplicados:**

Desenhos: De forma a evitar erros de interpretação, é necessário situar em que estado de evolução se encontram os desenhos do “Jorge” (Di Leo, 1967). Segundo Luquet (1987), encontra-se na fase do “Realismo intelectual” (4-7 anos), desenhando os elementos, de acordo com o modelo interno e não como são verdadeiramente vistos, com recurso a transparências (Luquet, 1987).

As linhas, por vezes surgem indecisas e quebradas, o que indicia insegurança (Di Leo, 1987). O seu traço é forte, o que pode significar fortes impulsos e a libertação dos instintos (Corman, 1967). Os elementos surgem suspensos no ar, como se voassem, o que nos dá conta da utilização de uma identificação projectiva maciça, como mecanismo de defesa (Coelho, 1993). Há uma recusa total de cor, própria de crianças com psicose (Campos, 2003).

Interpretação do DL: Começou por desenhar pedindo uma régua. Acaba por utilizar um lápis como régua, adoptando uma boa estratégia cognitiva para resolver o problema. Não gosta do traço que faz, vira a folha e recomeça o desenho, indiciando insegurança (Di Leo, 1987). Quando começa a desenhar, diz: “*sou um artista, toda a gente me quer, porque dizem que sou inteligente a capitais*” (sic “Jorge”). Assim, no contacto inicial, há uma exacerbação do “eu”, para compensar a sua insegurança (Di Leo, 1987).

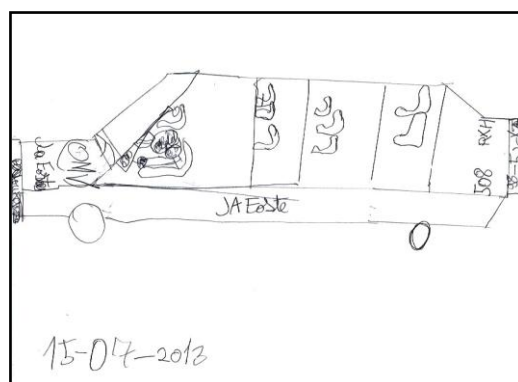


Figura 12:

Caso 1 – DL

Numa impressão geral, o todo transmite-nos um efeito desconfortável, pois os detalhes são confusos, sobrepostos e a pessoa que conduz o carro tem um ar demoníaco. Em termos gráficos, o desenho ocupa grande parte da folha. É o desenho mais investido de todos, minucioso, com muitos detalhes, revelando assim um investimento na relação inicial com o Outro.

Quando lhe peço para me constar uma história sobre o desenho, diz que não sabe e conta um episódio de uma agressão entre colegas que aconteceu na escola, com recurso a alguma

confabulação. Depois, acaba por referir que o carro do desenho “é um Peugeot 508 crossover, o 120, com conta Km’s e o condutor no volante SRS e o passageiro e com computador de bordo....O meu pai é bichíssimo, é uma besta, só grita. Hoje foi um catavento, dormi tão bem! Para o ano se não tiver plano alternativo tenho exame” (sic “Jorge”). Dado que o tema do desenho é um carro, representa assim um interesse seu desde muito pequeno, pelos carros e pelas matrículas, como consta na sua história clínica. Quando lhe coloco algumas questões sobre o significado do “Já foste” e de quem ocupa o carro, aborda outros temas, tendo muita dificuldade em focar-se no desenho. A sua caligrafia, também é dificilmente perceptível, pois surge confusa e rasurada, dando conta da sua desorganização interior.

Trata-se de um carro muito grande, com muitos lugares, mas que só tem dois ocupantes. O condutor tem um aspecto demoníaco, pelos cornos, pelo olhar vazio e pela boca aberta. O seu olhar está dirigido para o observador e diz: “Olá”. O passageiro surge menos investido, estando apenas representado pelo contorno da cabeça. Este condutor pode ser o seu pai, por falar dele, quando descreve o carro, daí surgir com este aspecto demoníaco, ameaçador, tal como sente o seu pai. No DF, fala das discussões que há no carro, sendo que este desenho pode ser uma representação das mesmas. Também pode ser ele próprio, guiando um carro com muitos lugares e ao mesmo tempo sem ninguém, dando-nos conta de como se sente só. Colocar-se a conduzir este carro, pode também ser uma forma de assumir o controlo da sessão, por eu ser desconhecida.

Interpretação do DFH: No global, o desenho transmite uma impressão desconfortável, angustiante, pois o olhar é assustador, bem como a boca, pelos dentes e os braços parecem-se com umas enormes asas. Relativamente aos aspectos formais e estruturais, o desenho surge pouco investido, é pobre em termos gráficos e em pormenores anatómicos (Machover, 1978). As linhas surgem traçadas como se de um esboço se trata-se, o que é típico de um desenho mais evoluído (Goodenough, 1965).



Figura 13:

Caso 1 – DFH

No que diz respeito ao conteúdo, começa por desenhar os braços, surgindo como grandes e fortes. Os olhos são grandes, com necessidade de abarcar o mundo (Machover, 1978). A ênfase dada à boca pode estar relacionada com a ingestão de alimentos exagerada. Os dentes revelam agressividade (Di Leo, 1967). Dado que aparenta ter asas, há assim uma zooformização

da pessoa (Salgueiro, 2013), que pode evidenciar o sentimento de estranheza que tem relativamente a si próprio. Podem também ser umas asas para se cobrir, para se conter.

Quando lhe peço para contar uma história sobre a pessoa que desenhou, recusa-se. No inquérito, diz que é de um halterofilista, com 22 anos e é feliz. Zanga-se quando gozam com ele. Tem muitos amigos e o seu sonho é conseguir levantar o halter mais pesado do mundo, para se tornar no homem mais forte do mundo. Dado que a FH, representa a expressão do “eu” no ambiente, podemos através deste desenho aceder à sua imagem corporal, como um reflexo de si mesmo (Machover, 1978). O “Jorge” projecta partes de si neste homem, pois também gozam com ele. Desenha uma imagem de força, um homem agressivo, grande, de forma a compensar como se sente, frágil, fragmentado e vazio. Expressa assim, o seu desejo de ser mais velho e de ser uma pessoa forte, ao contrário de como se sente. Dado que a figura é de tamanho grande expressando a inflação do Ego e por se encontrar centralizada, na parte superior da folha, significa que utilizou defesas maníacas, evitando assim sentimentos de vazio (Coelho, 1993). Neste desenho, utiliza também a idealização pela força física, como um mecanismo de defesa (Coelho, 1993).

De acordo com Goodenough (1965), a FH pertence à classe B, pois existe uma tentativa clara de representá-la, com diversos detalhes. Através do somatório das diversas partes (17 pontos), constata-se que o “Jorge” tem uma IM de 7 anos e 3 meses (através da consulta da tabela de aferição de Goodenough, 1965). Obteve um QI de 68, considerado “Muito inferior” para a sua faixa etária. De acordo com a sua idade cronológica, seria esperado que a FH surgisse mais elaborada e proporcional (Goodenough, 1965). Porém, a sua noção de imagem corporal é ainda imatura.

Perante o pedido para se desenhar a ele próprio, recusa-se e surge uma grande inquietação, movimentando-se por todo o gabinete, notando-se um grande desconforto. Penso que a recusa perante este desenho se deve ao facto de se tratar de um pedido mais concreto. No seu íntimo, o “Jorge” é uma criança frágil, pois acaba por referir que está gordo e que tem uma doença, daí ser penoso para si representar-se.

Interpretação – DFR: Ao nível gráfico, o “Jorge” ocupa uma pequena parte central da folha, utilizando linhas curtas, o que nos pode sugerir que há uma tendência para a introversão (Corman, 1967). Trata-se de um desenho pouco investido. A caligrafia que está dentro dos balões de fala, surge difícil de decifrar. No que diz respeito às estruturas formais, por um lado, trata-se de um desenho marcado pelo racional, pois há uma reprodução estereotipada de algumas figuras,

que se encontram isoladas entre si. Por outro lado, há também um lado sensorial, utilizando apenas linhas curvas, que exprimem algum dinamismo, com uma família que se encontra numa discussão (Corman, 1967).

Ao nível do conteúdo do desenho, perante o pedido, desenha a sua família, dizendo: *“Vou desenhar a minha, vou fazer aqui uma coisa de sentimento, vou-lhe mostrar”* (sic “Jorge”). A idade dos familiares e as suas profissões são respeitadas, enquanto que a linha hierárquica e a sua condição familiar não são, pois desenha-se a si primeiro do que à sua mãe. Neste desenho, a objectividade prevalece sobre a subjectividade, privilegiando o princípio da realidade (Corman, 1967).



Figura 1:

Caso 1 – DFR

Enquanto desenha diz: *“Há muitas discussões no carro, o pai a tentar matar a mãe. Fica transtornado e mete-me a mim transtornado. Quando saímos ‘tá cansado, ‘tá aflito, caiu da camioneta, ‘tá à rasca das costas. Ao fim-de-semana gosta de ficar a divertir-se. Gosto de famílias felizes, não gosto de famílias tristes...Sábado e antes de ontem empurrou.”*, sentindo assim a sua família como triste. Desenha o pai a dizer-lhe: *“Olha, vamos matar a mãe!”* e a mãe diz: *“Não digas isso!”*, desvalorizando a ameaça. Representa assim uma discussão no seu seio familiar, com um cariz delirante.

O pai, expressa maioritariamente tendências afectivas negativas, pois surge como o mau objecto no desenho, por estar a atacar a mãe (Corman, 1967). É o menos investido, pois só tem a cabeça e não tem nariz, havendo assim uma desconsideração pela figura paterna. A informação dada no inquérito, também vai neste sentido, pois escolhe o pai como o mais aborrecido, porque se irrita e o castigo também é aplicado ao pai, dizendo que vai deixar de beber vinho. Contudo, é considerado a personagem principal, pois é desenhado em primeiro lugar, é o maior, surgindo destacado e o único que tem um olhar preenchido com íris.

Relativamente à sua mãe, surgem maioritariamente tendências afectivas positivas, pois de todos os elementos, é a mais investida, uma vez que é a única que tem o corpo todo. Esta mãe, surge como o elemento indefeso que está a ser atacado. No inquérito, refere que é da mãe que gosta mais e que ela é a mais feliz. Contudo, há elementos que não apontam nesse sentido, surgindo também desvalorizada, pelo facto de a desenhá-la em último lugar, depois de si, não respeitando a sua condição hierárquica e no inquérito, se houvesse um passeio, ela e o irmão ficariam em casa (Corman, 1967). Desta forma, o pai surge como o mau objecto e a mãe como o

bom objecto, havendo uma clivagem entre estes dois elementos, de forma a evitar a desorganização do Ego (Coelho, 1993).

Enquanto desenha, declara que o elemento do meio é o irmão. No inquérito, declara ser ele próprio, com a sua idade. Desta forma, primeiramente, a censura do Ego não permitiu a exclusão do irmão, mas posteriormente essa censura falhou. Ao suprimir o irmão do desenho, há uma eliminação do rival, o que significa que este é um elemento que lhe causa angústia, havendo assim uma negação da sua existência, uma negação da realidade, o mecanismo de defesa mais primitivo (Corman, 1967). Expressa assim a sua vontade de que este irmão desapareça na realidade, não se identificando com ele (Corman, 1967). O facto de no inquérito referir que o irmão é o mais alegre de todos, porque fica muito feliz quando é o seu aniversário, também nos dá conta desta rivalidade fraterna. Desta forma, em relação a este irmão, surgem assim expressas tendências afectivas negativas (Corman, 1967).

Desenha-se no meio do casal parental, em segundo lugar, havendo assim uma identificação de realidade, a nível consciente (Identificação do Ego) (Corman, 1967). Tem uma expressão de aflição, com as mãos no ar e a dizer: “*Ai!*”, está transtornado, como ele próprio afirma. O seu olhar, desprovido de íris, surge vazio. Retrata assim como se sente assustado quando há discussões entre os pais. No inquérito, declara-se como sendo o melhor, expressando assim tendências narcísicas (Corman, 1967). Dado que não pode investir nas imagos parentais, pela decepção afectiva, investe em si próprio. Cria assim uma “máscara”, pois ao desenhar-se como mais pequeno do que os seus pais e um pouco abaixo dos mesmos, significa que no fundo se sente desvalorizado (Corman, 1967). O facto de os elementos desta família surgirem distanciados, pode significar a falta de laços afectuosos entre os membros (Corman, 1967).

Por estar representado mais próximo da sua mãe, pode significar o desejo de uma relação de intimidade com a mesma, sendo que a censura do Ego falhou (Corman, 1967). Desta forma, este desenho pode também representar uma situação edipiana, o que explicaria esta rivalidade e ódio para com o seu pai e a desvalorização do seu rival e os sentimentos de afeição, ternura pela sua mãe (Corman, 1967). O facto de não haver diferenciação entre sexos no desenho, também nos pode dar conta da imaturidade do Ego e das relações objectais (Corman, 1967).

Também no questionário, tem dificuldade em centrar-se no desenho, pois quando lhe pergunto ao pé de quem gostaria de estar diz-me que do primo, que não surge representado. Durante a sessão, fala várias vezes no primo, sendo que este surge como alguém com o qual se identifica. Quando lhe pergunto quem gostaria de ser, responde-me: “*Tu! Porque é divertido*”. Há

assim uma identificação do Outro, uma identificação de desejo, a nível consciente, provavelmente expressando o desejo de querer ser mais velho (Corman, 1967).

De forma a atestar a validade das conclusões retiradas deste desenho, há que ter em consideração o método das convergências de indícios, tendo em conta as convergências intratestes e as extratestes (Corman, 1967). Relativamente às convergências intratestes, o seu pai é sentido como ameaçador, é o menos investido, surge como o mau objecto, causador do conflito e no inquérito também surge desvalorizado. A sua mãe, surge como passiva, havendo uma ligação com a mesma, por ser a mais investida mas não é sentida como suficientemente contentora, pois é desenhada em último e no inquérito também surge desvalorizada. Relativamente ao irmão, há uma grande rivalidade, suprimindo-o do desenho e desvalorizando-o no inquérito. O “Jorge” surge enaltecido no inquérito, mas no desenho é desvalorizado, o que nos dá conta da criação de uma “máscara”, para camuflar como realmente se sente.

Em relação às convergências extratestes, também no RCH, é possível averiguar que o “Jorge” se sente fragilizado perante o meio. A imago paterna, também é sentida como ameaçadora, que o leva a desconsidera-lo e ao mesmo tempo passiva, o que leva o “Jorge” a investir no objecto, sendo desenhado em primeiro lugar, é o maior e o único que tem um olhar preenchido com íris. Relativamente à imago materna, também surge evidenciada uma relação de maior proximidade, pouco diferenciada de si. Também no RCH, as suas imagos parentais, não são sentidas como figuras de referência, sendo pouco contentoras o que também vai no sentido do que se concluiu na avaliação psicológica realizada em 2012. No DFH, também surge o seu desejo de ser mais velho. Na sua história clínica, existem também as questões da rivalidade fraterna, sendo que todos os seus comportamentos agressivos começaram, na altura do nascimento do irmão, podendo este conflito ser patológico para o “Jorge” (Corman, 1967). Esta aflição que surge no desenho, por presenciar uma discussão dos pais, também vem relatada na sua história clínica. Na observação clínica, também foi possível verificar a criação desta máscara que disfarça um Ego fragilizado e a existência de um primo com o qual se identifica, pois falou diversas vezes nele.

RCH:

Protocolo:

Tempo de início da prova: 11h 07 min

Resposta	Inquérito	Cotação
<p>I</p> <p>(Pega na prancha) Λ</p> <p><i>“Já joguei a este jogo...posso ir à casa de banho?”</i></p> <p>2”</p> <p>1- <i>“Borboleta, não...Morcego com os dentes, com os buracos. Não encontro mais.”</i></p> <p>32”</p>	<p><i>“No meio...tem asas de morcego com membrana ao lado (D lateral). Não tem pés. Os dentes, pequeno buraquinho em cima (Dbl sup.)”</i></p>	<p>1- G bl F+ A (Ban)</p>
<p>II</p> <p>(Pega na prancha) V</p> <p>11”</p> <p>2- <i>“Parece uma célula. Mais nada...Não...”</i></p> <p>3- <i>“Com pulmões...Mais nada.”</i></p> <p>51”</p>	<p><i>“A célula vejo nisto tudo (G). São pernas (verm. inf.). Pulmões (verm. sup.)”</i></p>	<p>2- G F± Bio.</p> <p>3- D F- Anat.</p>
<p>III</p> <p>(Pega na prancha) V</p> <p>20”</p> <p>4- <i>“Parece um vampiro (V),</i></p> <p>5- <i>aqui com dois septos da morte (V).</i></p> <p>6- <i>Dois homens em forma de pato (Λ)</i></p> <p>1’2”</p> <p><i>“Tou com gases!”</i></p>	<p>Vampiro: <i>“No meio (D central sup.) e nisto tudo (G), porque acho que sim.”</i></p> <p>Ceptos: <i>“Vermelho” (verm. inf.)</i></p> <p>Homens: <i>“Aqui com um espaço, pernas (D inf.) e aqui com dentes afiadíssimos (D central inf.)”</i></p> <p>(FC)</p>	<p>4- G ClobF (A)</p> <p>5- D FC Obj.</p> <p>6- D F- H/A Ban</p>
<p>IV</p> <p>(Pega na prancha) V</p> <p>11”</p>		

<p>7 - “É um carneiro...tem aqui os pés e uns cornos...Só temos dezasseis minutos para acabar isto.”</p> <p>40”</p>	<p>Λ “Em tudo (G)...os pés em baixo (D inf. central)...os cornos de lado (D lat.). Assim... (delimita).”</p>	<p>7- G F- A</p>
<p>V</p> <p>V</p> <p>11”</p> <p>8 - “É um zangão...não é um zangão...é um coiso.”</p> <p>26”</p>	<p>“Nisto tudo (G) (aponta e esboça um sorriso)... Alejei-me na perna...aqui num tendão... Porque tem pernas (D. inf.) e tem antenas (D sup.). Não sei mais nada.”</p> <p>I.L. (?) “Sim eu sei, mas não me parecia. Eu ia dizer mas os morcegos não têm antenas...não reparei nisso.”</p>	<p>8- G F+ A</p>
<p>VI</p> <p>Λ (Esboça um sorriso)</p> <p>“É um...um...”</p> <p>11”</p> <p>9 - uma chita.”</p> <p>25”</p>	<p>“Aqui nesta parte toda (G). Em cima os bigodes (Dd sup.) e tinha umas pernas rápidas (D lat.).”</p>	<p>9- G F+ A</p>
<p>VII</p> <p>V</p> <p>“É um...”</p> <p>11”</p> <p>10 - uma senhora sem cabeça e com tromba de elefante, com duas cabeças de elefante nos braços.”</p> <p>40”</p>	<p>“Em tudo...também na parte branca (G). Tromba de elefante, braços de lado (D lat.)...e as pernas parecem assim de porco (D inf.)”</p>	<p>10 - G bl F- Hd/Ad</p>
<p>VIII</p> <p>Λ</p> <p>5”</p>		

<p>11 – “Um tubarão a dar ajuda 12 – a duas lontras.” 25”</p>	<p>“Vejo em toda a parte (G). O tubarão aqui (verdes). As lontras de lado, aqui parecem lontras (D lat.)”</p>	<p>11- G Kan A 12- D F+ A Ban</p>
<p>IX Λ 9” 13 – “É uns rinocerontes em baixo, 14 - aqui hipopótamos 15 - e aqui um cavalo de fogo.” 30”</p>	<p>Rinocerontes: “Os rinocerontes aqui em baixo no rosa. Tem aqui uns cornos (D inf. central). Hipopótamos: “Os hipopótamos aqui nos verdes porque sim.” Cavalo: “Enganei-me, não é cavalos é tatus (laranja), porque são de fogo, têm a armadura de fogo.”</p>	<p>13- D F- A 14 – D F- A 15- D FC A/Elem.</p>
<p>X V; Λ “Aiiiiiii... (em tom de aflição) 18” 16 - Há uma misturada de recifes, corais, 17 - caranguejos, 18 - pássaros, 19 - armadilhas, 20 - macacos, 21 - os corais ‘tão a agarrar numa pistola, espingarda. Mais nada!’ 50”</p>	<p>Recifes: “Os recifes e os corais nos rosas e verde.” Caranguejos: “No azul, porque são revestido por quitina.” Pássaros: “Nos pretos de lado, porque parece que têm um bico.” Macaco: “Os macacos também estão aqui, nos azuis. Folhas nos verdes em cima.” Pistola: “A pistola em cima...as armadilhas a segurá-la, porque parece assim os dois cornos.” R.A. “Folhas”: D FC Bot.</p>	<p>16- D CF Nat. 17- D F+ A 18- D F- A 19- D F- Obj. 20- D F- A 21- D F- Obj.</p>

Tempo final: 11h 51 min

Prova das escolhas:

+ : Cartão IX – “Porque é engraçado.”; Cartão III - “Porque também é bom, é divertido.”

- : Cartão I; Cartão II – “Porque são horrorosos, são todos assustadores.”; Cartão IV – “Porque é um bocadinho assustador.”

Psicograma:

R = 21~	G = 6 (29%)	$\Sigma F = 16$	H = 1	F% = 76% ↑
T.T. = 6'39"	G bl = 2 (9%)	F+ = 5	Hd = 1	F+% = 34% ↓↓
Tp/R = 19"	D = 13 (62%)	F+- = 1	A = 13	Fa% = 91%
Tp Lat. Med. = 11"		F- = 10	Ad = 1	F+%a = 28%
		kan = 1	(A) = 1	H% = 9,5% ↓
Sucessão: Relaxada		FC = 2	Obj = 3	A% = 67% ↑
T. Apreensão: <u>G</u> D		CF = 1	Bio = 1	
			Elem = 1	
TRI: 0K = 2C		clobF = 1	Nat = 1	Ban = 1 ↓↓
(Extroversivo puro)				(ban) = 1
F.C. 1k = 0E			Anat = 1	
RC% = 52% ↑				
I.A. = 9,5%				
Prova Escolha:				
+ : IX; III				
- : I; II				

Interpretação: Trata-se de uma re-aplicação, uma vez que já tinha realizado a prova com 6 anos. Perante a proposta do RCH mostrou-se angustiado, havendo uma tentativa de fuga à prova, perguntando se poderia ir à casa de banho. Durante a aplicação, senti-me ansiosa. Relativamente ao discurso, dá respostas pouco elaboradas. No contacto inicial com a prova, surgem elementos ansiogénicos, como os dentes e o morcego. Na Prova das Escolhas, escolhe este cartão como um dos menos gostados, referindo que é assustador. Desta forma, perante o desconhecido emerge uma angústia, revelando a sua dificuldade em organizar-se sozinho.

O “Jorge” tem uma diferenciação imprecisa do esquema corporal, entre mundo interno e externo, como é visível ao longo de todo o protocolo. Os modos de apreensão, surgem mal delimitados, com tendências a cruzamentos. Relativamente aos determinantes, por vezes não há uma preocupação em delimitar o percepto. Ao nível dos conteúdos, os animais são os mais

frequentes e na sua maioria surgem inteiros, mas encontram-se mal vistos. Nas suas respostas humanas, existem cruzamentos entre as mesmas e imagens animais, o que nos dá conta de alguma confusão no seu pensamento.

Relativamente à representação de si face ao meio, no cartão I, começa por dar uma imagem de uma borboleta, algo belo, mas rapidamente diz que é um morcego com dentes nos buracos e sem pés. Desta forma, tem uma representação de si próprio face ao meio, frágil e incompleta, também visível, por ao longo do protocolo, haver uma sensibilidade para o que não está acabado. Assim, a sua ferida narcísica primária, foi reactivada pelo material. Refere que os buracos são os dentes, como se a angústia do vazio fosse tão intensa que sente necessidade de preenchê-lo. As asas estão revestidas de membrana, numa tentativa de se fortalecer. Ao falar na célula, dá um elemento de um reino pouco evoluído, pequeno, frágil. Fala dos caranguejos revestidos por quitina, havendo novamente a necessidade de revestimento para se proteger, para se fortalecer. Os conteúdos encontram-se maioritariamente mal vistos, dando-nos conta desta representação de si pouco estruturada. Nas últimas pranchas, surge uma representação de si mais fragmentada, o que significa que face a situações mais complexas se desorganiza mais facilmente.

Podemos constatar que o “Jorge” revela dificuldades importantes no acesso à sua identidade, pois ao longo do protocolo, há uma procura activa de unidade, tentando unificar os elementos, numa tentativa de unificação de si. Dá algumas imagens do reino vegetal e animais de um reino mais ou menos evoluído. As personagens humanas, cruzam-se com conteúdos animais, são mal construídas e estranhas, tendo dificuldade na integração das imagens. Desta forma, podemos concluir que há um distúrbio de estruturação da relação de objecto, em que os limites entre si e o meio são ténues e as imagens parentais não são diferenciadas de si, mas sim parte sua.

Relativamente à imago paterna, é sentida como passiva, pois no cartão IV, que segundo a literatura é o cartão que mais fortemente remete para a imago paterna (Traubenberg & Boizou, 1999), dá a imagem de um carneiro, um animal associado a uma certa passividade. Ao mesmo tempo é também sentido como ameaçador, pelos cornos. Na Prova das Escolhas, seleciona este cartão, como sendo um dos menos gostados, referindo que é assustador. Há uma tentativa de fuga ao cartão, referindo que temos poucos minutos para acabar a prova, sendo que é notável que lhe causa alguma angústia. No cartão III, dá uma imagem de dois homens, que evocam também esta passividade por terem a forma de pato, um animal inofensivo e por outro lado, têm dentes afiadíssimos, o que evoca esta sensação de ameaça. Desta forma, a imago paterna não é considerada para o “Jorge” como uma figura de referência, sendo sentido como um mau objecto interno.

Relativamente à imago materna, no cartão VII, que a solicita mais fortemente (Traubenberg & Boizou, 1999, dá uma imagem humana, mas atribui-lhe elementos insólitos de conteúdo animal. Há a tentativa de construção de uma imagem, que engloba partes do corpo humano e partes animais, com uma certa confusão. Surge escotomizada, sem cabeça, incompleta, tal como ele próprio se sente. Esta é uma figura de outro mundo e assustadora, sentindo assim a sua imago materna como ameaçadora e distante. No cartão I, que solicita uma relação com a mãe pré-genital a um nível mais arcaico (Traubenberg & Boizou, 1999), surge também, uma imagem escotomizada, sem pés e um morcego com dentes, uma imagem ameaçadora, o que também vai no sentido do cartão VII. Desta forma, a imago materna diferencia-se pouco de si, sendo sentida como uma parte sua, uma vez que nestes cartões que evocam a imago materna, surgem pulsões suas.

Em suma, através da análise do protocolo RCH e do psicograma, o “Jorge” é uma criança cujos limites do esquema corporal, são ténues, havendo pouca diferenciação entre o mundo interno e o externo, sentindo-se frágil e incompleto, perante o meio. Desta forma, revela dificuldades importante no acesso à sua identidade e as suas imagos parentais não foram interiorizadas como objectos diferentes de si. A imago paterna é sentida como passiva e ao mesmo tempo ameaçadora, enquanto que, a imago materna também é sentida como ameaçadora e distante, pouco disponível emocionalmente, havendo uma relação quase fusional com a mesma. Desta forma, as suas imagos parentais, são sentidas como pouco securizantes, não sendo consideradas como figuras de referência. Face a situações mais complexas, desorganiza-se mais facilmente, surgindo uma maior angústia de fragmentação. Estas constatações, vão ao encontro da sua história clínica, da observação e dos desenhos.

Caso 2 - “João”: “*Não conheço nenhuma família. Eu não tenho família, só pais!*”

1. História Clínica:

O “João” nasceu no dia 12 de Junho de 2000, tendo à data das sessões 13 anos e 1 mês. A sua história Clínica, foi recolhida maioritariamente por um Pedopsiquiatra, na primeira consulta, dia 12 de Janeiro de 2006. O “João” tinha 5 anos e 7 meses. O seu agregado familiar é constituído pela mãe, pai e por uma irmã mais velha.

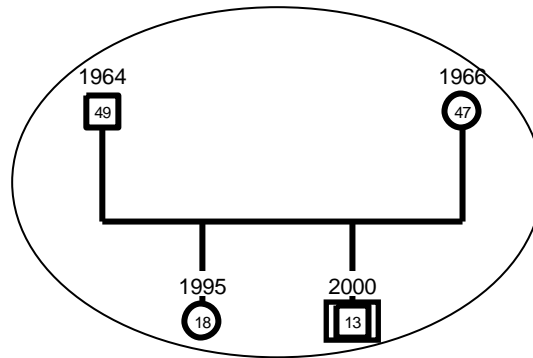


Figura 14:

Caso 2 - Genograma

Motivo da primeira consulta: Encaminhado da consulta de desenvolvimento de um Hospital da Grande Lisboa, por apresentar comportamentos agressivos no JI, para com os colegas.

Dados relevantes da entrevista livre com a mãe, na primeira consulta: Até à data, tinha adquirido poucos conhecimentos na escola, o que deixava a mãe bastante preocupada. Referiu que o “João” tinha dificuldades ao nível da linguagem e que por vezes era uma criança carinhosa, outras vezes era agressiva.

• **Anamnese:**

Antecedentes familiares: A mãe, estudou até ao 4^a ano e é empregada de limpeza. O pai também tem o 4^a ano e é carpinteiro. Os seus pais são casados, mas o relacionamento tem piorado ao longo do tempo.

Antecedentes pessoais: A mãe teve diabetes a partir do 5^o mês de gestação. Nasceu de parto eutócito. Desde pequeno que surgiram dificuldades alimentares, pois não tinha força no maxilar, o que dificultava a mastigação. Sempre teve dificuldades ao nível da socialização. Com 2 anos, foi encaminhado pelo médico de família para a consulta de desenvolvimento de um Hospital da Grande Lisboa, devido ao atraso de linguagem. Frequentou o JI, integrando um grupo de apoio individualizado. Actualmente, frequenta o 7^o ano, com currículo alternativo, tendo apenas Educação Física e Português.

• **Acompanhamento:** É acompanhado em Pedopsiquiatria, usualmente com periodicidade superior a dois meses. Actualmente, o diagnóstico é de Psicose deficitária. Já beneficiou de Terapia ocupacional e de acompanhamento por uma Professora do EE. De forma a ultrapassar as dificuldades alimentares, também já fez um treino alimentar. Actualmente, beneficia de apoio na escola, Terapeuta da Fala (desde os 3 anos) e Psicóloga (desde os 5 anos). Encontra-se medicado com Risperidona.

Avaliações complementares de diagnóstico: Ao longo dos anos foi avaliado em diversas especialidades, onde se concluiu que apresenta um atraso grave do desenvolvimento, déficit cognitivo, perturbação do comportamento e perturbação da linguagem, ao nível da expressão. Com 7 anos, foi avaliado em Psicologia, onde obteve um QI de 82, apresentando assim um rendimento cognitivo um pouco abaixo do esperado para a sua faixa etária e dificuldades ao nível do grafismo. Mais concretamente, na organização espacial e na execução da FH. Na escola, tinha comportamentos agressivos e de oposição, solicitando com frequência a atenção do adulto. Em actividades individuais, tinha dificuldades de concentração, por não se considerar apto.

Resumo dos aspectos clínicos relevantes: Aos 6 anos, ingressou no 1º ano, com boa adaptação, apesar de ser um quadro de NEE. Começou a beneficiar de um Plano Educativo Individual e de um Programa Educativo. Com 7 anos, a frequentar o 2º ano, a mãe saía muito cedo para trabalhar e a irmã mais velha, levava-o para casa dos avós, onde ficava até à tarde, quando ia para a escola. Por opção, a mãe não queria que o “João” frequentasse as actividades escolares da manhã, devido às suas dificuldades alimentares, o que revela as dificuldades que esta mãe tinha em deixar que o “João” se autonomizasse. Por indicação da Professora de EE, começou a frequentar estas actividades, adaptando-se muito bem e demonstrando grande satisfação. Começou também a almoçar na escola.

Com 9 anos, só comia sopa na escola e em casa comia o que queria. Aos 10 anos, fizeram-lhe o diagnóstico de Autismo, noutra instituição. Tinha fobia a peixe e a carne. Ficava ansioso com a aproximação dos testes. Com 11 anos, no 5º ano, tinha um atraso marcado ao nível das aprendizagens, sendo que ainda não sabia ler. Quando não estava medicado havia recusa escolar. Era vítima de Bullying. Aos 12 anos, no 6º ano, houve uma evolução ao nível da linguagem. Começou a comer carne e peixe. Passava os dias sozinho em casa. Adoptava comportamentos agressivos com os pais e com a irmã, zangava-se e dizia que os ia matar. Conta que esta zanga é porque têm que baixar o nível de vida, que os tios vivem melhor e sente raiva por isso. Dizia que queria comprar, vender droga e matar pessoas. Aos 13 anos, transitou para o 7º ano e ficou mais agressivo. Dizia que a mãe era chata, que achava que ela gostava mais das tias, mas que gostava de a ter por perto. Desvalorizava o pai, dizendo que ele não prestava. Comportamentos estes, considerados como uma tentativa de solicitar a atenção dos pais. Por vezes, isolava-se em casa.

Desenhos anteriores: No processo do “João” constava um desenho, realizado com 10 anos. Dado que não presenciei a execução deste desenho, a avaliação que me é possível fazer é apenas em termos gráficos. Segundo a informação que consta, foi um desenho realizado numa altura em

que o “João” estava mais agressivo e instável, após um episódio em que a Professora ralhou com ele e o “João” a mordeu. A Professora surge morta pelo “João”, encontra-se deitada e ele está perto dela, escotomizado, sem braços, o que poderá indiciar culpabilidade (Corman, 1967). Surgem mais duas figuras humanas, com um traço mais leve, como se o observassem. Os elementos, enquadram-se num todo, com nuvens, sol e relva. A casa, surge ligada à árvore, talvez numa tentativa de unificar os elementos. Há assim uma desorganização visível, que revela a sua desordem psíquica. Este desenho, é imaturo para a idade em que o realizou.



Figura 15:

Caso 2 - DL que constava no processo

2. Participação no Estudo:

- **Resumo das sessões:** Veio acompanhado pelo pai. Na segunda sessão, o “João” vem um pouco ansioso, sendo que o pai referiu que tinha comido algo que lhe fez mal, que estava com vómitos e não queria ir. Com o “João”, senti-me um pouco frustrada, pois teve um contacto fugidio e foi difícil aceder ao seu mundo. Ao longo das sessões, dá sinais de impaciência e refere muitas vezes que lhe dói a cabeça.

- **Entrevista com o pai:** O pai, forte, aparenta ser de baixo estatuto socio-económico, tem um aspecto cansado e parece-me bastante funcional e autoritário em relação ao filho. Conta que o “João” desde bebé que era diferente. Tinha um atraso, não queria estudar, não queria comer e quando comia carne e peixe vomitava. Diz que actualmente, tem dificuldades na escola e na alimentação. Não quer ir brincar para a rua com as outras crianças. Acha que não tem havido melhoria, pois é muito nervoso, tem que tomar muitos calmantes e diz que quer matar pessoas. Diz que o filho não sabe fazer nada e que não tem autonomia.

- **Observação da criança:** É uma criança de raça caucasiana. Aparentemente, apresenta um desenvolvimento estato-ponderal acima do esperado para a sua idade, mas tem baixo peso. Vem vestido de acordo com a idade, género e estação e descuidado em relação à higiene. Tem um fâcies inexpressivo e raramente sorri. Tem um contacto visual fugidio e retraído, olhando a maior parte do tempo para baixo. Adequa-se à situação estruturada, acede a quase todos os pedidos que lhe são solicitados, mas com alguma insistência da minha parte, sendo bastante difícil chegar até ele. Por vezes, não responde às questões que lhe coloco ou responde apenas com “sim” ou “não”. Em alguns momentos, adopta um discurso contraditório, como oposição. Tem uma

linguagem pobre e imatura, com dislalias, o que tornava por vezes o seu discurso ininteligível. No que diz respeito à motricidade, tem um andar descoordenado e uma postura cabisbaixa, com movimentos pouco energéticos. Realiza as tarefas de forma muito desinvestida, sem retirar qualquer prazer das mesmas.

• **Instrumentos aplicados:**

Desenhos: Primeiro, é necessário situar em que estado de evolução se encontram os desenhos do “João” (Di Leo, 1967). De acordo com Luquet (1987), encontra-se na fase do “Realismo intelectual”, pois as suas figuras humanas são desproporcionais e ainda existem algumas transparências, como no DL e no DFH. Porém, encontra-se na transição para o “Realismo visual”, pois desenha maioritariamente o que é realmente visível e surge um sentido crítico em relação ao que desenha (Luquet, 1987), como no DFH, em que comenta: “*Tá ao contrário!*”.

As linhas, surgem indecisas e quebradas, o que indicia a insegurança do “João” (Di Leo, 1987). Por vezes os contornos são construídos, recorrendo traços curtos, como se de um esboço se trata-se, uma técnica característica de desenhos evoluídos (Goodenough, 1965). O traço, surge por vezes forte, o que pode significar fortes impulsos (Corman, 1967). Em todos os desenhos, os elementos surgem suspensos no vazio, como se voassem, não existindo um fundo que os suporte. Há uma recusa total de cor, o que costuma ser usual nas crianças psicóticas retraídas (Campos, 2003).

Interpretação do DL: Perante o pedido, mostra-se reticente, dizendo que não sabe o que desenhar. Após insistência da minha parte, olha em volta na sala e desenha um carro. Uma vez que existia um carro na sala, este desenho pode tratar-se de uma procura de colagem a um objecto real, tratando-se de uma representação em eco. Desta forma, este desenho tem um estilo contido e realístico (Di Leo, 1987). Numa

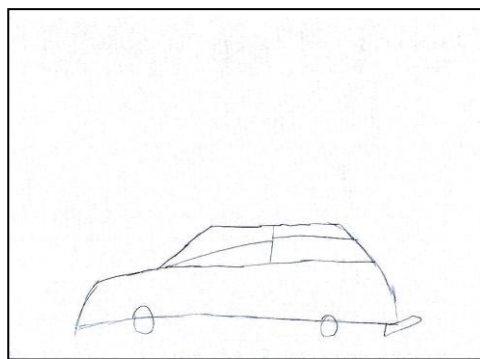


Figura 16:

Caso 2 - DL
transmite um efeito agradável, nem desagradável. Está pouco investido, sendo que o faz apenas para corresponder ao meu pedido. No que diz respeito às características formais e estilísticas, ocupa a parte inferior da folha, o que pode indiciar insegurança e apego ao concreto (Campos, 2003). Quando lhe peço para contar uma história diz: “*Foi um carro que eu fiz, tá na garagem e não vai lá ninguém.*” É um carro, que não tem ocupantes, está vazio, guardado na garagem, isolado, talvez

como ele se sintia, solitário e sem conteúdo, vazio. O conteúdo que surge é bastante pobre, não possibilitando uma análise interpretativa rica.

Interpretação do DFH: Este desenho transmite uma impressão desagradável, pelo olhar, que é vazio, sem íris e pelo formato, parece exprimir raiva e agressividade. Assim, através do desenho, exprime o seu estado emocional (Di Leo, 1987), a sua zanga com o mundo que o rodeia, como também vem descrito na sua história clínica.



Relativamente aos aspectos formais e estruturais, o desenho surge pouco investido e encontra-se desenhado de lado.

No que diz respeito ao conteúdo, não desenha a figura humana completa. A cabeça surge em destaque, enquanto que, o corpo é

Figura 17:

Caso 2 - DFH

renegado para segundo plano, havendo assim uma defesa contra a projecção (Machover, 1978). Os olhos surgem representados como “janelas da alma”, podendo indiciar auto-absorção. O nariz, que tem simbolismo sexual, surge representado como sendo forte e masculino. A boca, surge rasurada e foi o último elemento a ser desenhado, o que pode estar relacionado com as suas dificuldades alimentares (Machover, 1978).

Desenha um homem, com os ombros largos, um ar ameaçador e viril, de forma a compensar o seu aspecto físico frágil, procurando assim uma compensação (Machover, 1978). Contudo, surge escotomizado, sem a presença do braço, o que contraria esta virilidade, evidenciando assim o seu sentimento de incompletude perante o meio. A introdução do vestuário, chapéu, óculos, brincos e o fio, está relacionada com a necessidade das aparências (Machover, 1978). O sombreamento forte no chapéu, pode expressar ansiedade (Di Leo, 1987). Não desenha a pessoa e depois acrescenta os acessórios, mas desenha alternadamente partes essenciais do rosto, com os acessórios, parecendo que não existir uma ordem de importância entre os dois.

Quando lhe peço que me conte uma história sobre a pessoa que desenhou, diz-me simplesmente que é uma pessoa. No inquérito, refere que é um homem, que “*tá sossegado, sem ninguém o chatear, tá com os amigos*”. Diz que é feliz, que não tem aborrecimentos, que nada o faz zangar, não tem manias e tem muitos amigos. Refere que não tem defeitos, pois se foi ele que fez é porque não tem, numa tentativa de se narcisar. A figura surge com um aspecto jovial, boné para o lado, brincos e a cruz ao pescoço. Desta forma, esta personagem, pode surgir como um ideal

do Ego, projectando nela, o que gostaria de ser. Dado que a FH, representa a expressão do “eu” no ambiente, podemos através deste desenho aceder à sua imagem corporal (Machover, 1978), sentindo-se uma pessoa frágil, insegura, que gostaria de ser feliz e de ter muitos amigos.

Segundo Goodenough (1965), esta FH pertence à classe B, pois existe uma tentativa clara de representar a figura humana, com diversos detalhes. Através do somatório dos diversos itens, obteve-se uma pontuação total de 20 pontos, o que corresponde a uma idade mental de 8 anos (através da consulta da tabela de aferição de Goodenough (1965)). Obteve-se assim um QI de 61, considerado “Muito inferior” para a sua faixa etária. De acordo com a sua idade cronológica, seria esperado que a FH surgisse mais evoluída e tivesse mais em consideração as proporções. Contudo, há que ressaltar, que pelo facto de só ter desenhado a cabeça e o tronco, foi penalizado, uma vez que os itens que não desenhou, tiveram que ser pontuados com 0.

Interpretação – A-R: Comparativamente ao DFH, o A-R surge mais investido, sendo que aqui desenha a FH completa e introduz mais detalhes, como a marca do chapéu e a berguilha. A impressão geral que o desenho transmite é desagradável, pelo olhar vazio, sem a presença de íris. Contudo, comparando com a DFH, não parece haver tanta agressividade, pois apesar do olhar rasgado, a figura está a sorrir e a acenar com a mão. Esta agressividade, não surge expressa de uma forma tão clara, talvez por este ser um pedido mais concreto, em que ele está directamente implicado.

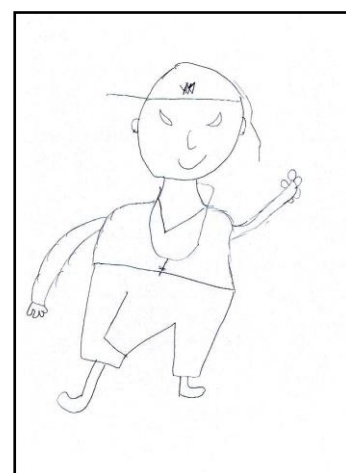


Figura 18:

Esta figura grande, pode ser uma tentativa por parte do Caso 2 - DFH “João” de se narcisar, expressando a inflação do Ego, utilizando defesas maníacas, evitando assim sentimentos de vazio (Coelho, 1993). As mãos surgem abertas, podendo significar a necessidade de afecto e de relação (Campos, 2003). As partes do corpo, surgem desproporcionais entre si. Desta forma, ainda existe imaturidade na representação da figura humana (Machover, 1978). O facto da cabeça ser grande, pode significar dependência (Machover, 1978), como é o seu caso, que tem pouca autonomia, como foi referido pelo pai em entrevista.

Um dos braços, está virado para cima, como se acena-se, transmitindo energia, ao contrário dele, que tem pouca vida, sendo esta uma tentativa compensatória de ser uma pessoa mais vital (Machover, 1978). Desenha-se com ombros largos e gordo, de forma a compensar o seu aspecto físico frágil, procurando assim uma compensação, tal como também fez no DFH (Machover, 1978). Este vestuário, que a figura apresenta, pode significar como desejaria de ser

para as outras pessoas (Machover, 1978). Desta forma, também o seu A-R é realizado, projectando no desenho, o ideal do Ego, como uma atitude compensatória da sua fragilidade.

Interpretação – DFI: Inicialmente rejeita o pedido, dizendo: “*Não conbeço nenbuma família. Eu não tenbo família, só pais!*”, notando-se uma certa agitação motora e angústia, perante este pedido. Após a minha insistência, dizendo-lhe que não precisava de ser uma família de pessoas, acaba por desenhar uma família de peixes. Esta resistência, pode significar que o “João” tem uma imagem negativa da família (Di Leo, 1987). No inquérito, quando lhe pergunto de quem gosta mais, diz que não gosta de peixes e que não gostava de estar ao pé de ninguém nesta família, o que vai ao encontro do que foi referido anteriormente.

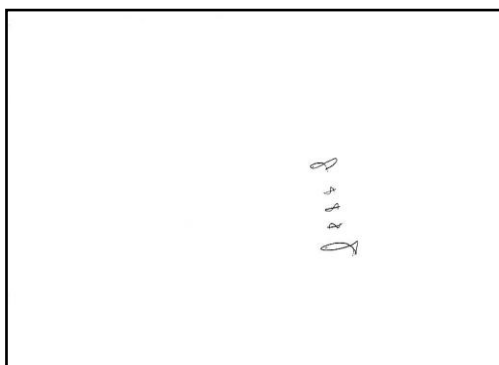


Figura 2:

DFI - Caso 2

Ao nível gráfico, o “João” desenha numa pequena parte da folha, utilizando linhas curtas, havendo uma inibição da expansão vital, com uma grande tendência introversiva (Corman, 1967). No que diz respeito às estruturas formais, trata-se de um desenho marcado pelo racional, pois há uma reprodução estereotipada das figuras, que se encontram isoladas entre si (Corman, 1967), o que pode revelar insegurança (Di Leo, 1987). Ao nível do conteúdo do desenho, perante o pedido de desenhar uma família, desenha uma família imaginária, uma família de peixes. Assim, a subjectividade prevalece sobre a objectividade, desenhado animais, personagens figuradas que não possuem nenhuma realidade objectiva (Corman, 1967). O princípio do prazer-desprazer sobrepõe-se ao princípio da realidade, tentando retirar o máximo de prazer e o mínimo possível de desprazer ao desenhar (Corman, 1967).

No inquérito, quando lhe pergunto quem é o melhor, diz-me que são todos, porque “*são alinhados, tão todos iguais!*” Não há nenhum aborrecido e não há nenhum que seja o mais feliz. Diz que não gostaria de ser ninguém, pois “*se fosse um peixe morria, pelas outras pessoas!*”. Desta, forma, não há uma identificação consciente, como nenhum dos membros da sua família.

Relativamente à figura masculina, surgem maioritariamente expressas tendências afectivas positivas. De todos os peixes é o que foi desenhado em primeiro lugar, o maior comparativamente aos outros e o mais investido. Há assim uma identificação a nível inconsciente com o progenitor do mesmo sexo, afirmando a sua masculinidade (Corman, 1967).

No que diz respeito à figura feminina, surgem expressas tendências afectivas negativas, pois foi desenhada em último lugar, surgindo assim desvalorizada (Corman, 1967). Os elementos não são desenhados, respeitando-se a linha hierárquica, sendo que a tia, é mais velha que os filhotes e os primos e estes surgem representados primeiro, havendo assim uma inversão. Este facto, também nos dá conta da desvalorização da figura materna (Corman, 1967). O casal, surge afastado, um de cada lado, sendo que este afastamento pode representar a situação real existente entre os seus pais ou pode representar o desejo secreto de separar os pais, por ciúme edipiano (Corman, 1967). O facto de não haver diferenciação entre o sexo dos elementos, assinala a imaturidades das relações objectais (Corman, 1967).

Os filhotes, com os quais possivelmente se identifica, surgem desvalorizados, pelo seu pequeno porte, relativamente aos outros peixes (Corman, 1967). Comparativamente à sua família real nuclear, o “João” acrescenta um primo, com o qual provavelmente se identifica (Corman, 1967). Esta, é uma identificação inconsciente, tal como sucede com a figura paterna, sendo que estas identificações, se relacionam com os impulsos do Id reprimidos (Corman, 1987). Após terminar o DFI, peço-lhe para desenhar a sua família, sendo que mesmo após a minha insistência, não aceita desenhá-la, o que nos indica mais uma vez, que esta lhe evoca sentimentos negativos (Di Leo, 1987).

De forma a atestar a validade deste desenho, há que ter em consideração o método das convergências de indícios, tendo em consideração as convergências intratestes e as extratestes (Corman, 1987). Relativamente às convergências intratestes, é possível observar que os elementos convergem, por exemplo relativamente à desvalorização da figura materna, pois é desenhada em último, pouco investida e não tendo em consideração a sua condição hierárquica. A figura paterna foi desenhada em primeiro lugar e surge como o maior, sendo valorizado.

As convergências extratestes, são as que obtemos noutros testes de personalidade (Corman, 1987). Em todos os desenhos surge expressa a desvalorização de si próprio, através da sua insegurança e das tentativas compensatórias que faz para se narcisar, tendo um Ego frágil. A sua história clínica, bem como a observação clínica, também vão no sentido de o “João” ser uma criança insegura, não investindo em tarefas para as quais não se considera apto. Também no RCH, é possível constatar que sente a sua imago materna como pouco disponível para si. Esta maior proximidade com a figura paterna, expressa no desenho, também surge no RCH, embora seja uma proximidade quase fusional. Esta resistência em desenhar a família, deve-se ao facto de as suas figuras parentais serem sentidas como pouco contentoras e não serem consideradas figuras de referência, tal como surge no RCH.

RCH:

Protocolo:

Tempo de início da prova: 10h 35 min

Resposta	Inquérito	Cotação
I Λ 14” 1- “Uma borboleta...mais nada.” 29”	“As asas (D lat.), por causa das asas é uma borboleta (G).”	1- G F+ A Ban
II Λ 36” 2- “Elefante...elefante... 3- Uma borboleta...as asas da borboleta.” 49”	Elefante: “Isto a tromba (D central)... isto preto.” Borboleta: “Vermelho em baixo (verm. inf). Em cima as asas da borboleta (verm. sup).”	2- G F+ A Ban 3- D FC A
III Λ 26” 4- “Uma pessoa...uma mulber... 5- O jarro 6- e a água. 7- Mosquito.” 1’8”	Mulher: “Essas duas....aqui, aqui (D lat.) (delimita-as com o dedo) e uns sapatos de salto alto (D inf.).” Jarro: “Aqui e aqui...(D inf. lat.)” Água: “Aqui.” (D inf. central) Mosquito: (Aponta) (D verm. central)	4- G K H Ban 5- D F- Obj. 6- D F± Elem. 7 - D F- A
IV Λ (Suspira...) 38” 8- - “É o rio...”	“É o rio...em tudo (G)...a água vai assim para baixo. Porque tem várias manchas. Tá-se a mexer a água.”	8- G KobE Nat.

42”		
V Λ (Suspira) 9” 9- - “Morcego.” 16”	“Tudo (aponta) (G)... <i>as asas</i> (D lat.)... <i>os olhos</i> (D sup.), <i>antenas</i> (D sup)...”	9- G F+ A Ban
VI Λ (Assim que vê o cartão vira a cara para o lado e fica em silêncio durante algum tempo) 57”	“Não vi nada.”	Recusa
VII Λ “É um bocado estranho, não sei dizer... não tem nenhuma figura.” 40”	“Não sei dizer.”	Recusa
VIII Λ “Não sei o que é isto... <i>abhh... já sei!</i> 24” 10 - Um camaleão, 11 - um camaleão e uma árvore... uma planta.” 1’5”	Camaleões: “ <i>Camaleões no rosa... aqui a cara</i> (D lat. sup.)...” Planta: “ <i>A planta é a folha para o camaleão comer... (verdes)</i> ”	10- D F+ A Ban 11- D F± Nat
IX Λ “Isso não sei o que é isso... não sei que é isso... é o que? A mim não tá a lembrar nada. Isto nem tem desenhos.” (agitado) 55”	“Não sei.”	Recusa

X Λ (Suspira) <i>“Este não sei o que é isto... não sei o que é isso. (Esconde a cabeça no braço) Não faz lembrar nada.”</i> 48”	<i>“Nada.”</i>	Recusa
---	----------------	--------

Tempo final: 10h 59 min

Prova das escolhas:

+ : Cartão V – *“É o mais real. Mais nenhum”*

- : Todos menos o cartão V – *“Foi todos menos o cartão V, não dá para perceber o que é que é.”*

Psicograma:

R = 11 ↓↓ Recusas = 4 T.T. = 7'1" Tp/R = 24" Tp Lat. Med. = 25" Sucessão: Relaxada T. Apreensão: $\underline{G} \bar{D}$ TRI: 1K = 0,5C (Introversivo misto, pouco expressivo) F.C. 1k = 0,5E RC% = 9% ↓↓ I.A. = 0% Prova Escolha: + : V - : Todos menos V	G = 5 (45%) D = 6 (55%)	$\Sigma F = 8$ F+ = 4 F+- = 2 F- = 2 K = 1 kob = 1 FC = 1 FE = 1	H = 1 A = 6 Obj = 1 Nat = 2 Elem = 1	F% = 73% ~ F+% = 50% ↓↓ Fa% = 100% F+% _a = 45% H% = 9% ↓ A% = 55% ↑ Ban = 5 ~
---	--------------------------------	---	--	--

Interpretação: Perante a proposta do RCH mostrou-se pouco entusiasmado, mas colaborante. Durante a prova, dá respostas pouco elaboradas e adopta uma postura de impaciência. Na aplicação, senti-me um pouco angustiada. No contacto inicial com a prova, dá uma resposta banal, uma borboleta, significando que se consegue adaptar perante a situação desconhecida.

Alguns dos modos de apreensão, surgem mal delimitados, com tendências a sobreposições. No que diz respeito aos determinantes, não há uma preocupação em delimitar os perceptos. Relativamente aos conteúdos, a maioria são animais, mas alguns surgem mal vistos. Desta forma, os limites do seu esquema corporal encontram-se pouco definidos.

Ao longo do protocolo, os limites das imagens que dá, são ténues, como por exemplo a resposta água no cartão III e o rio, no cartão IV. Dá alguns elementos fragmentados, como a borboleta e as asas da borboleta, no cartão II. Existe apenas uma representação humana. Há uma procura activa de unidade, numa tentativa de unificar os elementos, revelando dificuldades ao nível da integração das imagens. Dá uma imagem do mundo vegetal, como a planta, no cartão VIII e animais que pertencem a um reino mais evoluído, como o elefante e outros que pertencem a um reino menos evoluído, como o mosquito. Desta forma, não há acesso a uma identidade bem definida.

Há uma sensibilidade para o que não está acabado, o que nos revela que tem uma representação de si face ao meio incerta, frágil e incompleta, com provável origem numa ferida narcísica primária que o material reactivou fortemente. Ocorreu uma falha na estruturação da relação de objecto, pois os limites entre si e o meio são ténues e as suas imagens parentais são consideradas como parte de si, havendo uma quase confusão entre o sujeito e o objecto.

No cartão IV, que evoca mais fortemente a imago paterna (Traubenberg & Boizou, 1999), há uma notável mudança de comportamento, pois começa a ficar mais impaciente. Refere que vê um rio e que *“a água vai assim para baixo”*, distancia-se. No cartão III, dá novamente a imagem da água, algo pouco consistente. Uma vez que a água não tem limites bem definidos, evoca assim uma relação quase fusional entre si e a figura paterna, sentindo-o por outro lado como distante, pouco disponível para si.

No cartão VII, que remete mais fortemente para a imago materna (Traubenberg & Boizou, 1999), há uma recusa. Refere que é um bocado estranho e que não tem nenhuma figura, evocando uma ausência, pois não há figura. No cartão IX, que também tem um simbolismo materno pré-genital (Traubenberg & Boizou, 1999), há uma recusa, evocando novamente a

ausência, pois diz que não está lá nada. Desta forma, não vê consegue ver nada, porque provavelmente também não foi visto, sentindo assim sua figura materna também como distante e pouco disponível para si.

Em suma, o “João” é uma criança cujos limites entre o mundo interno e o mundo externo estão pouco delimitados, tendo uma imagem de si incerta, frágil e incompleta, perante o meio. As suas imagos parentais não são considerados como objectos diferentes de si, mas sim como partes suas, principalmente a imago paterna. São ambas sentidas como distantes e pouco disponíveis para si, isto é pouco securizantes, particularmente a imago materna, não sendo assim consideradas como figuras de referência. Ao longo do protocolo, o “João” dá algumas banalidades, o que significa que ainda tem algum contacto com a realidade.

Caso 3 - “Filipe”: “...se fosse humano era pó.”

1. História Clínica:

O “Filipe” nasceu no dia 14 de Fevereiro de 2001, tendo à data das sessões 12 anos e 6 meses. A sua história clínica, foi maioritariamente recolhida pela Pedopsiquiatra que o acompanha, na primeira consulta, dia 17 de Agosto de 2005, em que tinha 4 anos e 6 meses. Actualmente, o seu agregado familiar durante a semana, é constituído pelo pai, madrasta e quatro meios-irmãos e ao fim-de-semana pela mãe.

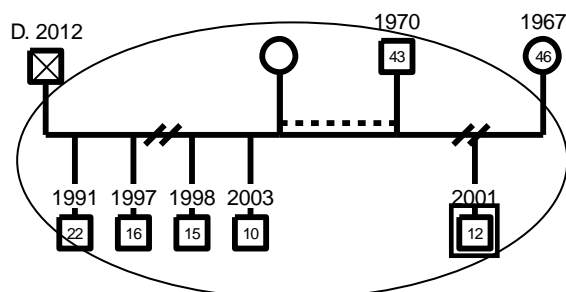


Figura 18:

Caso 3 - Genograma

Motivo da primeira consulta: Veio encaminhado pela urgência de um Hospital da Grande Lisboa, por ter ingerido um frasco inteiro de água e sabão para fazer bolhas. Anteriormente, já tinha havido dois episódios de ingestão de detergente líquido e óleo para carros.

Dados relevantes da entrevista livre com os pais, na primeira consulta: A mãe achava-o uma criança agitada. Falou da sua depressão e num período em que esteve mais deprimida, o “Filipe” foi viver 15 dias para casa da tia paterna.

• **Anamnese:**

Antecedentes familiares: A mãe tem 46 anos, o 12º ano e é auxiliar de acção educativa. Refere que está deprimida desde os 9 anos, por se sentir culpabilizada pela separação dos pais. Foi acompanhada em Psiquiatria dos 7 aos 11 anos. Fez duas tentativas de suicídio, sendo que numa foi internada. O pai tem 43 anos, o 12º ano de escolaridade e é técnico de registadoras e balanças. Os pais estão actualmente divorciados.

Antecedentes pessoais: O “Filipe” foi a segunda, gravidez, sendo que a mãe fez uma interrupção voluntária da gravidez aos 25 anos. A gravidez do “Filipe”, não foi uma gravidez planeada, a mãe nunca quis ter filhos e dava murros na sua barriga, tendo que ser medicada. Foi um parto eutócito, sem complicações. No período peri-natal, o filho chorava muito e a mãe irritava-se com facilidade. Teve problemas alimentares precoces, pois tiveram alta ao 2º dia e ao 3º dia o “Filipe” teve que ser internado uma semana, por ter ficado desnutrido e em hipoglicemia por a mãe não ter leite. Dormiu com os pais até aos 3 anos. Quando não o podiam pôr a urinar de noite, punham-lhe a fralda mas o “Filipe” não queria, pois dizia que não era bebé. Teve dermatite atópica. Até aos 6 meses esteve com a mãe e quando a mãe foi trabalhar, ficou com o pai por algum tempo e com a avó materna. Aos 7 meses, ingressou no JI, com boa adaptação. Actualmente, frequenta o 7º ano, com bom aproveitamento escolar.

• **Acompanhamento:** É acompanhado em Pedopsiquiatria, com periodicidade variável, usualmente superior a dois meses. O seu diagnóstico de acordo com o DSM-IV é: Eixo I: Perturbação da vinculação e problema relacional mãe-filho; Eixo II: 0; Eixo III: eczema atópico; Eixo IV: mãe com depressão grave e pai igualmente indisponível. Actualmente, encontra-se medicado com Seroquel.

Avaliações complementares de diagnóstico: Com 7 anos, foi avaliado em psicologia. Desenhava com esquema corporal imaturo e ficcionados, com clivagens entre os bons e os maus. Tinha um nível cognitivo adequado à sua faixa etária, linguagem imatura e por vezes o pensamento surgia confuso. Concluiu-se que tinha uma desarmonia evolutiva, vertente primária, com uma falha precoce na relação materna.

Resumo dos aspectos clínicos relevantes: Com 5 anos, levantava-se de noite e ia ver televisão, tendo acesso a conteúdos que não eram para a sua idade. O pai estava bastante preocupado com o facto de o “Filipe” não ter a lateralidade definida. Com 6 anos, a frequentar o 1º ano, tinha enurese nocturna primária. Dormia com os pais e sonhava com monstros. Na escola, tinha pouca

autonomia, era introvertido, apático e por vezes agressivo. Surgiram os delírios e foi colocada a hipótese diagnóstica de organização psicótica.

Com 7 anos, no 2º ano, tinha grandes oscilações de contacto, fazendo voz fina e voz grossa. Tinha dificuldade em distinguir a realidade da fantasia. Os pais discutiam muito e decidiram divorciar-se. Quando a mãe entrava em casa, trancava-se no quarto. O pai era agressivo com o “Filipe”. Dormia com a mãe e o pai começou a dormir na cama do “Filipe”. A enurese nocturna tornou-se mais frequente. Dizia que quando estava ao pé da mãe, tornava-se num super-herói e venciam os inimigos. Quando chegava a casa, despia-se e enrolava-se num cobertor, no chão da sala a ver T.V. Houve uma mudança de escola. O pai falava ao telemóvel com outras mulheres e a mãe ameaçou-o com uma faca, sendo que o “Filipe” assistiu.

Com 8 anos, no 3º ano, estava mais inquieto e excitado. A mãe saiu de casa e o “Filipe” chorava muito. Era vítima de Bullying na escola, defende-se batendo nos colegas. Com 9 anos, no 4º ano, o processo de regulação paternal estava concluído, sendo atribuído à mãe. O pai junta-se com outra pessoa que tem filhos do primeiro casamento. O “Filipe” gosta muito dela e dos filhos. Com o pai, brincava com os irmãos e com a mãe via T.V. e ia ao jardim. Aos 10 anos, a frequentar o 5º ano, dizia que se queria matar, quando os colegas o aborreciam e por vezes havia recusa escolar. O pai queria a custódia do “Filipe” e vai viver com ele e com a sua nova família. Com 11 anos, no 6º ano, começa a passar os fins-de-semana com a mãe. Baixa as notas e não faz os trabalhos de casa porque não consegue. O pai dos filhos da madrasta morre e o “Filipe” andava mais nervoso e teme perder o pai. Continua a não saber distinguir fantasia de realidade. Com 12 anos, no 7º ano, recuperou as notas. Tem dificuldade em conter os impulsos. A mãe esteve internada e ele andava mais nervoso. Mudou de casa, da qual não gosta.

Desenhos anteriores: No processo do “Filipe” constava um desenho, realizado em avaliação psicológica, com 7 anos. Dado que não presenciei a execução destes desenhos, a avaliação que posso fazer é apenas em termos gráficos. Apenas as margens superiores e inferiores da folha são ocupadas, havendo um enorme espaço em branco na folha. As cores utilizadas são fortes, havendo uma expressão de afectividade (Van Kolck, 1981).

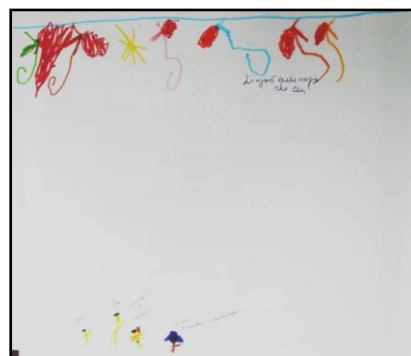


Figura 19:

Caso 3 – DL que constava no processo

Contou a seguinte história: *“Era uma vez três dragões bons. Os outros cinco dragões, que eram mais, queriam ir lutar com eles. Fizeram o plano deles, mas depois falharam porque foram apanhados pelo dragão do*

jogo.” O seu discurso, surge bastante confuso. Há uma clivagem entre os bons que se encontram provavelmente na parte inferior da folha, onde estão representados os elementos da sua família, inclusive ele próprio e os maus, que se estão na parte superior da folha (Coelho, 1993). Neste desenho, é também possível observar uma confusão entre realidade (pessoas) e fantasia (dragões). As figuras humanas surgem representadas de forma imatura, para a sua idade.

2. Participação no Estudo:

- **Resumo das sessões:** Veio acompanhado às sessões pelos pais, sendo que foram após consulta de Pedopsiquiatria. Senti-me bem com o “Filipe”, pois mantém o contacto visual, é uma criança sorridente, que cativa facilmente.

- **Entrevista com os pais:** Têm ambos, um aspecto bastante deprimido e descuidado. A mãe tem tiques faciais, está visivelmente medicada, fala incessantemente, tem um discurso confuso, repetindo ideias e conta muitos pormenores. O pai, tem um contacto retraído e ansioso. A mãe, conta que o “Filipe”, antes dos 3 anos, já não parava quieto. Diz que não tinha leite e até se descobrir, ele chorava muito. A mãe diz que o “Filipe” *“fala para fora, o que devia pensar para dentro”*. Descreve-o como muito teimoso, inteligente e que *“dá a volta às coisas de forma sorrateira”*. Diz que ele fantasiava muito, dizia que era o super-homem. Gostava de brincar com os mais pequenos e de ver o Ruca. O pai diz que o filho tem poucos amigos. Considera que houve uma melhoria ao longo dos anos. No futuro, o que os preocupa é o facto de o “Filipe” ser muito falador, pois é bom aluno, mas poderia ser melhor. Com os pais, senti-me angustiada e triste, dado o estado psíquico de ambos, notoriamente pouco saudável.

- **Observação da criança:** É de raça caucasiana. Apresenta um desenvolvimento estato-ponderal aparentemente, acima do esperado para a sua idade, sendo bastante magro. Tem uma tez pálida, um fâcieis expressivo e um aspecto cuidado. Acede a todos os pedidos que lhe são solicitados, mas por vezes em desenhos temáticos, há uma fuga ao tema. Contudo, colabora com entusiasmo e mantém o contacto visual. O seu discurso, por vezes assemelhasse ao de um adulto e fala incessantemente. Ri-se bastante, por vezes de forma despropositada. No que diz respeito à motricidade, tem uma postura cabisbaixa.

- **Instrumentos aplicados:**

Desenhos: Primeiramente, de forma a evitar erros de interpretação, é necessário situar em que estado de evolução se encontram os desenhos do “Filipe” (Di Leo, 1987). Segundo Luquet (1987), encontra-se na fase do “Realismo visual” (7-12 anos), desenhando maioritariamente o que

é realmente visível. As linhas, por vezes surgem indecisas, o que revela insegurança (Di Leo, 1987). O seu traço tem uma pressão mediana. Todos os elementos, surgem suspensos no ar como se voassem, utilizando assim a identificação projectiva maciça como mecanismo de defesa (Coelho, 1993).

Três dos seus cinco desenhos são cabeças, o que significa que é uma parte do corpo que o “Filipe” dá bastante ênfase, sendo considerada para si a mais importante (Machover, 1978). Isto pode-se dever ao facto de ser na cabeça que estão as funções intelectuais e dos seus pais privilegiarem e se preocuparem bastante com os aspectos escolares.

Interpretação do DL: Numa impressão geral, o todo transmite-nos um efeito desagradável, pois apesar de o “Filipe” dizer que é uma cara feliz a fazer palhaçadas, o olhar transmite tristeza e a boca transmite agressividade. É um desenho investido, mais cuidado em relação aos outros e está todo colorido, talvez por ser o primeiro contacto que estabelece comigo, o que revela um investimento inicial ao nível das relações com o Outro.



Figura 20:

Caso 3 - DL

Quando lhe peço para me contar uma história sobre o que desenhou, diz-me que é uma cara feliz com um bigode italiano e faz uma descrição do que desenhou, explicando as cores que usou e porque o executou daquela maneira e não de outra. Diz: “O nariz é mais claro para se notar... não pinte os dentes porque são amarelos.” Apega-se ao conteúdo manifesto do desenho, como defesa.

Quando termina o desenho, conta-me que é chato ir para casa da mãe, pois só vê T.V. e que gosta de estar em casa do pai, pois tem os irmãos, “temos discussões como irmãos e brincamos como irmãos.” É notória a satisfação do “Filipe” por estar em casa do pai, parecendo uma casa com mais vitalidade. Ao contrário da casa da mãe, que está entregue à depressão, sendo que o “Filipe” fica também entregue a esse estado.

Desta forma, com este desenho, com um sorriso e a língua de fora, o “Filipe” dá-nos conta da sua alegria por ter uma nova família, com muitos irmãos para brincar. Contudo, não parece ser um ambiente muito contentor, pelo facto desta boca causar uma sensação desconfortável. Estes dentes que surgem em destaque, poderem significar agressividade (Di Leo, 1987; Campos, 2003). A boca em evidência, pode estar relacionada com as suas dificuldades de

nutrição precoces (Machover, 1978) ou com o seu desejo de contacto social (Campos, 2003). Por outro lado, pelo olhar da cara, a falta de energia e a desvitalização que sente ao passar os fins-de-semana com a mãe. O olhar desta cara, é bastante parecido ao da sua mãe, direcionado para baixo. O bigode, surge como o elemento embelezador que separa estes dois mundos, havendo uma espécie de clivagem entre ambos. Esta cara, isolada e suspensa no vazio, dá-nos conta da utilização do isolamento como mecanismo de defesa (Coelho, 1993).

Interpretação do DFH: No global, o desenho transmite uma impressão desagradável, de fúria. Quando lhe peço para desenhar uma pessoa, diz que “*não imagina pessoas...só coisas mitológicas!*” Desenha um minotauro, não correspondendo assim directamente ao pedido que lhe fiz. Ao desenhar uma figura que é metade animal, metade humana, há assim uma defesa contra a projecção. Há também neste desenho, um predomínio da fantasia sobre a realidade.

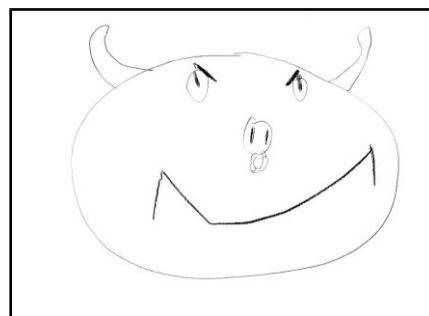


Figura 21:

Caso 3 - DFH

Relativamente aos aspectos formais e estruturais, o desenho surge pouco investido. A cabeça ocupa grande parte da folha, indicando expansividade (Machover, 1978). No que diz respeito ao conteúdo, o facto de só surgir a cabeça evidenciada, pode exprimir as suas necessidades sociais (Machover, 1978). Os olhos, carregados de raiva, exprimem a sua zanga face ao mundo exterior.

O tema do desenho, é de um minotauro, um monstro que ataca a Grécia. Prenderam-no no labirinto e andava às voltas no labirinto, muito zangado. Esta sensação que o “Filipe” evoca de se estar num labirinto fechado, de não haver uma saída, de se sentir uma angústia muito forte por não se conseguir sair dali, faz-me lembrar como me senti na entrevista com os pais. Estes movimentos contratransferenciais, permitira-me compreender o que o “Filipe” sente com aqueles pais, com uma dinâmica familiar disfuncional causadora de uma grande angústia.

O “Filipe” identifica-se com este minotauro, pois diz que “*o seu maior desejo é fugir do labirinto, pois se lá tivesse preso também queria*”. A sensação que o “Filipe” descreve é de alguém que foi aprisionado no seu seio familiar e que tinha dificuldade em sair daquele mundo. Como tal, por vezes isolava-se dele no seu quarto ou no cobertor, como descreve a sua história clínica. No inquérito, diz que vai contra as paredes, para ver tentar escapar, mas que às vezes ainda se perde no labirinto, referindo que, as vezes, ainda se sente perdido na espiral daquela angústia.

Ao dizer que o seu sonho é fugir do labirinto para ter amigos e o que o deixa aborrecido é não ter amigos, expressa assim a sua necessidade de contacto social. Diz: *“foi ali preso em pequeno, era um minotauro bebé, se fosse humano era pó.”* Desta forma, desenha assim um minotauro, pois para um animal era muito mais fácil de aguentar o que passou, enquanto que se fosse humano era pó, dando-nos conta da angústia de aniquilamento que sente. Quando lhe pergunto com quem se parece diz-me: *“Não...tem uma personalidade tão simpática e é o mais forte de todos os homens.”* Dado que a FH, representa a expressão do “eu” no ambiente, podemos aceder à sua imagem corporal, como um reflexo de si próprio (Machover, 1978). Identifica-se assim com uma figura de força, de poder, demonstrando o seu lado narcísico e que se deseja libertar desta angústia.

De acordo com Goodenough (1965), a FH pertence à classe B, pois existe uma tentativa clara de representá-la. Através do somatório das diversas partes (12 pontos), constata-se que o “Filipe” tem uma IM de 6 anos (através da consulta da tabela de aferição de Goodenough, 1965). Obteve-se um QI de 48, considerado “Muito inferior” para a sua faixa etária. Dado que desenhou apenas a cabeça, acabou por ser prejudicado, pois todos os elementos do corpo tiveram que ser cotados com zero pontos. Assim, este QI, acaba por não corresponder à realidade.

Interpretação – A-R: Perante o pedido diz que nunca se desenhou e não sabe como se desenhar. Desenha novamente apenas a cara, isolada e suspensa no vazio, utilizando novamente o isolamento como mecanismo de defesa (Coelho, 1993). Contrariamente às outras caras, como esta se trata de um pedido mais concreto e é ele próprio que está em causa, a cara não tem uma expressão de raiva, mas sim de ternura, por estar a sorrir. Comparativamente à cara que surgiu no DL, esta não está preenchida. Diz que a cor da folha dá para a sua pele, *“porque sou pálido...basicamente!”* Este rosto branco, que corresponde ao real, dá-nos conta do seu vazio interior (Van Kolck, 1981).

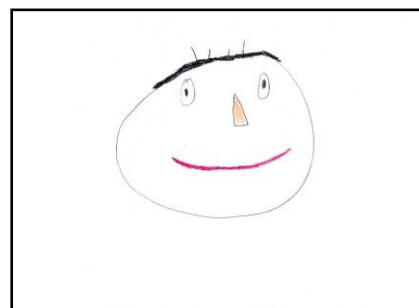


Figura 22:

Caso 3 – A-R

A boca surge bastante grande, sendo o único elemento que comenta enquanto desenha, dizendo: *“A boca dá mais jeito ser fechada, porque não sei como é a minha boca.”* Esta boca grande, pode estar associada às suas dificuldades alimentares precoces (Machover, 1978).

Interpretação – DFI: Ao nível gráfico, o “Filipe” ocupa grande parte da folha. A maioria das linhas são traçadas num gesto amplo, o que indica expansão vital (Corman, 1967). Ocupa maioritariamente a zona inferior da página, utilizando a margem da página como suporte, o que indicia falta de contenção (Campos, 2003). No que diz respeito às estruturas formais, trata-se de

um desenho marcado pelo sensorial, pois apesar de existirem muitas linhas rectas, existe espontaneidade e vitalidade no grupo familiar (Corman, 1967).

Ao nível do conteúdo do desenho, perante o pedido de desenhar uma família, desenha uma família inventada por si. Ou seja, a subjectividade prevalece sobre a objectividade, em que o princípio do prazer-desprazer se sobrepõe ao princípio da realidade, tentando retirar o máximo de prazer e o mínimo possível de desprazer na tarefa proposta (Corman, 1967).

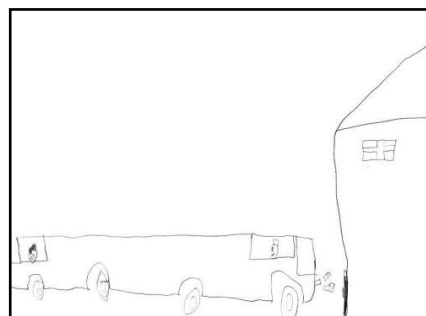


Figura 3:

DFI - Caso 3

Relativamente ao pai, surgem expressas maioritariamente tendências afectivas positivas, sendo que o “Filipe” o desenha em primeiro lugar, numa posição de destaque, a guiar o carro, de forma mais cuidadosa, investindo assim no objecto privilegiado. Identifica-se com o progenitor do mesmo sexo de forma inconsciente (Corman, 1967). Contudo, durante o inquérito, a figura paterna não surge em destaque, sendo que quando lhe pergunto quem é o melhor me diz que nenhum e quando pergunto qual gosta mais, diz que de todos, não se comprometendo. Desenha o pai com 58 anos, com mais idade do que realmente tem, sendo esta uma forma de desvalorização (Corman, 1967). O facto de desenhar “um carro com muitos lugares”, em que o pai vai à frente e o filho atrás havendo uma grande distância entre ambos, dá-nos conta do afastamento entre o pai e o filho, sentindo-o provavelmente como distante. O sombreamento na execução do cabelo do pai também denota alguma ansiedade (Di Leo, 1987). Desta forma, o seu pai é o familiar com o qual se identifica mais, mas não é sentido por si, como uma figura de referência.

Comparativamente à sua família real, o “Filipe” suprimiu a sua mãe, surgindo assim relativamente a esta, tendências afectivas negativas. Há um sentimento de desconsideração pela mesma, o que também é notável quando perante a proposta do desenho diz: “Para mim a família é só uma pessoa...” Dado que este elemento lhe suscita angústia, no desenho o “Filipe” suprime-a. A analogia entre abrigo e o materno é inegável (Di Leo, 1987). Desta forma, há também a possibilidade de esta mãe, surgir personificada na casa que desenha à margem da folha, uma forma de desvalorizá-la. Esta casa, surge pobre, fechada, com um janela muito alta de difícil acesso (Coelho, 1993), tal como a sua mãe. Utiliza assim o isolamento, novamente como um mecanismo de defesa (Coelho, 1993). O facto de esta casa estar de perfil, inacessível, pode também revelar esta indisponibilidade materna (Campos, 2003).

Projecta-se com uma idade inferior, com 5 anos, que possibilita ao “Filipe” exprimir a sua saudade por uma idade de ouro, uma idade em que ainda tinha a sua família unida. Ele próprio o afirma, quando no inquérito lhe pergunto quem gostaria de ser. Responde o bebé *“porque sou filho e gostava de ser mais pequenino, para não ter problemas.”* Desta forma, há uma identificação de desejo, com este bebé, a nível consciente. Há uma regressão a um estado anterior, em que o “Filipe” era mais feliz, como um mecanismo de defesa do Ego. Pode também tratar-se de uma regressão pré-edípiana, pois os conflitos edípianos ainda não lhe causavam angústia.

Primeiro refere que a bebé é do sexo feminino e depois diz que é do sexo masculino, pode-se então supor que se identificou com uma menina e posteriormente a censura do Ego, impediu que tal sucedesse e disse que era um menino. Quando lhe pergunto qual deles se portou mal e merece um castigo, responde-me que o filho, mas *“como é muito novo não tem castigo, só um raspanete”*, demonstrando algum sentimento de culpa, provavelmente de cariz edípiano, sendo que este castigo alivia assim a sua culpabilidade. Escolhe também o bebé como o mais aborrecido.

Comparativamente ao DFR, este desenho surge muito mais investido, pois as personagens têm um contexto e foi notório durante a execução que obteve mais prazer a realizá-lo. Diz que: *“É uma família rica e muito boa, faz as outras pessoas felizes, sai dinheiro pelo tubo de escape.”* Pode assim, estar a falar-nos da sua nova família, onde existe mais harmonia e onde é mais feliz.

Interpretação – DFR: Perante o pedido da família real diz: *“Tá separada...posso desenhar só eu e um? Posso desenhar como se tivéssemos juntos.”* Surge o desejo de desenhar apenas um, como no DFI, mas consequentemente a censura do Ego, não o possibilita. A nível gráfico as figuras surgem colocadas na parte inferior da folha, utilizando a margem da página como suporte, tal como no DFI, o que nos indica a sua necessidade de suporte (Campos, 2003). A representação da figura humana, reduz-se ao essencial e são de porte pequeno, o que pode revelar a insegurança do “Filipe” (Di Leo, 1987).

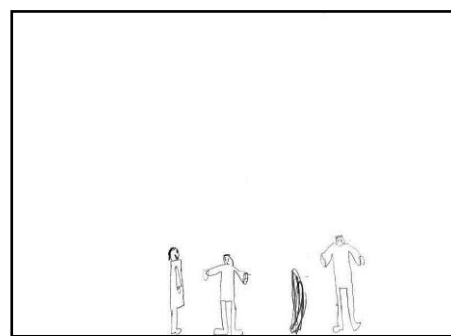


Figura 22:

Caso 3 – DFR

Relativamente ao conteúdo, em relação ao seu pai, surgem expressas tendências afectivas negativas. É desenhado depois de si e numa primeira tentativa de o desenhar anula-o, dizendo: *“É mais alto do que eu, mas isto já é um exagero”*. No inquérito, quando lhe pergunto o que tiraria do desenho, diz que o risco, sendo assim uma forma de aliviar a sua culpabilidade pela anulação do

pai. Apesar de ser o maior, surge pouco investido, havendo assim uma desvalorização do pai, mais acentuada neste desenho, do que no da família imaginária.

A mãe, é desenhada em último e diz: *“A mãe vou desenhar a olhar para mim. Desenhei um pouco magra.”* Coloca-a a olhar para ele, pois nunca se sentiu olhado. Por ser desenhada em último, surgem assim expressas tendências afectivas negativas. No inquérito, diz que a mãe é a mais aborrecida. *“Tá-me sempre a chatear com os problemas dela...é aborrecido.”* No passeio, também refere que seria a mãe a ficar em casa. Desta forma, podemos concluir que não se identifica verdadeiramente com nenhuma das suas figuras parentais.

Desenha-se em primeiro lugar, numa posição central e os pais estão em segundo plano. Reflecte assim uma tendência narcisista, devido à impossibilidade de investir nas imagos parentais, redireccionando assim o investimento para si próprio (Corman, 1967). No inquérito, surge bastante valorizado, pois quando lhe pergunto de quem gosta mais, diz que é dele próprio. Também quando lhe pergunto quem é o mais alegre, diz que é ele, pois *“o meu pai é muito sério e a minha mãe muito nervosa...não queria ser como o meu pai e como a minha mãe”*. Declara-se também como sendo o melhor e escolhe o castigo para ser aplicado a si, dizendo que às vezes falha, o que evidencia culpabilidade. Há assim, uma identificação de realidade, como defesa do Ego, a nível consciente, pois representa-se como um rapaz de 12 anos, estudante, declarando ser ele próprio.

Este desenho, pode representar uma situação edípica. O “Filipe” encontra-se no meio do casal parental, exprimindo assim o desejo de que continuem separados (Corman, 1967). A mãe está a olhar para ele e está mais próxima, enquanto que o seu pai, surge mais afastado. A sua anulação, criou uma barreira entre o “Filipe” e a mãe e o pai, evidenciando assim o desejo de proximidade com o progenitor do sexo oposto. Quando ainda viviam todos juntos, o “Filipe” dormia com a mãe e o pai dormia na cama do “Filipe”, sendo que o desejo edípico, deu lugar a uma situação real, concretizando-se. Contudo, este afastamento entre os pais também pode ser justificado, pelo afastamento real causado pelo divórcio (Corman, 1967). O facto de nenhum deles se tocar, evidencia assim as relações distantes e pouco afectuosas existentes entre esta família (Corman, 1967).

De forma a atestar a validade das conclusões retiradas do DF, há que ter em consideração o método das convergências de indícios, tendo em conta as convergências intratestes e as extratestes (Corman, 1967). No que diz respeito às convergências intratestes, na versão da família imaginária e da família real, vários elementos convergem. A figura paterna, é mais valorizada por si, comparativamente à figura materna, mas não é sentido como contentor. A figura materna,

surge bastante desvalorizada em ambos os desenhos, sendo que o “Filipe”, não se identifica com ela. Esta criança, apresenta tendências narcisistas, dado não poder investir nas suas figuras parentais. Esta “máscara”, surge assim para camuflar o facto de não se sentir bem na sua pele, desenhando-se numa idade de ouro, como no DFI, evidenciando que no fundo não gosta de ser quem é (Corman, 1967).

Relativamente às convergências extratestes, também no DFH, surge a exaltação de si próprio como uma figura de força e no DL, esta desvalorização da mãe e o pai como um elemento mais próximo de si relativamente à mãe. No RCH, também surge uma representação de si face ao meio frágil. A imago paterna também surge como distante, como a representou no carro e ao mesmo tempo ameaçadora, o que levou a anulá-la. Também é evidenciada uma maior proximidade com a figura paterna, embora seja uma relação quase fusional. A imago materna, também é sentida como distante e pouco disponível para si, tal como no DFR, em que a coloca a olhar para si. Também no RCH, as suas imagos parentais não são sentidas como figuras de referência. As suas tendências regressivas, também surgem evidenciadas, na sua história clínica, por gostar de ver desenhos animados mais infantis ou através dos episódios de enurese e encoprese. Os dados recolhidos na observação clínica, apontam também no sentido das conclusões retiradas anteriormente.

RCH:

Protocolo:

Tempo de início da prova: 15h 56 min

Resposta	Inquérito	Cotação
I Λ “Isto faz lembrar...” 9” 1- Dois ursos 2- E um veado.” 23”	<i>“Aqui os ursos (D lat.), com o veado (D central). Os ursos estão agarrados ao veado, agarrado com a mão (D central sup.) e com o pé (D central inf.) e com qualquer coisa aqui. O veado a agarrar nele...Podemos passar para outro cartão? ‘Tou com um bocadinho de pressa.’”</i>	1- D Kan A 2- D Kan A

<p>II</p> <p>Λ</p> <p>12”</p> <p>3 - “Parece uma máscara cheia de sangue. Vira o cartão...uuuuh que nojo!”</p> <p>31”</p>	<p>“Praticamente é o que é preto...os vermelhos é o sangue...Vou virar o cartão! É nojento!”</p>	<p>3- G FC Masc.</p> <p>→</p> <p>Clob</p>
<p>III</p> <p>V</p> <p>8”</p> <p>“Hm...hm...”</p> <p>4- Dois ET's a beijarem-se...e com caudas que parecem peixes...</p> <p>5- e o vermelho não interessa, porque o vermelho só representa o amor.”</p> <p>38”</p>	<p>“As caudas dos ET's que parecem peixes! (D sup.) Ohhh por favor? Não se nota? Borboleta de trás, da frente (D central) e depois têm aqui um bico que é tipo a boca (D inf. lat.). O vermelho é o amor à volta deles, parece corações (verm. inf).”</p> <p>R.A. “Borboleta”: D F+ A</p> <p>“Corações”: D CF Anat.</p> <p>I.L.(?) “Não parecem pessoas, as pessoas não são assim tão esquisitas.”</p>	<p>4- G K (H)/Ad</p> <p>5- D FC Abst.</p>
<p>IV</p> <p>Λ</p> <p>“Não parece nada...”</p> <p>20”</p> <p>6- Parece só um monte de fumo! Espera... Vou virar ao contrário para ver se aparece alguma coisa (V). Vês...parece um monte de fumo!”</p> <p>36”</p>	<p>“Não se parece com ninguém nem com nada...só parece um monte de fumo, porque é preto.”</p>	<p>6- G KobC’ Elem.</p>

<p>V V 1” 7 - “Uma borboleta...este vê-se logo!” 19”</p>	<p>“Tem asas (D lat), tem corpo (D central), tem tudo o que uma borboleta tem.”</p>	<p>7 - G F+ A Ban</p>
<p>VI V; Λ 14” 8- “Pronto...assim já parece alguma coisa...Parece um lobo com nariz de Pinóquio...e com grandes pelos no nariz...e nariz de Pinóquio! Aiii...já ‘tou a poupar trabalho (arruma a prancha ao lado).” 50”</p>	<p>“Cara nesta parte toda (D central)...e depois tem aqui o nariz (D sup.) com os pêlos todos a sair (D sup lat.).”</p>	<p>8- G F- A/(Hd)</p>
<p>VII Λ 10” 9 - “Este parece duas pessoas a dançar o Hula, cada um para seu lado, a dançar assim (levanta-se e imita a dança, com as mãos para o lado)” 23”</p>	<p>“As pessoas ‘tão nisto tudo com o cabelo em pé (ri-se). Esquisito...cabeça, tronco...corpo.</p>	<p>9- G K H</p>

<p>VIII</p> <p>Λ</p> <p>“Esta tem cores... 7”</p> <p>10 - São dois macacos 11- a andar de barco.”</p> <p>16”</p>	<p>“Macacos a cor-de-rosa (D lat), agarrados ao barco (D central).”</p>	<p>10 – D F+ A Ban 11 – D F- Obj.</p>
<p>IX</p> <p>V</p> <p>14”</p> <p>12- “Isto simplesmente parece um barco...isto tudo é só um barco.”</p> <p>21”</p>	<p>“As velas a verde, o rosa é o sítio onde as pessoas ‘tão. Coisas de um barco de turismo, efeitos (laranja)...e aqui esta coisa verde mais dentro é um canhão (D central).”</p>	<p>12 - G FC Obj.</p>
<p>X</p> <p>Λ (Abre a boca admirado)</p> <p>10”</p> <p>13 - “Reino da pequena sereia...palácio, pessoas, porque é debaixo do mar...e os aldeões.”</p> <p>1’</p>	<p>“A cinza é a costela do Neptuno (D sup)... Todos que não são cor-de- rosa, são aldeões (D lat). Os rosa são rochas que formam o caminho para o castelo...e os caranguejos a azul são os guardas.”</p>	<p>13- G FC Abst.</p>

Tempo de início da prova: 16h 24 min

Prova das escolhas:

+: Cartão X – “É o reino marítimo, é giro.”; Cartão IX – “Porque é um barco de turismo e eu gosto de passear em sítios. E porque são os dois coloridos.”

- : Cartão II – “Há um que eu tenbo que esconder...é o que eu mais detesto...máscara sangrenta, parece que vai olhar para mim para me matar.”; Cartão IV – “Este é só fumo, o que é que o fumo tem de interessante? Não sei o que o fumo tem de interessante! Eu ajudo-te a arrumar, este (cartão II), vou pôr em baixo porque eu odeio mesmo.”

Psicograma:

<p>R = 13 ↓ T.T. = 5'16" Tp/R = 15" Tp Lat. Med. = 10"</p> <p>Sucessão: Relaxada T. Apreensão: <u>G</u> <u>D</u></p> <p>TRI: 2K= 2C (Ambigüal) F.C. 3k=0E RC% = 31% I.A. = 0%</p> <p>Prova Escolha: +: X; IX -: II; IV</p>	<p>G = 8 (62%) D = 5 (38%)</p>	<p>∑ F = 4 F+ = 2 F- = 2</p> <p>K = 2 kan = 2 kob = 1</p> <p>FC = 4 C'F = 1</p>	<p>H = 1 (H) = 1 (Hd) = 1</p> <p>A = 5 Ad = 1</p> <p>Obj = 2 Masc = 1 Elem = 1 Abst = 2</p>	<p>F% = 19% ↓↓ F+% = 50% ↓↓ Fa% = 85% F+%a = 55% H% = 8% ↓ A% = 38% ~ Ban = 2 ↓</p>
--	-------------------------------------	--	---	---

Interpretação: Trata-se de uma re-aplicação da prova, uma vez que já a tinha realizado com 7 anos. Perante a proposta do RCH mostrou-se entusiasmado. Durante a aplicação, senti-me ansiosa. Relativamente ao discurso, dá respostas elaboradas. No contacto inicial com a prova, nota-se que o material lhe causa alguma angústia, através do comentário: *“Podemos passar para outro cartão? Tou com um bocadinho de pressa.”*

Ao longo de todo o protocolo, o “Filipe” não apresenta uma diferenciação bem definida do seu esquema corporal, entre mundo interno e externo. Os modos de apreensão, surgem mal delimitados, com tendências a cruzamentos. Ao nível dos determinantes, por vezes, não há uma preocupação em delimitar o percepto. Relativamente aos conteúdos, os animais são os mais frequentes e a maioria surgem inteiros, mas mal vistos. Nas suas respostas para-humanas, existem cruzamentos entre as mesmas e imagens animais, havendo uma confusão no pensamento.

No cartão I, dá uma imagem de dois ursos agarrados a um veado, agarrados com a mão e com o pé, como se, se unificassem e fossem um só, o que vai ao encontro desta ausência de

limites entre si e o outro. Também no cartão VIII, diz que são dois macacos agarrados ao barco. No cartão IV, há uma ausência total de limite, pois dá uma imagem de fumo, em que ele e o meio se confundem. Desta forma, tem uma representação de si face ao meio pouco estruturada, pouco consistente, incerta, frágil.

Podemos constatar que o “Jorge” revela dificuldades importantes no acesso à sua identidade. Há uma falha na estruturação da relação de objecto, em que os limites entre si e o meio são ténues e as imagens parentais não são diferenciadas de si, pois o outro é pouco distinto das suas próprias pulsões. Isto é visível, pelo facto de os limites das imagens serem ténues e móveis e pelo facto de haver apenas uma representação humana, cruzamentos entre respostas para-humanas e animais, revelando dificuldades ao nível da integração das imagens e por ao longo do protocolo haver uma procura activa de unidade, numa tentativa de unificação de um “eu” fragmentado.

No cartão IV, o que mais fortemente remete para a imago paterna (Traubenberg & Boizou, 1999), dá uma imagem de fumo, algo que se esvai, que se vai embora, que fica distante. Este fumo é preto, escuro, assustador. Na Prova das Escolhas, selecciona este cartão, como sendo um dos menos gostados, referindo que é só fumo e que o fumo não tem nada de interessante, tal como sente o seu pai. Esta imagem de fumo, sem limites, dá-nos conta da insuficiente diferenciação entre si e o seu pai. Desta forma, a imago paterna é sentida pelo “Jorge” como distante, pouco disponível emocionalmente, assustadora e desinteressante, não sendo para si uma figura de referência.

No cartão VII, que solicita mais fortemente a imago materna (Traubenberg & Boizou, 1999), dá duas imagens humanas, em movimento, numa dança. Contudo, está cada uma para seu lado, não se olham, estão distantes. Comenta que é uma imagem esquisita, causando-lhe uma certa estranheza. Noutros cartões, dá conteúdos para-humanos misturados com conteúdos animais, o que resulta em perceptos confusos, estranhos, tal como sente a sua imago materna. No cartão VIII e IX, dá imagens de barcos, sendo que os barcos se vão embora, se distanciam, tal como a sua mãe quando tem crises depressivas. Desta forma, a sua imago materna é sentida como distante, pouco disponível, estranha, não sendo considerada como uma figura de referência.

Em suma, através da análise do protocolo RCH e do psicograma, o “Jorge” é uma criança cujos limites do esquema corporal, são ténues, havendo pouca diferenciação entre si e o outro. Desta forma, revela dificuldades no acesso à sua identidade, tendo uma representação de si face

ao meio pouco estruturada, incerta, frágil. As suas imagens parentais não são sentidas como figuras de referência, estando pouco disponíveis emocionalmente para si, principalmente a imagem materna. A imagem paterna é sentida como distante e ameaçadora, havendo uma relação quase fusional com a mesma. A sua imagem materna também é sentida como distante e causa-lhe alguma estranheza. Ao longo do protocolo, dá alguns animais de força, que podem surgir como uma tentativa de narcisar o seu Ego fragilizado, devido à impossibilidade de investir nas suas imagens parentais. Estas conclusões, apontam no sentido da sua história clínica, da observação clínica e dos desenhos.

Caso 4 – “Daniel”: “O meu pai não desenhava, porque passamos por um grande problema de violência doméstica.”

1. História Clínica:

O “Daniel” nasceu no dia 4 de Outubro de 2002, tendo à data das sessões 10 anos e 10 meses. A sua história clínica, foi maioritariamente recolhida pela Pedopsiquiatra que o acompanha, na primeira consulta, dia 6 de Agosto de 2008, em que tinha 5 anos e 10 meses. Actualmente, o seu agregado familiar é constituído pela mãe e pelo irmão.

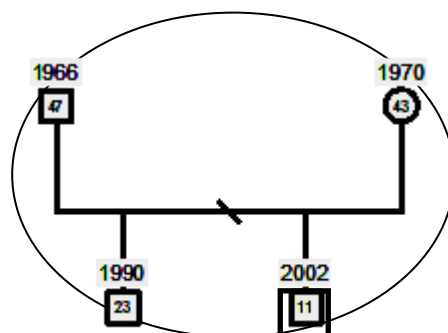


Figura 23:

Caso 4 – Genograma

Motivo da primeira consulta: Veio encaminhado pela consulta de desenvolvimento de um Hospital da grande Lisboa, por apresentar um discurso confuso e fantasiado.

Dados relevantes da entrevista livre com a mãe, na primeira consulta: Quando era contrariado contraía-se e tremia, tendo por vezes, que recorrer ao hospital. O pai, emigrou há 9 anos, vinha a casa duas vezes por ano e nessas alturas, o “Daniel” mexia nas coisas repetidamente. Achava-o mais nervoso desde que houve vários problemas na família. Tiveram um acidente de viação e o “Daniel” achava que era o pai disfarçado que lhes bateu. Tinha medo de coisas eléctricas e de ladrões, bem como fobia de sítios fechados.

• **Anamnese:**

Antecedentes familiares: A sua mãe, estudou até à 4ª classe e trabalha nas limpezas. Tem insuficiência cardíaca, hipertensão, bronquite, depressão nervosa e já sofreu vários internamentos. O pai também tem a 4ª classe e está emigrado. É alcoólico e tem transtorno de personalidade, com grandes oscilações de humor, sendo violento. O seu irmão, tirou um curso profissional de operador de informática e há suspeita de comportamentos aditivos. Relativamente à dinâmica das relações intra-familiares, há conflitos marcados no seio da família. A mãe e o irmão mais velho discutiam constantemente, assim como o pai agredia a mãe e o “Daniel”, quando co-habitavam.

Antecedentes pessoais: Nasceu de 40 semanas, sem complicações. Até aos 18 meses, chorava muito e dormia deitado em cima da mãe. Aos 18 meses, adquiriu a marcha e disse as primeiras palavras. O seu sono sempre foi superficial, com muitos pesadelos. Aos 3 anos, esteve numa ama e chorava constantemente. Teve várias gastroenterites. Esteve internado 15 dias por Sepsis a *Klebsiella oxytoca*, sendo posteriormente referenciado para a consulta de desenvolvimento. Desde esta idade que confundia as ideias. Aos 5 anos ficou retido no JI. Com 6 anos, ingressou no 1º ano. Actualmente, frequenta o 5º ano de escolaridade.

• **Acompanhamento:** É acompanhado em Pedopsiquiatria, com periodicidade variável, usualmente superior a um mês. Já beneficiou de Psicomotricidade e de Psicóloga Educacional. Actualmente, na escola, tem apoio de uma Professora de EE e Terapia da fala. A mãe também é acompanhada em consulta de Enfermagem. Encontra-se medicado com Olanzapina.

Avaliações complementares de diagnóstico: Ao longo dos anos, foi avaliado várias vezes em Psicologia, Terapia da Fala e Psicomotricidade. Concluiu-se que o seu desenvolvimento global era ligeiramente inferior ao esperado para a sua faixa etária, associado a alterações emocionais, provenientes da instabilidade no seu meio familiar, o que ao longo do seu desenvolvimento condicionou a sua progressão. Em avaliação psicológica (6 anos), pode-se observar que o seu grafismo era pouco elaborado, do ponto de vista gráfico e de conteúdo. Apresentava um défice cognitivo, ao nível do estado limite e tinha dificuldades no pensamento simbólico.

Resumo dos aspectos clínicos relevantes: Aos 6 anos começou a ser agressivo com os colegas e com a mãe, gritava e chorava quando se separava dela. Aos 7 anos, a mãe esteve internada, o “Daniel” passava os dias no Hospital, havia uma grande labilidade emocional, tinha um discurso bastante desorganizado e auto-agredia-se. A mãe expulsou o irmão mais velho de casa e o

“Daniel” sentiu-se feliz, mas ao mesmo tempo culpabilizado. Quando o pai regressava, queria brincar com coisas de bebés, havendo uma regressão. Aos 8 anos, ficava à janela muito tempo e lambia-a. Falava muito na morte, com ideias persecutórias e dizia que se queria matar. Verbalizava que não era bom filho, tinha ciúmes do pai e medo que os pais morressem. Contava que quando o pai batia na mãe, dava-lhe pontapés, pois tinha que defender a mãe que era fraca e podia morrer. Quando tinha 9 anos, o “Daniel” e a mãe saíram de casa, após um episódio de violência doméstica e foram residir para uma instituição. Passados dois meses, voltaram para sua casa, pois o pai tinha saído, sendo que o “Daniel” ficou mais tranquilo e organizado. Os pais iniciaram o processo de divórcio. Com 10 anos, começou a ter um melhor contacto. Surge uma marcada ambivalência em relação ao pai, não o via há algum tempo, tinha saudades dele, mas por outro lado não o queria ver.

Desenhos anteriores: No processo do “Daniel” constavam dois desenhos. Dado que não presenciei a execução destes desenhos, a avaliação que posso fazer é apenas relativa aos aspectos formais. Um deles, foi realizado na primeira consulta, está pouco investido e surgem representados elementos da natureza. São notórias algumas varreduras simples e espirais, que revelavam uma imaturidade ao nível do grafismo



Figura 24:

(Decobert & Sacco, 2000). As cores que foram utilizadas indiciam tristeza. Surge uma FH, ainda numa forma muito primitiva, de porte pequeno, devido à ansiedade sufocante e afastada do centro, revelando a sua insegurança (Di Leo, 1987). A suavidade do traço, vai também neste sentido (Di Leo, 1987). Este, é o único desenho do “Daniel” que nos permite aceder verdadeiramente ao seu mundo interno, uma vez que ainda não se encontrava medicado.

No desenho realizado com 8 anos, já a tomar medicação, o seu traço é muito mais forte e as cores utilizadas indiciam uma maior vitalidade. As varreduras simples rítmicas, ocupam grande parte da folha, bem como algumas espirais e círculos com cruzes, revelando ainda a sua imaturidade (Decobert & Sacco, 2000). As cores são justapostas, o que indicia uma certa



Figura 25:

Caso 4 – DL que constava no processo

desorganização do seu mundo interno (Campos, 2003).

2. Participação no Estudo:

- **Resumo das sessões:** Veio acompanhado pela mãe em ambas as sessões. Teve um ritmo de trabalho lento, mas não demonstrou sinais de cansaço. Senti-me bem com o “Daniel”, pois é uma criança cativante, pelo seu discurso e mantém o contacto visual.
- **Entrevista com a mãe:** Tem um aspecto cuidado e aparenta ser pouco escolarizada. Fala incessantemente e o seu discurso é ligado ao factual. Foi uma entrevista longa e angustiante. Senti que me queria agradar, transmitindo que é uma mãe dedicada e em alguns momentos, senti que o seu discurso não era genuíno, contradizendo-se. Despoletou em mim sentimentos antagónicos, não sendo fácil empatizar com esta mãe. Aos 3 meses notou que o “Daniel” era diferente, referindo um episódio em que uma televisão caiu ao chão e que desde então regrediu. Aos 3 anos foi internado e não sabiam se sobrevivia, atribuindo a causa da melhoria, ao facto de a terem deixado ver o filho. Considera que o “Daniel” melhorou ao longo dos anos, mas que actualmente está pior, por não ver o pai há algum tempo. Refere que *“sem medicação é o diabo em pessoa. Tá sempre com medo de me perder!”* Diz *“o meu filho é a cara do pai”* e conta um episódio em que o pai acusou a mãe de ter amantes e que o “Daniel” disse: *“O amante da minha mãe sou eu!”*, sendo que o pai lhe bateu. Teme que no futuro, o filho não adquira autonomia.
- **Observação da criança:** É de raça caucasiana. Apresenta um desenvolvimento estato-ponderal aparentemente, acima do esperado para a sua idade. Tem o cabelo ligeiramente comprido, tez pálida e excesso de peso. As suas roupas aparentam ser de adulto. Tem um fácies triste, nunca sorri, mas mantém o contacto visual. À medida que as sessões decorrem, está progressivamente mais à vontade. Adequa-se facilmente à situação estruturada e acede a todos os pedidos que lhe são solicitados, demonstrando satisfação nas tarefas propostas.

Relativamente à linguagem, a sua construção frásica é pouco estruturada e por vezes, apresenta um discurso fantasiado e descontextualizado, com confusão de ideias. Tem dificuldade na articulação de alguns fonemas, nomeadamente [l]. Fala incessantemente, tendo um discurso idêntico ao da sua mãe. Revela preocupação com os aspectos familiares, verbalizando sobre eles. Descreve vivências de forma pouco explícita, confabulando. No que diz respeito à motricidade, é descoordenado e coxeia, devido à lesão no pé. Apresenta uma postura cabisbaixa.

- **Instrumentos aplicados:**

Desenhos: Primeiramente, de forma a evitar erros de interpretação, é necessário situar em que estado de evolução se encontram os desenhos do “Daniel” (Di Leo, 1967). Segundo Luquet (1987), encontra-se na fase do “Realismo intelectual” (4-7 anos). Isto é, desenha os elementos, de acordo com o modelo interno, com subjectivismo e não como é verdadeiramente visto, com recurso a transparências (Luquet, 1987), como no DL e no A-R. Há uma desconsideração pela perspectiva visual, onde há visão do alto e vista frontal no mesmo desenho (Di Leo, 1987), como sucede no DL e no DFI. As linhas, por vezes surgem indecisas e quebradas, o que indicia a sua insegurança (Di Leo, 1987). O traço é forte, o que pode significar fortes impulsos e a libertação dos instintos (Corman, 1967).

Interpretação do DL: Inicialmente, tapou o desenho com a mão enquanto desenhava, havendo um retraimento num contacto inicial e insegurança, notável também através do pica-pau cancelado (Di Leo, 1987). Numa impressão geral, o todo transmite-nos um efeito agradável, pois as cores são alegres e a junção harmoniosa. Contudo, com um olhar mais atento, existem muitos espaços vazios, pelos elementos não estarem conectados, o que torna o todo menos



Figura 26:

Caso 4 – DL

agradável. É um desenho investido, mais cuidado em relação aos outros é o único colorido, talvez por ser o primeiro contacto que estabelece comigo, revelando assim um investimento inicial ao nível das relações com o Outro. O conteúdo que surge é rico, revelando a sua capacidade simbólica.

Conta-me a seguinte história: “O pica-pau (...) sai da sua casa, vai para a montanha, caiu uma nevada e a casa ficou cheia de neve. Estaria a pensar: “Onde vou morar?” Costuma roubar comida aos animais que o castigaram com uma partida!”. O “Daniel” conta assim a sua história de vida. O pica-pau ficou sem casa, devido à nevada, um acontecimento frio, pouco contentor. Tal como sucedeu consigo, que ficou sem a sua casa devido ao episódio de violência doméstica. O pica-pau estava a pensar onde iria morar, tal como ele. Identifica-se com este animal, havendo assim um deslocamento dos impulsos reprimidos (Van Kolck, 1981). Surge como o mau, o ladrão, o que revela que se sente culpabilizado. A punição, surge de forma a aliviar a sua culpabilidade, em forma discreta de partida. No acompanhamento pedopsiquiátrico também surgem estas questões. Ressalto o olhar do pica-pau antropomorfizado, desprovido de cor, triste, tal como o seu.

A casa, normalmente simboliza o lugar onde existe afecto, protecção, necessidades que são satisfeitas no seio familiar (Di Leo, 1987). Esta, está vazia, tem apenas uma janela “*para verem como está o tempo e a aproximação*”, uma janela para vigiar um mundo sentido por vezes, como ameaçador, tal como ele próprio faz. Estas paredes transparentes, são comumente desenhadas por crianças psicóticas, devido à imaturidade da sua capacidade conceptual (Campos, 2003). Segundo Di Leo (1987), a casa e as tocas, podem simbolizar o materno, sendo que todos os elementos presentes no desenho, estes são os menos investidos. Não foram primeiramente delineados a carvão e tratam-se de círculos que não estão preenchidos. Assim, pode sentir a figura materna como pouco contentora, frágil, que não lhe conferiu protecção quando precisava.

Os restantes elementos da natureza representados, revelam a sua necessidade de ter um mundo para além dos conflitos do lar (Di Leo, 1987). Quando termina o desenho, refere que tem o projecto de criar o “*Hospitalzito*”, onde pode ficar com a mãe se ela for internada, o que revela que existe uma inversão de papéis, em que o filho é que fica no hospital a cuidar da mãe, havendo uma parentalização. Comparando este desenho com o desenho que fez na primeira consulta, em ambos, surgem representadas as montanhas e elementos da natureza, sendo esta uma temática recorrente. Estas montanhas podem simbolizar uma necessidade de abrigo, fora do seu lar sentido como pouco contentor.

Interpretação do DFH: No global, o desenho transmite uma impressão desagradável, pois apesar de estar a sorrir, o olhar é vazio. Relativamente aos aspectos formais e estruturais, o desenho surge pouco investido, é pobre em termos gráficos e em pormenores anatómicos (Machover, 1978).

O tema do desenho, é de uma menina que não era gostada por estar sempre a sorrir e no dia em que chorou, passou a ser gostada pelos amigos, o que pode revelar o seu desejo de ser socialmente aceite pelo outro. Outro aspecto que vai neste sentido, é o facto de a figura se encontrar de frente, com o desejo de contacto social (Machover, 1978). Relativamente ao conteúdo, também vai neste sentido, pois a cabeça e as feições faciais, estão relacionadas com as necessidades sociais e desenha-a em destaque, maior do que o corpo (Machover, 1978). A figura está a sorrir, o que demonstra esta necessidade de contacto social pelo sorriso (Machover, 1978), mas o seu olhar está desviado, o que revela as suas dificuldades na socialização.

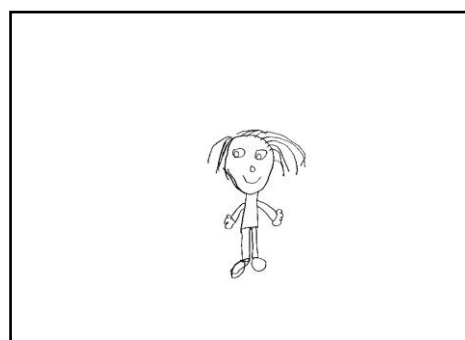


Figura 27:

Caso 4 – DFH

Desenha uma menina, a “Laura”, de sexo oposto ao seu. Pode-se supor que existe uma confusão ao nível da identificação sexual (Di Leo, 1987; Campos, 2003), forte dependência pela mãe, regressão a um estágio onde se vê apenas com esta (Campos, 2003) ou simplesmente, pelo início da puberdade, um maior interesse no sexo oposto (Goodenough, 1965). Por vezes, quando existe uma anomalia anatómica, é representada no desenho (Machover, 1978). Assim, devido à sua lesão, o pé surge em destaque, como uma exposição clara de um “defeito” seu.

O “Daniel” projecta partes de si nesta pessoa, pois evidenciou o seu pé lesionado, tem a mesma idade e quando lhe pergunto pelos sonhos da pessoa, acaba por falar dos seus. Fala do desejo de ter um clube onde não houvesse discussões, expressando a sua vontade de um seio familiar sem conflitos. Ao dizer que esta personagem é magra, que tem muitos amigos, não tem defeitos e poderia ser modelo, projecta nela, o ideal do Ego. Neste sentido, dado que a FH, representa a expressão do “eu” no ambiente, podemos através deste desenho aceder à sua imagem corporal, como um reflexo de si mesmo (Machover, 1978). Assim, o “Daniel” é uma criança insegura, com o desejo de ser gostada pelo Outro. Na história, refere novamente as partidas, pois a menina ia ser castigada por estar sempre alegre, por ser como era, surgindo novamente a culpabilização.

De acordo com Goodenough (1965), esta FH pertence à classe B, pois existe uma tentativa clara de representá-la, com diversos detalhes. Através do somatório das diversas partes (18 pontos), constata-se que o “Daniel” tem uma IM de 7 anos e 6 meses (através da consulta da tabela de aferição de Goodenough, 1965). Obteve-se um QI de 69, considerado “Muito inferior” para a sua faixa etária. De acordo com a sua idade cronológica, seria esperado que a FH surgisse mais investida, com a introdução de factores sociais (Goodenough, 1965). Contudo, a sua noção de imagem corporal é ainda incipiente.

Interpretação – A-R: Engana-se, vira a folha e volta a desenhar-se, revelando assim insegurança (Di Leo, 1967) e um sentimento de desvalorização relativamente a si próprio (Corman, 1967). Comparativamente ao DFH, o A-R surge um pouco mais investido. Apresenta mais detalhes e introduz factores sociais, como os sapatos e vestuário. A cabeça surge desenhada de forma mais evoluída, isto é, mais proporcional relativamente ao resto do corpo, mas existem muitas transparências (Di Leo, 1987). A impressão geral que o desenho transmite é agradável, pois a íris surge preenchida, transmitindo mais vitalidade e está a sorrir. As mãos surgem

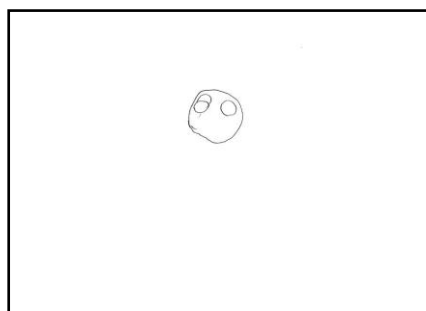


Figura 28:

Caso 4 – A-R cancelado

desenhadas de forma mais cuidadosa, abertas, podendo evidenciar a necessidade de afecto e de relação, o que também surge no DFH (Campos, 2003).

Ao desenhar a barriga refere: *“Barriguinha porque sou um bocadinho gordo!”*, evidencia assim no desenho algo que é sentido como um “defeito” seu, como já tinha surgido no DFH. A necessidade de desenhar o vestuário, surge para encobrir este “defeito”, dizendo: *“Os calções, a minha camisa a tapar a barriguinha e os ténis.”*

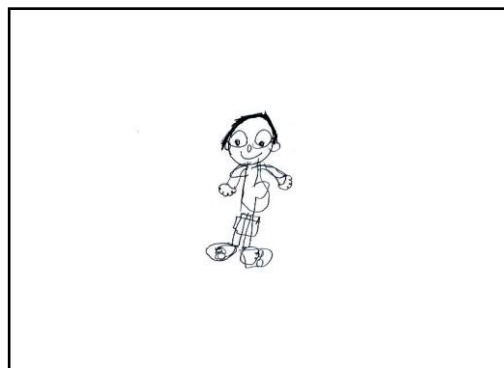


Figura 29:

Caso 4 – A-R

Interpretação – DFI: A nível gráfico, o “Daniel” ocupa grande parte da folha. No que diz respeito às estruturas formais, por um lado, trata-se de um desenho marcado pelo racional, pois há uma reprodução estereotipada de algumas figuras, que se encontram isoladas entre si, desenhadas com alguns detalhes e linhas rectas. Por outro lado, há também um lado sensorial, com presença de linhas curvas, que exprimem algum dinamismo, com uma família inserida num ambiente (Corman, 1967). Ao nível do conteúdo do desenho, perante o pedido de desenhar uma família, desenha uma família inventada por si. Contudo, estão claramente presentes elementos da sua família, com as mesmas idades e profissões, tratando-se assim de um intermédio entre a sua família real e imaginária. Porém, a subjectividade prevalece sobre a objectividade, sendo que o princípio do prazer-desprazer se sobrepõe ao princípio da realidade, tentando retirar o máximo de prazer e o mínimo possível de desprazer (Corman, 1967).

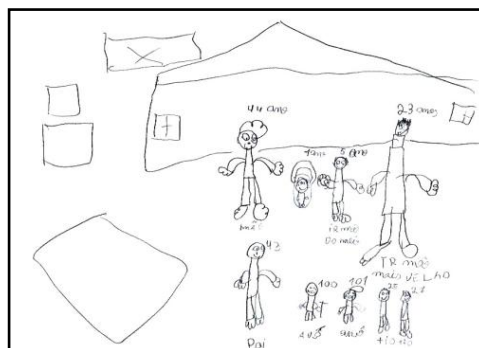


Figura 4:

Caso 4 - DFI

Relativamente à sua mãe, surgem expressas tendências afectivas positivas, pois o “Daniel” desenha-a em primeiro lugar, numa posição central de destaque, de forma mais cuidadosa, investindo assim no objecto privilegiado. Desta forma, identifica-se com a mãe a um nível inconsciente (Corman, 1967).

Em relação ao seu irmão mais velho, surgem também tendências afectivas positivas. É colocado na parte superior da folha e destaca-se pelo seu físico maior (Corman, 1967). Contudo,

isto pode dever-se apenas, por haver um apego ao concreto. Pode também surgir destacado, como uma forma de o “Daniel” aliviar a sua culpabilidade, devido à rivalidade fraterna. No inquérito, o irmão surge como o privilegiado. Refere que é o seu preferido, o melhor de todos e que gostaria de ser como ele, *“para resolver um problema no PC”*. Há assim uma identificação de desejo com este irmão, a nível consciente, como uma defesa do Ego, em que expressa as suas tendências confessáveis, desejando ser mais velho para resolver os problemas, talvez os problemas entre os seus pais. Isto demonstra a inversão de papéis nesta família, devido à ausência de limites, sendo que o “Daniel” se sente responsabilizado por problemas que não são seus, mas sim dos seus pais.

O pai, desenhado em quinto lugar, não tem cabelo e surge afastado dos outros elementos que se encontram na parte inferior, que estão próximos entre si. Desta forma, o pai não surge como uma figura de referência para si. No inquérito, refere que é o mais aborrecido, pois não compreende o que é animação. Desta forma, surgem expressas tendências afectivas negativas, havendo uma desvalorização deste objecto, devido a sentimentos de desconsideração ou de ódio, causadores deste desinvestimento (Corman, 1967).

Os conflitos ente estes pais e a dissolução do lar, a separação, surgem representados no desenho, sendo que se encontram separados, a mãe no plano superior e o pai no inferior (Corman, 1967). Projecta-se numa personagem que está ao lado da sua mãe (o bebé, o mais difícil de reconhecer) e desenha o seu pai afastado, evidenciando assim o desejo de que continuem separados, o que pode remeter para um conflito edipiano (Corman, 1967).

Comparativamente à sua família real, o “Daniel” introduziu várias personagens imaginárias, que vão realizar tudo aquilo que ele próprio não ousa fazer, sendo nelas que ele se projecta, havendo assim uma identificação inconsciente (Corman, 1967). Como o seu instinto não lhe permite que o seu desejo se manifeste, devido à culpabilização, o “Daniel” reprime-o e desloca-o para outros elementos do desenho. Estas personagens, representam tendências diferentes, em diversos períodos da sua vida, entre as quais o “Daniel” se encontra dividido (Corman, 1967).

Projecta-se com idades inferiores, em duas personagens, entre a mãe e o irmão, representando assim uma forte tendência regressiva, difícil de exprimir de forma directa, sendo que os impulsos do Id são reprimidos (Corman, 1967). Com 5 anos, no irmão do meio, numa idade em que os seus pais estavam juntos e no bebé acrescido, bastante diferente de si na idade, que surge como um disfarce ainda maior, de forma a que não seja reconhecido (Corman, 1967).

Projecta-se também num bebé, exprimindo a sua saudade por uma idade de ouro. Pode-se tratar de uma regressão pré-edipiana, sendo esta uma identificação de desejo (Corman, 1967). O mecanismo de defesa do Ego, faz com que haja uma regressão a um estado anterior, substituindo a relação triangular edipiana e conduzindo a criança a uma altura em que o conflito que lhe causa angústia ainda não estava presente (Corman, 1967). O bebé está contido numa “*cesta especializada para os bebés...eu já tive.*” Está assim protegido de um exterior sentido por vezes como ameaçador, que nessa idade ainda não existia. Ao não se representar de forma directa no desenho, significa que na sua situação actual não se sente à vontade e que gostaria de ser outro (Corman, 1967). Quando no inquérito lhe pergunto qual deles é que não foi bom, refere que foi o irmão do meio, sendo que o seu castigo é não ter acesso ao PC e ao DVD, interesses seus. Através desta resposta, surge também a culpabilidade. Esta culpabilidade, pode ter sido potenciada pelo facto de na altura em que vivenciava o conflito edipiano, os pais separaram-se, dando lugar a uma situação real.

As outras quatro personagens acrescentadas, são dois casais unidos, os avós estão juntos há muitos anos e se ajudam no trabalho, bem como os tios, que trabalham juntos. No inquérito, refere que gostava de estar ao pé dos tios e dos avós, para além da mãe e do irmão. Através destas personagens, o “Daniel” projecta o desejo de voltar ter os pais unidos e de no futuro, ter uma relação de companheirismo, surgindo representado como adulto e como idoso.

Comparativamente ao DFR, este desenho surge muito mais investido. Nesta família, todos contribuem para a manutenção da mansão, excepto o pai que trabalha numa fábrica. Uns limpam, outros trabalham na agricultura, outros tratam dos animais. Assim, este desenho representa o seu ideal de família, onde há harmonia e cooperação e não conflitos. No inquérito, quando lhe pergunto quem é o mais feliz, refere que são todos, pois “*têm uma casa extraordinária, com muita coisa bonita.*”

Interpretação – DFR: A nível gráfico, as figuras surgem colocadas no lado direito da folha. Os elementos surgem representados de acordo com a sua linha hierárquica, idade e condição. A mãe, é novamente desenhada em primeiro, sendo que a sua fisionomia e do “Daniel” são bastante parecidas, havendo assim uma identificação a nível inconsciente, tal como no DFI. Esta é uma

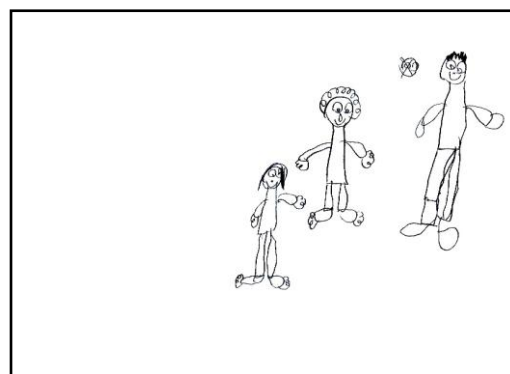


Figura 30:

Caso 4 – DFR

identificação recalcada, uma vez poderá ser um rapaz com forte componente feminino, acabando por se identificar conscientemente com o irmão, tal como acontece no DFI, sendo esta uma identificação compensadora, para afirmar a sua masculinidade (Corman, 1967).

As tendências afectivas negativas surgem expressas, através da forma mais extrema de desvalorização do seu pai, eliminando-o no desenho, dizendo quando acaba: *“O meu pai não, porque passamos por um grande problema de violência doméstica.”* Trata-se de uma fonte ameaçadora que causa angústia e o “Daniel” suprimiu-o do desenho, não sendo considerado uma figura de referência (Corman, 1967), o que também surge no DFI. A eliminação do progenitor do mesmo sexo, expressa assim o desejo de ocupar o seu lugar, eliminando-o, o que nos dá conta de hostilidade edipiana (Corman, 1967).

Surgem também tendências afectivas negativas, relativamente ao seu irmão, rasurando-o numa primeira versão. Esta anulação do irmão, surge como um mecanismo de defesa (Coelho, 1993). É o menos investido, havendo uma desvalorização do seu rival (Corman, 1967). A mãe e o irmão estão no mesmo plano, o que evidencia uma relação de proximidade entre ambos, que o “Daniel” despreza, o que faz com que surja afastado (Corman, 1967). Devido à confusão de papéis nesta família, este irmão mais velho, pode ter assumido o papel de pai e agora o “Daniel”, revive a hostilidade edipiana em relação ao irmão. Quando convidado a identificar-se, refere que gostaria de ser o irmão, pois é o maior, de forma a poder ocupar o lugar dele, ocorrendo assim, uma identificação de desejo (Corman, 1967). O braço direito do “Daniel”, aponta para a mãe, como se quisesse alcançá-la, surge então o desejo de proximidade com o progenitor do sexo oposto e rivalidade e identificação com a figura do mesmo sexo. A identificação com este irmão, permite-lhe aliviar a sua culpabilidade (Corman, 1967). Desta forma, a rivalidade fraterna e hostilidade edipiana, intersectam-se (Corman, 1967).

Desenha-se em último, mais abaixo relativamente aos outros elementos da família, havendo uma desvalorização de si próprio (Corman, 1967). A agressividade é inibida e volta-se contra si, o que dá lugar a uma reacção depressiva, que faz com que a criança tenha uma ansiedade persistente, humor triste, temor de abandono, sentimento de fracasso, manifestações afectivas que têm inevitavelmente impacto ao nível escolar (Corman, 1967).

De forma a atestar a validade das conclusões retiradas deste desenho, há que ter em consideração o método das convergências de indícios, tendo em conta as convergências intratestes e extratestes (Corman, 1967). Relativamente às convergências intratestes, nestas duas versões dos desenhos, vários elementos convergem. Surge uma desvalorização de si próprio, em

ambos os desenhos. Há uma identificação com a figura materna e o pai, não é sentido como uma figura de referência. A confusão de papéis entre os membros da família, faz com que surja representado um conflito edipiano em diferentes fases. Anteriormente em relação ao pai e actualmente em relação ao irmão, o que lhe trás culpabilidade.

No que diz respeito às convergências extratestes, também é possível observar noutros desenhos, como no DFH, confusões ao nível da identidade, por se identificar com o feminino a nível inconsciente. Também no RCH, é possível constatar uma representação de si fragilizada face ao meio. Surge também a identificação com a mãe e a desvalorização da imago paterna, sentida como ameaçadora, frágil e distante. No RCH, as imagos parentais também não são consideradas como figuras de referência, principalmente o seu pai. As questões da culpabilidade e da rivalidade fraterna, também têm surgido no acompanhamento pedopsiquiátrico. Na sua história clínica, também é possível constatar que existem tendências regressivas. A observação clínica, também aponta no sentido das conclusões retiradas anteriormente.

RCH:

Protocolo:

Tempo de início da prova: 10h 02 min

Resposta	Inquérito	Cotação
<p>I</p> <p>(Pega na prancha) Λ</p> <p><i>“Isto faz-me lembrar...”</i></p> <p>14”</p> <p>1 - <i>uma folha de papel decorada...no dia de Halloween....parecida com um morcego.”</i></p> <p>35”</p>	<p><i>“Por assim aqui (Dbl)...é os buracos dos dentes. Aqui são os olhos tipo lombas (D sup). Os dentes aqui (Dbl). As asas, estas partes assim bicudas e assim (lat). Os pés aqui em baixo, juntos (D inf). E aqui ao meio uma simetria...um eixo simétrico (central). Depois foi pintado em preto, bem pintado, para não parecer normal e cortado para os dentes.”</i></p>	<p>1- G bl FC’ Obj.</p>

<p>II (Pega na prancha) Λ 8” 2- “Este faz-me lembrar dois palhaços a fazer Kung-Fu...mais nada.” 25”</p>	<p>“Os palhaços aqui (laterais)... de lado com as mãos juntas a fazer Kung-Fu. Capoeira! Que depois em missões vai dar muito jeito...capoeira que é imitar uma coisa para a outra (Kung-Fu). Preto é o corpo, a parte vermelha é a cara pintada (verm sup). Pescoço em cor de pele (D sup)... O vermelho em baixo (verm inf), bongos de ritmo.... Manchas aqui em baixo, faz-me lembrar os pés, perto do corpo (D inf). ‘Tão parados em posição de começar.’” <u>R.A.</u> “Bongos de ritmo”: D FC’ Obj.</p>	<p>2- G KC H</p>
<p>III (Pega na prancha) Λ 12” 3- “Aqui são...dois africanos. Duas africanas quero eu dizer... 4- e dois macacos vermelhos de pernas para o ar 5- e tocarem bongo para levar 6- o laço para um sítio mágico...e um salto alto de madeira que elas conseguiram arranjar em madeira.” 1’</p>	<p>“As africanas, aqui as mamas, aqui o salto alto, aqui na parte das pernas. Bongos, consigo ver através destas coisas pretas que são a pele de um touro preto (D preto inf)... Aqui, o osso de um animal que já foi extinto (Cinz central inf). Macacos em cima no vermelho, com cauda, braço e aqui corpo (verm sup). Laço consigo ver através de dois lados iguais e uma zona pequena no meio (verm central). Mulheres tocam o bongo para levar o laço para um sítio sagrado...elas tocam para ir voando. No início, ‘tava caído nos bongos e agora voa.” <u>R.A.</u> “Osso de um animal que já foi extinto”: D F+ Anat</p>	<p>3- G K H Ban 4- D FC A 5- D FC’ Obj. 6- D Kob Obj. Ban</p>

<p>IV (Pega na prancha) V 5” 7 - “<i>Consigno é ver um monstro muito esquisito, que não se vê raramente...asas, cauda de pantera, cara de zombie, cornos de diabo...cara cheia de picos.</i>” 50”</p>	<p>“<i>O monstro a voar, prestes a voar...e antes de voar vai lanchar. Aqui os picos do lado da cara (Dd sup. central)... os cornos aqui em cima (Dd sup central)...aqui as caudas (D lat. inf.). Aqui as asas de morcego dobrada...apesar de ‘tar desenhado, consigo ver perfeitamente que ‘tá dobrado (D lat sup.). Cara de zombie porque nos filmes tem assim uma cara tipo tronco, em forma de tronco (D sup central).’</i>”</p>	<p>7- G K Clob (A)</p>
<p>V (Pega na prancha) Λ 2” 8 - “<i>Aqui vejo um morcego completo... com asas grandes, pés, orelhas, cara, asas.</i>” 24”</p>	<p>“<i>A cara aqui (D sup central)... o corpo ‘tá ao meio, o corpo principal (D central). Os pés ‘tão assim de lado (D inf central). As orelhas ‘tão em cima (D sup central)...as asas assim de lado e caídas para baixo (D lat). Parece um morcego pelo corpo e pelo feitio...pelos pés, asas grandes e partes pontiagudas (D lat).’</i>”</p>	<p>8- G F+ A Ban</p>
<p>VI (Pega na prancha) Λ “Este... 10” 9 - <i>parece um animal extinto... ou uma metade de um tigre...tigre...tigre! Sim, exacto! A cabeça, o corpo é que ‘tá...tipo uma pele de tigre, não tem as pernas nem a</i></p>	<p>“<i>Aqui a cara (D sup)...o focinho aqui mais para sim (Dd sup)...os bigodes (Dd sup). Aqui (D inf), parte da pele toda...mesmo da parte de lado. Vejo o tigre de cima...mas parece mais para baixo. Já ‘tás muito confundido. A pele do tigre e o tigre já ‘tá morto e ‘tá em pele para fazer tapete de pele.</i>”</p>	<p>9- G F+ A Ban</p>

<p><i>cabeça completa. A outra parte deve ‘tar escondida!’</i></p> <p>1’</p>		
<p>VII</p> <p>(Pega na prancha) Λ (Sorve)</p> <p><i>“Isto aqui parece...vamos. Isto aqui parece uma...”</i></p> <p>10”</p> <p>10 - <i>parece uma parte de rochas e um rio, tipo uma praia.”</i></p> <p>20”</p>	<p><i>“Consigo ver através destas rochas (preto lat). Aqui (Dbl central) é a água...no meio é a água...pelo feitio.”</i></p>	<p>10- G bl F± Nat.</p>
<p>VIII</p> <p>(Pega na prancha) Λ</p> <p><i>“O próximo...”</i></p> <p>5”</p> <p>11- <i>são dois animais a caminhar em cima</i></p> <p>12- <i>(>)(Λ) de um pêssego</i></p> <p>13- <i>e uma pêra verde.”</i></p> <p>20”</p>	<p><i>“Os animais ‘tão aqui no rosa (D lat). Aqui é o pêssego (rosa e laranja) e aqui a pêra (verdes). Os animais estão a andar. O pêssego porque veio aqui a cabeça (rosa), aqui é a parte amarela lá de dentro (laranja). Parte de fora da pêra, verde, fora da pêra e verde claro, meia escuro, meia claro.”</i></p>	<p>11- D F+ A Ban</p> <p>12- D FC Alim.</p> <p>13- D FC Alim.</p>
<p>IX</p> <p>(Pega na prancha) Λ</p> <p><i>“Aqui está um...Uiüü...”</i></p> <p>10”</p> <p>14 - <i>um hipopótamo</i></p> <p>15 - <i>em cima de pêssegos, não...almôndegas...</i></p> <p>16 - <i>O veado em cima do hipopótamo</i></p> <p>17- <i>e depois a água a correr tipo uma fonte...</i></p> <p>13”</p>	<p><i>“Hipopótamo pelo feitio do nariz e do corpo, como um animal mamífero da água. Dois hipopótamos em cada lado (verde lat). Aqui noto os veados, por uns chifres (laranja). As almôndegas vejo através da cor, prontas a cozinhar (rosa inf). Aqui, vejo a água a correr por cima abaixo (D central sup).”</i></p>	<p>14- D F+ A</p> <p>15 - D CF Alim.</p> <p>16- D F+ A</p> <p>17- D Kob Elem.</p>

<p>X</p> <p>(Pega na prancha) Λ</p> <p>“Bem isto... 7”</p> <p>18 - <i>parece aranhas, a parte azul...</i></p> <p>19 - <i>pássaros parecidos com um rim.</i></p> <p>20 - <i>Pulmões onde as aranhas andam... mas aqui é tipo um parque de diversões,</i></p> <p>21 - <i>as pulgas a agarrar</i></p> <p>22 - <i>os ossos.</i></p> <p>23 - <i>A outra parte azul, a ligação dos pulmões</i></p> <p>24 - <i>e a formiga campeão em pesos a levantar só cum uma antena</i></p>	<p>Aranhas: <i>As aranhas são esta parte azul...são estas duas (azul lat), por causa das patas...têm muitas patas...têm oito.</i></p> <p>Pássaros: <i>“Aqui (amarelo lat central), notam-se os rins, porque os rins são parecidos com feijões, mas estes são parecidos com beija-flores. Pássaros parecidos com rins, porque têm corpo de feijão, rins também são parecidos com um feijão.”</i></p> <p>Pulmões: <i>“Estas partes rosa grande (rosa lat), estão os pulmões, o feitio é grande como os pulmões que nós temos.</i></p> <p>Pulgas: <i>Aqui as pulgas (cinz lat sup) e aqui o osso (cinz central sup), porque são pequenas.</i></p> <p>Osso: <i>Esta parte parece um osso, porque é a parte do pescoço.</i></p> <p>Ligação aos pulmões: <i>A parte azul aqui (azul central) é a ligação aos pulmões, porque parece que são ossos, mas em cor azul, quer dizer que são saudáveis.</i></p> <p>Formigas: <i>Dois formigas (castanho sobreposto ao amarelo)...porque as formigas são pequenas, nota-se pelas patas e a antena.</i></p>	<p>18- D F+ A Ban</p> <p>19- D F- A</p> <p>20- D FC Anat.</p> <p>21- D Kan A</p> <p>22- D F- Anat.</p> <p>23- D F- Anat.</p> <p>24- D Kan A</p>
---	---	---

<p>25 - <i>um caracol pesado, é campeão de força.</i></p> <p>26- <i>A parte laranja, parece um sumo de laranja a espalhar-se para dentro do sangue</i></p> <p>27- <i>As aranhas já lá ‘tavam para agarrar as folbas, partes verdes, meio claras, meio escuras.’</i></p>	<p>Caracol: <i>Aqui (castanho), é o caracol que a antena da formiga consegue levantar, que é a campeã dos pesos.</i></p> <p>Folhas: <i>Folbas (verde lat sup), fazem-me lembrar aquelas folbas pequenas, têm um feitio parecido com as folbas de palmeira.</i></p> <p>R.A.:</p> <p>Ligação dos rins: <i>Parte verde (verde central inf), fazem-me lembrar as ligações dos rins...porque tem a mesma ligação, é tipo uma ponte mas em ossos, não é bem ossos. Ligação, fio...</i></p> <p>D F- Anat.</p> <p>Folha de Outono: <i>Parte amarela (amarelo lat exterior) é onde está presa a outra antena da formiga...é uma folha...porque parece aquela folha de Outono, começar a ficar castanhas como a formiga, formiga não nota muito.</i></p> <p>D CF Nat.</p>	<p>25- D F- A</p> <p>26- D CF Alim./Sg.</p> <p>27- D FC Nat.</p>
---	---	--

2'

Tempo final: 10h 50 min

Prova das escolhas:

†: Cartão VIII - “Porque os animais são bonitos, esses animais.”; Cartão X - “Porque foi uma grande misturada”

- : Cartão IV - "Porque é um monstro horrível"; Cartão I - "Porque não gosto que me assuste, tenho medo que me assustem, pregam-me um susto com essa coisa"; Cartão V - "Porque pode-me assustar qualquer dia e ver-me aí na noite e beber o meu sangue que ainda é pior."

Psicograma:

<p>R = 27 ~ T.T. = 7'7" Tp/R = 15" Tp Lat. Med. = 8" Sucessão: Relaxada T. Apreensão: G <u>D</u> TRI: 3K=5C (Extroversivo misto) F.C. 4k=0E RC% = 63% ▲▲ I.A.% = 15%</p> <p>Prova Escolha: +: VIII; X -: IV; I; V</p>	<p>G = 5 (18%) G bl= 2 D = 20 (74%)</p>	<p>$\Sigma F = 11$ F+ = 6 F+- = 1 F- = 4 K = 3 kan = 2 kob = 2 FC = 6 FC' = 2 CF = 2 Fglob = 1 Elementos qualitativos: Com. Sime. - 1</p>	<p>H = 2 A = 11 (A) = 1 Obj = 3 Nat = 1 Bot = 1 Elem = 1 Alim = 3 Anat = 3 Sg = 1</p>	<p>F% = 41 % ↓ F+% = 24 % ↓ Fa% = 76% F+%a = 56% H% = 7% ↓ A% = 41% ~ Ban = 6 ~</p>
--	---	--	--	--

Interpretação: Perante a proposta do RCH mostrou-se entusiasmado, com uma postura calma. Durante a aplicação, senti-me por vezes, ansiosa. Relativamente ao seu discurso, dá respostas elaboradas, por vezes surgem ideias confusas e substitui palavras por outras com a mesma terminação consonântica. No contacto inicial com a prova, surgem elementos ansiogénicos, como os dentes, os olhos, o *Halloween*. Na Prova das Escolhas, seleciona este cartão como um dos menos gostados, referindo que não gosta que o assustem. Desta forma, perante o desconhecido sente-se assustado, emergindo uma angústia, que revela que tem dificuldades em organizar-se sozinho.

Ao longo do protocolo há maioritariamente uma diferenciação bem sucedida do esquema corporal, entre mundo interno e externo. Tanto a respeito de respostas humanas, como não-humanas, os modos de apreensão, surgem maioritariamente bem delimitados, sem tendências a cruzamentos, sobreposições ou combinações contaminadas. Relativamente aos determinantes, há uma preocupação em delimitar o percepto. Ao nível do conteúdo, algumas das suas respostas, são baseadas num eixo estruturante, como por exemplo, através do comentário no cartão I: “*E aqui ao meio uma simetria...um eixo simétrico.*” Os conteúdos animais são os mais frequentes, sendo que alguns surgem bem vistos e outros não.

Relativamente à representação de si face ao meio, no cartão I, começa por dar uma imagem de uma folha de papel, que está cortada, tem buracos para os dentes, foi-lhe retirada uma parte, o que nos dá conta de uma representação de si, face ao meio, fragilizada. Refere que depois é pintada, é revestida, de forma a fortalecê-la, havendo assim um investimento narcísico. Ao longo de todo o protocolo há uma tentativa constante de unificação dos elementos, de coesão forçada, o que nos dá conta de uma tentativa de unificação de si próprio, revelando alguma dificuldade na integração das imagens.

Na última prancha, surge uma representação de si fragmentada, o que significa que face a situações mais complexas se desorganiza. Há algumas sobreposições, uma oscilação entre as diversas posições, com dificuldade em centrar-se. Os conteúdos animais encontram-se mal vistos. No cartão III, diz que são dois africanos e depois refere que são duas africanas, o que revela uma confusão identitária a nível sexual, uma vez que a resposta deve ser o mais próxima possível de acordo com a identidade do sujeito (Aleixo, 2013).

Embora esta identidade seja frágil, o acesso à mesma está adquirido, corroborado também pelo facto da maioria das suas respostas cinestésicas serem de boa qualidade formal. Desta forma, o objecto é uma projecção de uma imagem de si diferenciada, mas do qual ainda depende.

No que diz respeito à imago paterna, é sentida como ameaçadora, pois no cartão IV, que segundo a literatura é o cartão que mais fortemente a evoca (Trautenberg & Boizou, 1999), dá um monstro poderoso, assustador, com picos. Por outro lado, também é sentido como frágil, pois diz que as asas estão dobradas, enfraquecidas e no cartão VI, na sequência do monstro do cartão IV, também dá uma imagem de força, o tigre, mas está morto, extinto. Este pai, é também sentido como distante, pois no cartão IV, refere que o monstro vai voar, vai partir e por dar figura que pertence a outro mundo, com “*cara de zombie*”, atribuindo-lhe assim um conteúdo para-humano e animal. Desta forma, a imago paterna é sentida como um mau objecto interno, sendo

que o “Daniel” não o considera como uma figura de referência, o que também é corroborado, pelo facto de na Prova das Escolhas, escolher o cartão IV, como sendo um dos menos gostados, justificando que é horrível.

Relativamente à imago materna, esta é sentida como passiva, frágil e distante. No cartão VII, que solicita mais fortemente a imago materna (Traubenberg & Boizou, 1999), evoca as rochas, imóveis, inanimadas, sentindo assim a sua imago materna como impotente, passiva. Evoca também a água que desgasta estas rochas, por erosão, em pequenas partículas frágeis, em grãos de areia, o que nos dá conta desta fragilidade. O cartão I, solicita uma relação com a mãe pré-genital a um nível mais arcaico (Traubenberg & Boizou, 1999), onde também surge uma imago materna frágil, por dar a imagem de uma folha de papel, com buracos. No cartão II, diz que são palhaços a fazerem capoeira, uma dança de um país distante e no cartão III, dá elementos femininos, falando de duas africanas, que também são de um país distante, introduzindo assim distância face à figura materna.

Em suma, através da análise do protocolo RCH e do psicograma, o “Daniel” é uma criança cujos limites entre mundo interno e externo, se encontram maioritariamente bem definidos. Tem uma representação de si fragilizada, face ao meio. Encontra-se relativamente organizado, adaptado, dando algumas respostas banais. Contudo, face a situações mais complexas, desorganiza-se. Embora se trate de uma identidade frágil, as suas imagos parentais são sentidas como diferentes de si. A sua imago paterna é sentida como ameaçadora, frágil e distante, enquanto que a imago materna é sentida como passiva, frágil e distante. Desta forma, as figuras parentais não são sentidas como figuras de referência, mais concretamente o pai. Estas constatações, vão ao encontro da sua história clínica, da observação e dos desenhos.

Caso 5 - “Rodrigo”: “...os olhos e o nariz são iguais aos da mãe. Não gosto deste boneco.”

1. História Clínica:

O “Rodrigo” nasceu no dia 22 de Junho de 2002, tendo à data das sessões 11 anos e 1 mês. A sua história Clínica, foi recolhida pela Pedopsiquiatra, na primeira consulta, dia 9 de Outubro de 2006. O “Rodrigo” tinha 4 anos e 4 meses. O seu agregado familiar é constituído pela mãe e pela avó materna.

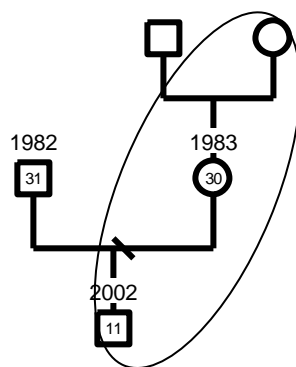


Figura 31:

Caso 5 – Genograma

Motivo da primeira consulta: Enviado pela consulta de Psicologia de uma Maternidade, por hétero-agressividade, problemas do sono e irrequietude.

Dados relevantes da entrevista livre com a mãe, na primeira consulta: Era meigo e por vezes agressivo, mas quando contrariado. Não parava quieto e tinha dificuldades em dormir. A mãe contou que o pai a agrediu, por ciúmes e a mandou das escadas abaixo.

• **Anamnese:**

Antecedentes familiares: O pai tem 31 anos, é solteiro, trabalhava na construção civil e está desempregado. Cumpre 3 anos de pena suspensa por agressão à mãe, que foi vítima de violência doméstica, durante a gravidez. Sofre de alcoolismo e já esteve internado por depressão. A mãe, tem 30 anos, o 8º ano de escolaridade e é solteira. Actualmente, está desempregada, mas anteriormente trabalhava nas limpezas. Teve uma infância marcada por violência parental.

Antecedentes pessoais: Foi a segunda gravidez, a mãe teve um filho que morreu com um mês de vida, devido a uma hemorragia cerebral, provocada pelas agressões sofridas durante a gravidez. Na gravidez do “Rodrigo” foi atirada pelas escadas, pelo companheiro e teve 15 dias internada. Nasceu de 28 semanas, prematuro em consequência da agressão e ficou um mês internado. Quando o “Rodrigo” nasceu, a mãe tinha sintomatologia de depressão e os pais separaram-se após o seu nascimento. O “Rodrigo”, começou a andar com dois anos e a falar. Aos 3 anos ainda usava fralda. Sempre teve problemas de socialização, pois batia nos colegas. Nunca mais teve contacto com o pai. Frequentou uma ama e o JI. Actualmente, transitou para o 5º ano de escolaridade.

• **Acompanhamento:** É acompanhado em Pedopsiquiatria, com periodicidade variável, usualmente superior a um mês. Tem como diagnóstico, Perturbação Global do Desenvolvimento, Perturbação da regulação dos impulsos, deficiência grau ligeiro e PHDA.

Actualmente, beneficia de Psicomotricidade, de acompanhamento psicológico e apoio do EE. A mãe é acompanhada em consulta de Enfermagem e pela Assistente Social. Actualmente, encontra-se medicado com Risperidona, Depakine, Abilify e Catapresan.

Avaliações complementares de diagnóstico: Em Psicomotricidade, constatou-se que tinha um atraso no desenvolvimento psicomotor. Apresenta comportamentos regressivos e revela insegurança. Na escola tem dificuldade em realizar tarefas e em cumprir regras. Tem grandes oscilações de humor e não é assíduo.

Com 6 anos, foi avaliado em psicologia, onde se concluiu que era uma criança com falta de suporte relacional, privada de cuidados afectivos, de regras e limites consistentes. Tinha grandes dificuldades na leitura na escrita, com défice de atenção. Nas provas de inteligência, obteve um QI total de 85. Com 10 anos, foi reavaliado, onde se concluiu que tinha um défice cognitivo (QI=63). Apresentava dificuldades no controlo e gestão das suas emoções.

Resumo dos aspectos clínicos relevantes: Aos 5 anos, ingressou no JI, onde tinha comportamentos de auto e hétero-agressividade. Com 6 anos, no 1º ano, dizia que o coração e o cérebro lhe diziam para fazer coisas más. Partia vidros, batia com as portas e temiam que ele pusesse a vida dele e das outras crianças em risco. Dormia com a mãe e batia-lhe. Aos 7 anos, a mãe fica desempregada e teve um mês internado em Pedopsiquiatria, por comportamentos de hétero-agressividade com os pares e professores e passagens ao acto graves. Passado pouco tempo, após oposição à mãe, fugiu de casa nu e correu em direcção à casa da tia, tendo sido encontrado pela mãe, com os pés feridos, o que o fez recorrer novamente as urgências. Foi a segunda fuga, sendo que a primeira também foi para casa da tia. Após a morte do avô materno piorou, tendo mais dificuldade na tolerância à frustração. Aos 8 anos, o tribunal exige que faça visitas domiciliárias ao pai, mas deixa de as cumprir rapidamente, pois o pai é agressivo para com ele. Com 9 anos, no 4º ano, realizava tarefas escolares do 1º e 2º ano. Aos 10 anos, começaram a ser acompanhados pela CPCJ, pois o “Rodrigo” foi agredido pela mãe. Na escola começou a ser discriminado pelos pais dos outros meninos, sendo que a assistente social ajudou a mãe a procurar uma escola de ensino especial. Com 11 anos, a mãe dirige-se à CPCJ, para pedir para o “Rodrigo” ir para uma instituição, pois está mais deprimida e descompensada, sendo que isso se repercute no comportamento do “Rodrigo”, pois nessa altura, foi duas vezes ao serviço de urgências. A mãe dizia que não aguentava mais e tinha medo de cometer uma loucura com ela ou com o filho.

Desenhos anteriores: No processo do “Rodrigo” constavam cinco desenhos. Dado que não presenciei a execução destes desenhos, a interpretação que me é possível fazer é apenas em termos gráficos. Em todos os seus desenhos, os elementos surgem suspensos no vazio, como se voassem.

Com 6 anos, fez um desenho, que disse ser o seu cérebro, com um corno, em que as linhas são indecisas e quebradas, evidenciando a sua insegurança (Di Leo, 1967). Surge outro desenho, também com 6 anos, da sua avó, dizendo: “É a única pessoa de quem eu gosto, mas não digas nada à minha mãe. Eu não gosto da minha mãe.” Esta figura humana, é desenhada sem boca, escotomizada, sendo uma representação imatura. Noutro desenho, em que consta outra figura humana, também é possível verificar esta imaturidade ao nível do grafismo. Constava outro desenho no processo, que fez com 10 anos, onde surge uma casa e uma figura humana, mais evoluída, mais proporcional, embora ainda seja imatura para a sua idade. Esta casa surge pouco investida e sem nada à volta, recorrendo assim ao isolamento, como um mecanismo de defesa contra a desorganização psíquica (Coelho, 1993).

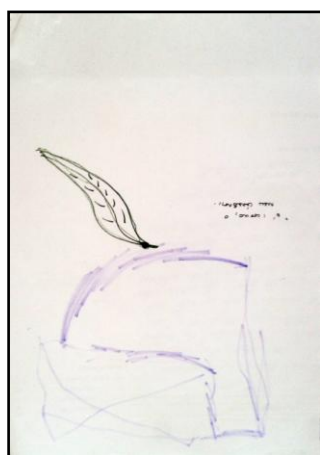


Figura 32:

Caso 5 – Desenho do cérebro

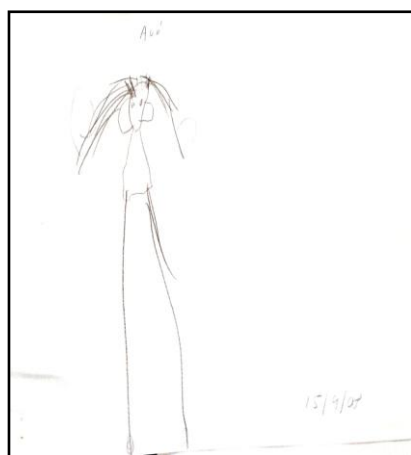


Figura 33:

Caso 5 – Desenho da avó

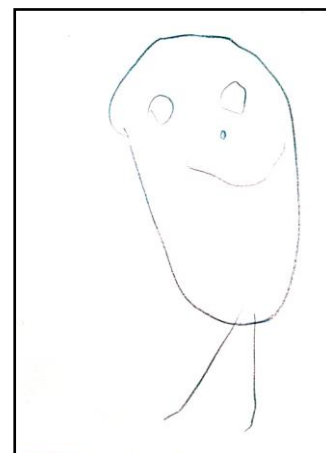


Figura 34:

Caso 5 – FH

Noutro desenho, constava a representação do seu Pedopsiquiatra, em cima de uma prancha voadora, como se evocasse uma esperança de que este o viesse salvar. Esta FH, surge bastante investida, com orelhas, mãos e com vestuário. Contudo, o sombreamento da cara com o vermelho, revela alguma ansiedade (Di Leo, 1967).



Figura 35:

Caso 5 – Pedopsiquiatra

2. Participação no Estudo:

- **Resumo das sessões:** Veio acompanhado pela mãe. Durante as sessões, o “Rodrigo” adota uma postura passiva. Fez-me sentir triste, por ser uma criança desvitalizada, sem alegria.

- **Entrevista com a mãe:** Tem ar jovial e deprimido. A mãe conta que o “Rodrigo” nasceu prematuro e que aos 4 anos, foi encaminhado por irritabilidade, agitação motora, perturbação do sono e hiperactividade. Considera que não houve melhorias, pois continua agressivo quando contrariado. Diz que tem amigos de minutos, em que qualquer um que queira brincar com ele é amigo. Refere que é muito difícil para o filho aceitar o “não”.

- **Observação da criança:** Tem um desenvolvimento estato-ponderal, aparentemente, acima do esperado para a sua idade. É magro. Vem vestido de acordo com a idade, género e estação, tendo um aspecto cuidado. Tem um ar dócil, mas apático, com uma expressão de tristeza, com um olhar vazio, embotado. Tem constantemente a boca entre-aberta, com uma hipotonia da língua. A sua linguagem é imatura, com dificuldades de articulação verbal, apresentando um discurso lento, confuso e fantasiado. Ao nível da motricidade, tem uma lentificação motora acentuada e uma postura cabisbaixa. Adequa-se facilmente à situação estruturada e acede a todos os pedidos que lhe são solicitados, mostrando-se colaborante.

- **Instrumentos aplicados:**

Desenhos: Primeiro, é necessário situar em que estado de evolução se encontram os desenhos do “Rodrigo” (Di Leo, 1967). De acordo com Luquet (1987), encontra-se na fase do “Realismo intelectual”, pois as suas figuras humanas são ainda desproporcionais, imaturas e recorre a algumas transparências. As linhas, surgem indecisas e quebradas, revelando a insegurança do “Rodrigo” (Di Leo, 1987). O traço, surge por vezes forte, outras vezes fraco. Em todos os desenhos, os elementos surgem suspensos no vazio, como se voassem.

Todas as suas figuras humanas, surgem muito imaturas, tratando-se de homenzinhos cabeçudos, que costumam surgir por volta dos 4 anos de idade (Decobert & Sacco, 2000). Em todos os desenhos, os olhos surgem representados como “janelas da alma”, podendo indiciar auto-absorção (Machover, 1978), sendo que o mundo está fechado para si (Campos, 2003). Em todas as figuras, há uma ausência dos pés, que mantém a estabilidade do corpo e ausência de mãos, que são a parte do corpo que está mais em contacto com as outras pessoas (Machover, 1978). Desta forma, revela assim a sua falta de suporte, de contenção e de contacto com o outro.

Há recurso à cor, contudo, quando desenha personagens em relação, surgem apenas desenhadas a carvão, pois as suas relações são pouco coloridas.

Interpretação do DL: Numa impressão geral, é um desenho que transmite uma impressão desconfortável, pelo olhar vazio das figuras, apesar das cores utilizadas serem harmoniosas. Trata-se de um desenho investido e cuidado. No que diz respeito às características formais e estilísticas, o desenho não aparenta ter sido planeado, pois os elementos surgem desorganizados e suspensos no ar

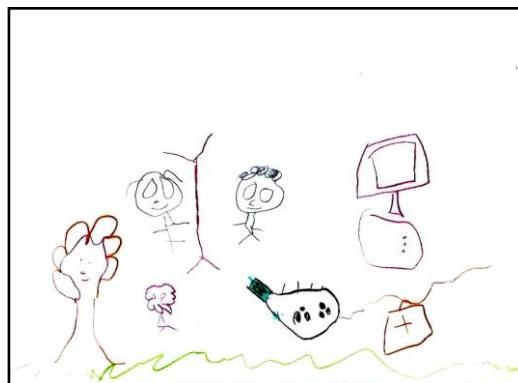


Figura 36:

Caso 5 – DL
como se voassem, apesar de desenharem o chão como suporte. Esta linha que desenha como chão, é segmentada e irregular, sendo que a árvore se apoia fragilmente sobre a mesma, indicando assim um fraco contacto com a realidade (Campos, 2003). As figuras humanas, surgem representadas de forma imatura, como nos desenhos que constavam no processo, havendo uma projecção estereotipada e reduzida, o que revela insegurança (Di Leo, 1987).

Relativamente ao conteúdo, desenha-me a mim e a ele e de seguida uma flôr, dizendo: “*uma flôr para colectar, para tirar da raiz, para separar*” e de seguida desenha a barreira entre mim e ele, como se os limites entre si e o outro fossem tão ténues, que sente necessidade de colocar a barreira e dizer que a flôr é para separar da terra. De seguida, desenha um computador, apontando para o que está no gabinete e em baixo, uma vaca e um estojo de enfermagem, que também está no gabinete, havendo uma procura de colagem a objectos reais. Diz: “*uma vaquinha, fê-la de pernas para o ar. Vou arranjà-la!*” Depois, faz uma linha que liga a vaca ao estojo, numa tentativa de unificar os elementos, como uma tentativa de se unificar a si próprio. Por fim, desenha a árvore.

Quando lhe peço para contar uma história, diz-me: “*Viviam uma menina e um menino, uma árvore para regar, uma flôr para tirar e uma vaca para cuidar e um computador para escrever. A vaquinha tá muito doente.*” O “Rodrigo” projecta assim nesta vaquinha, este mal estar interno, pois para as crianças é mais fácil projectarem-se em animais (Van Kolck, 1981). Demonstra a sua esperança de que eu e ele, em conjunto o ajudemos a cuidar de si, da sua parte doente, tal como o desenho que fez anteriormente do seu Pedopsiquiatra. No final, vira a folha e faz um coração com pernas,

dizendo que é para mim. Desta forma, num contacto inicial com o outro, há uma tentativa de o cativar, demonstrando ser uma criança ávida por afecto.

Interpretação do DFH: Este desenho, transmite uma impressão desagradável, pelo olhar vazio, sem íris. Relativamente aos aspectos formais e estruturais, a figura surge de frente, evidenciando a necessidade de contacto social (Machover, 1978).

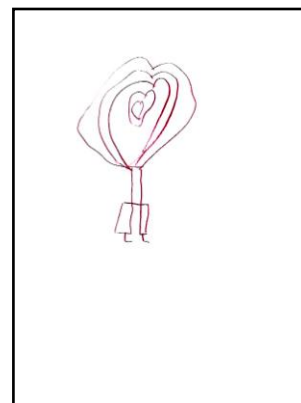


Figura 37:

Caso 5 – verso do DL

No que diz respeito ao conteúdo, desenha uma mulher, uma pessoa do sexo oposto, o que pode significar dificuldades ao nível da identificação (Di Leo, 1987). A cabeça surge em destaque, enquanto que, o corpo é renegado para segundo plano, havendo assim uma defesa contra a projecção (Machover, 1978).

Quando lhe peço que me conte uma história sobre a pessoa que desenhou, diz-me: “É uma pessoa muito magra, com uma cabeça grande, olhos bicudos, nariz bicudo, boca grande e cabelo encaracolado”, defendendo-se. No inquérito, desenha uma tarte e diz: “está a comer uma tarte mini que foi ela que fez”. Tem 70 anos, é feliz, mas fica triste quando não tem nada para comer. O seu sonho é “Uma tarte gigante para toda a gente comer, com todos os amigos do mundo, pois esta não dá.” De seguida, diz: “Vou



Figura 38:

Caso 5 – DFH

desenhar um balão do que ela está a pensar!” e escreve: “Vou fazer uma tarte gigante”, de baixo para cima, notando-se que tem grandes dificuldades ao nível da escrita. Quando lhe pergunto com quem se parece, responde: “Com a minha mãe. A minha mãe tem o cabelo esticado, mas os olhos e o nariz são iguais aos da mãe. Não gosto deste boneco.” Projecta assim nesta figura, a sua imago materna, sentindo-a como funcional, pois atribui-lhe a tarefa de fazer tartes. Ao atribuir-lhe 70 anos, mais idade, é uma forma de a desvalorizar (Corman, 1967). Refere que não gosta do boneco que se assemelha com a mãe, sendo que para si não é considerada como uma figura de referência, tal como surgiu no desenho anterior que constava no processo, em que desenhou a sua avó, afirmando que era a única pessoa de quem gostava. No final, acrescenta dois traços à boca e diz: “Olha só a boca agora, está mais contente”, expressando assim o desejo de ter uma mãe mais feliz, dado que sofre de depressão. Projecta também partes de si nesta figura, dizendo que tem mil amigos, tal como ele gostaria de ter, expressando assim o seu desejo de contacto social (Machover, 1978).

Segundo Goodenough (1965), esta FH pertence à classe B, pois existe uma tentativa clara de representar a figura humana. Através do somatório dos diversos itens, obteve-se uma pontuação total de 10 pontos, o que corresponde a uma idade mental de 5 anos e 6 meses (através da consulta da tabela de aferição de Goodenough (1965)). Obteve-se assim um QI de 50, considerado “Muito inferior” para a sua faixa etária. De acordo com a sua idade cronológica, seria esperado que a FH surgisse mais evoluída. Apesar de, comparativamente às figuras humanas que constavam nos desenhos do processo, haver uma evolução.

Interpretação – A-R: Comparativamente ao DFH, o A-R surge menos investido. A impressão geral que o desenho transmite é desagradável, pelo olhar vazio. A cabeça surge bastante desproporcional, relativamente ao resto do corpo. O facto da cabeça ser grande, pode dever-se a uma super-valorização do cérebro, devido às suas frustrações a nível escolar (Machover, 1978) ou por ser ali que habitam os seus monstros, os seus medos e a sua parte doente. Também num desenho que constava no processo, há esta valorização do cérebro, surgindo como uma temática recorrente. Os braços, surgem abertos, podendo significar a necessidade de afecto e de relação (Campos, 2003).

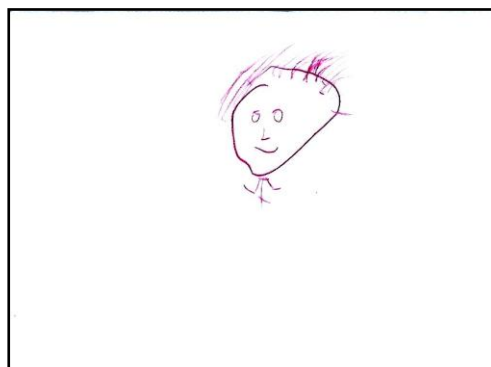


Figura 39:

Caso 5 – A-R

Interpretação – DFR: Ao nível gráfico, o “Rodrigo” desenha ocupando uma pequena parte da folha (Corman, 1967). No que diz respeito às estruturas formais, trata-se de um desenho marcado pelo racional, pois há uma reprodução estereotipada das figuras, que se encontram isoladas entre si (Corman, 1967), o que pode revelar insegurança (Di Leo, 1987). Ao nível do conteúdo do desenho, perante o pedido de desenhar uma família, desenha parte da sua família. Assim, a objectividade prevalece sobre a subjectividade e o princípio da realidade, sobre o princípio do prazer-desprazer (Corman, 1967).

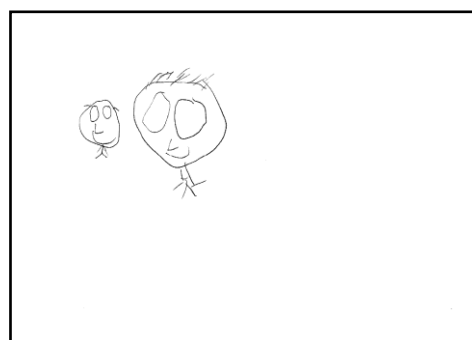


Figura 5:

Caso 5 - DFR

Em primeiro lugar, desenha o primo, que diz ter 5 anos. Mais tarde, diz que se enganou e declara que o primo é ele próprio, sendo que a censura do Ego falhou (Corman, 1967). Projecta-se assim, numa idade inferior, revelando saudade pela idade de ouro e expressando tendências

regressivas (Corman, 1967). No inquérito, diz ser o mais alegre, porque brinca. Pelo contrário, declara-se também como o mais aborrecido: *“porque eu choro às vezes, quando ‘tou triste choro e a mãe diz que é os bebés.”* Quando lhe pergunto quem gostaria de ser, responde que ele próprio. Diz que foi o bebé que se portou mal, mas não lhe atribui nenhum castigo. Ao se desenhar como o mais pequeno e à margem da folha, há assim uma desvalorização de si próprio (Corman, 1967). Desta forma, sente-se desvalorizado, havendo um investimento narcísico em si próprio, desenhando-se em primeiro lugar, dada a impossibilidade de investir nas suas figuras parentais. Para com o primo, há assim uma identificação de desejo, projectando nele as suas tendências confessáveis, de ser mais pequeno (Corman, 1967).

Em segundo lugar, desenha a prima, com 11 anos, com um físico maior, numa posição mais central. No inquérito, surge em destaque, dizendo que é dela que gosta mais, pois brinca muito com ele. É a melhor, porque cuida do irmão e a mais feliz. Desta forma, relativamente à sua prima surgem assim expressas tendências afectivas positivas. No inquérito, diz que a prima veio com ele e que o primo está em casa da tia, havendo assim um apego ao concreto.

As suas figuras parentais, não surgem representadas, suprimindo-as do desenho, por lhe causarem angústia. Há assim uma desvalorização das mesmas, uma negação da sua existência, não sendo para si, figuras com as quais se identifica (Corman, 1967).

De forma a atestar a validade deste desenho, há que ter em consideração o método das convergências de indícios, tendo em conta as convergências intratestes e as extratestes (Corman, 1987). Relativamente às convergências intrateste, é possível observar que os elementos convergem. O “Rodrigo” surge por um lado desvalorizado, por se colocar à margem da folha, mais pequeno e no inquérito declara ser o mais aborrecido. Por outro lado há um investimento narcísico em si próprio, desenhando-se em primeiro lugar, dizendo que é o mais alegre e que gostaria de ser ele próprio. Relativamente à prima, surgem expressas tendências afectivas positivas, surgindo em destaque e valorizada ao longo do inquérito.

As convergências extratestes, são as que obtemos noutros testes de personalidade (Corman, 1987). No A-R, também surge expressa a desvalorização de si próprio. Também no RCH, surge uma representação de si frágil, face ao meio, com tentativas compensatórias de se narcisar, dada a impossibilidade de investir nas figuras parentais. Relativamente à figura materna, também no DFH, surge expresso um sentimento de desvalorização para com a mesma, tal como sucede no RCH, sendo sentida por um lado como forte e por outro lado frágil. A desvalorização da figura paterna, também surge no RCH, considerando-o como ridículo, forte e ameaçador. Tal

como neste desenho, também no RCH, as imagens parentais, não são consideradas como figuras de referência, principalmente a imagem paterna.

RCH:

Protocolo:

Tempo de início da prova: 11h 12 min

Resposta	Inquérito	Cotação
<p>I</p> <p>(Agarra na prancha) Λ</p> <p><i>“Já joguei a este jogo lá numa sala... 32”</i></p> <p>1 - <i>“Parece uma águia com cornos... parece uns olhos e uns dentes. Só vejo aqui uma cauda.”</i></p> <p>50”</p>	<p><i>“Porque as águias têm patas, mãos (D sup central)... Em baixo a cauda da águia (D inf central)... Os dentes da águia (Dbl inf.), porque são bicudos, os olhos (Dbl sup.), porque parecem deitar água preta... Há crianças que deitam água preta dos olhos, quando ‘tão a chorar. E as asas aqui (D lat.), porque são bicudas. Aqui os cornos da águia (D sup)...Está a voar.”</i></p>	<p>1- G Kan C’ A</p>
<p>II</p> <p>(Agarra na prancha) Λ</p> <p><i>“Este aqui já tem cor não já? Posso virar ao contrário? (V) 24”</i></p> <p>2- <i>“Isto parece um caracol. Os caracóis têm cornos não têm? Corninhos e olhos pequeninos...e isto são as patinhas. Isto é o coração do caracol.”</i></p> <p>1’16”</p>	<p><i>“Isto são os cornos, porque os caracóis têm cornos (verm. sup), o vermelho em cima são os fios e depois as patinhas (verm. inf.). Isto (Dbl) é o coração do caracol, não sei porque...depois estes risquinhos são os olhos (Ddbl). Os caracóis rastejam, se juntares estes dois (verm. inf.) dá para ele rastejar!”</i></p>	<p>2- D bl FC A/Anat.</p>

<p>III</p> <p>Λ</p> <p>“Este é o sétimo? Temos de chegar ao décimo.</p> <p>17”</p> <p>3- Parece tampões para o nariz, daqueles que dão na TV...</p> <p>4- Isto parece um caranguejo...corninhos, olhos e perninhas.”</p> <p>45”</p>	<p>“Os tampões para o nariz...não sei porque parece... por causa da forma (verm. central). O caranguejo na parte preta...as patinhas (D inf.) por causa destas coisas bicudas. As patas parecem mais sapatos altos. Os corninhos nos vermelhos (verm. sup)...os caranguejos não têm cornos? Porque os caranguejos são vermelhos e os cornos dos caranguejos são vermelhos não é? Os olhos aqui, porque são redondinhos (Dbl) e isto é o nariz, a coisa mais pequena do mundo (Dbl).”</p> <p>R.A. “Sapatos altos”: D F+ Vest.</p> <p>I.L. (?) “Não vejo.”</p>	<p>3- D F- Obj.</p> <p>4- Gbl FC A</p>
<p>IV</p> <p>Λ</p> <p>14”</p> <p>5- “Parece uma pessoa...não? Isto parece um homem grande com umas patas maiores...tenho medo!”</p> <p>35”</p>	<p>“Porque tem aqui uns sapatos gigantes, dá para ver bem, por causa disto...salto (D inf). E aqui as orelhas... as orelhas são um bocado grandes (D sup lat). São palhaços, as pessoas que vão para o circo são palhaços não são? Estou certo? Aqui a cabeça (D sup), mas a cabeça é mais pequena que o corpo? Isto aqui é o quê? (V) Cabeça (D central) e asas (D lat)...porque não sei. Tenho sono...dá medo porque é um homem gigante com cabeça pequenina e um corpo gigante.”</p> <p>R.A. “Cabeça e asas”: Do F± Ad</p>	<p>5- G KClob H</p>

<p>V Λ 10” 6- <i>“Um gafanhoto a voar...isto são as patinbas e isto são os cornos.”</i> 30”</p>	<p><i>“Porque isto são os corninhos e as patas...não sei. Estou um bocado mal disposto.”</i> I.L. (?) <i>“Sim, parece um morcego”</i></p>	<p>6 – G Kan A</p>
<p>VI Λ 10” 7 - <i>“Parece um dragão</i> 8 - <i>e patas...”</i> 30”</p>	<p><i>“O dragão aqui em cima...Porque os dragões têm bigodes e nariz (D sup.) As patas ‘tão aqui em baixo (D inf).”</i></p>	<p>7- D F- Ad 8- D F± Ad</p>
<p>VII Λ (Ri-se) 7” 9 - <i>“Parece dois fixes (faz o gesto com a mão).</i> 10 - (V) <i>Isto é muito complicado, parece aquelas coisas que se metem para agente entrar, uma porta mas sem porta. Já sabes o que é?”</i> 55”</p>	<p><i>“Dois fixes assim de cada lado (D sup lat)...A coisa para entrar aqui na parte de cima...assim! (delimita) Por causa disto aqui em cima (D)”</i></p>	<p>9- D F- Hd 10- D F± Arqui.</p>
<p>VIII Λ <i>“Esse já tem cor...”</i> 4” 11 - <i>“Parece um avião...parece um avião...”</i></p>	<p><i>“No rosa os lagartos, às vezes transformam-se, mudam de cor e estes ficaram rosa. Verde em cima, o bico do avião, o verde escuro, o motor, o rosa o motor e o resto é o fumo.”</i></p>	<p>11- D Kob Obj.</p>

<p>12 - <i>com os lagartos a subirem o avião...os motores do avião e os lagartos a subirem o avião e por fim...esta coisa do avião.</i></p> <p>1'</p>		<p>12- D FC A Ban</p>
<p>IX</p> <p>Λ</p> <p>“Não sei o que é...isto é o que? (V) Só sei ver ao contrário...”</p> <p>20”</p> <p>13 - <i>isto é a cabeça, as mãos e a camisola verde e aqui os pés.</i></p> <p>50”</p>	<p>“Porque eu vi um dia um boneco com uma cabeça assim (rosa), não sei explicar. As mãos estes bocadinhos aqui (D lat sup). Uma camisola (verde) porque o coiso tem muito frio. Estes bocadinhos laranjas...porque eu vi um boneco com umas patas que rastejam.”</p>	<p>13- G FC Obj./Vest.</p>
<p>X</p> <p>Λ</p> <p>4”</p> <p>14- <i>“Isto parece o mar...é colorido...”</i></p> <p>15- <i>isto parece uma torre no mar,</i></p> <p>16- <i>isto parece uns caranguejos,</i></p> <p>17- <i>e isto parece uns peixinhos e não sei mais nada do resto.”</i></p> <p>40”</p>	<p>“Parece o mar tudo (G)...torre debaixo do mar (D sup) e estas coisas cor-de-rosa são os pés da torre . Estas coisinhas azuis são os caranguejos (D lat). O castanho (D lat inf) e o verde (D lat sup) são peixes, porque têm boca e ‘tão a abrir a boca...e não sei mais nada.”</p>	<p>14 – G CF Nat.</p> <p>15 – D FC Arqui.</p> <p>16 – D F+ A</p> <p>17 – D F- A</p>

Tempo de fim da prova: 11h 59 min

Prova das escolhas:

+ : Cartão X – “Porque é o do mar e eu gosto muito do mar. A seguir gosto destes todos.”; No final, retira o cartão VII da mesa e agarra-o, dizendo: “Gostei deste”

- : Cartão IV – “Por causa dos pés grandes. Não gosto mais dos outros todos”

Psicograma:

R = 17 ▼ T.T. = 7'51" Tp/R = 28" Tp Lat. Med. = 14"	G = 5 (29%) Gbl = 1 (6%) D = 10 (59%) D bl = 1 (6%)	Σ F = 7 F+ = 1 F+- = 2 F- = 4 K = 1 kan = 2 kob = 1 FC = 5 FC' = 1 CF = 1 Fclob = 1	H = 1 Hd = 1 A = 7 Ad = 2 Obj = 3 Arqui = 2 Vest = 1 Nat = 1 Anat = 1	F% = 41 % ▼ F+% = 29% ↓ Fa% = 100% F+%a = 53% H% = 12% ~ A% = 53% ~ Ban = 1↓↓
Sucessão: Relaxada T. Apreensão: <u>G</u> D				
TRI: 1K = 4C (Extroversivo misto) F.C. 3k = 0E RC% = 41% ~ I.A. = 6%				
Prova Escolha: +: X; VII -: IV				

Interpretação: Trata-se de uma re-aplicação, uma vez que já tinha realizado a prova com 10 anos. Perante a proposta do RCH mostrou-se colaborante. Durante a aplicação, senti-me um pouco angustiada. Relativamente ao seu discurso, dá respostas elaboradas, tendo uma linguagem imatura, com recurso a muitos diminutivos. No contacto inicial com o material, surgem elementos ansiogénicos, como os cornos, os dentes bicudos e os olhos, emergindo uma angústia, que revela dificuldades em organizar-se sozinho, perante o desconhecido.

A maioria dos modos de apreensão, surgem mal delimitados, com tendências a cruzamentos. Relativamente aos determinantes, há uma preocupação em delimitar o percepto. No que diz respeito aos conteúdos, os animais surgem com maior frequência, alguns bem vistos, outros não, sendo que as partes de conteúdos animais que surgem, são mal vistas. Surge um cruzamento de uma imagem animal e um conteúdo anatómico, que nos dá conta de alguma confusão no seu pensamento. Desta forma, o “Rodrigo”, tem uma diferenciação do esquema corporal negativa, sendo que as barreiras entre o mundo interior e o exterior são ténues.

Ao longo de todo o protocolo, evoca animais de pequeno porte, como o caracol, os caranguejos, o gafanhoto, os lagartos, demonstrando assim que tem uma representação de si diminuído, pequeno, fragilizado. Coloca algumas perguntas durante a prova, revelando a sua insegurança. Contudo, acrescenta sempre os cornos a estes animais, numa tentativa de narcisar este Ego frágil, conferindo um atributo forte a seres indefessos, fortalecendo-os, numa tentativa de se fortalecer a si próprio, de colmatar a sua fragilidade. Contudo, apesar de tentar dar imagens de força não consegue. No cartão X, surge uma representação de si mais desorganizada, o que significa que face a situações mais complexas, se desorganiza mais facilmente.

O “Rodrigo” revela assim dificuldades importantes no acesso à sua identidade, pois ao longo do protocolo, os limites das imagens são maioritariamente ténues e existe apenas uma representação humana inteira, construída ponto por ponto, como se fosse um monstro, outra representação humana parcelar e outra anatómica, que surge associada a um conteúdo animal. Existe constantemente, uma procura activa de unificar os diversos elementos, revelando dificuldades ao nível da integração das imagens. Os animais que surgem são de um reino pouco evoluído. Pode-se assim concluir, que há uma falha na estruturação da relação de objecto, em que as imagens parentais não são diferenciadas, havendo quase uma confusão entre o sujeito e o objecto.

Relativamente à imago paterna, no cartão IV, que a evoca mais fortemente, (Trautenberg & Boizou, 1999), dá a imagem de um palhaço, um homem gigante, com grandes patas, orelhas grandes e uma cabeça pequena, que o deixa bastante assustado, verbalizando que lhe causou medo. Fica notoriamente angustiado e pálido, verbalizando no cartão seguinte que estava um pouco mal disposto. Na prova das escolhas, seleciona este cartão como um dos menos gostados, justificando que é pelos pés grandes. No seguimento desta resposta, no cartão VI, dá também uma imagem de força, um dragão, um animal assustador. Desta forma, a sua imago paterna é um mau objecto interno, causando-lhe grandes sentimentos de angústia, pois é sentida como ameaçadora, forte e através do palhaço, há também uma ridicularização da mesma.

Relativamente à imago materna, no cartão VII, que a solicita mais fortemente, dá uma parte do corpo, dois dedos, “dois fixes”, tratando-se de um conteúdo fragmentado. De seguida, dá a imagem de uma entrada, “*uma porta mas sem porta*”, o que evoca acessibilidade. Contudo, surge apenas a delimitação desta entrada, pois sem porta há um vazio, sendo forte por fora e vazia no seu interior, frágil. No final da prova, agarra neste cartão e coloca-o perto do peito, dizendo “*Gostei deste!*”. No cartão I, que solicita uma relação com a mãe pré-genital a um nível mais arcaico (Trautenberg & Boizou, 1999), surge uma imagem de uma águia ameaçadora, com cornos e

dentos afiados, mas está a chorar, pois diz que os olhos “*parecem deitar água preta*”, evocando novamente um elemento de força, mas ao mesmo tempo frágil. Desta forma, a imago materna é sentida como uma figura de força, mas por outro lado frágil.

Concluindo, através da análise do protocolo RCH e do psicograma, o “Rodrigo” é uma criança cujos limites do esquema corporal, são ténues, havendo pouca diferenciação entre o seu interior e o mundo exterior. Desta forma, não há um acesso à sua identidade e tem uma representação de si frágil, face ao meio. As imagos parentais não são sentidas como figuras de referência, principalmente a imago paterna. A imago paterna é sentida como ameaçadora, forte e ridícula, enquanto que, a imago materna é sentida como forte e por outro lado frágil. Face a situações mais complexas, desorganiza-se com maior facilidade, surgindo uma angústia de fragmentação. Estas conclusões, vão ao encontro da sua história clínica, da observação e dos desenhos.

Caso 6 - “Luís”: “...depois é a minha mãe, que é só metade!”

1. História Clínica:

O “Luís” nasceu no dia 24 de Julho de 2002, tendo à data das sessões 11 anos. A sua história Clínica, foi recolhida maioritariamente na primeira consulta pela Pedopsiquiatra, dia 24 de Setembro de 2008. O “Luís” tinha 6 anos e 2 meses. O seu agregado familiar é constituído pela mãe, pai e um irmão mais novo.

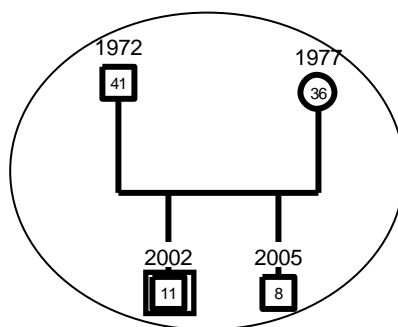


Figura 40:

Caso 6 – Genograma

Motivo da primeira consulta: Encaminhado pelo serviço de urgência de um Hospital da Grande Lisboa, devido a manifestações de ansiedade episódica, quando ouvia barulhos de foguetes ou semelhantes, após ter assistido a um acidente com o pai. Tinha inquietude e sintomas de ansiedade somática.

Dados relevantes da entrevista livre com a mãe, na primeira consulta: Descreveu-o como sendo muito meigo e por vezes refilão, pois fazia muitas birras quando era contrariado. Chorava

e gritava quando ficava sozinho. Aos 3 anos, assistiu a um acidente com fogo-de-artifício, que envolveu o pai, que necessitou de intervenção cirúrgica, por se ter queimado. Desde o acidente, que quando ouvia um barulho semelhante, como por exemplo, um bater da porta, ficava a tremer, pálido, agitado e a gritar. Falava muito no avô falecido, que não conheceu. Também desde os 3 anos que vomitava o leite que bebia. Os irmãos discutiam muito, mas também gostavam muito de brincar juntos.

• **Anamnese:**

Antecedentes familiares: A mãe, tem 36 anos, o 9º ano de escolaridade e é doméstica. Tem depressão há alguns anos e está medicada. O pai, tem 41 anos, o 6º ano de escolaridade. Desde 2008, que trabalha fora do país. Teve uma depressão após o acidente, que recuperou com a ajuda de medicação. Tem um irmão com 8 anos, que é saudável.

Antecedentes pessoais: Foi a primeira gravidez, sendo que fez um tratamento de infertilidade para engravidar. No início da gravidez, houve um descolamento da placenta. A mãe teve que ser internada e repousou durante toda a gravidez. Nasceu de 34 semanas, de cesariana. Teve que ser reanimado à nascença e esteve 15 dias internado, na incubadora. No período pós-parto, chorava muito e tinha dificuldades em dormir. Foi amamentado durante um mês. Até aos 3 anos, esteve com a mãe em casa e aos 3 anos, foi para a pré-primária, com dificuldades de adaptação, pois não se queria separar da mãe. Com 5 anos, ainda usava fraldas à noite. Aos 6 anos, entrou para o primeiro ano. Actualmente, frequenta o 5º ano, pela segunda vez.

• **Acompanhamento:** É acompanhado em Pedopsiquiatria com periodicidade variável, normalmente superior a dois meses. O seu diagnóstico de acordo com o DSM-IV, é de Perturbação da ansiedade-Perturbação do Stress pós-traumático (Eixo I). Actualmente, encontra-se medicado com Metilfenidato, Risperidona, Olanzapina e Diazepam. Desde os 6 anos, que beneficia de acompanhamento em Psicologia e de Terapia da Fala.

Avaliações complementares de diagnóstico: Na escola, no 1º ano, era uma criança tímida, insegura, pouco participativa, meigo e educado, com dificuldades na leitura e na escrita. Foi avaliado em Psicologia com 7 anos, por dificuldades de aprendizagem escolar. O seu nível cognitivo era adequado para a sua idade, mas tinha dificuldades de concentração. Concluiu-se que tinha dislexia e que deveria beneficiar de apoio educativo.

Resumo dos aspectos clínicos relevantes: Com 6 anos, na escola, isolava-se. Em casa, fazia muitas birras, era agressivo, batia no irmão quando a mãe o reprendia e tentou bater na avó.

Tinha enurese noturna e diurna. Foi mordido por um cão e desde então tem muito medo de cães. Com 7 anos, transitou para o 2º ano e houve melhorias nas notas. No 3º ano, com 8 anos, a Professora dizia que o “Luís”, era uma criança que parecia que não estava lá. O pai vinha de férias de vez em quando e o “Luís” ficava triste quando ele se ia embora. Gritava muito com a mãe e batia-lhe quando ela lhe batia. Continuava com medo de cães e de foguetes. Aos 9 anos, a frequentar o 4º ano, houve melhoria nas notas, apesar de haver queixas por parte da escola de falta de atenção e concentração. Dizia que via a cara do pai queimada. Com 10 anos, no 5º ano, teve maus resultados na escola e faltava constantemente às aulas, para ficar a brincar com os amigos. O pai veio visitá-lo durante um mês e ficou muito triste quando se foi embora. Chumbou no 5º ano e andava mais irrequieto. Em Julho de 2013, teve o primeiro surto psicótico, com episódios de alucinações visuais, durante cinco dias, tendo recorrido às urgências. Tinha agitação psicomotora, não queria dormir e tinha fenómenos egossintónicos, quando fechava os olhos para adormecer.

Desenhos anteriores: No processo do “Luís” constavam sete desenhos. Dado que não presenciei a execução destes desenhos, a interpretação que posso fazer é apenas em termos gráficos. Em seis desses sete desenhos, a temática que surge é idêntica: uma casa, árvore, sol e nuvens. Os elementos surgem na maioria dos desenhos, apoiados na margem inferior da página, o que indicia falta de contenção (Campos, 2003). As FH's, surgiam representadas de uma forma mais imatura. Em todos os desenhos de casas, utilizou cor, dando-nos conta de uma maior vitalidade.



Figura 41:

Caso 6 – DL que constava no processo



Figura 42:

Caso 6 – DL que constava no processo

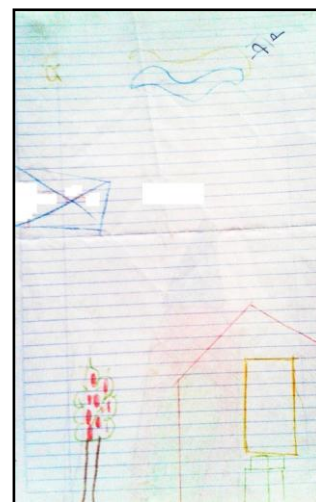


Figura 43:

Caso 6 – DL que constava no processo



Figura 44:

Caso 6 – DL que constava no processo



Figura 45:

Caso 6 – DL que constava no processo



Figura 46:

Caso 6 – DL com FH que constava no processo

No DF, que realizou com 7 anos, desenhou o pai, a mãe e o seu irmão, em que a mãe surge numa posição de destaque. Representa o casal como se só tivesse um filho, eliminando-se a si próprio. Dá-nos assim conta, da existência destes conflitos de rivalidade fraterna, desvalorizando-se a si próprio de uma forma extrema (Corman, 1967).

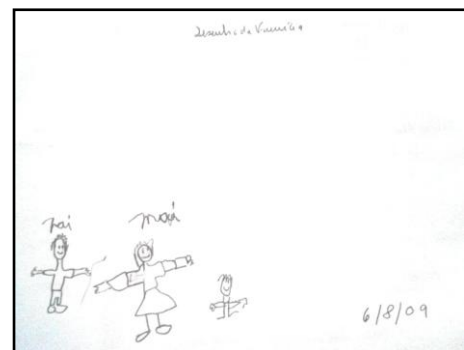


Figura 47:

Caso 6 – DF que constava no processo

2. Participação no Estudo:

- **Resumo das sessões:** Veio acompanhado pela mãe. Com o “Luís”, senti-me bem, pois é uma criança com a qual é fácil de estabelecer contacto e é bastante educado.
- **Entrevista com a mãe:** A mãe tem um aspecto cuidado e aparenta ser uma pessoa muito passiva. Conta que o “Luís” tinha ataques de ansiedade, após o pai se ter magoado com um foguete, sendo que o filho assistiu a tudo, quando tinha 3 anos e 6 meses. Diz que actualmente, o “Luís” tem ataques de ansiedade nocturnos. Considera que ao longo dos anos houve uma evolução, mas que actualmente está pior, pois está *“mal com ele próprio, com dificuldades de concentração, está distraído, recorta papéis, desenha nos testes, pinta as unhas, não sei onde ele tá.”* Relaciona-se bem com os colegas de escola. É notável esta preocupação da mãe, em relação à desmotivação do “Luís” nas questões escolares.
- **Observação da criança:** É de raça caucasiana. Tem um desenvolvimento estato-ponderal, aparentemente, dentro do esperado para a sua idade. Vem vestido de acordo com a idade, género e estação, apresentando um aspecto cuidado. Tem um fáciéis harmonioso, com um ligeiro

estrabismo convergente. O seu humor é eutímico e tem uma mímica expressiva, sendo fácil chegar a ele. A sua linguagem é pobre e ao nível da motricidade tem uma postura adequada. À medida que as sessões decorrem está progressivamente mais à vontade. Adequa-se facilmente à situação estruturada e acede a todos os pedidos que lhe são solicitados.

• **Instrumentos aplicados:**

Desenhos: Primeiro, é necessário situar em que estado de evolução se encontram os desenhos do “Luís” (Di Leo, 1967). De acordo com Luquet (1987), encontra-se na fase do “Realismo intelectual”, pois ainda surgem algumas transparências nos seus desenhos. Porém, encontra-se na transição para o “Realismo visual”, pois desenha maioritariamente o que é realmente visível (Luquet, 1987) e a chaminé da casa, encontra-se desenhada verticalmente ao telhado, o que expressa um avanço ao nível do pensamento (Di Leo, 1967).

As linhas, são indecisas e quebradas, o que indicia a insegurança do “Luís” (Di Leo, 1987). O traço, surge por vezes forte, o que pode significar fortes impulsos (Corman, 1967). Em todos os desenhos, utiliza o limite inferior da folha, como suporte para desenhar, o que significa falta de contenção, de suporte (Campos, 2003). Há uma recusa total de cor, o que costuma ser usual nas crianças psicóticas (Campos, 2003).

Interpretação do DL: Trata-se de um desenho realizado de forma cuidadosa, também notável através do pedido de uma régua. Numa impressão geral, o desenho é agradável, representando elementos convencionais da natureza. No que diz respeito às características formais e estilísticas, o desenho aparenta ter sido planeado e ocupa grande parte da folha (Di Leo, 1967).

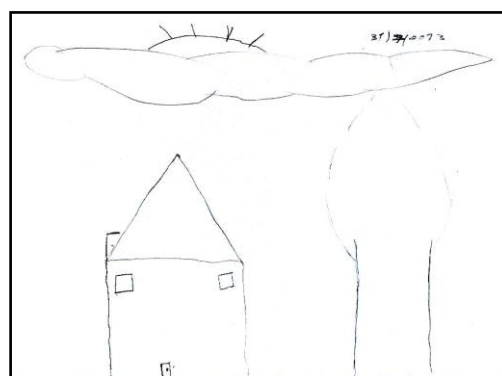


Figura 48:

Caso 6 – DL

Relativamente aos conteúdos, são representados elementos convencionalmente desenhados pela criança, como a casa, a árvore, as nuvens e o sol (Di Leo, 1967). Quando questionado, refere que dentro da casa está ele, o pai, a mãe e o irmão e que não sabe o que estão a fazer. De acordo com Di Leo (1967), a casa pode estar associada ao materno. Esta casa, parece vazia, pelas janelas e pelo facto de a chaminé não deitar fumo. Desta forma, a sua figura materna pode ser sentida como pouco contentora, bem como o seu seio familiar. Na árvore, o facto de a copa só estar contornada e ser vazia por dentro, pode significar o vazio da alma, uma vez que o espaço da copa é o campo de expressão do indivíduo (Campos, 2003).

Interpretação do DFH: Este desenho transmite-nos uma impressão desagradável, pelo olhar. Relativamente aos aspectos formais e estruturais, o desenho surge pouco investido. A figura ocupa grande parte da folha e encontra-se de frente, expressando as suas necessidades de contacto social (Machover, 1978). No que diz respeito ao conteúdo, não desenha a figura humana completa. A cabeça surge em destaque, enquanto que, o corpo é renegado para segundo plano, havendo assim uma defesa

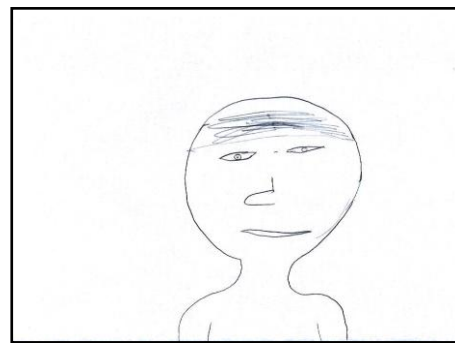


Figura 49:

Caso 6 – DFH

contra a projecção (Machover, 1978). Esta cabeça, pode expressar as necessidades sociais (Machover, 1978). É também na cabeça que se encontram as aspirações intelectuais (Machover, 1978), podendo surgir desenhada com esta importância, pois os seus pais, principalmente a sua mãe, valoriza bastante os aspectos escolares. O nariz, que tem simbolismo sexual, surge representado como sendo forte, afirmando assim a sua masculinidade (Machover, 1978).

Diz que esta pessoa é o irmão e quando lhe peço para contar uma história diz que não sabe. No inquérito, diz que tem 7 anos, que é feliz e que não tem aborrecimentos, nem defeitos. Quando lhe pergunto quais são as suas manias, responde: *“É gozar comigo, mas depois leva por cima, mas depois sou eu que pago!”* Quando lhe pergunto se tem muitos amigos diz: *“Muitos... quer dizer, tem mais, mas tem muitos!”* Diz que se parece com o pai. Desta forma, sente o seu irmão como o preferido, como o perfeito, o feliz, com muitos amigos e sem aborrecimentos, que se parece com o pai, uma figura com a qual se identifica. Em detrimento de si, que é o que “paga”. Desta forma, surge assim expressa neste desenho a rivalidade fraterna.

Projecta partes de si nesta pessoa, pois no inquérito diz que se divertiu muito quando andou de cavalo pela primeira vez e o “Luís” gosta muito de andar de cavalo. Os olhos, foram dos últimos elementos a serem desenhados e surgem representados de forma diferente, um tem íris e o outro não, sendo que este defeito no desenho, pode surgir como uma forma de representar o seu defeito, pois tem estrabismo convergente. Dado que, a criança ao desenhar, pode projectar os seus complexos (Machover, 1978).

Segundo Goodenough (1965), esta FH pertence à classe B, pois existe uma tentativa clara de representar a figura humana, com diversos detalhes. Através do somatório dos diversos itens, obteve-se uma pontuação total de 21 pontos, o que corresponde a uma idade mental de 8 anos e 3 meses (através da consulta da tabela de aferição de Goodenough (1965)). Obteve-se assim um QI de 75, considerado “Inferior” para a sua faixa etária. De acordo com a sua idade cronológica,

seria esperado que a FH surgisse mais evoluída. Contudo, há que ressaltar, que pelo facto de só ter desenhado a cabeça e o tronco, foi penalizado por não ter desenhado toda a FH, uma vez que muitos itens, tiveram que ser pontuados com 0.

Interpretação – A-R: Comparativamente ao DFH, o A-R surge menos investido. O traço surge mais tremido e rasurado, indiciando assim a sua insegurança (Di Leo, 1967). A impressão geral que o desenho transmite é desagradável, pelo olhar vazio, sem a presença de íris e pela expressão de tristeza. Desenha novamente apenas a cabeça, havendo assim uma censura do seu próprio corpo (Campos, 2003). A sua



Figura 50:

boca é apenas um risco, parecendo uma pessoa desvitalizada, triste, enquanto que a boca do irmão no DFH está aberta, parecendo sorrir. O traçado da boca também é mais forte do que os outros, o que pode estar associado às suas dificuldades de nutrição precoces (Machover, 1978).

Caso 6 – A-R

Durante a execução do desenho, pergunta-me se tenho borracha e diz: *“Tá tudo mal! Fogo... parece um deficiente, na escola desenho melhor, não sei porquê... Tá todo feio mas pronto!”* Ao desenhar o seu cabelo, demonstra alguma agressividade. Desta forma, pode-se concluir, que o “Luís” tem uma representação de si bastante desvalorizada.

Interpretação – DFI: Ao nível gráfico, o “Luís” ocupa a parte inferior da folha. A imagem corporal é reduzida e há uma projecção estereotipada (Corman, 1967), o que nos pode indiciar a sua insegurança (Di Leo, 1967). No que diz respeito às estruturas formais, trata-se de um desenho marcado pelo racional, pois há uma reprodução estereotipada das figuras, que se encontram isoladas entre si (Corman, 1967).

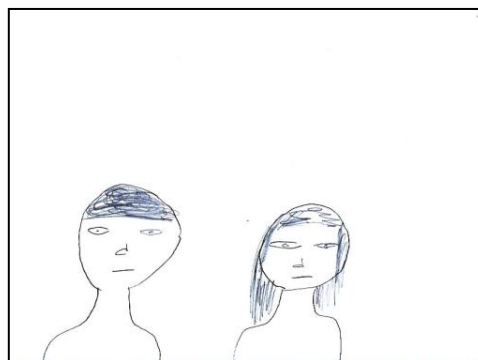


Figura 6:

Caso 6 - DFI

Ao nível do conteúdo do desenho, perante o pedido de desenhar uma família, desenha uma família imaginária. Assim, a subjectividade prevalece sobre a objectividade. O princípio do prazer-desprazer sobrepõe-se ao princípio da realidade, tentando retirar o máximo de prazer e o mínimo possível de desprazer ao desenhar (Corman, 1967). Perante o pedido, fica um pouco ansioso e pergunta-me: *“Posso desenhar só um pai e uma mãe?”*.

Relativamente à figura masculina, surgem expressas tendências afectivas positivas, pois foi desenhada em primeiro lugar. No inquérito, o pai também surge em destaque. Diz que gosta mais do pai, que este é o mais alegre, o mais feliz e o melhor. Quando lhe pergunto quem gostaria de ser, diz que o pai, havendo uma identificação consciente, de desejo, com o mesmo. Pergunto-lhe se fizesse parte daquela família, ao pé de quem gostaria de estar e diz-me: “Do pai...e da mãe também!” Enquanto desenha, diz: “Dói-me o braço! Levei a vacina, o meu pai também levou e daqui a 10 anos, leva outra vez. Eu vou com o meu pai e o meu irmão vai com a minha mãe”, evidenciando esta maior proximidade com a figura paterna. Há assim um investimento no objecto previligiado e uma identificação com o progenitor do mesmo sexo, afirmando a sua masculinidade (Corman, 1967).

No que diz respeito à figura feminina, surgem expressas tendências afectivas negativas. Foi desenhada em último lugar e no inquérito, diz que a mãe é a mais aborrecida. Atribui o castigo à mãe, dizendo que vai ser empregada da casa dele. Diz que se fossem dar um passeio de mota, ia ele e o pai e a mãe ficava em casa a fazer o comer, o que demonstra também esta maior afinidade com o pai. Desta forma, esta figura materna, surge desvalorizada, sendo sentida como muito funcional, pois atribui-lhe diversas tarefas domésticas.

Comparativamente à sua família real, há uma eliminação de si próprio, o que significa que se sente bastante desvalorizado, não se sentindo apreciado, no seu seio familiar, devido à rivalidade entre irmãos (Di Leo, 1967). O seu irmão, também não surge representado, havendo uma desvalorização do rival. Dado que é um elemento que lhe causa angústia pelo ciúme, suprime-o do desenho, negando a sua existência (Corman, 1967).

Interpretação – DFR: Ao nível do conteúdo, no inquérito, diz que estão a tirar fotografias. Dado que sente a sua família como pouco contentora, surge assim a necessidade de contê-la numa fotografia.

Desenha novamente o pai em primeiro lugar, é o mais investido, o maior e o único que tem íris, tal como o “Luís”. Parece ter uma rasura na cara, que pode ser uma representação real de uma cicatriz do pai, relacionada com o episódio do foguete. No inquérito, diz que é o que gosta mais, o mais alegre e o melhor. Desta forma, relativamente à figura paterna, surgem novamente expressas tendências afectivas positivas, havendo uma identificação com o mesmo (Corman, 1967).

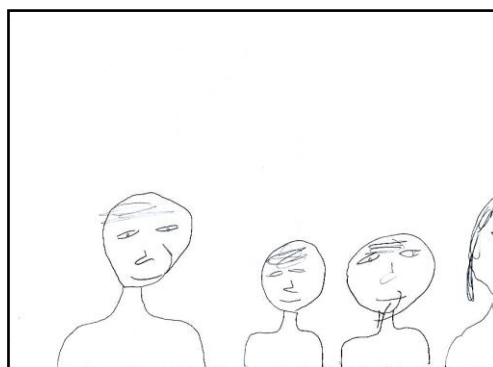


Figura 51:

Caso 6 – DFR

Relativamente à figura materna, é desenhada em último, aparecendo apenas um pouco de si. Diz: *“Tá mal, quero outra folha, a minha mãe é só metade...tá tudo mal...também não costumo desenhar com estes lápis.”*, revelando assim alguma culpabilidade. É desenhada depois dos filhos, o que significa que a sua condição não é respeitada. Desta forma, surge bastante desvalorizada (Corman, 1967).

Desenha o irmão, em segundo lugar, como mais pequeno e desprovido de íris. No inquérito, atribui o castigo ao irmão e quando lhe pergunto quem gostaria de ser, responde: *“O pai não...acho que era o meu irmão”*, sendo esta uma identificação de desejo, uma identificação do outro, a nível consciente. Neste desenho, surge também surge assim expressa a rivalidade fraterna e o desejo de ser o irmão mais novo. Em terceiro lugar, desenha-se a si, desvalorizando-se, sendo esta uma identificação de realidade (identificação do Ego), uma vez que declara ser ele próprio na sua verdadeira condição, idade e sexo (Corman, 1967). Apresenta várias rasuras na cara, tal como o seu pai, o que corrobora a identificação com o mesmo.

Enquanto que no inquérito da DFI, a mãe é seleccionada como a mais aborrecida, aqui já diz que nenhum é aborrecido. Também no inquérito da DFI, disse que o pai era o mais feliz e aqui diz que são todos, pois está a falar directamente da sua família.

De forma a atestar a validade deste desenho, há que ter em consideração o método das convergências de indícios, tendo em conta as convergências intratestes e as extratestes (Corman, 1987). Relativamente às convergências intratestes, é possível observar que os elementos convergem entre as duas versões do desenho. Em ambos os desenhos, surge uma desvalorização de si próprio. A figura paterna, surge como a privilegiada, havendo uma identificação com o mesmo, enquanto que, a figura materna surge desvalorizada. Com o seu irmão mais novo, é notável a rivalidade fraterna, desejando ser como ele.

As convergências extratestes, são as que obtemos noutros testes de personalidade (Corman, 1987). Em todos os desenhos surge expressa a desvalorização de si próprio, mais concretamente no A-R, bem como no RCH, surge um sentimento de incompletude, de fragilidade, perante o meio. Também no DFH, surgem as questões da rivalidade fraterna e identificação de desejo com o irmão. A sua história clínica, bem como a observação clínica, também vão no sentido desta desvalorização da figura materna e uma relação privilegiada com o pai e as questões da rivalidade fraterna para com o irmão. Também no RCH, apesar de ambas as figuras parentais, serem sentidas como pouco contentoras, a figura paterna surge como causadora de uma menor angústia.

RCH:

Protocolo:

Tempo de início da prova: 11h 29 min

Resposta	Inquérito	Cotação
<p>I</p> <p>Λ</p> <p>“Já fīz este jogo!”</p> <p>15”</p> <p>1 - “Um morcego.”</p> <p>20”</p>	<p>“A cara (D central sup.)...as asas (D lat.) e mais nada. Porque tem a forma dele.”</p>	<p>1- G F+ A Ban</p>
<p>II</p> <p>Λ</p> <p>6”</p> <p>2 - “Abbh...um super-herói! Aqui...aqui as mãos, aqui o corpo dele, no meio...já ‘tá”</p> <p>18”</p>	<p>“Aqui na parte branca...enganei-me, não são as mãos é aqui mais ou menos os pés...os pés ‘tão juntos. A capa na parte branca e isto aqui (Dbl sup.) é a cabeça. A capa tem a forma de capa de super-herói.</p> <p>I.L. (?) “Não vejo nada”</p>	<p>2- D bl F- (H)</p>
<p>III</p> <p>Λ</p> <p>4”</p> <p>3 - “Abbh...aqui uma borboleta só...</p> <p>4 - e aqui dois macacos a caírem da árvore...só! Posso ir à casa de banho?”</p> <p>9”</p>	<p>“A borboleta aqui no meio, aqui o meio e aqui as assas (verm. central) e os dois macacos ‘tão a cair...aqui a cabeça (D lat.), aqui as patas (D inf.) e aqui as asas (verm. sup.). A aranha por causa da boca (D inf.)”</p> <p>R.A. “Aranha”: D F- A</p> <p>I.L. (?) “Sim, consigo ver duas pessoas.”</p>	<p>3- D F+ A</p> <p>4- G Kan A</p>

<p>IV</p> <p>Λ</p> <p>3”</p> <p>5 - “Um frango...aqui as duas asas e aqui outra. Um frango morto.”</p> <p>12”</p>	<p>“Por causa das asas (D lat. sup.)...’tá morto porque não tem as penas. Veja só na parte de cima (D).”</p>	<p>5 D F- A</p>
<p>V</p> <p>Λ</p> <p>1”</p> <p>6 - “Um morcego...</p> <p>7 - e aqui um monstro tipo minboca, só que com duas caras e é só.”</p> <p>20”</p>	<p>Morcego: “Um morcego é isto tudo (G), porque parece uma gaivota. Aqui a cara do morcego e aqui a cara da gaivota. Não sei explicar...”</p> <p>R.A. “Gaivota”: G F+ A</p> <p>Monstro: “O monstro aqui (D) tem o corpo de minboca e aqui tem duas caras (D lat.).”</p>	<p>6- G F+ A Ban</p> <p>7- D FClob (A)</p>
<p>VI</p> <p>Λ</p> <p>3”</p> <p>8 - “Abbh...um tapete daqueles de pele de animais, um tigre, um lince...Por causa que parece um lince partido ao meio.”</p> <p>57”</p>	<p>“Aqui os patas (D lat.), aqui a cara (D sup.)...aqui o corpo (D lat.) e aqui a parte de trás (D lat.). Lince por causa da cara...uns bigodes (D sup.).”</p>	<p>8 -G F+ A Ban</p>

<p>VII</p> <p>Λ</p> <p><i>“Aiii...este aqui não sei...não sei, eu não fiz este da outra vez.”</i></p> <p>10”</p> <p>9 - <i>“Abbh...parece que tem só aqui uma bota”</i></p> <p>15”</p>	<p><i>“Porque parece que tem o formato de uma bota.”</i></p>	<p>9 - D F- Vest.</p>
<p>VIII</p> <p>Λ</p> <p>3”</p> <p>10 - <i>“Este parece aqui um morcego</i></p> <p>11 - <i>e dois cães</i></p> <p>12 - <i>e uma nave do homem aranha, do amigo dele.</i></p> <p>Só”</p> <p>24”</p>	<p><i>“Morcego no verde escuro (verde inf), por causa do formato e dois cães no rosa (D lat.), por causa do formato e a nave por causa do formato (verde sup.).”</i></p>	<p>10 – D F- A</p> <p>11- D F+ A Ban</p> <p>12- D F+ Obj.</p>
<p>IX</p> <p>Λ</p> <p><i>“Aiii...isto aqui não sei...não...este não sei!”</i></p> <p>17”</p>	<p><i>“Não consigo, tu consegues?”</i></p>	<p>Recusa</p>
<p>X</p> <p>Λ <i>“Wooooom...eu não fiz esta, fiz uma mais fácil. Fogo...aqui não aparece nada.</i></p> <p>8”</p> <p>13 - <i>Parece uma figura toda desmontada. Se eu disse-se que parecia um gato era um bocadinho difícil, mas não, não parece.”</i></p> <p>38”</p>	<p><i>“Não tem pés, nem cabeça...é só.”</i></p>	<p>Eq. Choque</p> <p>13 – G F- Ad</p>

Tempo final: 11h 53 min

Prova das escolhas:

- + : Cartão VIII – “Não sei, porque gostei...por causa dos desenhos, ‘tão mais bem feitos.’”; Cartão V – “Porque é a mais bem desenhada.”
- : “Nenhuma, gostei de todas. Arruma os cartões.”

Psicograma:

R = 13 ↓↓ Recusas = 1 T.T. = 3'1" Tp/R = 18" Tp Lat. Med. = 6" Sucessão: Incoerente T. Apreensão: <u>G</u> D TRI: 0K= 0C (Coartado puro) F.C. 1k=0E RC% = 31% LA = 0% Prova Escolha: + : VIII; V	G = 5 (38%) D = 7 (62%) D bl = 1	$\sum F = 11$ F+ = 6 F- = 5 kan = 1 Fclob = 1	(H) = 1 A = 8 Ad = 1 (A) = 1 Obj = 1 Vest = 1	F% = 85% ↑ F+% = 55% ↓↓ Fa% = 100% F+%a = 46% A% = 69% ↑ Ban = 3 ↓
---	--	---	--	---

Interpretação: Trata-se de uma re-aplicação, uma vez que já tinha realizado a prova em contexto escolar. Perante a proposta do RCH, mostrou-se colaborante. Durante a aplicação, senti-me ansiosa. Dá respostas elaboradas e perante situações que lhe causam angústia, como na recusa do cartão IX, há uma tentativa de inversão de papéis. No contacto inicial com a prova, dá uma resposta adaptada, uma banalidade, o que significa que perante o desconhecido teve a capacidade de se organizar por si próprio.

Relativamente aos modos de apreensão, surgem por vezes bem delimitados, outras vezes não. No que diz respeito aos determinantes, nem sempre há uma preocupação em delimitar o percepto. Ao nível dos conteúdos, a parte do conteúdo animal que surge encontra-se mal vista. Desta forma, há uma diferenciação ténue do esquema corporal, entre mundo interno e externo.

Ao longo do protocolo, há uma procura activa de unidade nas suas respostas, revelando dificuldades na integração das imagens. Há uma tentativa de estruturação, que se apoia sobre o eixo médio da posição corporal, *“o corpo dele, no meio”*. Surgem animais associados a força, como o lince e o morcego e outros mais inofensivos, como a borboleta e o frango, numa tentativa de se fortalecer, de se narcisar. No cartão VII, diz que é um lince partido ao meio, fragmentado. Há alguma sensibilidade para o que não está acabado, *“não tem pés nem cabeça”*. Não existem representações humanas, o que revela a sua imaturidade. Nas últimas pranchas, desorganiza-se, emergindo uma angústia de fragmentação intensa, pois diz que se trata de uma figura desmontada e há um equivalente de choque. Desta forma, revela dificuldades importante no acesso à sua identidade, em que os limites entre si e o meio são ténues. Tem uma representação de si face ao meio pouco estruturada, de incompletude, principalmente, face a situações mais complexas.

Desta forma, as imagos parentais não são sentidas como objectos diferenciados de si, mas sim como parte de si. No cartão IV, o cartão que solicita mais fortemente a imago paterna (Traubenberg & Boizou, 1999), dá uma imagem de um frango morto, sem penas, sem estar revestido. Ao longo de todo o protocolo, dá outras imagens mortas, que evocam passividade, como a pele do tigre no cartão VI. Desta forma, sente a sua imago paterna como passiva, frágil e pouco contentora.

No que diz respeito à imago materna, no cartão VII, que a solicita mais fortemente (Traubenberg & Boizou, 1999), dá uma imagem de uma bota, um elemento inanimado, sem vida, que reveste, isola, mas é um envelope pouco contentor. No cartão I, que solicita uma relação com a mãe pré-genital a um nível mais arcaico (Traubenberg & Boizou, 1999), surge um morcego, uma resposta que revela adaptação, mas é um animal assustador. No cartão IX, em que há uma solicitação à regressão, tendo um simbolismo materno pré-genital (Traubenberg & Boizou, 1999), há uma recusa, sendo notória a sua angústia. Desta forma, a sua imago materna é sentida por um lado, como passiva e por outro lado, angustiante.

Em suma, através da análise do protocolo RCH e do psicograma, o “Luís” é uma criança cujos limites do esquema corporal, são ténues, havendo pouca diferenciação entre o mundo interno e o externo. Revela dificuldades importantes no acesso à sua identidade, tendo uma representação de si face ao meio, incompleta. Os objectos não são sentidos como diferentes de si, mas sim como partes suas. A imago paterna é sentida como passiva, frágil e pouco contentora, enquanto que, a imago materna também é sentida como passiva e por outro lado, assustadora. Face a situações mais complexas, desorganiza-se, emergindo uma angústia de fragmentação intensa. Importa também referir, que a ausência de respostas cor ao longo do protocolo, faz com

que o seu T.R.I. seja “Coartativo puro”, o que significa que o “Luís” tem alguma dificuldade em exprimir o afecto. Estas constatações, vão ao encontro da sua história clínica, da observação e dos desenhos.

Caso 7 - “Pedro”: *“Na piscina de bolas, as que estão por baixo, estão no escuro a ver filmes de terror e às vezes têm medo, mas não ‘tão sozinhas...’tão umas com as outras.”*

1. História Clínica:

O “Pedro” nasceu no dia 5 de Junho de 2004, tendo à data das sessões 9 anos e 2 meses. A sua história Clínica, foi recolhida maioritariamente pela Pedopsiquiatra, na primeira consulta, dia 17 de Novembro de 2010. O “Pedro” tinha 6 anos e 5 meses. O seu agregado familiar é constituído pela mãe, pai e um meio-irmão mais velho.

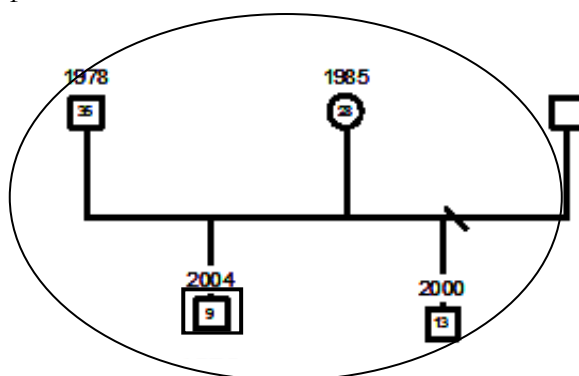


Figura 52:

Caso 7 – Genograma

Motivo da primeira consulta: Encaminhado pela consulta de desenvolvimento de um Hospital da Grande Lisboa, onde tinha acompanhamento pedopsiquiátrico e psicológico, desde os 4 anos, por PHDA do tipo misto, com deficit de atenção, perturbação de oposição, auto e hétero-agressão e problemas relacionais com a mãe.

Dados relevantes da entrevista livre com a mãe, na primeira consulta: Na escola, era agressivo com os colegas. Em casa, era agressivo com a mãe, tinha grandes oscilações de humor, birras frequentes, baixa tolerância à frustração, sendo que a mãe tinha uma grande dificuldade na imposição de regras e limites. Tinha mais respeito pelo pai e dava-se muito mal com o irmão, pois queria mandar nele e batia-lhe. A mãe, tinha mais paciência que o pai, pois este enervava-se e desistia. O “Pedro”, tinha muito medo de estar só e que os pais se separassem.

• **Anamnese:**

Antecedentes familiares: A sua mãe, tem actualmente 28 anos, tem o 7º ano de escolaridade e faz limpezas numa escola. Tem depressão e está medicada. Na sua infância, foi abandonada pela mãe e nunca conheceu o pai. Teve o primeiro filho com 15 anos, de outro homem. O pai, tem 35 anos, o 6º ano de escolaridade, tem uma roulotte de venda de alimentos, sendo que trabalha de noite. Até há cerca de 3 anos, tinha problemas com o álcool, com comportamentos agressivos. Os pais vivem juntos há 12 anos, quando o meio-irmão do “Pedro” tinha 1 ano. Este, tem actualmente 13 anos, é descrito como irrequieto e foi seguido em Pedopsiquiatria, por indicação da escola, por olhar para a mini-saia da Professora.

Antecedentes pessoais: Foi a segunda gravidez. Durante esta, houve um deslocamento da placenta, com ameaça de parto pré-termo, sendo que a mãe teve que ficar internada durante uma semana. Nessa altura, começou a ser medicada para a depressão. Teve uma gestação de 39 semanas, com parto eutócito, sem complicações. No período pós-parto, era muito irrequieto e chorava muito e dormia pouco. Foi amamentado durante um mês. Recusava alimentos sólidos, como carne e peixe. Dormia na cama dos pais, tinha terrores nocturnos e pesadelos. Quando começou a andar mexia em tudo, melhorando apenas com recurso à medicação. Adquiriu o controlo do esfíncter diurno aos 4 anos e aos 6 anos tinha enurese nocturna. Até aos 3 anos, foi cuidado pela mãe e depois começou a frequentar o JI, com boa adaptação. Aos 5 anos, passava os fins-de-semana em casa da avó e aos 6 ingressou no 1º ano. Tem rinite alérgica. Actualmente, frequenta o 5º ano de escolaridade, com apoio individual do EE.

• **Acompanhamento:** Actualmente beneficia de acompanhamento esporádico em Pedopsiquiatria e com periodicidade semanal, em Enfermagem. Os pais, também beneficiam de acompanhamento com uma Enfermeira. Encontra-se medicado com Risperidona.

Avaliações complementares de diagnóstico: Aos 5 anos, fez uma avaliação psicológica, constatando-se que tinha um desenvolvimento psicomotor superior ao esperado para a sua idade.

Resumo dos aspectos clínicos relevantes: Aos 6 anos, no 1º ano, tinha comportamentos imaturos e um discurso infantilizado. Dizia que o pai brincava com ele às vezes, mas que a mãe não brincava. A mãe, dizia que cuidar do filho era muito trabalho para ela.

Aos 8 anos, no 3º ano, tinha muitas dificuldades na leitura, começou a roubar objectos na escola e nos supermercados. Não permitia que a mãe e o irmão se aproximassem, despoletando uma crise de agressividade. Também não deixava que os pais conversassem um com o outro, o

que os pais cumpriam. Os pais compravam-lhe tudo, porque havia pessoas que diziam que eles não lhes davam o que o filho precisava. Quando o pai não dormia em casa, o pai afirmava que o “Pedro” o substituíam, dormindo com a mãe. Surge uma grande preocupação por parte do pai, em relação à obesidade do filho, culpando a mãe, contando que acordava os filhos para beberem leite. O “Pedro” andava muito lábil emocionalmente, chorava se por exemplo se ouvia uma música que o pai gostava e era excessivamente dependente dos cuidados do adulto. A mãe dava-lhe banho, vestia-o, dava-lhe sopa à boca, dormia com ele. Esta mãe, sente-se culpada por o filho ser assim, mas refere que quer fazer-lhe tudo o que a sua mãe não lhe fez. Há discussões frequentes entre o casal, sendo que o pai sai de casa, quando não concorda com a atitude da mãe.

Aos 9 anos, os pais encontraram-no por duas vezes, com um cinto ao pescoço. Não faz os trabalhos de casa. Começa a dormir sozinho na sua cama, dormindo muitas horas. Surgem episódios de encoprese. Fugiu de casa da avó e os pais ameaçam-no de ser internado, se não melhorar a sua atitude. É agressivo e depois reage com indiferença ao sucedido, tendo falta de ressonância afectiva. O pai, confessa ter pensamentos suicidas.

Desenhos anteriores: No processo do “Pedro” constavam dois desenhos. Dado que não presenciei a execução destes desenhos, a avaliação que me é possível fazer é apenas em termos gráficos. O DL, foi realizado com 8 anos e: *“é um mapa do Benfica...é o estádio e a taça que ele ganhou. E depois tem um rio.”* Transmite-nos uma certa alegria, pois aparenta ser uma figura que está a sorrir, feliz e com um olhar esperançoso, perante o mundo. Neste desenho, nota-se alguma imaturidade. Demonstra que o “Pedro” é uma criança com interesses, pela temática estar relacionada com um clube de futebol.

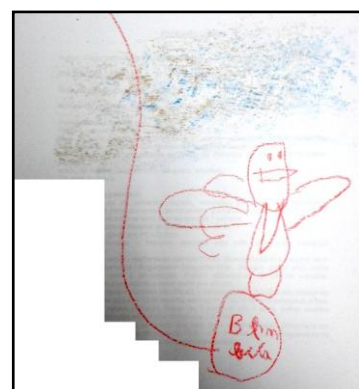


Figura 53:

Caso 7 – DL que constava no processo

O DF, também foi realizado com 8 anos, em que o “Pedro” surge no mesmo plano da sua mãe e do seu irmão e o seu pai surge distante da família, devido à sua ausência, mas numa posição de destaque. As figuras humanas, surgem representadas de forma imatura para a sua idade. Dado que não sei a ordem pela qual desenhou os elementos nem tive acesso ao inquérito, não me é possível retirar mais conclusões acerca deste desenho.



Figura 54:

Caso 7 – DF que constava no processo

2. Participação no Estudo:

- **Resumo das sessões:** Veio acompanhado pelos pais na primeira sessão e pelo pai na segunda. As duas sessões, foram após consulta de Enfermagem. Com o “Pedro”, senti-me um pouco frustrada por ser difícil chegar até ele e ao mesmo tempo triste, pois é uma criança “desvitalizada”.

- **Entrevista com a mãe:** Os pais têm um ar jovem, vêm vestidos de negro e um fâcieis triste, sendo que nunca os vi sorrirem. A mãe tem uma postura muito defensiva, também foi muito difícil chegar até ela e um contacto com o “Pedro” bastante funcional. O pai tem um ar cansado, um contacto visual fugidiu, tem o corpo tatuado e a sua presença é desconfortável. A mãe diz que tudo começou em 2011, pois a doença não era só hiperactividade e precisava de tomar anti-psicóticos, tendo sido encaminhados pelos médicos do Hospital onde eram seguidos. Diz que a doença evoluiu, tendo algumas melhorias. Na relação com os outros, depende se lhe fazem a vontade ou não, pois refere que tem perturbação de oposição. No futuro, tem medo que o filho não tenha limites e que enverede pelas drogas.

- **Observação da criança:** Tem um desenvolvimento estato-ponderal, aparentemente, dentro do esperado para a sua idade. É obeso. Vem vestido de acordo com a idade, género e estação. É uma criança com um ar dócil e tem um fâcies com uma expressão triste, um olhar vazio, embotado, sendo que os sorrisos que expressa são bastante forçados e são uma devolução aos meus. Tem um contacto visual fugidiu e retraído. É uma criança distante (*Self-absorved*), sendo difícil chegar a ele. Adequa-se facilmente à situação estruturada não saindo do lugar e permanecendo quieto na mesma posição durante muito tempo, não demonstrando sinais de cansaço. Accede a todos os pedidos que lhe são solicitados, mostrando-se colaborante, mas sempre com uma postura bastante defensiva. O seu andar é mecanizado e o seu discurso é imaturo e lentificado, parecendo uma criança mais nova do que realmente é.

- **Instrumentos aplicados:**

Desenhos: Primeiro, é necessário situar em que estado de evolução se encontram os desenhos do “Pedro” (Di Leo, 1967). De acordo com Luquet (1987), encontra-se na fase do “Realismo intelectual” (4-7 anos), pois no seu desenho ainda existem algumas transparências, como no DL, isto é, desenha de acordo com o seu modelo interno e não como é realmente visto (Luquet, 1987).

Por vezes, as linhas, surgem indecisas, o que nos revela que o “Pedro” é uma criança insegura (Di Leo, 1987). O traço, por vezes, surge forte, o que pode significar fortes impulsos (Corman, 1967). O desenho, ocupa sempre a parte inferior da folha, o que pode indiciar apego ao concreto e insegurança (Van Kolck, 1981). Exceptuando no DL, as figuras quase que tocam a margem do papel, reflectindo assim a sua necessidade de suporte (Campos, 2003).

Em todos os desenhos, os elementos surgem suspensos no vazio, como se voassem, não existindo um fundo que os suporte. Os elementos surgem isolados, o que nos dá conta da utilização de mecanismos de identificação projectiva maciça (Coelho, 1993).

Interpretação do DL: No seu todo, este desenho, transmite-nos uma expressão desagradável, pela expressão de aflição da pessoa que vai dentro do carro. No que diz respeito às características formais e estilísticas, trata-se de um desenho pouco investido, ocupando apenas a parte inferior da folha, o que pode indiciar insegurança e apego ao concreto (Campos, 2003). Existe uma tridimensionalidade neste desenho, parecendo que está a ser visto de cima, como a visão de um pássaro voando.

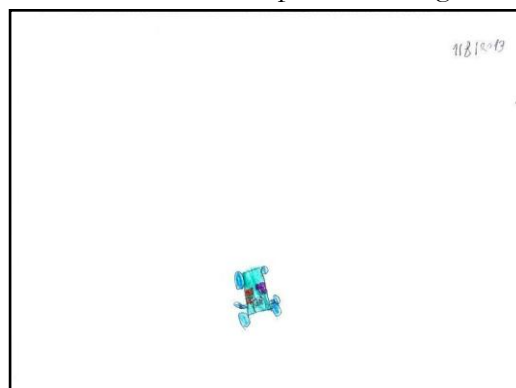


Figura 55:

Caso 7 – DL

Quando lhe peço para contar uma história diz-me que não sabe e olha para baixo com um ar tímido, um pouco a medo da minha reacção. Acaba por dizer que é o Faísca McQueen, que vai para a pista de corrida, ganhar a corrida. Conta-me que gosta muito do Faísca McQueen, diz-me que tem os carros dele e que brinca com eles. Pergunto-lhe com quem costuma brincar e diz-me que sozinho, que o pai e a mãe não brincam com ele, com um ar triste. Este gosto pelo Faísca McQueen revela que o “Pedro” é uma criança com interesses mas ao mesmo tempo dá-nos conta da sua imaturidade. Através deste desenho, acaba por nos contar como se sente só, pois ninguém brinca com ele. Este carro, encontra-se muito diminuído, estando perdido na imensidão do vazio, isolado. Lá dentro, vai uma personagem, com uma expressão angustiada e assutada, tal como ele se sente, assustado por conduzir este carro sozinho, que o leva pela pista da sua vida. O facto de desenhar um brinquedo seu, significa que há uma colagem ao objecto real, tratando-se de uma representação em eco, uma “desenholália” em diferido (Emílio Salgueiro, comunicação pessoal, Lisboa, 8 de Outubro, 2013).

Utiliza cor, como uma forma de expressão emocional e afectiva (Van Kolck, 1981). Dado que é uma criança com pouca ressonância afectiva, com dificuldade em exprimir o que sente, consegue fazê-lo através do desenho.

Interpretação do DFH: Este desenho transmite uma impressão um pouco desagradável, pelo olhar, pela expressão de tristeza e pela sua postura robotizada. É uma FH um pouco imatura para a sua idade. Ao contrário do usual, começa a desenhar pelos pés, até à cabeça (Di Leo, 1987). Relativamente aos aspectos formais e estruturais, o desenho surge pouco investido. A FH surge representada na parte central da folha e é muito pequena, o que nos pode indiciar que o “Pedro” é uma criança insegura, com baixa auto-estima (Di Leo, 1987; Campos, 2003). O facto de a pessoa se encontrar de frente, é desenhada normalmente, por crianças dependentes, como o caso do “Pedro”.

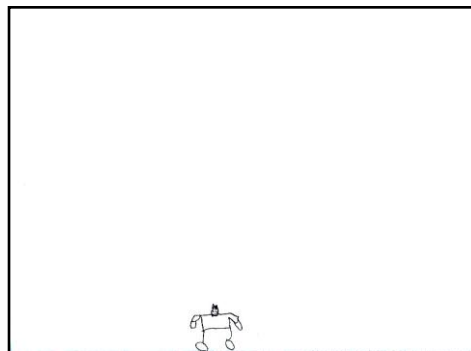


Figura 56:

Caso 7 – DFH

No que diz respeito ao conteúdo, a cabeça, surge bastante pequena relativamente ao corpo, sendo dado mais ênfase ao mesmo, talvez porque para si próprio o corpo adquire uma maior relevância, pois está obeso, o que é um grande motivo de preocupação para os pais. Os seus pequenos olhos, parecem estar fechados, excluindo o mundo (Machover, 1978). Os braços, estão direccionados para fora, exprimindo energia (Machover, 1978). Exprime assim, o seu desejo de voltar à sua vitalidade do passado, uma vez que agora é uma criança embotada. Através, do vestuário que é um factor social, demonstra a sua preocupação no modo como se apresenta aos outros (Machover, 1978).

Quando lhe peço que me conte uma história sobre a pessoa que desenhou, diz-me: *“Era uma vez um menino que ‘tava a passear pelo bosque e apareceu à frente de um ogre...disse: ‘Daqui não passas!’...Ele passou por baixo do ogre e correu, correu para casa da mãe.”*

O “Pedro”, projecta partes de si nesta pessoa, tratando-se assim de uma imagem de si mesmo (Di Leo, 1987), pois no inquérito, diz que o menino tem uma idade semelhante, 8 anos e gosta de brincar, tal como ele. Relativamente ao aspecto físico, é uma figura de baixa-estatura e com um corpo volumoso, tal como ele. Na história, fala de um menino que estava a passear e que de repente deparou-se com um ogre, uma figura máscula, poderosa, que o tentou impedir de passar, mas ele transgrediu a sua ordem e foi ter com a sua mãe. Desta forma, este enredo, dá-nos conta de um conflito edípiano, em que o menino escapa por entre as pernas do tenebroso pai e

vai ao encontro da mãe. No inquirido, ao referir que tem o desejo de ser maior, também expressa a vontade de ocupar o lugar do seu pai. Diz que a pessoa parece o seu pai, havendo assim uma identificação consciente com o mesmo. Diz que os seus principais sonhos são ser feliz, brincar muito e ter muitos amigos, expressando assim o seu desejo de maior contacto social, de forma a combater a sua solidão.

Segundo Goodenough (1965), esta FH pertence à classe B, pois representa a figura humana, com diversos detalhes. Através do somatório dos diversos itens, obteve-se uma pontuação total de 18 pontos, o que corresponde a uma idade mental de 7 anos e 6 meses (através da consulta da tabela de aferição de Goodenough, 1965). Obteve-se assim um QI de 82, considerado “Inferior” para a sua faixa etária. De acordo com a sua idade cronológica, seria esperado que a FH surgisse mais evoluída, com maior consideração pelas proporções.

Interpretação – A-R: Comparativamente ao DFH, o A-R surge mais investido, pois está colorido e tem mais detalhes, como os dedos e as orelhas. Como o pedido assim o exige, trata-se de um desenho mais pegado ao concreto e mais cuidado, olhando para si próprio, antes de escolher a cor para colorir. Surge novamente desenhada com baixa estatura e com um porte forte, tal como ele. Contudo, a sua expressão facial, surge mais assustadora, pois os seus olhos são grandes e vazios, um olhar embotado de afecto, tal como o seu. As orelhas são bicudas, é uma figura assustadora, tendo assim uma imagem de si próprio desvalorizada.

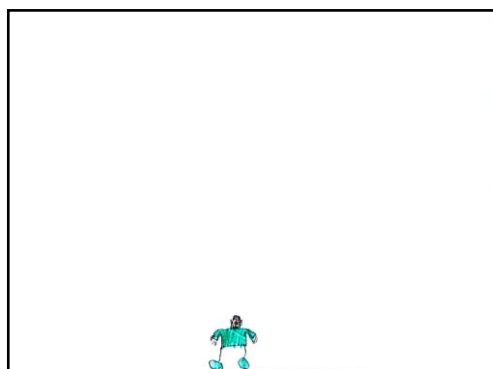


Figura 57:

Caso 7 – A-R

Tanto no DFH, como no A-R, a boca está representada de forma muito subtil, o que pode estar associada às suas dificuldades alimentares (Machover, 1978). Os dedos pontiagudos e as orelhas transmitem agressividade (Machover, 1978). Em ambas as figuras, a omissão do pescoço, pode revelar dificuldade em coordenar os impulsos (Campos, 2003). O facto de as suas mãos estarem abertas, pode revelar necessidade de afecto (Campos, 2003).

Interpretação – DFR: Ao nível gráfico, o “Pedro” desenha numa pequena parte da folha, utilizando linhas curtas, havendo uma inibição da expansão vital, com uma grande tendência introversiva (Corman, 1967). A família, encontra-se na parte inferior da folha, sendo que o limite da folha, serve de suporte para as figuras, revelando assim a sua necessidade de suporte e de contenção (Campos, 2003).

No que diz respeito às estruturas formais, trata-se de um desenho marcado pelo racional, pois há uma reprodução estereotipada das figuras pouco móveis, algumas isoladas entre si (Corman, 1967), o que pode revelar insegurança (Di Leo, 1987). Ao nível do conteúdo do desenho, perante o pedido de desenhar uma família, desenha a sua família real, sendo que a objectividade, prevalece sobre a subjectividade. O princípio da realidade, sobrepõe-se assim ao princípio do prazer, sendo que a condição familiar e as profissões são respeitadas (Corman, 1967).

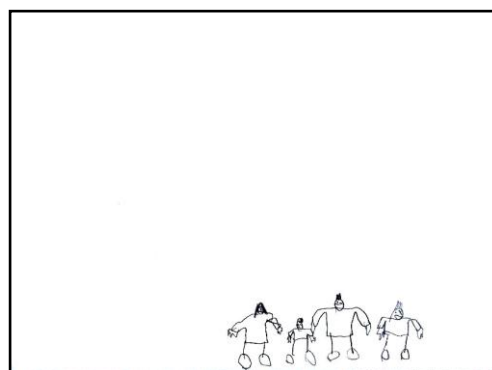


Figura 7:

Caso 7 - DFR

Relativamente à figura paterna, surgem expressas tendências afectivas positivas. Foi desenhado em primeiro lugar, é o maior comparativamente aos outros e o menos rasurado. Há assim um investimento no objecto privilegiado e uma identificação a nível inconsciente com o progenitor do mesmo sexo, afirmando assim a sua masculinidade (Corman, 1967). No inquérito, conta-me *“o pai diz que quando eu tiver 10 anos posso ir com ele para a roulotte, são muita bons os hamburguers e as bifanas, quero muito ir com ele”*, sendo que esta, foi a única vez que vi esta criança demonstrar entusiasmo no que me estava a dizer. Quando lhe pergunto quem é o mais aborrecido, responde que é o pai, *“Porque não brinca comigo, não tá muito tempo em casa”*. Expressa assim, a sua vontade de passar mais tempo com o seu pai. De todos os elementos desenhados, o pai é o único que se encontra em contacto com o “Pedro”, com a sua mão, por cima do ombro do filho. Esta aproximação entre estes dois elementos, revela assim intimidade entre os dois, ou o desejo de tal, sendo esta a figura para si mais importante, no seu seio familiar (Corman, 1967).

No que diz respeito à figura materna, surgem expressas tendências afectivas negativas, pois foi desenhada em terceiro lugar, não levando em consideração a linha hierárquica, pois é mais velha e foi desenhada depois de si e está bastante rasurada, surgindo assim desvalorizada (Corman, 1967). O sombreamento no seu cabelo, pode revelar ansiedade (Di Leo, 1987). Quando lhe pergunto de quem gosta mais, diz-me: *“Dos dois, do pai e do meu mano e da mãe”*, escolhendo assim o pai e o irmão e acrescentando no final a mãe, como forma de aliviar a sua culpabilidade. Esta desconsideração pela figura materna, também é evidenciada na resposta que dá, dizendo que foi a mãe que se portou mal.

Também relativamente ao seu irmão, surgem expressas tendências afectivas negativas, pois é o último a ser desenhado, à margem da página. Desenha o pai, ele e a mãe e diz: *“Ei falta o meu mano!”*, sendo esta uma forma de desvalorização, havendo em jogo sentimentos de ódio e desconsideração, próprios da rivalidade fraterna. É também diferente dos outros, que têm a cabeça virada para a frente e o irmão, tem a cabeça virada de perfil, para o lado contrário da família, havendo uma depreciação do rival. O “Pedro”, expressa assim o seu desejo, de ver o seu irmão afastado desta família. No inquérito, diz que o irmão é o mais alegre, o melhor e que gostaria de ser o irmão, porque brinca muito, havendo assim uma identificação consciente ao mesmo, como defesa do Ego (Corman, 1967). Trata-se de uma identificação de desejo, uma identificação do Outro, na qual são expressas as suas tendências confessáveis (Corman, 1967). Refere também, que se houvesse um passeio, gostaria de ir com o seu irmão. A escolha preferencial do irmão, ao longo do inquérito, é uma forma de o “Pedro” aliviar assim a sua culpabilidade.

Representa-se a ele próprio, com a sua idade real, havendo assim uma identificação real consciente, uma identificação do Ego (Corman, 1967). Desenha-se como sendo o mais pequeno, havendo assim uma desvalorização de si próprio. O facto de estar no meio do casal, separando assim os pais, revela o seu desejo inconsciente de separar o casal, devido ao seu ciúme edípiano (Corman, 1967). Pelo facto de se identificar inconscientemente com o pai e conscientemente com o irmão, revela também a desconsideração por esta mãe.

De forma a atestar a validade deste desenho, há que ter em consideração o método das convergências de indícios, tendo em consideração as convergências intratestes e as extratestes (Corman, 1987). Relativamente às convergências intratestes, os elementos convergem. A figura paterna, surge valorizada, desenhada em primeiro lugar, destaca-se comparativamente aos outros e está ligado ao pai pelo toque. Também no inquérito, surge o desejo de ter o seu pai presente. A figura materna, surge desvalorizada. Foi desenhada em terceiro lugar, não levando em consideração a sua condição hierárquica, está bastante rasurada e no inquérito também é desvalorizada. Relativamente ao irmão, também surgem sentimentos de desconsideração, devido à rivalidade fraterna. É desenhado em último, diferente dos outros e no inquérito, revela uma identificação de desejo com o mesmo.

As convergências extratestes, são as que obtemos noutros testes de personalidade (Corman, 1987). Também no DL e no DFH, surge expresso este sentimento de solidão e o desejo de ter, principalmente, um pai mais presente. A sua história clínica, bem como a observação clínica, também apontam neste sentido. Também no RCH, surge uma imagem de si,

face ao meio, fragilizada. O facto de chorar quando houve uma música que o pai gosta, revela o seu desejo de ter um pai ao seu lado, ligado a si, como surge evidenciado no desenho. Esta relação preferencial com o pai e o desejo de o ter mais perto, é corroborado no RCH, uma vez que sente a sua imago paterna como pouco disponível para si. A sua figura materna, surge rasurada, o que é explicado no RCH, por senti-la como ameaçadora e também pouco disponível para si. Também na sua história clínica, surgem episódios de rivalidade fraterna, presentes neste desenho. O conflito edipiano, também surge expresso no DFH. No RCH, as suas imagos parentais, também são sentidas como pouco securizantes, não sendo consideradas como figuras de referência, principalmente a imago materna.

RCH:

Protocolo:

Tempo de início da prova: 13h 03 min

Prancha	Inquérito	Cotação
<p>I</p> <p>Λ</p> <p>“Já fiz este jogo!”</p> <p>2”</p> <p>1- “Um lobo...</p> <p>2- e...um caranguejo...</p> <p>3- e um leão...</p> <p>4- e quatro olhos.”</p> <p>48”</p>	<p>“O lobo aqui (laterais superiores)...pela cara. O caranguejo isto...e isto...porque tem as patas assim (faz o movimento da pinça com a mão) (D sup). O leão aqui (laterais), porque tem esta forma... aqui a cabeça. Os quatro olhos aqui no branco (Dbl)...porque têm formato de olhos.”</p>	<p>1- D F+ Ad</p> <p>2- D F+ A</p> <p>3- D F- Ad</p> <p>4- Dbl F- Ad</p>
<p>II</p> <p>Λ</p> <p>“Abbbb...(admiração)</p> <p>36”</p> <p>5- dois elefantes</p> <p>6- e um carneiro...mais nada.”</p> <p>1’</p>	<p>“Os elefantes ’tão aqui (laterais)...têm a tromba. E um carneiro...aqui (vermelho sup.)...porque tem os cornos aqui. Aqui ’tão a dar mais cinco à amigo.”</p>	<p>5- D Kan A Ban</p> <p>6- D F- Ad</p>

<p>III</p> <p>Λ</p> <p>7”</p> <p>7- “Uma borboleta (aponta)... 8- um peixe 9- e dois macacos.”</p> <p>28”</p>	<p>“A borboleta aqui (vermelho central), porque tem asas. O peixe aqui no meio (D central inf), porque não sei...(silêncio). O macaco aqui (vermelho superior), a cara e o resto do corpo.”</p> <p>I.L. (?) “Sim, parecem duas pessoas”</p>	<p>7- D F+ A Ban</p> <p>8- D F- A</p> <p>9- D F- A</p>
<p>IV</p> <p>Λ</p> <p>2”</p> <p>10 - “Um morcego...já tá.”</p> <p>16”</p>	<p>“Assim...(aponta para a mancha toda). Porque tem aqui as asas.”</p>	<p>10 – G F+ A → DG</p>
<p>V</p> <p>Λ</p> <p>4”</p> <p>11 - “Uma borboleta...mais Nada.”</p> <p>16”</p>	<p>“Aqui...nisto tudo (G)...porque tem aqui antenas (D sup.), as asas aqui (D lat.)”</p>	<p>11- G F+ A Ban</p>
<p>VI</p> <p>Λ</p> <p>4”</p> <p>12 - “Um lobo...mais nada.”</p> <p>10”</p>	<p>“Nisto tudo (G)...Porque tem aqui bigodes (D sup), o corpo (D central) e o cabelo (D Lat)...”</p>	<p>12 – G F+ A</p>
<p>VII</p> <p>Λ</p> <p>5”</p> <p>“Este eu não sei...”</p> <p>14”</p>	<p>“Não consigo ver nada...”</p>	<p>Recusa</p>

VIII Λ 3” 13 - “Um dragão...mais nada.” 10”	“Nisto tudo...porque tem a cabeça assim (verde sup.) e aqui o resto, o corpo do dragão (aponta para o resto).”	13 – G F- (A) → Clob
IX Λ 3” “Não sei...” 13”	“Não consigo ver nada...” (olha para baixo)	Recusa
X Λ 6” “Não consigo ver nada...” 19”	“Não consigo...”	Recusa

Tempo final: 13h 25 min

Prova das escolhas:

+ : Cartão IV – “Porque é um morcego”

- : Cartão VI – “Porque é um lobo...não gosto de lobos, são maus”

Psicograma:

R = 13 ↓↓ Recusas = 3 T.T. = 3'54" Tp/R = 18" Tp Lat. Med. = 8" Sucessão: Relaxada T. Aprecensão: <u>G</u> D <u>Dbl</u>	G = 3 (31%) (→DG=1) D = 8 (61%) Dbl = 1 (8%)	$\Sigma F = 12$ F+ = 6 F- = 6 kan = 1 Clob = 1	A = 8 Ad = 4 (A) = 1	F% = 77% ↑ F+% = 60% ↓↓ Fa% = 100% F+%a = 62% A% = 92% ↑↑ Ban = 2 ↓↓↓
---	---	--	----------------------------	--

TRI: 0K= 0C (Coartado puro) F.C. 1k=0E RC% = 8% ↓↓ I.A. = 0% Prova Escolha: +: IV -: VI				
--	--	--	--	--

Interpretação: É uma re-aplicação da prova, uma vez que já a tinha realizado com 8 anos. Perante a proposta do RCH, mostrou-se colaborante e com uma postura calma. Durante a aplicação, senti-me tranquila. Relativamente ao discurso, nas primeiras pranchas dá respostas mais elaboradas e à medida que a prova decorre vai dando respostas menos elaboradas e até mesmo recusas.

Os modos de apreensão, surgem maioritariamente bem delimitados, mas por vezes nota-se alguma confusão no seu pensamento. Ao nível dos determinantes, nem sempre há uma preocupação em delimitar o percepto. Os animais inteiros, são os conteúdos mais frequentes, sendo que alguns se encontram bem vistos e outros não. Desta forma, o “Pedro”, apresenta uma diferenciação pouco definida do seu esquema corporal, entre mundo interno e externo.

No cartão I, começa por evocar dois animais de força, o lobo e o leão, em contraste com um caranguejo que é um animal de um reino menos evoluído. Ao longo do protocolo, repete o procedimento, intercalando respostas que remetem para animais de força, como os elefantes e os lobos e respostas que remetem para animais frágeis, como o peixe e a borboleta. Desta forma, o “Pedro” é uma criança que tem uma representação de si face ao meio, fragilizada. Assim, os animais fortes surgem numa tentativa de se narcisar, de se fortalecer. Os conteúdos das suas respostas, são apenas animais, o que revela a sua imaturidade. Ao longo do protocolo, há uma procura activa de unidade, numa tentativa de se unificar a si próprio, revelando dificuldades na integração das imagens. Apresenta assim, dificuldades no acesso à sua identidade, sendo que os limites entre si e o objecto são ténues. Desta forma, as suas imagos não são sentidas como diferentes de si, mas sim como partes suas.

Relativamente à imago paterna, no cartão IV, o que mais fortemente a solicita (Traubenberg & Boizou, 1999), dá uma imagem de um morcego. Este, é um animal que está acordado de noite e que durante o dia está ausente, tal como o seu pai, que trabalha de noite e de

dia está pouco presente. Na Prova das Escolhas, seleciona este cartão, como o preferido. No cartão I e VI, evoca os lobos, animais assustadores, que também são animais noturnos, como o morcego. Na Prova das Escolhas, seleciona o cartão VI, como o menos gostado, justificando que não gosta de lobos, porque são maus. Desta forma, relativamente à imago paterna, surge uma ambivalência, pois é uma figura com a qual se identifica, mas sente-a como assustadora, distante e pouco disponível para si.

No cartão VII, que solicita mais fortemente a imago materna (Traubenberg & Boizou, 1999), há uma recusa, dizendo que não consegue ver nada. Não vê, porque também não foi visto. No cartão I, que solicita uma relação com a mãe pré-genital a um nível mais arcaico (Traubenberg & Boizou, 1999), surgem animais ferozes, o lobo e o leão, o caranguejo, que tem pinças e os quatro olhos que nos dão conta de tendências persecutórias. Desta forma, a sua imago materna é considerada como um mau objecto interno, sendo sentida como ameaçadora e pouco disponível para si.

Ao longo do protocolo, o “Pedro” deu poucas respostas, principalmente a partir do cartão IV, o que nos dá conta de uma exploração do material vaga, não sendo capaz de investir. Recusa um número considerável de cartões, três, o cartão VII, IX e X, sendo que quando há uma complexificação do estímulo, tem dificuldade em dar respostas, em organizar-se. A ausência de respostas cor ao longo do protocolo, faz com que o seu T.R.I. seja “Coartativo puro”, o que significa que o “Pedro” tem alguma dificuldade em exprimir o afecto.

Em conclusão, através da análise do protocolo RCH e do psicograma, para o “Pedro”, os limites entre o mundo interno e o externo são ténues. Tem uma representação de si face ao meio, fragilizada, havendo uma tentativa constante ao longo do protocolo de se narcisar, pelo surgimento de animais de força. Revela dificuldades no acesso à sua identidade, sendo que as suas imagos parentais, são sentidas como partes suas. A imago paterna é sentida como ameaçadora, distante e pouco disponível para si, enquanto que, a imago materna é sentida como ameaçadora e também pouco disponível para si. Desta forma, as suas imagos parentais, são sentidas como pouco securizantes e não são consideradas como figuras de referência, principalmente a imago materna. Estas conclusões, apontam no sentido da sua história clínica, da observação e dos desenhos.

morriam e ria-se. Não sabia esperar, não aceitava o “não” e gritava com a mãe. Tinha dificuldades em controlar os impulsos, tendo partido a cabeça a um menino de 3 anos. Quando anoitecia, chorava, gritava, dormia muito mal e apenas com a presença do irmão no quarto. Tinha pesadelos frequentes, com o diabo a matar a mãe e a ele. Com 6 anos, assistiu à mãe a ser agredida pelas tias paternas, por uma vingança de uma dívida. Aos 8 anos, a mãe foi esfaqueada, por conflitos entre grupos rivais e mudaram de residência. Recorreram várias vezes às urgências, sendo que numa das vezes, disse à Médica que ouvia uma voz que lhe dizia para pôr uma faca no pescoço e escorregar. Via o pai com periodicidade quinzenal e não tinha amigos, convivendo apenas com os primos.

• **Anamnese:**

Antecedentes familiares: Os pais são primos directos. A mãe tem 28 anos, o 3º ano de escolaridade, é doméstica e solteira. Tem diagnóstico de depressão, desde que o marido foi preso e é actualmente seguida em Psiquiatria, estando medicada. O pai, tem 29 anos, o 9º ano de escolaridade, tirou o curso de pastelaria e é solteiro. Era comerciante e actualmente está detido por roubo. É muito impulsivo e com a idade do “Tomás”, irritava-se facilmente. Há suspeita de esquizofrenia, encontrando-se medicado. A irmã tem 8 anos e o irmão tem 12, sendo que também é seguido em Pedopsiquiatria, por ter comportamentos agressivos. A avó paterna tem depressão crónica e a avó materna tem epilepsia. Está inserido numa família disfuncional, pouco contentora, que tem muitas crenças místicas.

Antecedentes pessoais: Foi a segunda gravidez, vivenciada com muita ansiedade, uma vez que na altura o pai andava a fugir à polícia. Não tinham residência certa e havia muitos conflitos conjugais. Nasceu de 42 semanas, de cesariana, sem complicações. No período pós-parto, era um bebé muito calmo. Com um mês de vida, esteve internado durante um mês, com bronquiolite. Aos 6 e aos 8 meses, foi internado duas vezes, por infecções renais. Foi amamentado até aos 2 anos. Até aos 3 anos e meio, esteve em casa com a mãe, até o pai ser preso, sendo que depois foi para o infantário. Aos 6 anos, ingressou no 1º ano de escolaridade, com boa adaptação. Nessa altura, descobriu-se que tinha um sopro no coração. Com 7 anos, frequentou o 2º ano de escolaridade, com apoio, por dificuldades de aprendizagem, tendo reprovado. Dos 8 aos 10 anos, não frequentou a escola, por não ter uma residência fixa. Aos 11 anos, voltou à escola, frequentando actualmente o 2º ano de escolaridade, com aproveitamento insuficiente.

• **Acompanhamento:** Actualmente, é acompanhado em Pedopsiquiatria com periodicidade variável, normalmente superior a um mês. Já beneficiou de acompanhamento psicológico na

escola. De acordo com o DSM-IV (Associação Americana de Psiquiatria), o seu diagnóstico é: Eixo I: Perturbação do comportamento; Eixo II: -; Eixo III: sopro no coração; Eixo IV: Pai preso, depressão materna, conflitos entre grupos rivais, etnia cigana. Encontra-se medicado com Risperidona, Olanzapina e Largactil.

Avaliações complementares de diagnóstico: Com 11 anos e 6 meses, foi avaliado em Psicologia, concluindo-se que tem uma capacidade intelectual inferior ao esperado para a sua faixa etária, com necessidade de apoio do EE. Apresentava um grafismo muito imaturo, com dificuldades na reprodução da imagem corporal.

Resumo dos aspectos clínicos relevantes: Actualmente, com 11 anos, gosta de frequentar a escola, mas por vezes, envolve-se em conflitos, tendo várias queixas de comportamento. É agressivo com as crianças do Bairro onde vive, apenas por olharem para ele e tenta bater na mãe e noutros adultos. Faz muitas birras, tem ataques de fúria e descontrola-se. Tem dificuldades em compreender aquilo que é dito pela Pedopsiquiatra. Continua com medo de dormir sozinho e tem medo de cair para o chão. Quando brinca, estraga os brinquedos, partindo-lhes a cabeça, por exemplo. Queixa-se de falta de ar, provavelmente causada pela sua ansiedade.

Desenhos anteriores: No processo do “Tomás” constavam dois desenhos. Dado que não presenciei a execução destes desenhos, a avaliação que me é possível fazer é maioritariamente em termos gráficos. Um DL, realizado poucos dias antes da sessão comigo, contando a seguinte história: *“Isto eram dois irmãos, vinham para casa. Um tinha carro e foram à festa do outro irmão. Vieram para casa à noite e*



Figura 59:

começaram a ver televisão e brincaram. Dormiram, saíram, acordavam e saírem, foram ao café. Foram ver o outro irmão. Chegaram a foram ver televisão.” Este desenho, está muito parecido ao DL que realizou comigo, embora neste as figuras humanas se encontrem afastadas pela casa e no DL surgem lado a lado. Nesta história, fala de duas pessoas que são companheiras, pois fazem tudo juntas. Revela assim a sua necessidade de contacto com o Outro, de ter uma figura com a qual se identifica, com quem poderá fazer o que mais gosta, combatendo a sua solidão. Nesta história, existe muita actividade, muita energia, pelo constante movimento, tal como ele é, uma criança em actividade constante, devido à sua inquietação.

No outro desenho, representa uma casa, com características semelhantes à casa desenhada no DL que constava no processo e no DL que realizou na sessão comigo. Esta casa suspensa no vazio, é pobre e surge isolada, sem nada à volta, parecendo fechada e vazia, de difícil acesso, em que a janela é muito alta e a chaminé não deita fumo, não havendo calor no seu interior. Utiliza assim o mecanismo de defesa, isolamento, num combate à desorganização psíquica. Este mecanismo, implica um afastamento afectivo e está relacionado com fantasias de controle mágico onnipotente do objecto (Coelho, 1993). A chaminé é desenhada obliquamente, em vez de ser na vertical, expressando assim a sua imaturidade ao nível do grafismo (Di Leo, 1967).



Figura 60:

Caso 8 – DL que constava no processo

2. Participação no Estudo:

- **Resumo das sessões:** Veio acompanhado pela mãe. Ambas as sessões são após a consulta de Pedopsiquiatria. Com o “Tomás”, senti-me bem, pois é uma criança bastante sorridente, meiga e pouco segura de si.
- **Entrevista com a mãe:** Tem um aspecto pouco cuidado, um ar jovial, muito fragilizado e deprimido, o que me fez sentir triste. Conta que o marido foi preso, quando o “Tomás” tinha 3 anos. Diz que era uma criança muito calma e que aos 4 anos ficou agressivo, sendo que matava cães. Refere que tiveram que ir à urgência, porque o filho estava muito agressivo e dizia que ouvia vozes. Considera que não houve melhoria, pois continua a bater em crianças e adultos, agindo por impulso. Conta emocionada que na escola, só sabe escrever e que vai ter apoio ou vai para um colégio do ensino especial. Soube o resultado da avaliação psicológica na consulta anterior, onde se concluiu que o filho está atrasado dois anos no desenvolvimento. Preocupa-a que o “Tomás” não tenha amigos e que não brinque com ninguém.
- **Observação da criança:** É uma criança de etnia cigana. Tem um desenvolvimento estato-ponderal adequado para a sua idade e baixo peso. Vem vestido adequadamente de acordo com a idade, género e estação, embora apresente um aspecto descuidado e pouco higienizado. Tem um fâcieis harmonioso, com um ar dócil, olhos brilhantes e é uma criança sorridente. Tem um discurso pobre e uma postura descontraída. Adequa-se à situação estruturada e corresponde a todos os pedidos que lhe são solicitados, mostrando-se calmo e colaborante. Enquanto realiza os

desenhos, olha a medo para o observador, com relutância, revelando a sua insegurança e necessitando do reforço positivo constante, por parte do adulto.

• **Instrumentos aplicados:**

Desenhos: De acordo com Luquet (1987), os desenhos do “Tomás”, encontram-se na fase do “Realismo intelectual”, pois desenha com recurso ao modelo interno e não como é realmente visto, havendo um recurso à subjectividade em detrimento da objectividade. Contudo, encontra-se na transição para a fase do “Realismo visual”, uma vez que já não existem transparências nos seus desenhos e as figuras humanas surgem mais ou menos proporcionais (Luquet, 1987).

As linhas, surgem indecisas e quebradas, o que indicia a insegurança do “Tomás” (Di Leo, 1987). O traço é forte, revelando os seus fortes impulsos (Corman, 1967). Em alguns desenhos, os elementos surgem suspensos no vazio, como se voassem. No DL, os elementos são desenhados, utilizando o limite inferior da folha como suporte (Campos, 2003). Noutros desenhos, faz uma linha a representar o chão, segmentada e irregular e por vezes, os elementos surgem apoiados nela, com um contacto escasso, como se fossem levantados por alguma força impulsionadora (Campos, 2003). Em todas estas formas de desenhar, se nota a sua falta de suporte, de contenção e o pouco contacto com a realidade.

Através das figuras humanas, é possível constatar que há alguma dificuldade na representação do esquema corporal, por exemplo, através da falta de integração da bota na linha da perna, o que é visível, em todas as figuras humanas que constam nos desenhos realizados anteriormente e nas sessões comigo. Na grande maioria das figuras humanas, desenha bolsos, simbolizando a sua dependência da figura materna (Machover, 1978). Há uma recusa total de cor, o que costuma ser usual nas crianças psicóticas (Campos, 2003), o que não sucede nos desenhos que realizou anteriormente, que constavam no processo.

Interpretação do DL: Numa impressão geral, é um desenho que transmite uma impressão desagradável, pela expressão de tristeza do sol e pelo aspecto das figuras humanas. No que diz respeito às características formais e estilísticas, o desenho ocupa grande parte da folha e está investido.

Ao nível do conteúdo, desenha uma casa, um carro, duas pessoas, o sol e as nuvens. A casa, simboliza o lugar onde a criança vai buscar afecto e segurança, necessidades que são preenchidas no seio familiar (Di Leo, 1987). Contudo, esta casa é pobre, tem apenas uma janela, colocada muito em cima, sendo de difícil acesso, parecendo fechada, vazia, pouco calorosa,

desprovida de afecto, também por não haver fumo a sair desta chaminé. O carro, surge representado de forma muito pobre e encontra-se ao lado da porta de casa, para poderem sair a qualquer instante, como ele que enquanto o seu pai andava fugido à polícia, que andava numa fuga constante. O sol, surge com uma expressão triste, como se chora-se, surgindo assim expresso no desenho, a sua tristeza, através da personificação deste sol (Di Leo, 1987).

Em primeiro lugar, desenha o seu primo, suspenso no ar. Por último, desenha-se a si, à margem da folha, desvalorizado (Corman, 1967), mas desenhado com um maior cuidado e com maior estatura, havendo assim uma tentativa de se narcisar. Quando lhe peço para contar uma história diz: *“Este sou eu e o meu primo, íamos para o meu carro e íamos para uma festa e depois íamos para casa ver televisão e depois íamos fazer corridas com os carros telecomandados, com as bicicletas, com os carrinhos da rampa...com os bayblades...depois íamos para a sombra assentar-se no jardim a falar coisas e depois ia eu e ele íamos para casa.”* A temática evocada é bastante parecida à temática do DL que realizou anteriormente com a Pedopsiquiatra. Neste, conta uma história semelhante, mas com um irmão, não existindo uma figura de identificação constante. Através de uma temática recorrente, revela assim a sua necessidade de ter alguém com quem se identifique, alguém com quem tenha o companheirismo expresso na história. Revela o seu desejo de contacto social com o Outro, o que vai ao encontro das figuras estarem desenhadas de frente (Machover, 1978). Nesta história, há também muita actividade, expressando a sua inquietude interior.

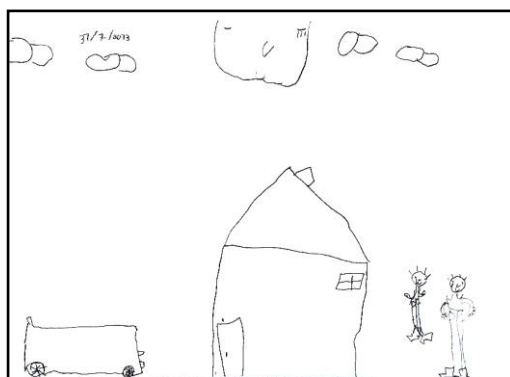


Figura 61:

Caso 8 – DL

com os carrinhos da rampa...com os bayblades...depois íamos para a sombra assentar-se no jardim a falar coisas e depois ia eu e ele íamos para casa.” A temática evocada é bastante parecida à temática do DL que realizou anteriormente com a Pedopsiquiatra. Neste, conta uma história semelhante, mas com um irmão, não existindo uma figura de identificação constante. Através de uma temática recorrente, revela assim a sua necessidade de ter alguém com quem se identifique, alguém com quem tenha o companheirismo expresso na história. Revela o seu desejo de contacto social com o Outro, o que vai ao encontro das figuras estarem desenhadas de frente (Machover, 1978). Nesta história, há também muita actividade, expressando a sua inquietude interior.

Interpretação do DFH: Este desenho transmite uma impressão desagradável, pois apesar de se enquadrar num ambiente, com sol, nuvens e andorinhas, surge solitário, sem nada à sua volta. Relativamente aos aspectos formais e estruturais, o desenho surge pouco investido e a figura surge desviada do centro, revelando a sua insegurança (Di Leo, 1987).

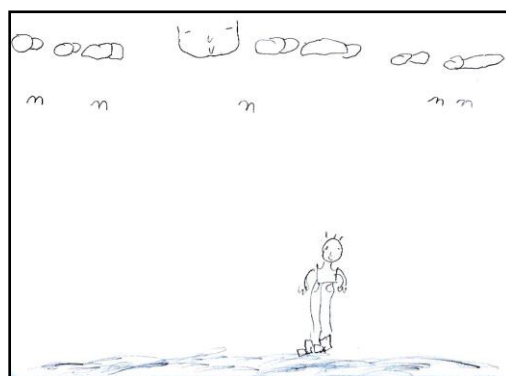


Figura 62:

Caso 8 – DFH

No que diz respeito ao conteúdo, os braços são curtos, relativamente ao resto do corpo e têm um aspecto frágil, podendo indiciar a necessidade de obter apoio do ambiente. Estes braços encontram-se abertos, evidenciando assim a sua vitalidade (Machover, 1978), a sua necessidade constante de movimento, pela sua inquietação interior. As mãos também surgem abertas, revelando a sua necessidade de afecto (Campos, 2003).

Quando lhe peço que me conte uma história sobre a pessoa que desenhou, diz-me: *‘Tu no outro jardim em frente...’ta no outro jardim em frente. ‘Tá a brincar...a correr de um lado para o outro...a dar cambalhotas, para trás, para a frente, correr, rebolar. A fazer ginástica. Correr, bater com os pés no rabo de um lado para o outro, a rodar, a fazer pinos, a fazer ginástica, rebolar, levantar, pôr assim as mãos (imita o movimento de fazer abdominais), correr devagarinho. Depois foi para casa descansar um bocadinho.’* No inquérito, diz novamente que é o primo, tem 7 anos, está a fazer ginástica e é feliz. Desenha assim uma pessoa significativa, com uma idade próxima à sua, revelando a incapacidade dos pais para assumirem os seus papéis esperados (Di Leo, 1987).

Projecta-se nesta figura, pois começa a contar a história como se fosse ele próprio e no inquérito acaba por falar de si. Não gosta de estar sozinho e gosta de: *“brincar, jogar, brincar com os carrinhos, motas, às vezes costuma ver TV, filmes, bonecos”*, interesses seus. Quando lhe pergunto se tem muitos amigos, responde-me: *“Tenbo...tem...muitos”*. Diz que se diverte muito, *“quando vai com os amigos brincar para a sombra do jardim, mais a mãe.”* Desta forma, surge também representado neste desenho, o seu desejo de contacto social com o Outro. Nesta história, tal como nas anteriores, dá-nos conta daquilo que sente no seu interior, uma inquietude, expressa na história, por uma necessidade constante de movimento. Dado que a FH, representa a expressão do “eu” no ambiente (Machover, 1978), podemos constatar que o “Tomás” é uma criança que se sente só, carente e inquieta. No final, refere que se parece com o pai, sentindo-o assim como uma pessoa ocupada, por todo este movimento na história e pouco disponível para si.

Segundo Goodenough (1965), esta FH pertence à classe B, pois existe uma tentativa clara de representar a figura humana, com diversos detalhes. Através do somatório dos diversos itens, obteve-se uma pontuação total de 25 pontos, o que corresponde a uma idade mental de 9 anos e 3 meses (através da consulta da tabela de aferição de Goodenough (1965)). Obteve-se assim um QI de 80, considerado “Inferior” para a sua faixa etária. De acordo com a sua idade cronológica, seria esperado que a FH surgisse mais proporcional.

Interpretação – A-R: A impressão geral que o desenho transmite é desagradável, pelo olhar de espanto da figura, parecendo que pela introdução das orelhas, está alerta. Estas orelhas, podem ser uma expressão de atitudes de desconfiança e de paranoia (Machover, 1978; Campos, 2003), uma vez que na sua história clínica tem atitudes paranoides, sendo agressivo com outras crianças, que apenas lhe dirigem o olhar. Desenha-se maior do que as árvores, revelando onnipotência. As mãos surgem abertas, indiciando a sua necessidade de afecto e de relação (Campos, 2003).

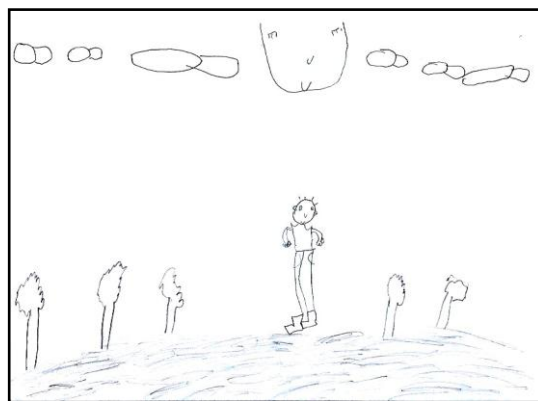


Figura 63:

Caso 8 – A-R

Comparativamente ao DFH, este desenho surge mais investido e não revela uma solidão tão grande, pois as árvores estão à sua volta, uma vez que se trata de um pedido mais específico, encontrando-se directamente implicado nele. Enquanto que a figura humana desenhada no DFH, tinha os pés quase todos assentes no chão, no A-R, apenas a ponta de um pé toca no chão, evidenciando assim a sua falta de suporte e de contacto com a realidade, representada pelo chão (Campos, 2003). Tanto no DFH como no A-R, mas mais notório do DFH, um dos braços surge separado do corpo, sentindo-se assim fragmentado, incompleto, pouco unificado, perante o meio. O seu pescoço surge um pouco mais curto no A-R do que no DFH. Esta, é a parte do corpo que funciona como um “corredor de passagem” para os pensamentos racionais e para os impulsos corporais (Machover, 1978), revelando assim a sua dificuldade em fazê-lo, uma vez que para si é difícil controlar os seus impulsos.

No final do desenho, conta espontaneamente uma história: *“Tava eu a brincar no jardim, a saltar, a brincar e isso assim, a saltar deitado, depois comecei a correr pelo jardim, depois comecei a correr à volta das árvores, assim em círculos a contornar as árvores, sempre à volta das árvores, depois deitei-me a olhar para as nuvens, para o sol, depois fiquei lá a passar a tarde e depois fui para casa.”* Nesta história, bastante parecida com as anteriores, surge novamente expressa a sua inquietude interior, a sua ansiedade.

Interpretação – DFI: Ao nível gráfico, o “Tomás” ocupa toda a folha, havendo uma necessidade de preencher esta folha de conteúdo, de forma a colmatar os seus sentimentos de vazio e de carência, utilizando assim, defesas maníacas (Coelho, 1993). No que diz respeito às estruturas formais, trata-se de um desenho marcado pelo racional, pois há uma reprodução estereotipada das figuras, que se encontram isoladas entre si (Corman, 1967), revelando assim a sua insegurança (Di Leo, 1987). Ao nível do conteúdo do desenho, perante o pedido de desenhar

uma família, desenha a sua família. Assim, a objectividade prevalece sobre a subjectividade e o princípio da realidade, sobrepõe-se assim ao princípio do prazer-desprazer (Corman, 1967).

Trata-se de uma família grande, com 10 elementos, dado a sua etnia cigana. As personagens surgem representadas com as suas idades reais. Refere que estão a tirar uma fotografia, como se a sua família fosse tão pouco contentora, que houvesse necessidade de contê-la numa fotografia. Começa por desenhar a sua avó, identificando-se assim com ela a nível inconsciente. De seguida, desenha o avô, um dos que tem maior estatura, surgindo com um ar assustador, ameaçador. Coloca-o a tirar a fotografia, retirando-o assim da família e no inquérito, refere que é o mais aborrecido. Surgem assim expressas tendências afectivas negativas relativamente ao avô, uma vez que o desvaloriza (Corman, 1967).

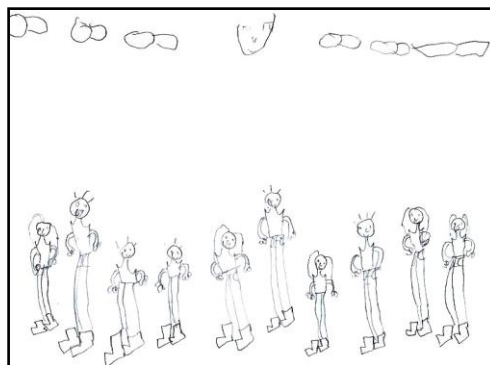


Figura 8:

Caso 8 - DFR

De seguida, desenha-se a si, como um dos mais pequenos, numa posição ligeiramente inferior aos outros e sem bolsos nas calças, ao contrário da maioria, ou seja, menos investido, surgindo assim desvalorizado (Corman, 1967). Desenha-se junto dos avós, do tio e da mãe e afastado dos seus irmãos, com quem também vive, evidenciando assim conflitos de rivalidade fraterna. Os seus irmãos, surgem ao lado dos pais, ao contrário dele, revelando assim que se sente excluído. Declara ser ele próprio, com a sua idade, havendo uma identificação de realidade, a nível consciente (identificação do Ego) (Corman, 1967).

Depois, desenha o tio de 10 anos, rindo-se e diz: *“É o meu tio Artur, só que é mais pequenino que eu, mas tem outros grandes, os irmãos dele.”* Desenha a sua mãe, aparentando ser a figura que desenhou com maior cuidado, embora não haja uma diferença marcadamente significativa. É uma das figuras mais pequenas, parecendo-se com uma das crianças e no inquérito é desvalorizada. Por exemplo, quando lhe pergunto quem é o mais alegre, refere que é o pai, enumerando de seguida todos os elementos da família, exceptuando a mãe, pois devido à sua depressão, não a sente como uma pessoa alegre e o seu avô: *“o meu avô é um bocadinho mais mau, mas também é bom às vezes para nós.”* Surgem assim expressas tendências afectivas negativas, com sentimentos de desconsideração para com a mesma (Corman, 1967).

De seguida, desenha o seu pai, numa posição central e mais elevado do que os restantes. No inquérito, quando lhe pergunto de quem gosta mais, refere primeiro o pai e de seguida a mãe

e os irmãos. Declara também o pai como sendo o mais feliz. Surgem assim expressas tendências afectivas positivas relativamente à figura paterna, havendo no desenho um investimento no objecto privilegiado (Corman, 1967). Esta valorização, trata-se uma idealização, pois tem pouco contacto com este pai, uma vez que está preso desde os seus 3 anos. Há assim uma inflação do objecto, por se encontrar centralizado e acima dos demais, de forma a evitar sofrimento psíquico, o luto pela perda daquele objecto (Coelho, 1993).

De seguida, desenha a irmã, também como uma das mais pequenas e o irmão, sendo estes dos últimos elementos a serem desenhados, surgindo assim desvalorizados, devido à rivalidade fraterna. Por fim, desenha as tias. Quando lhe pergunto quem gostaria de ser, diz-me que não sabe, não se identificando conscientemente com nenhum elemento da sua família, não desejando ser nenhum deles. As figuras não se tocam, evidenciando assim a pouca proximidade entre os elementos da família (Corman, 1987).

De forma a atestar a validade deste desenho, há que ter em consideração o método das convergências de indícios, tendo em consideração as convergências intratestes e as extratestes (Corman, 1987). Relativamente às convergências intratestes, é possível observar que os elementos convergem. Desenha-se pouco investido, mais abaixo que os demais e mais pequeno, havendo assim uma desvalorização de si próprio. A figura materna surge desvalorizada no desenho e no inquérito, não sendo para si considerada como uma figura de referência. O seu pai surge idealizado, por ser desenhado numa posição central, numa posição ligeiramente superior, relativamente aos restantes elementos e no inquérito, também surge em destaque.

As convergências extratestes, são as que obtemos noutros testes de personalidade (Corman, 1987). Em todos os desenhos surge expressa a sua insegurança e a desvalorização de si próprio, o que também vai de encontro da sua história clínica, da observação clínica e do RCH. Neste desenho, o pai surge como uma figura idealizada, pois no RCH constata-se que o sente como ameaçador e passivo. Também no RCH, surge uma imago materna imatura, tal como neste desenho, em que surge representada como a mais pequena, assemelhando-se a uma das crianças. Ao mesmo tempo, no RCH, também é considerada como uma figura de força, o que o levou a desenhá-la com mais cuidado. Desta forma, tanto no RCH, como neste desenho, as suas figuras parentais são sentidas como pouco securizantes, não sendo para si consideradas como figuras de referência.

RCH:

Protocolo:

Tempo de início da prova: 12h 17 min

Resposta	Inquérito	Cotação
<p>I</p> <p>Λ (Recebe a prancha, olha para mim e ri-se).</p> <p>14”</p> <p>1- <i>“Dois cães</i></p> <p>2- <i>e um monstro (vira a prancha para a posição lateral > e volta a virar Λ)...</i></p> <p>3- <i>um urso de peluche,</i></p> <p>4- <i>um mocho</i></p> <p>5- <i>e aqui a cabeça de um touro, olha aqui...aqui uns cornos”</i></p> <p>50”</p>	<p>Cães: <i>“Os cães em cima por causa da cabeça (Dd).”</i></p> <p>Monstro: <i>“Monstro...vê-se por causa da cara, das mãos e das pernas. Mãos em cima (Dd sup), pernas de lado (D central) e a cara, estas duas coisinhas (Dd sup).”</i></p> <p>Urso de peluche: <i>“Urso de peluche, por causa da cara (D lat.)”</i></p> <p>Mocho: <i>“Um mocho por causa das patas (Dd inf lat) e olbos (Dd inf lat).”</i></p> <p>Cabeça de touro: <i>“Cabeça de touro por causa dos cornos (Dd lat) e do focinho (Dd lat).”</i></p>	<p>1- Dd F+ Ad</p> <p>2- D FClob (H)</p> <p>3- D F- Obj.</p> <p>4- Dd F- A</p> <p>5- D F- Ad</p>
<p>II</p> <p>Λ</p> <p>25”</p> <p>6- <i>“Dois...duas cabrinhas.”</i></p> <p>30”</p>	<p><i>“Por causa disto (preto), destas partes de trás (Dbl) e da cauda (D inf).” (FC)</i></p> <p>I.L. (?) <i>“Em baixo...isto é uma borboleta...por causa das asas (D inf). Isto aqui (D sup.) são dedos, por causa desta parte aqui (D bl).”</i></p> <p>R.A. <i>“Borboleta”</i>: D FC A</p> <p><i>“Dedos”</i>: D bl FC Ad</p>	<p>6 – D bl FC A</p>

<p>III</p> <p>Λ</p> <p>14”</p> <p>7- “Uma Hello Kitty...</p> <p>8- E dois...(susurra)... meninas.”</p> <p>30”</p>	<p>“Uma Hello Kitty (D bl), por causa do laço (D central) e o resto aqui...(D inf. central) e aqui o peito da gata (D central) e as mãos (D lat inf). Aqui as meninas...por causa do estilo, das botas (D inf). E aqui, nos vermelhos em cima, dois coelhos (verm sup), as pernas ‘tão a cair cá para baixo (Dd sup) e isto é as mãos (Dd lat sup).”</p> <p>R.A. “Coelhos”: D F- A</p>	<p>7- D bl F- Ad</p> <p>8- G K H Ban</p>
<p>IV</p> <p>Λ</p> <p>6”</p> <p>9 - “Parece um urso gigante</p> <p>10 - e uma vaca.</p> <p>9 - Um urso gigante virado ao contrário de costas</p> <p>10 - e uma vaca por baixo das pernas.”</p> <p>31”</p>	<p>“Urso por causa da cabeça e depois o resto do urso (G/)...e aqui duas serpentes, por causa das cabeças (D lat). Vaca por causa da cabeça.” (D inf central)</p> <p>R.A. “Serpentes”: D F+ A</p>	<p>9 – D FClob A</p> <p>10 – D F+ Ad</p>
<p>V</p> <p>Λ</p> <p>1”</p> <p>11- “Um morcego...só.”</p> <p>3”</p>	<p>“Por causa das asas (D lat) e do estilo...tem estilo de morcego, ‘tá assim com as asas abertas. A cabeça (D sup) e as patas (D inf).”</p>	<p>11- G F+ A Ban</p>
<p>VI</p> <p>Λ (vira a prancha e volta a virar para a posição normal)</p> <p>10”</p> <p>12 - “Parece uma vaca.”</p> <p>15”</p>	<p>“Por causa do estilo...isto é as pernas (D in flat), isto é as mãos (D sup lat) e isto é a parte do rabo (D inf) e cabeça é isto (D sup). ‘Tá assim deitada no chão...espalmada.”</p>	<p>12 – G F- A</p>

<p>VII</p> <p>Λ 4”</p> <p>13 - “Parece dois leões 14- e duas rochas.”</p> <p>10”</p>	<p>“Os leões aqui em cima, (D sup lat) por causa do estilo da cabeça (D lat sup) e do corpo (D sup lat), isto aqui é o pêlo que eles têm (D sup lat). As rochas porque são duas bolas assim (D inf).”</p>	<p>13- D F- A 14- D F± Frag.</p>
<p>VIII</p> <p>Λ 10”</p> <p>15 - “Duas águias... 16 - duas cabras...não...cavalos. 17 - Cabeça de um touro 18- e dois travesseiros.”</p> <p>27”</p>	<p>“Aqui no rosa, águias, por causa do estilo, por causa do bico (D lat). Os cavalos aqui (laranja e rosa), por causa do estilo do focinho. Cabeça de touro (verde sup.), por causa dos cornos. Aqui (verde mais claro) travesseiros, porque é assim quadrado tipo triângulo.”</p>	<p>15 – D F- A 16- D F- A 17- D F- Ad 18 – D F- Obj.</p>
<p>IX</p> <p>Λ 7”</p> <p>19 - “Duas pessoas... 20 - dois frangos aqui 21 - e duas almôndegas, aquelas bolas de carne... 22 - e aqui dois crocodilos.”</p> <p>40”</p>	<p>“Duas pessoas aqui nesta coisa toda verde, por causa da cabeça, do cabelo (verde). Dois frangos virados para cima, estas coisas parecem as patas...é para comer (rosa central). Almôndegas, por causa que é assim bolas (D lat inf). Na parte laranja toda os crocodilos, por causa do estilo, da forma...boca aqui, cauda e patas (Dd sup).”</p>	<p>19 – D F- Hd 20 – D F- A/Alim. 21- D F± Alim. 22- D F- A</p>
<p>X</p> <p>Λ 2”</p> <p>23 - “Dois caranguejos, 24 - dois ratos, 25 - lagartinhas...</p>	<p>Caranguejos: “Caranguejos por causa das patas (azul). Ratos: Ratos por causa do estilo quando eles apanham-se, saltam e apanham-se (castanho inf) Lagartinhas: Lagartinhas, por causa da cor e das patas (verde central inf).</p>	<p>23 – D F+ A Ban 24 – D F+ A 25- D FC A</p>

26 - lagartas...	Lagartas: <i>Lagartas (rosa) por causa das patas.</i>	26- D F- A
27 - dois morcegos,	Morcegos: <i>Morcegos (cinz.) por causa do estilo das patas quando eles apanham.</i>	27- D F+ A Ban
28 - tesoura	Tesoura: <i>Tesoura (cinz.) por causa disto quando se abre e fecha.</i>	28 – D F+ Obj.
26 - e duas lagartas (verde central inf.) 20”		

Tempo de fim da prova: 13h 00min

Prova das escolhas:

+ : Cartão IX – “Por causa que eu gosto muito disto (aponta para todas as cores)... eu gosto dos senhores (aponta para o verde escuro)” ; Cartão IV – “Por causa da forma, a forma do urso.”

- : Cartão II – “(sussura)... não gosto muito desta parte, faz lembrar uma tesoura, olha lá... (imita movimento de abrir e fechar com os dedos de ambas as mãos)” ; Cartão V – “Por causa que eu não gosto muito das asas.”

Psicograma:

R = 28 ~ T.T. = 4'45" Tp/R = 19" Tp Lat. Med. = 9"	G = 3 (11%) D = 23 (82%) Dd = 2 (7%)	$\Sigma F = 23$ F+ = 7 F+- = 2 F- = 14 K = 1 FC = 2 Fclob = 2	H = 1 Hd = 1 (H) = 1 A = 15 Ad = 5 Obj = 3 Frag = 1 Alim = 2	F% = 82%▲ F+% = 35%↓↓ Fa% = 100% F+%oa = 43% H% = 7% ▼ A% = 71 %▲▲ Ban = 4 ↓
Sucessão: Relaxada T. Apreensão: \overline{G} \underline{D} Dd TRI: 1K= 1C (Ambigüal) F.C. 0k= 0E RC% = 50% ▲ I.A. = 0%				
Prova Escolha: + : IX; IV - : II; V				

Interpretação: Perante a proposta do RCH mostrou-se colaborante e entusiasmado, com uma postura calma. Durante a aplicação, senti-me por vezes, ansiosa. Relativamente ao seu discurso, dá respostas elaboradas. No contacto inicial com a prova, surgem elementos ansiogénicos, como o monstro os cornos e os olhos, o que revela que perante o desconhecido, tem dificuldade em organizar-se sozinho.

Em respostas humanas e não-humanas, os modos de apreensão, surgem maioritariamente mal delimitados, com tendências a cruzamentos e sobreposições. Relativamente aos determinantes, há uma preocupação excessiva em delimitar o percepto. Ao nível do conteúdo, a maioria são animais, sendo que os mesmos e as suas partes, são mal vistos. Desta forma, o “Tomás” tem uma diferenciação do seu esquema corporal pouco definida, sendo que os limites entre o mundo interno e o externo são imprecisos.

Ao longo do protocolo, os limites das imagens são ténues e móveis, existem poucas representações humanas, há uma procura activa de unidade, dando muitos elementos fragmentados e há uma sensibilidade especial para o que não está acabado, revelando assim a sua dificuldade de integração das imagens. No cartão I, dá respostas com conteúdos afáveis, como o urso de peluche e conteúdos ameaçadores, como a cabeça do touro. Desta forma, tem assim uma representação de si face ao meio frágil e incompleta. Esta ferida narcísica primária, foi fortemente reactivada pelo material. Revela assim, dificuldades importantes no acesso à sua identidade, pois houve uma falha na estruturação da relação de objecto, sendo que as suas imagos parentais não são consideradas diferentes de si, mas sim como uma parte sua.

No que diz respeito à imago paterna, é sentida como ameaçadora, pois no cartão IV, que segundo a literatura é o cartão que mais fortemente a evoca (Traubenberg & Boizou, 1999), dá a imagem de um monstro gigante, assustador. Dá também a imagem das serpentes, que evocam igualmente ameaça. Na Prova das Escolhas, seleciona este cartão como sendo um dos preferidos. Dá também a imagem da vaca, como que em fusão com o urso, sendo que a evoca novamente no cartão VI. Diz que esta vaca está deitada no chão, espalmada, está morta, evocando assim passividade. Desta forma, a sua imago paterna, é sentida como ameaçadora e ao mesmo tempo passiva, não sendo considerada como uma figura de referência.

Relativamente à imago materna, no cartão VII, que a solicita mais fortemente (Traubenberg & Boizou, 1999), dá a imagem dos leões, que sugerem força e garra e as rochas, que são fortes, resistentes. No cartão I, que solicita uma relação com a mãe pré-genital a um nível

mais arcaico (Traubenberg & Boizou, 1999), também são evocados elementos de força, como o touro e elementos afáveis, o urso de peluche, que evoca imaturidade. No cartão III, há também uma grande referência ao feminino, dizendo que são duas meninas e dá a imagem da *Hello Kitty* e dos coelhos, elementos infantis que também revelam imaturidade. Assim, esta mãe é sentida como imatura e ao mesmo tempo forte.

Em suma, através da análise do protocolo RCH e do psicograma, o “Tomás” é uma criança cujos limites entre o mundo interno e o externo são instáveis, tendo uma representação de si frágil e incerta. As suas imagos parentais, são sentidas como parte de si, pouco securizantes, não sendo consideradas como figuras de referência, principalmente a imago paterna. Esta, é sentida como ameaçadora e passiva, enquanto que a sua imago materna é sentida como imatura e ao mesmo tempo é uma figura de força. Estas conclusões, vão ao encontro da sua história clínica, da observação e dos desenhos.

Caso 9 - “Bernardo”: *“O gigante e a gigante...É uma família de gigantes”*

1. História Clínica:

O “Bernardo” nasceu no dia 13 de Outubro de 2004, tendo à data das sessões 8 anos e 10 meses. A sua história Clínica, foi recolhida maioritariamente pela Pedopsiquiatra, na primeira consulta, dia 2 de Novembro de 2011. O “Bernardo” tinha 7 anos e 1 mês. O seu agregado familiar é constituído pela mãe, pai e uma irmã mais velha.

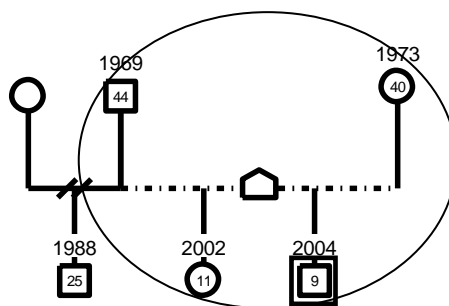


Figura 64:

Caso 9 – Genograma

Motivo da primeira consulta: Era acompanhado em Pedopsiquiatria, noutra local, desde 2010, por quadro de depressão infantil.

Dados relevantes da entrevista livre com os pais, na primeira consulta: Era muito agitado e agressivo, inclusive com a mãe, quando não lhe fazia as vontades, mas quando acalmava ficava triste e pedia desculpa. Também era agressivo na escola, havendo 2-3 queixas por semana. Para acalmá-lo era necessário contê-lo, abraçando-o. Passava a semana com os avós. Tudo começou

quando entrou para o infantário, aos 4 anos e piorou aos 5 anos, depois da morte do avô. Era uma criança muito autónoma. Perante os comportamentos do “Bernardo”, o pai por vezes, fechava-o no carro ou no quarto ou agarrava-o, mas também já lhe bateu violentamente. A mãe, por vezes chorava. Havia assim, uma inconsistência marcada nas atitudes parentais.

• **Anamnese:**

Antecedentes familiares: A mãe tem 40 anos, o 12º ano de escolaridade e curso técnica de secretariado. Actualmente, está desempregada. O pai tem 44 anos, o 6º ano de escolaridade e trabalha como serralheiro-mecânico, por turnos, numa fábrica. Tem um filho de 25 anos, com a ex-mulher, desconhecendo o seu paradeiro. Os pais têm uma relação conjugal, por vezes conflituosa. A mãe, no início do casamento era agredida, sendo que o “Bernardo” presenciou algumas agressões. A irmã tem 11 anos e frequenta o 6º ano de escolaridade, com bom aproveitamento. Foi acompanhada em Terapia da Fala durante dois anos e em Psicologia até aos 8 anos, por labilidade emocional.

Antecedentes pessoais: Segunda gravidez de uma fratria de dois irmãos. Parto eutócito, de 39 semanas. No período pós-parto, foi um bebé calmo. Foi amamentado durante 6 meses. Aos 7 meses, esteve internado durante 9 dias por Otite e Bronquiolite. Aos 3 anos, surgiram algumas dificuldades em adormecer, pedindo para dormir na cama dos pais. Dorme sozinho desde os 5 anos. Até aos 3 anos e 6 meses esteve com a mãe, sendo que até de ingressar no JI, aos 3 anos e 11 meses alternava entre a casa da mãe e a casa da avó. No JI, teve dificuldades de adaptação, pois era agressivo para com os colegas. Aos 5 anos, entrou para o 1º ano. Actualmente, frequenta o 3º ano de escolaridade, pela segunda vez.

• **Acompanhamento:** É acompanhado em Pedopsiquiatria, com periodicidade quinzenal. Já foi acompanhado em Psicologia. Actualmente beneficia de apoio escolar em educação especial (com PEI), Hipoterapia, Psicomotricidade e Terapia da fala. A hipótese diagnóstica, segundo o DSM-IV (Associação Americana de Psiquiatria) é no Eixo I: Perturbação de oposição, perturbação da ansiedade de separação, perturbação da regulação dos impulsos, perturbação da relação pais-filho; Eixo II: -; Eixo III: em estudo genético; Eixo IV: Patologia psiquiátrica pai; desemprego mãe; luto; Eixo V: AGF: 10. Encontra-se medicado com Largactil, Akineton, Paliperidona, Clonidina e Topiramato.

Avaliações complementares de diagnóstico: Aos 8 anos, foi avaliado em Psicologia, concluindo-se que tinha um nível cognitivo, ligeiramente acima do esperado para a sua faixa

etária. Apresentava dificuldades de atenção e concentração e em cumprir regras, bem como uma linguagem imatura. O seu nível de grafismo, também era imaturo para a sua idade. Na prova projectiva, C.A.T., o pai surgiu como ameaçador e a mãe como ausente e pouco contentora. Apresentava uma baixa auto-estima, tendo uma grande falha narcísica.

Na escola, no 3º ano, apresentava um ritmo de trabalho lento, pouca organização, pouco empenho e autonomia. Desrespeitava as regras em grupo e quando sentia dificuldade, rejeitava as tarefas. Tinha grandes oscilações de humor, dizendo à Professora que não queria a sua ajuda, ameaçava-a e de seguida, pedia-lhe desculpa, dizendo: *“Desculpa Professora, não sou capaz de controlar-me, desculpa...ainda falta muito para tocar e eu não vou fazer nada, eu não gosto disto.”*

Resumo dos aspectos clínicos relevantes: Aos 4 anos, começou a ser seguido em Psicologia, a pedido da mãe, por alterações do comportamento, oscilações de humor, indiferença perante a tristeza causada, enurese e encoprese. Entrou no JI, houve mudança de residência, com permanência em casa dos avós. O avô materno faleceu, foi ao funeral, viu o avô morto e falava muito nele. Agrediu o pai. Aos 5 anos foi enviado para acompanhamento pedopsiquiátrico no outro local, onde era seguido anteriormente. Dizia que se queria matar e que ia fugir para casa dos avós. Quando não o deixavam fazer o que queria, mordida-se e batia-se. Havia uma grande rivalidade entre irmãos e a irmã tinha medo dele.

Aos 6 anos, no 1º ano, teve uma adaptação difícil, irritando-se facilmente e auto-agredia-se. Os pais, interrompiam constantemente a medicação. Dizia que não gostava da mãe, do pai e do avô, sendo agressivo com a família. Com 7 anos, tinha a sensação que os colegas estavam contra ele e dizia que os matava. Os pais sentiam vergonha dele. A mãe pediu para ele ser internado, pois ameaçou um colega com uma faca. Teve um episódio disruptivo em consulta, aparentemente sem desencadeante, tendo sido agressivo com a Pedopsiquiatra. Em consulta disse: *“A última vez que estive em casa do avô disse que não gostava do avô, que gostava da avó, por isso deve ter morrido”*, sentindo-se assim culpabilizado pela morte do avô.

Aos 8 anos, surgem novamente episódios de enurese e encoprese diurnos. Dizia que o pai gostava mais da irmã e da mãe do que dele e ameaçou a irmã com uma faca. Disse que não gostava dos pais e da irmã, porque não se entendiam e ficavam zangados com ele. Durante as consultas, agrediu várias vezes os técnicos. Esteve internado durante 20 dias, melhorando na tolerância à frustração, no contacto e no humor. A mãe iniciou tratamento para a depressão. Na escola, houve vários episódios de auto e hétero-agressividade para com os colegas e professores e com a mãe, sendo levado para as urgências e referenciado à CPCJ. Perguntava se podia morrer se

se enerva-se e falava muito na morte. Quando o “Bernardo” se enervava a irmã dizia-lhe que se ele se zanga-se a mãe enervava-se e podia morrer. Não transitou de ano, tendo reagido com tristeza, havendo um aumento das crises de agressividade. A mãe estava muito preocupada com a caligrafia do “Bernardo”.

Desenhos anteriores: No processo do “Bernardo” constavam dois desenhos. Dado que não presenciei a execução destes desenhos, a interpretação que me é possível fazer é apenas em termos gráficos. Com 7 anos, fez um desenho que disse ser a “*casa onde moram os pais, que ainda não têm filhos.*” As paredes desta casa, são transparentes, vendo-se o interior da casa, como é comum as crianças psicóticas desenharem (Campos, 2003). Segundo Di Leo (1987), a casa tem um simbolismo feminino. Dado que está apenas preenchida com móveis, objectos funcionais, com pouca vida, pode significar que sente a sua figura materna como muito funcional e pouco contentora.



Figura 65:

Caso 9 – DL que constava no processo

Com 8 anos, faz um DF, em que parece representar duas figuras do sexo masculino e uma figura do sexo feminino, havendo assim uma diferenciação entre os sexos (Corman, 1967). Os olhos das personagens do sexo masculino surgem sem íris, com um olhar vazio. As personagens têm um ar assustador, pelo olhar e pela boca, pois parecem estar a gritar.

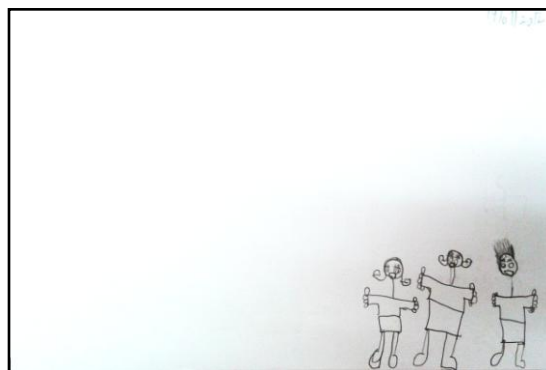


Figura 66:

Caso 9 – DL que constava no processo

2. Participação no Estudo:

- **Resumo das sessões:** Veio acompanhado pelos pais. Num primeiro contacto, esconde-se atrás da mãe, dizendo que não quer vir, mas depois acaba por ceder. Inicialmente, foi difícil envolvê-lo na relação. Com o “Bernardo”, por vezes senti-me ansiosa, por vezes receosa da sua reacção, mas com uma grande vontade de chegar até ele, talvez por ser uma criança bastante carente, que está em sofrimento. Na última sessão, quando me despedi dele, senti que ficou zangado comigo.

- **Entrevista com os pais:** Os pais aparentam ser de baixo estatuto sócio-económico, pouco escolarizados e nota-se um certo atrito entre o casal. Transmitem que estão num grande

sofrimento, por causa do filho, sem saber o que fazer mais, principalmente a mãe. Por vezes, adoptam uma atitude defensiva. A mãe tem um olhar evitante e aparenta ter um défice de atenção. O pai tem um humor depressivo. Empatizei com o sofrimento dos pais, causando-me alguma tristeza. A mãe referiu que o “Bernardo” aos 4 anos, começou a ter comportamentos que não eram normais, agredia-se e piorou após o falecimento do avô, de quem era muito próximo. Referiram que na escola, é agressivo com os colegas e não tem amigos, o que os preocupa. A irmã antes brincava com ele, mas agora está a ficar crescida e já não quer. Contam que a irmã teve que ir uns tempos para casa dos avós, *“para ver se fica melhor e a ver se já vem com mais paciência. Está a ser muito complicado para nós porque agora em vez de termos um problema temos dois e antes tínhamos só um.”* (sic pai) Consideram que ao longo dos anos, houve algumas melhorias, principalmente desde que o “Bernardo” mudou de escola, apesar de não ir todos os dias. O pai referiu que *“tem dias em que parece que aguenta tudo e outros em que parece que não aguenta nada.”*

• **Observação da criança:** Tem um desenvolvimento estato-ponderal, aparentemente, abaixo do esperado para a sua idade, com excesso de peso. Vem vestido de acordo com a idade, género e estação e tem alterações ao nível da visão, utilizando óculos. Apresenta um fácies fechado, que demonstra zanga, mas por outro lado, um ar dócil e frágil. Tem oscilações de humor repentinas, demonstrando zanga num momento e no outro momento ri à gargalhada. O seu discurso, surge por vezes, confuso, fantasiado e descontextualizado. É pobre e em algumas ocasiões inperceptível, tendo algumas dificuldades ao nível da dicção. No que diz respeito à motricidade, tem uma postura descontraída e gestos bruscos, tendo um contacto desajeitado.

Inicialmente, quando lhe peço o DL, não se mostra colaborante, dizendo que não gosta de desenhar, havendo uma oposição marcada. Tem um contacto visual evitante, coloca a cabeça sobre a mesa e rejeita várias vezes a tarefa, sendo necessário envolvê-lo positivamente na relação, num maior período de tempo, antes de realizar os desenhos. À medida que a sessão decorre está progressivamente mais disponível para a relação, mantém o contacto visual e colabora nas tarefas propostas, retirando prazer das mesmas. Contudo, necessita permanentemente do apoio do adulto, principalmente entre as tarefas, pois tem dificuldades ao nível da atenção e da concentração. No final das sessões, demonstra sinais de cansaço e alguma irritabilidade perante os pedidos. Contudo, acede a quase todos os pedidos que lhe são solicitados. Por vezes, dá respostas desafiantes, mas é uma criança curiosa.

• **Instrumentos aplicados:**

Desenhos: De acordo com Luquet (1987), os desenhos do “Bernardo” encontra-se na fase do “Realismo intelectual”, pois desenha com recurso a transparências, prevalecendo a subjectividade e as suas figuras humanas são ainda representadas de forma imatura. As linhas, surgem quebradas, o que indicia a insegurança do “Bernardo” (Di Leo, 1987). O traço é forte, o que pode significar fortes impulsos (Corman, 1967). Em todos os desenhos, os elementos surgem apoiados na margem inferior da página, o que revela falta de suporte (Campos, 2003). Recorre à cor, mas quando desenha figuras humanas, desenha-as apenas a carvão, demonstrando assim o pouco colorido das suas relações. As figuras humanas desenhadas, são menos evoluída do que as que se encontram no DF, que realizou com 8 anos, que constava no processo, podendo tratar-se de uma regressão ao nível do grafismo ou de um menor investimento.

Interpretação do DL: Numa impressão geral, é um desenho desagradável, pelas cores que utiliza indicarem tristeza. No que diz respeito às características formais e estilísticas, o desenho não aparenta ter sido planeado (Di Leo, 1967). Ocupa a parte inferior da folha, o que pode indicar insegurança e apego ao concreto (Campos, 2003).

Inicialmente, não acede ao meu pedido, sendo que tenho que recorrer ao Squiggle de Winnicott, para que comece a desenhar. Desenha um dinossauro, tapando-o com a mão, revelando alguma insegurança (Di Leo, 1987). Este dinossauro, é uma imitação do que desenhei anteriormente, demonstrando-se assim disponível para a relação. De seguida, desenha um rectângulo, colocando o seu nome lá dentro, como se houvesse uma necessidade de se conter dentro daquele espaço, para que os limites entre si e o meio estejam definidos.

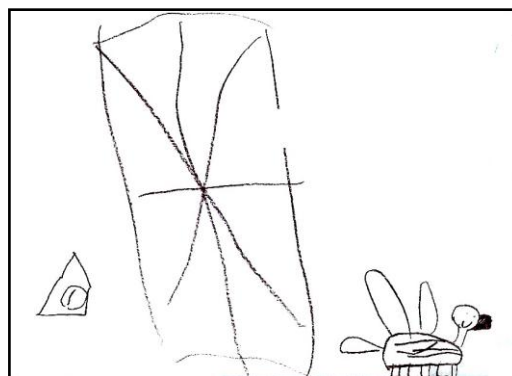


Figura 67:

Caso 9 – DL (primeira parte)

De seguida, vira a folha e diz que não posso olhar, sendo que quando mo permite, vejo que nos desenhou e escreveu: “Bernardo e a Ana”, levanta-se e vagueia pela sala com um ar tímido. Volta a sentar-se e desenha uma espada na sua mão e um escudo e depois acrescenta-me, também com um escudo e uma flecha e diz a rir-se: “Tu foste atingida

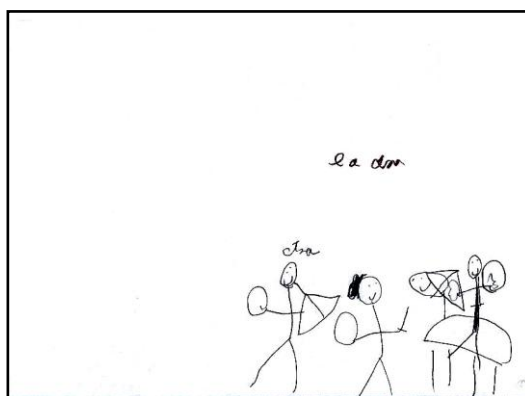


Figura 68:

Caso 9 – DL (segunda parte)

por uma flecha, pelos maus... Tens uma flecha para os maus e um escudo...” Desenha o mau em cima de um burro, com um escudo e uma flecha. Quando lhe peço para contar uma história, recusa-se. Desta forma, desenha-nos assim aos dois, aliados, unidos, numa luta contra os “maus”, que nos querem atacar. Deposita assim neste desenho, a esperança de que nós os dois, em conjunto, consigamos vencer os maus, os monstros, que habitam na sua mente. Neste desenho, surge uma clivagem, entre os bons e os maus, como mecanismo de defesa contra um exterior ameaçador (Coelho, 1993).

Interpretação do DFH: Este desenho transmite uma impressão desagradável, pela debilidade da figura. Relativamente aos aspectos formais e estruturais, o desenho surge muito pouco investido e a figura surge de frente, expressando uma necessidade de contacto social (Machover, 1978).

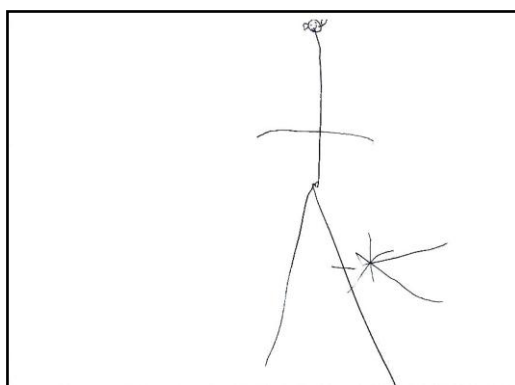


Figura 69:

Caso 9 – DFH

No que diz respeito ao conteúdo, o corpo surge em destaque, enquanto que a cabeça é renegada para segundo plano, o que se pode dever ao facto de se considerar pouco inteligente, pouco capacitado, representando a sua cabeça minimizada. A figura surge sem pés, que nos possibilitam o contacto com o chão, com a realidade e possibilitam a estabilidade corporal (Machover, 1978). Surge também sem mãos, que são a parte do corpo que estão em maior contacto com o outro (Machover, 1978). Desta forma, surge assim evidenciada a sua falta de suporte, de contenção e de contacto com a realidade.

Quando lhe peço para me contar uma história, diz: *“Não gosto de contar histórias...É o bom do Harry Potter, aquele que mata o mau, não sei o nome...”*. No inquérito, diz que tem 211 anos, que o seu maior desejo é ser burro e que se parece com um burro. Dado que dado que a FH, representa a expressão do “eu” no ambiente, podemos através deste desenho aceder à sua imagem corporal, como um reflexo de si mesmo (Machover, 1978). Projecta-se nesta figura, que tem “orelhas de burro”, tal como ele se sente por ter reprovado de ano, pois ao longo da sessão confessa-me que se acha burro, porque chumbou o ano, revelando-se assim uma criança insegura. Estas orelhas salientes, podem ser uma expressão de atitudes de desconfiança e de paranoia (Machover, 1978; Campos, 2003), pois na sua história clínica surgem atitudes de paranoia para com os colegas e familiares e na observação clínica, inicialmente, há uma desconfiança para comigo. Diz que os seus piores defeitos é fazer cocó nas cuecas, tal como ele fazia. Não é feliz, tal como ele, que é uma criança notoriamente revoltada. Diz que não tem amigos, que só tem um burro,

identificando-se assim com o mau que estava montado no burro, no DL, pois por vezes, é assim que se sente... mau. Contudo, desenha uma personagem boa, com poderes mágicos, revelando alguma onnipotência. Há assim uma idealização presente no desenho, ao serviço da integração, havendo uma exaltação do poder mágico defensivo onnipotente, perante um exterior ameaçador (Coelho, 1993).

Segundo Goodenough (1965), esta FH pertence à classe B, pois existe uma tentativa clara de representar a figura humana. Através do somatório dos diversos itens, obteve-se uma pontuação total de 12 pontos, o que corresponde a uma idade mental de 6 anos (através da consulta da tabela de aferição de Goodenough (1965)). Obteve-se assim um QI de 68, considerado “Muito inferior” para a sua faixa etária. De acordo com a sua idade cronológica, seria esperado que a FH surgisse mais evoluída e tivesse mais em consideração as proporções.

Interpretação – A-R: Comparativamente ao DFH, o A-R surge mais investido. A impressão geral que o desenho transmite é desagradável, pela agressividade expressa nas varreduras simples vermelhas, azuis e cinza que ocupam toda a folha. Estas varreduras, são próprias no desenho de idades mais precoces, evidenciando uma intensidade pulsional mal modulada (Decobert & Sacco, 2000). Esta justaposição de cores, de modo confuso, pode evidenciar a sua desorganização psíquica (Campos, 2003).

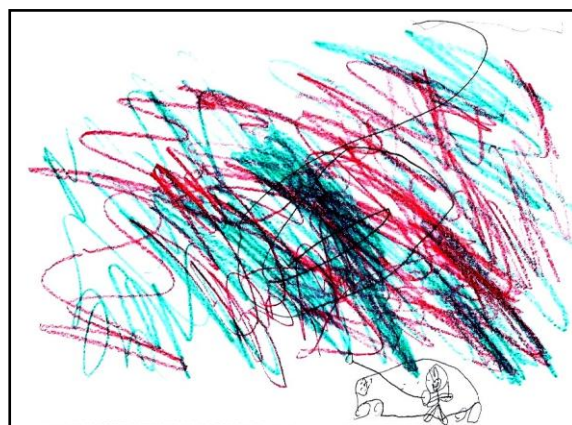


Figura 70:

Caso 9 – A-R

Apesar de o desenho ocupar toda a folha, representa-se bastante pequeno, à margem da página, desvalorizando-se (Corman, 1967) e indiciando assim a sua insegurança (Di Leo, 1987). Como se a ansiedade causada por este exterior ameaçador, fosse sufocante e o minimiza-se. Ao contrário do DFH, onde desenha uma personagem enorme, que ocupa toda a folha, que revela confiança, numa tentativa de se narcisar (Di Leo, 1987).

Desenha-se novamente com orelhas de burro, demonstrando assim a sua fragilidade narcísica. Estas orelhas pontiagudas, podem indicar um complexo de inferioridade (Campos, 2003). Volta a desenhar-se sem pés e sem mãos, tal como sucede no DFH. Reveste-se com uma armadura, de forma compensatória, para conter e delinear os limites entre o mundo interno e o mundo externo, que são ténues (Machover, 1978). Desenha-se com uma espada e um escudo, para se defender contra os vilões, contra o exterior ameaçador, evocando novamente a temática

dos bons contra os maus, recorrendo mais uma vez, à clivagem como mecanismo de defesa (Coelho, 1993). Diz que está dentro do carro, com uma mangueira, que deita água, a apagar o fogo, um grande fogo com fumo. Refere que: “O carro tem quatro botões para carregar: um para deitar água, um para parar, outro para limpar, outro para comer.” Através deste desenho, expressa assim a sua vontade de controlar o mundo que o rodeia, sentido como ameaçador, pois trata-se de um grande fogo, revelando também alguma onipotência. Esta onipotência, trata-se de uma atitude compensatória, de preenchimento da sua falha narcísica.

Interpretação – DFI: Ao nível gráfico, o “Bernardo” ocupa uma pequena parte da folha (Corman, 1967). No que diz respeito às estruturas formais, trata-se de um desenho marcado pelo racional, pois há uma reprodução estereotipada das figuras, que se encontram isoladas entre si (Corman, 1967), revelando a sua insegurança (Di Leo, 1987). Ao nível do conteúdo do desenho, perante o pedido de desenhar uma família, desenha uma família imaginária, “o gigante e a gigante...é uma família de gigantes”. Assim, a subjectividade prevalece sobre a objectividade, desenhando personagens figuradas que não possuem nenhuma realidade objectiva (Corman, 1967). O princípio do prazer-desprazer sobrepõe-se ao princípio da realidade, tentando retirar o máximo de prazer e o mínimo possível de desprazer ao desenhar (Corman, 1967).

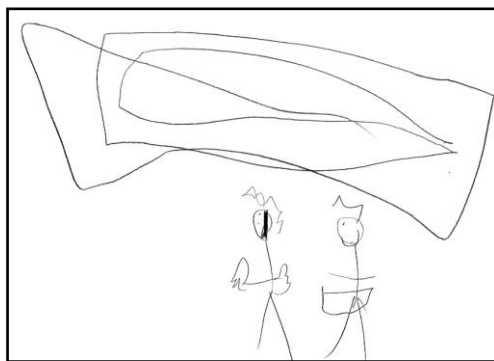


Figura 9:

Caso 9 - DFI

Relativamente a estas figuras, surgem expressas tendências afectivas negativas. Apesar da figura feminina ser desenhada em primeiro lugar e de surgir um pouco mais investida, vestida com uma saia e de no inquérito, dizer que é a mais feliz, se houvesse um passeio de mota, diz que a gigante ficava em casa, “porque a gigante é parva, só gosta de ficar em casa.” No que diz respeito à figura masculina, desenha-o em último e apesar de o colocar numa posição central, de lhe acrescentar as mãos e de no inquérito, seleccionar esta personagem, como a que gosta mais, também o declara como sendo o mais aborrecido e a sua boca surge rasurada. Este sombreamento na boca, pode significar que a imagem masculina, lhe causa ansiedade (Di Leo, 1987).

Estes gigantes, podem representar assim as suas figuras parentais. No inquérito, refere que estas personagens estão no espaço, estão distantes de si, sentindo-as como pouco presentes. Quando lhe pergunto quem gostaria de ser, diz-me que nenhum, “porque são burros e estúpidos”, não se identificando com a figura masculina, nem com a figura feminina. Quando pergunto qual deles

não foi bom, responde que os dois. À pergunta: “*Supõe que fazes parte desta família, ao pé de quem gostarias de estar?*” responde que, de ninguém. No final do inquérito, vira a folha e diz: “*Vou desenhar outra vez!*” Desenha um corpo e diz que já não lhe apetece, revelando assim a sua insegurança, pelo cancelamento da personagem (Di Leo, 1987). Desta forma, surgem expressos sentimentos de desconsideração pelas suas figuras parentais, não sendo considerando como figuras de referência (Corman, 1967). O facto de as personagens não se tocarem, pode revelar a distância e a pouca afectividade existente entre os membros da família (Corman, 1967).

Comparativamente à sua família real, não se desenha a si nem à sua irmã. Há assim uma extrema desvalorização de si próprio, por não se sentir apreciado no seu meio familiar (Di Leo, 1987). Há também uma negação de existência da sua rival, um elemento que lhe causa angústia, suprimindo-a do desenho (Corman, 1967). A representação do casal, sem crianças, consiste numa forma extrema de eliminação dos rivais, pois se estes pais não tivessem tido filhos não existiria rivalidade fraterna (Corman, 1967). Isto, também se pode observar no desenho da casa que realizou com 7 anos, que constava no processo, desenhando uma casa em que os pais ainda não tinham filhos, surgindo assim uma temática recorrente.

Dado que desenhou a família imaginária, perante o pedido do DF real, risca vigorosamente a parte de cima do seu desenho, com uma enorme zanga. Segundo Di Leo (1987), quando uma criança se nega a desenhar a família, significa que tem uma imagem negativa da mesma. Assim, a sua família real causa-lhe alguma angústia.

De forma a atestar a validade deste desenho, há que ter em consideração o método das convergências de indícios, tendo em consideração as convergências intratestes e as extratestes (Corman, 1987). Relativamente às convergências intratestes, é possível observar que os elementos convergem. A figura masculina é desenhada em último e no inquérito surge desvalorizado. Apesar da figura feminina ser desenhada em primeiro lugar, não tem mãos, ao contrário da figura masculina e no inquérito, surge desvalorizada.

As convergências extratestes, são as que obtemos noutros testes de personalidade (Corman, 1987). Em todos os desenhos há uma desvalorização de si próprio. A observação clínica, também vai no sentido de o “Bernardo” ser uma criança insegura, com uma grande falha narcísica. Os resultados obtidos no RCH, também apontam neste sentido sendo que o “Bernardo” tem representação de si incerta, frágil e incompleta, face o meio. Relativamente à imago paterna, também no RCH, esta surge como ameaçadora e por outro lado passiva, o que o leva a desvalorizá-lo e ao mesmo tempo, a fazer pequenos investimentos nesta figura. A sua

imago materna no RCH, surge como amigável e por outro lado ameaçadora, o que leva a que haja um desinvestimento na mesma, mas ao mesmo tempo alguma valorização. Também no RCH, as suas figuras parentais são sentidas como pouco contentoras, pouco disponíveis emocionalmente, não sendo para si consideradas como figuras de referência. Outro facto que vai ao encontro disto é que perante o pedido do DFR, recusa-se e exprime zanga, riscando a parte superior da folha. Na sua história clínica, também surgem as questões da rivalidade fraterna, bem como em desenhos realizados anteriormente.

RCH:

Protocolo:

Tempo de início da prova: 10h 17 min

Resposta	Inquérito	Cotação
<p>I Λ 7” 1- “Uma coisa do carro... da frente... não sei.” 30”</p>	<p>“A parte da frente...da marca do carro...porque tem aqui os buraquinhos! (Dbl) <i>Vejo nisto tudo (G)...</i>”</p>	<p>1- G bl F\pm Obj.</p>
<p>II Λ “Não sei...(sorri)... 11” 2- só por estas coisas, cornos... não sei. Cornos diabo, mais nada.” 44”</p>	<p>“Aqui no vermelho...porque são! Parecem e são...mas não é cornos verdadeiros...é só papel!” (Agarra no cartão, vira-o (V), volta a virá-lo (Λ) e pausa-o) “Aqui tão duas pessoas a dar mais cinco à amigo, porque têm assim as mãos” (CF) R.A. “Duas pessoas”: G K H</p>	<p>2- D CF (Hd) → Clob</p>
<p>III Λ 12” 3 - “Parece um laço, um laço...só um laço... 4 - e aqui só sangue em cima...mais nada! Já</p>	<p>“Aqui o laço (D verm. central)...e aqui é sangue em cima (D verm. sup. Lat.). Porque é a forma de laço. Porque é vermelho de sangue mas não é.”</p>	<p>3- D F+ Vest. 4- D C Sg</p>

<p><i>sei, isto aqui é o f...não sei.</i>" (abana-se com o cartão) 40"</p>	<p>I.L. (?) "<i>Sim parece</i>"</p>	
<p>IV "<i>Ainda falta muito?</i>" Λ 10" 5- "<i>Parece uns pés...e mais nada!</i>" (suspira) 20"</p>	<p>"<i>Aqui do lado (D lat. inf.) e aqui são as mãos (D lat. inf.)...é um homem...nisto tudo (G).</i>" R.A. – "<i>Homem</i>": G F+ H</p>	<p>5- Do F+ Hd</p>
<p>V Λ 2" 6 - "<i>Um mocho...</i>" 10"</p>	<p>"<i>Porque tem asas e coisas (aponta para as antenas) (D. sup) e não sei mais nada...vejo nisto tudo (G).</i>" I.L. (?) "<i>Um morcego (G)...porque tem patas (D inf. central) e tem asas (D lat.)</i>"</p>	<p>6- G F+ A Ban</p>
<p>VI Λ (Olha para a prancha, vira ao contrário (V), vira de lado (<) e volta a virá-la para a posição inicial (Λ)) 24" 7 - "<i>Já sei o que parece! Um animal...um animal em tapete...um tigre em tapete (G).</i>" 50"</p>	<p>"<i>Bigodes em cima (Dd sup)...a cara (D sup)...o corpo (D central) e aqui as patinhas (D lat.)</i>"</p>	<p>7- G F+ A Ban</p>
<p>VII Λ 15" 8 - "<i>É bué fácil...duas meninas...com uma coisa na cabeça e estão a fazer assim com a barriga...assim....</i>" (Levanta-se e mexe a barriga como se estivesse a dançar)</p>	<p>"<i>Vejo em tudo (G). Porque tem aqui o nariz (Dd lat sup), a cara (D lat. sup.), os olhos (Dd lat. sup.) e o cabelo (Dbl) e a barriga (D lat. inf.)...e falta as pernas. Abhh...isto é as mãos (D lat.)</i>"</p>	<p>8- G bl Kp Hd</p>

1'15"		
<p>VIII</p> <p>Λ</p> <p><i>"Hmmm...o que é que parece isto...abbbb (abre a boca em tom de admiração)... já sei o que isto parece..."</i></p> <p>25"</p> <p>9 - dois animais...lagartos ou tigres.</p> <p>10 - Dinossauro...esqueleto do dinossauro...trinossauros...Parece a minha mãe e o meu pai."</p> <p>1'15"</p>	<p><i>"Lagartos ou tigres (rosa)...porque não sei. O esqueleto de dinossauro porque tem aqui a cabeça (verde escuro) e aqui a coluna no meio (D central)."</i></p>	<p>9- D F+ A Ban</p> <p>10- D F- Anat.</p>
<p>IX</p> <p>Λ</p> <p><i>"Esse não sei...este é qual... (vira a prancha (V))...é o penúltimo porque está aqui X9...X-1 = 9."</i></p> <p>37"</p>	<p><i>"Não consigo ver nada..."</i></p>	<p>Recusa</p>
<p>X</p> <p>Λ (olha atentamente)</p> <p>22"</p> <p>11 - <i>"Só sei uma coisa...um alicate"</i></p> <p>12 - <i>e um dinossauro de esqueleto...</i></p> <p>13 - <i>abbb....e tão aqui foguetes...não tá aqui nada."</i></p> <p>1'</p>	<p>Alicate: <i>"Alicate porque faz assim..."</i> (faz movimento de abrir e fechar com as mãos) (D verde inf.)</p> <p>Esqueleto de dinossauro: <i>"Esqueleto do dinossauro...de um carnívoro (D central)...porque tem aqui a cabeça..."</i> (D cinz. sup.)</p> <p>Foguetes: <i>"Foguetes no azul...porque parecem..."</i> (D azul lat. sup.)</p>	<p>11- D F+ Obj.</p> <p>12- D F- Anat.</p> <p>13- D Kob Fog. → C</p>

Tempo final: 10h 43 min

Prova das escolhas:

+ : Cartão I – “Porque é uma coisa do carro.”; Cartão IV – “Tenho uma ideia para este...é um crocodilo (G)...aqui os olhinhos (Dd inf. central)...o corpo (D central)...as patas da frente (D lat. inf.) e de trás (D lat. sup.)” R.A. “Crocodilo”: G F- A

- : Cartão IX e Cartão X – “Porque são horrorosamente feios.”

Psicograma:

<p>R = 13 ↓↓ Recusa = 1 T.T. = 7'58" Tp/R = 34" Tp Lat. Med. = 14"</p> <p>Sucessão: Incoerente T. Apreensão: <u>G</u> D</p> <p>TRI: 0K= 1,5C (Extroversivo puro) F.C.: 2k= 0E RC% = 38% ~ I.A. = 23%</p> <p>Prova Escolha: +: I; IV -: IX; X</p>	<p>G = 2 (31%) G bl = 2 D = 8 (62%) Do = 1 (7%)</p>	<p>∑F = 9 F+ = 6 F+- = 1 F- = 2</p> <p>kp = 1 kob = 1</p> <p>FC = 1 C = 1</p> <p>Clob = 1 C = 1</p>	<p>Hd = 2 (H) = 1 A = 3</p> <p>Obj = 2 Vest = 1 Foguet = 1 Anat = 2 Sg = 1</p>	<p>F% = 69% ~ F+% = 50% ↓↓ Fa% = 77% F+%a = 75% H% = 15% ~ A% = 23% ↓ Ban = 3↓</p>
---	--	---	--	--

Interpretação: Perante a proposta do RCH mostrou-se colaborante e entusiasmado. Durante a aplicação, senti-me inquieta. Relativamente ao seu discurso, dá respostas elaboradas.

Os modos de apreensão, por vezes, surgem mal delimitados. Relativamente aos determinantes, não é frequente uma preocupação em delimitar o percepto. Ao nível dos conteúdos, não há uma tendência para se basear num eixo estruturante. Desta forma, o

“Bernardo”, apresenta um esquema corporal pouco diferenciado, entre o mundo interno e o mundo externo.

Ao longo de todo o protocolo, os limites das imagens são ténues e móveis, como a resposta sangue, no cartão III. Existem apenas duas representações humanas inteiras em resposta adicional, uma delas construída por ponto, sendo que as outras se tratam de representações parcelares e anatómicas. Há uma procura activa de unificação dos vários elementos e uma sensibilidade para o que não está acabado, revelando assim dificuldade na integração das imagens. No cartão I, dá a imagem de um símbolo de um carro com buracos. Desta forma, tem uma representação de si incerta, frágil e incompleta, perante o meio. Revela assim dificuldades importante no acesso à sua identidade, sendo que ocorreu uma falha na estruturação da relação de objecto. As suas imagens parentais não são sentidas como objectos diferentes de si, mas sim como parte de si.

Relativamente à imago paterna, no cartão IV, que segundo a literatura é o cartão que mais fortemente a evoca (Traubenberg & Boizou, 1999), dá a imagem de uns pés e posteriormente no inquérito, acaba por construir a resposta ponto por ponto, dando um homem. Na Prova das Escolhas, selecciona este cartão como um dos seus preferidos e dá outra resposta, dizendo que é um crocodilo, um animal ameaçador. A partir desta prancha, há uma mudança de atitude e começa a demonstrar impaciência, sendo notório que a mesma lhe causa angústia. Desta forma, a sua imago paterna é sentida como ameaçadora, forte.

No que diz respeito à imago materna, no cartão VII, que a solicita mais fortemente (Traubenberg & Boizou, 1999), dá uma imagem de duas meninas que dançam, que estão em relação. No cartão II, no inquérito diz que são duas pessoas, colocando-as numa relação de amizade, mas primeiramente diz que são cornos, elementos ameaçadores. No cartão IX, em que há uma solicitação à regressão, havendo um simbolismo maternal pré-genital (Traubenberg & Boizou, 1999), há uma recusa, ficando notoriamente inquieto. Aqui, não consegue ver nada, porque também não foi visto pela sua mãe. Desta forma, a sua imago materna, é sentida como amigável, mas por outro lado ameaçadora, causando-lhe alguma angústia e pouco contentora, pouco disponível para si emocionalmente. No cartão VIII, diz: “*Dinossauro...esqueleto do dinossauro...trinossauros...Parece a minha mãe e o meu pai.*” Desta forma, as suas imagens parentais, são sentidas como ameaçadoras (dinossauro) e ao mesmo tempo passivas (esqueleto do dinossauro).

Em suma, através da análise do protocolo RCH e do psicograma, o “Bernardo” é uma criança com pouca diferenciação entre o mundo interno e o externo. Desta forma, revela

dificuldades importantes no acesso à sua identidade. Tem uma representação de si incerta, frágil e incompleta, face o meio. As suas ímagos parentais não foram interiorizadas como objectos diferentes de si, mas sim como partes suas. As ímagos parentais são ambas sentidas como ameaçadoras e por outro lado, passivas. A ímago paterna é também sentida como forte enquanto que, a ímago materna como amigável e pouco disponível para si emocionalmente. Desta forma, as suas figuras parentais não são para si consideradas como figuras de referência, sentindo-as como pouco contentoras. Face a situações mais complexas, desorganiza-se com maior facilidade, surgindo uma angústia de fragmentação mais acentuada. Estas conclusões, vão ao encontro da sua história clínica, da observação e dos desenhos.

ANEXO B

(Carta para a Comissão Institucional de Ética)

INFORMAÇÃO PARA A COMISSÃO INSTITUCIONAL DE ÉTICA

Excelentíssimos representantes que integram a Comissão Institucional de Ética:

Eu, Ana Margarida Santos, aluna do Mestrado Integrado em Psicologia – Área de Clínica, no ISPA- Instituto Universitário, venho por este meio solicitar a autorização da Comissão de Ética deste Hospital, para a realização de um estudo. Este, surge no âmbito da minha Dissertação de Mestrado e intitula-se por: “A representação da família através do desenho na Psicose infantil” (título provisório), estando sob a orientação do Professor Doutor Emílio Salgueiro.

• **Objectivo:** Proponho-me a realizar um estudo em que através do desenho, pretendo tentar compreender como a criança com diagnóstico psicodinâmico de Psicose vê e sente a sua família, que tem um papel tão preponderante na sua vida. Espera-se encontrar traços comuns nos desenhos, que nos permitirão conhecer um pouco mais acerca do funcionamento mental destas crianças.

• **Pertinência:** Segundo Marretto e Moya (2008), o tratamento de crianças psicóticas é bastante complexo e nos dias de hoje, ainda pouco estudado. Desta forma, um estudo que nos permita conhecer um pouco mais acerca do funcionamento mental destas crianças, abordando as questões familiares, pode-nos ajudar a melhor compreender e ajudar estas crianças, bem como as suas famílias. Os traços comuns encontrados, podem também, no futuro, auxiliar os técnicos no diagnóstico de psicose infantil. Apenas produzindo mais investigação acerca do funcionamento mental destas crianças e dando pequenas contribuições para auxiliar no diagnóstico destes casos, se pode futuramente delinear novas e melhores formas de intervenção.

• **Problema:** Como é que as crianças com psicose representam a sua família no desenho? Quais são os traços comuns que se podem encontrar no desenho de uma criança com psicose?

• **Hipóteses:** Se a criança tiver diagnóstico de psicose, surgirão traços comuns nos desenhos, próprios do diagnóstico em questão, como por exemplo, os elementos surgirão fragmentados, as cores aparecerão desorganizadas, justapostas. Mais concretamente, no DF surgirá uma relação arcaica com a mãe literalmente representada, tal como refere a literatura.

Se a criança não tiver qualquer diagnóstico, ou seja, se pertencer ao grupo de controlo (para efeitos comparativos), como adiante, no Procedimento se esclarecerá, os elementos

representados no desenho surgirão de uma forma harmoniosa, mais concretamente, no DF, esta aparecerá representada de uma forma convencional.

- **Variáveis e a sua operacionalização:** A variável independente em estudo é a criança ter diagnóstico de psicose ou não ter qualquer diagnóstico, sendo que a operacionalização desta variável será feita através da consulta do processo e através da aplicação do Teste RCH. A variável dependente, ou seja, o que irá variar consoante a criança tenha ou não psicose é a forma como a família surge representada, que se irá operacionalizar através da aplicação do DF. Outra variável dependente são os traços comuns que surgem representados no desenho da criança com psicose, que será operacionalizada através da aplicação de todos os desenhos.

- **Delineamento:** Idealmente, tratar-se-á de um estudo comparativo, em que serão criados dois grupos, um grupo quase-experimental (crianças com diagnóstico de Psicose) e um grupo de controlo (crianças sem diagnóstico), de forma, a que se possam comparar os desenhos dos dois grupos e assim tirar conclusões mais fidedignas. Ao grupo quase-experimental, pertencerão as crianças com diagnóstico de psicose infantil que são actualmente acompanhadas neste Hospital. Ao grupo de controlo, pertencerão crianças que frequentem o ensino primário e básico de uma escola da rede pública, da região de Lisboa. Contudo, a criação destes dois grupos, dependerá do número de casos que estejam acessíveis à investigação.

- **Participantes:** Casos com diagnóstico psicodinâmico de Psicose, entre os 6 e os 12 anos de idade (aproximadamente), que são actualmente seguidos neste Hospital. A partir dos 6 anos de idade, há um maior controlo do traço e surge uma intencionalidade mais complexa no que é desenhado. Espera-se ter acesso a uma amostra de 10 casos (aproximadamente).

- **Instrumentos:** Neste estudo, pretende-se utilizar os seguintes instrumentos: Desenho da família (Corman, 1967); Desenho livre; Desenho da figura humana (Machover, 1978; Goodenough, 1965); Auto-Retrato; e Teste projectivo – Rorschach (Rorschach, 1999). Os desenhos irão ajudar-me a compreender melhor a criança e irão permitir também perceber os indicadores gráficos próprios na psicose infantil (e.g. fragmentação). Mais concretamente, o Desenho da Família, permitirá compreender melhor como a criança vê e sente a sua família. O teste projectivo Rorschach, permitir-me-á aceder ao funcionamento mental da criança, através dos mecanismos de defesa que utiliza e desta forma, também me permitirá conhecer melhor a criança. Na psicose infantil, o desenho e o Rorschach, assumem-se como os instrumentos mais adequados para acedermos ao mundo interno destas crianças.

• **Procedimento:** Após serem obtidas as devidas autorizações junto da Chefe de Equipa, do Director da Área de Pedopsiquiatria e a autorização da Comissão de Ética deste Hospital, será feita uma pesquisa juntos dos Pedopsiquiatras da equipa para seleccionar os casos que irão integrar a investigação. Numa consulta de seguimento, será entregue o consentimento informado aos responsáveis pelas crianças para participarem no estudo, sendo que a sua participação é voluntária e podem abandonar o estudo no decorrer do mesmo, se assim o entenderem.

Após a autorização, o processo do participante será consultado e no caso de as provas já terem sido todas aplicadas, são essas as utilizadas, não havendo necessidade de chamar a criança para nova recolha de dados. Os participantes em que ainda não tenham sido aplicadas provas, serão chamados ao local para que se possam aplicar. Se apenas parte das provas tiver sido aplicada, a criança será chamada para realizar apenas as que faltarem.

No caso de ainda não ter sido aplicada nenhuma das provas que serão utilizadas na investigação, primeiramente será pedido o desenho livre, de seguida o desenho da figura humana, depois o Auto-Retrato e por fim, o desenho da família. Posteriormente, será aplicado o teste Rorschach.

Dado que os instrumentos a aplicar não são técnicas invasivas e são utilizados desde há muitos anos na prática clínica, os participantes deste estudo não sofrerão qualquer dano físico, psicológico ou social. Os resultados obtidos da investigação serão revelados à comunidade científica, sem comprometer a privacidade dos participantes. Desta forma, garanto, o anonimato dos dados de todos os participantes que integrem o estudo.

Atenciosamente:

Ana Margarida Santos

(Aluna do 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia – ISPA-IU)

Referências Bibliográficas:

Corman, L. (1967). *O Teste do Desenho de Família*. Paris: PUF.

Goodenough, F. (1965). *Test de inteligência infantil*. Buenos Aires: Paidós.

Maretto, A. & Moya, C. (2008). O corpo para a criança psicótica: possibilidades de intervenção em terapia ocupacional. Consultado em 5 de Janeiro de 2013 através de http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2008/anais/arquivosINIC/INIC0304_01_O.pdf

Traubenberg, N. R. & Boizou, M. (1999). *O rorschach na clínica infantil*. Lisboa: CLIMEPSI.

ANEXO C

(Autorização da Comissão Institucional de Ética para a realização do estudo)

Comissão de Ética

O projecto de investigação sobre a representação de família através do desenho de crianças infantis tal como proposto não nos levante questões quer relativas, nem em relação aos utentes nem ao funcionamento de exercício

Distoc 19 de Abril 2013

ANEXO D

(Projecto do estudo entregue aos Pedopsiquiatras)

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Orientador: Professor Doutor Emílio Salgueiro

Aluna: Ana Margarida Santos

2012/2013

• **Tema:** A REPRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA ATRAVÉS DO DESENHO NA PSICOSE INFANTIL

• **Introdução:** Nos anos 80, houve uma revolução conceptual, sendo que o autismo, considerado como psicose infantil, passou a ser considerado como uma perturbação do desenvolvimento, sendo assim classificado e tendo os critérios diagnósticos no DSM-IV-TR e no ICD-10. Apesar desta tentativa que foi feita, de unificar o diagnóstico, ainda há uma divergência entre os autores das diferentes abordagens (Gadia, Tuchman & Rotta, 2004).

A psicose infantil, pode-se então definir como uma perturbação da personalidade, em que há uma desorganização do eu e da relação da criança com o meio ambiente (Ajuriaguerra & Marcelli, 1991). Segundo Widlocher (1978), tal como a psicose infantil, se traduz através da linguagem (mutismo, solilóquio, ecolália), também se traduz noutras formas de expressão, como o desenho. Neste, a criança com psicose exprime os seus fantasmas com uma facilidade surpreendente.

Para alguns autores, nos casos de psicose, o meio poderá ter um papel preponderante. Pensa-se que os conflitos na criança com psicose infantil estão intimamente ligados a uma relação muito arcaica com a mãe (que por vezes surge de forma literal representada no desenho), uma relação de dependência do bebé para com a mãe, em que o amor passa pela devoração do outro, pela sua absorção ou destruição. Estes conflitos suscitam uma angústia intensa, que vão ameaçar a integridade do indivíduo e suscitar uma angústia de fragmentação corporal. Desta forma, os pais desempenham um papel no conflito da criança (Widlocher, 1978).

• **Objectivo:** Proponho-me a realizar um estudo em que através do desenho, pretendo tentar compreender como a criança com diagnóstico de Psicose vê e sente a sua família, que tem um papel tão preponderante na sua vida. Espera-se encontrar traços comuns nos desenhos, que nos permitirão conhecer um pouco mais acerca do funcionamento mental destas crianças.

• **Pertinência:** Segundo Marretto e Moya (2008), o tratamento de crianças psicóticas é bastante complexo e nos dias de hoje, ainda pouco estudado. Desta forma, um estudo que nos permita

conhecer um pouco mais acerca do funcionamento mental destas crianças, abordando as questões familiares, pode-nos ajudar a melhor compreender e ajudar estas crianças, bem como as suas famílias. Os traços comuns encontrados, podem também, no futuro, auxiliar os técnicos no diagnóstico de psicose infantil. Apenas produzindo mais investigação acerca do funcionamento mental destas crianças e dando pequenas contribuições para auxiliar no diagnóstico destes casos, se pode futuramente delinear novas e melhores formas de intervenção.

- **Problema:** Como é que as crianças com psicose representam a sua família no desenho? Quais são os traços comuns que se podem encontrar no desenho de uma criança com psicose?

- **Hipóteses:** Se a criança tiver diagnóstico de psicose, surgirão indicadores gráficos comuns nos desenhos, próprios do diagnóstico em questão, como por exemplo, os elementos surgirão fragmentados, as cores aparecerão desorganizadas, justapostas. Mais concretamente, no desenho da família surgirá uma relação arcaica com a mãe literalmente representada, tal como refere a literatura.

Se a criança não tiver qualquer diagnóstico, ou seja, se pertencer ao grupo de controlo (para efeitos comparativos), como adiante, no Procedimento se esclarecerá, os elementos representados no desenho surgirão de uma forma harmoniosa, mais concretamente, no desenho da família, esta aparecerá representada de uma forma convencional.

- **Variáveis e a sua operacionalização:** A variável independente em estudo é a criança ter diagnóstico de psicose ou não ter qualquer diagnóstico, sendo que a operacionalização desta variável será feita através da consulta do processo e através da aplicação do Teste Rorschach. A variável dependente, ou seja, o que irá variar consoante a criança tenha ou não psicose é a forma como a família surge representada, que se irá operacionalizar através da aplicação do Desenho da Família. Outra variável dependente são os indicadores gráficos que surgem representados no desenho da criança com psicose, que será operacionalizada através da aplicação de todos os desenhos.

- **Delineamento:** Idealmente tratar-se-á de um estudo comparativo, em que serão criados dois grupos, um grupo quase-experimental (crianças com diagnóstico de psicose) e um grupo de controlo (crianças sem diagnóstico), de forma, a que se possam comparar os desenhos dos dois grupos e assim tirar conclusões mais fidedignas. Ao grupo quase-experimental, pertencerão as crianças com diagnóstico de psicose infantil que são actualmente acompanhadas em Pedopsiquiatria. Ao grupo de controlo, pertencerão crianças que frequentem o ensino primário e

básico de uma escola da rede pública, da região de Lisboa. Contudo, a criação destes dois grupos, dependerá do número de casos que estejam acessíveis à investigação.

• **Participantes:** Casos com diagnóstico psicodinâmico de “Psicose” entre os 6 e os 12 anos de idade (aproximadamente), que são actualmente seguidos em Pedopsiquiatria. A partir dos 6 anos de idade, há um maior controlo do traço e surge uma intencionalidade mais complexa no que é desenhado. Espera-se ter acesso a uma amostra de 10 casos (aproximadamente).

• **Instrumentos:** Neste estudo, pretende-se utilizar os seguintes instrumentos: Desenho da família (Corman, 1967); Desenho livre; Desenho da figura humana (Machover, 1978; Goodenough, 1965); Auto-Retrato; e Teste projectivo – Rorschach (Rorschach, 1999). Os desenhos irão ajudar-me a compreender melhor a criança e irão permitir também perceber os indicadores gráficos próprios na psicose infantil (e.g. fragmentação). Mais concretamente, o desenho da família, permitirá compreender melhor como a criança vê e sente a sua família. O teste projectivo Rorschach, permitir-me-á aceder ao funcionamento mental da criança, através dos mecanismos de defesa que utiliza e desta forma, também me permitirá conhecer melhor a criança. Na psicose infantil, o desenho e o Rorschach, assumem-se como os instrumentos mais adequados para acedermos ao mundo interno destas crianças.

• **Procedimento:** Após serem obtidas as devidas autorizações junto da Chefe de Equipa, do Director da Área de Pedopsiquiatria e a autorização da Comissão de Ética deste Hospital, será feita uma pesquisa juntos dos Pedopsiquiatras da equipa para seleccionar os casos que irão integrar a investigação. Numa consulta de seguimento, será entregue o consentimento informado aos responsáveis pelas crianças para participarem no estudo, sendo que a sua participação é voluntária e podem abandonar o estudo no decorrer do mesmo, se assim o entenderem.

Após a autorização, o processo do participante será consultado e no caso de as provas já terem sido todas aplicadas, são essas as utilizadas, não havendo necessidade de chamar a criança para nova recolha de dados. Os participantes em que ainda não tenham sido aplicadas provas, serão chamados ao local para que se possam aplicar. Se apenas parte das provas tiver sido aplicada, a criança será chamada para realizar apenas as que faltarem.

No caso de ainda não ter sido aplicada nenhuma das provas que serão utilizadas na investigação, primeiramente será pedido o desenho livre, desseguida o desenho da figura humana, depois o Auto-Retrato e por fim, o desenho da família. Posteriormente, será aplicado o teste Rorschach.

ANEXO E

(Guião utilizado na recolha de dados)

GUIÃO DE RECOLHA DE DADOS

Nome criança:	D.N.:	
Processo:		
Nome mãe/pai que acompanhou às sessões:		
Data da 1ª sessão:	Hora início:	Hora fim:
Data da 2ª sessão:	Hora início:	Hora fim:

1ª SESSÃO:

- Sala de espera: Apresentação aos pais e à criança.

→ **Breve entrevista inicial exclusivamente com os pais (a criança aguarda na sala de espera):**

- Apresentação do estudo de forma breve e mais pormenorizada do que no contacto telefónico. Explicação do que envolve o estudo (duas sessões e dados a serem recolhidos), o que se iria processar na primeira e segunda sessão, questões de anonimato, confidencialidade e dos benefícios da participação (devolução dos principais resultados e auxílio de outras famílias no futuro). Explicação da ausência de risco para a criança e de não condicionamento da intervenção terapêutica e participação voluntária.

- Leitura e assinatura do consentimento informado.

- Breve entrevista aos pais – Perguntas relativas ao processo psicoterapêutico:

. “O que é que vos levou a pedirem ajuda?”

. “Quando começou?”

. “Como está agora o vosso filho? Considera que houve melhoria?”

- Perguntas adicionais aos pais sobre informação actual da criança:

. “Qual o ano lectivo que frequenta? Como está na escola?”

. “Beneficia de algum tipo de apoio actualmente? Se sim, que tipo?”

. “Como dorme?”

. “Como come?”

. “Como é vosso seu filho na relação com os outros?”

. “O que mais vos preocupa em relação ao futuro do vosso filho?”

- Marcação da próxima sessão.

→ **Sessão com a criança (pais aguardam na sala de espera):**

- Apresentação e acolhimento da criança. Explicação de que já conversei com os pais, porque estava ali e o que iríamos fazer.

- Perguntas de acolhimento relacionadas com a escola, amigos e família, de forma a que a criança se sinta à vontade (e.g. “Gostas de andar na escola?”; “Gostas de brincar? Com quem?”; “Quem vive na tua casa?”)

- **Desenho Livre:**

• Instrução: “A Ana vai-te pedir que faças um desenho...podes desenhar o que tu quiseres. Tens aqui estes lápis todos, podes usar os que quiseres e demorar o tempo que quiseres”

• Disponibilizar lápis de carvão e lápis de cor

• Tempo de início:

• Ordem dos elementos desenhados:

• Tempo de fim:

• “Conta-me uma história sobre este desenho”:

- **Desenho da Figura Humana:**

• Retirar os lápis de cor

• Instrução: “Agora vamos fazer outro desenho. Vais desenhar uma pessoa, desenha com muito cuidado e demora o tempo que for preciso. Fá-lo com gosto e vais ver como vai sair um desenho bonito.”

• Tempo de início:

- Tempo de fim:
- Machover (1978):
- Ordem dos elementos desenhados:
- “Conta-me uma história sobre a pessoa que desenhaste”:

- Inquérito:
- . “O que é que ele/a está a fazer?”
- . “Que idade tem?”
- . “Qual o seu maior desejo?”
- . “É feliz?”
- . “Quais são os seus aborrecimentos?”
- . “O que é que o/a faz zangar?”
- . “Quais são as suas manias?”
- . “Quais são os seus piores defeitos?”
- . “Tem muitos amigos?”
- . “Quando é que diz que se divertiu muito?”
- . “Quais são os seus três principais projectos/sonhos?”
- . “Com quem se parece?”

- **Auto-retrato:**

- Disponibilizar novamente lápis de cor
- Instrução: “Agora vou-te pedir que te desenes a ti.”
- Tempo de início:
- Ordem dos elementos desenhados:
- Tempo de fim:
- “Conta-me uma história sobre este desenho”:

- Desenho da Família:

- Família Imaginária:

. Instrução: “Agora vamos fazer mais um desenho. Vou-te pedir que desenes uma família, uma família que tu imagines. Podes levar o tempo que quiseres.”

. Ordem dos elementos desenhados:

. Tempo que demora em cada personagem:

. Inquérito (Corman, 1967):

- Quem é esta família?

- Onde é que eles estão? E o que estão a fazer?

- Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela primeira que desenhaste.

- Quem é o mais simpático?

- E o menos simpático?

- Quem é o mais alegre?

- E quem é o menos alegre?

- De quem gostas mais?

- De quem gostas menos?

- Imagina que iam dar um passeio de carro mas não cabiam todos; um tinha de ficar em casa. Quem ficava?

- Se escolhesses ser um destes, quem escolhias?

- Família Real:

. Instrução: “Agora vamos fazer o último desenho. Vou-te pedir que desenes a tua família. Podes levar o tempo que quiseres.”

. Ordem dos elementos desenhados:

. Tempo que demora em cada personagem:

. Inquérito:

. Ordem dos elementos desenhados:

. Tempo que demora em cada personagem:

. Inquérito (Corman, 1967):

- Quem é esta família?
- Onde é que eles estão? E o que estão a fazer?
- Diz-me quem são todas as pessoas, começando pela primeira que desenhaste.
- Quem é o mais simpático?
- E o menos simpático?
- Quem é o mais alegre?
- E quem é o menos alegre?
- De quem gostas mais?
- De quem gostas menos?
- Imagina que iam dar um passeio de carro mas não cabiam todos; um tinha de ficar em casa. Quem ficava?
- Se escolhesses ser um destes, quem escolhias?
- **Resumo 1ª sessão:**

- **Como me senti?**

2ª SESSÃO:

→ **Sessão com a criança (pais aguardam na sala de espera):**

- Rorschach:

- materiais: cartões, cronómetro, folha de anotação, folha com os 10 cartões a preto e branco
- Instrução: “Vou-te mostrar 10 cartões, e peço-te que me digas tudo o que eles te fazem pensar ou o que se pode imaginar a partir deles. Não há respostas certas ou erradas...aqui estão todas certas”
- Tempo de início da prova:
- Anotar tempo de latência
- Incentivar o sujeito a dar mais respostas - cartão 1,2,3
- Inquérito prancha a prancha:
- Onde?

- como? Porque?

- O quê?

• Inquérito dos limites por prancha – Faz-se quando determinadas respostas não aparecem

- cartão 2: se não falar dos vermelhos na resposta ou no inquérito, apontar para o vermelho e dizer: “sera que aqui se poderia ver algo?” -> se no inquérito dos limites no cartão 2 falar do vermelho, já não fazer inquérito dos limites para o cartão 3

- cartão 3/ ban: se não falar dos vermelhos na resposta ou no inquérito, neste cartão e no cartão 2 apontar para o vermelho e dizer: “sera que aqui se poderia ver algo?” / se não aparecerem duas figuras humanas inteiras: “será que aqui se poderiam ver figuras humanas / pessoas?”

- cartão 5: se não aparecer borboleta, passsaro ou morcego, “sera que aqui se poderia ver um morcego, um passaro ou uma borboleta?”

• Tempo de fim:

• Prova das escolhas:

. Quais os dois cartões que mais gostaste? Porquê?

. E os dois que gostaste menos? Porquê?

- **Resumo 2ª sessão:**

- **Como me senti?**

ANEXO F

(Consentimento informado para os pais)

CONSENTIMENTO INFORMADO



Eu, Ana Margarida Santos, aluna do Mestrado Integrado em Psicologia – Área de Clínica, no ISPA- Instituto Universitário, venho por este meio solicitar a sua participação e a do seu filho, num estudo intitulado por: “A Representação da Família no Desenho Infantil” (título provisório), sob a orientação do Professor Doutor Emílio Salgueiro.

Actualmente, na Psicologia, o desenho assume-se como um instrumento privilegiado para acedermos ao mundo interno da criança. Um estudo sobre como as crianças vêem e sentem a sua família, pode-nos ajudar a melhor compreender e ajudar as crianças, bem como as suas famílias. Trata-se de um estudo em que será pedida a colaboração de algumas crianças que estão actualmente em seguimento neste Hospital.

Desta forma, solicito a sua autorização para a consulta do processo do seu filho, bem como um agendamento de duas ou mais sessões com a criança e familiar(es) para a recolha de alguns dados, tais como uma breve entrevista com os pais, aplicação de desenhos e um teste projectivo. Uma vez que o desenho é uma actividade comum no quotidiano da criança e que o teste a aplicar é utilizado desde há muitos anos na prática clínica, a presente investigação não trará qualquer tipo de dano psicológico, físico ou social para o participante.

O seu contributo é muito importante, uma vez que os resultados obtidos permitirão futuramente ajudar a delinear novas e melhores formas de intervenção. Os resultados do estudo, não irão condicionar a intervenção terapêutica, mas poderão no futuro auxiliar outras crianças e os seus familiares.

Todos os dados recolhidos durante este estudo serão tratados de forma confidencial e apresentados preservando o anonimato da criança e seus familiares. A participação é totalmente voluntária, sendo que pode decidir deliberadamente se pretende ou não participar, bem como abandonar o estudo se o desejar. Caso pretenda, poderá ter acesso aos dados essenciais das provas aplicadas.

Para qualquer esclarecimento adicional que considere necessário, não hesite em contactar-me através do endereço de correio electrónico: a.margarida.santos7@gmail.com.

Obrigado pela sua atenção!

Eu, abaixo assinado _____,

portador do BI (ou cartão de cidadão) n.º _____,

pai/mãe da criança _____,

compreendo e aceito participar no estudo: “A Representação da Família no Desenho Infantil”.

Lisboa, ___/___/___

_____ (assinatura como no BI ou no cartão de cidadão)

ANEXO G

(Quadro dos indicadores gráficos próprios da Psicose, mais comuns nos desenhos)

Indicadores gráficos próprios da Psicose, mais comuns nos desenhos	Caso 1	Caso 2	Caso 3	Caso 4	Caso 5	Caso 6	Caso 7	Caso 8	Caso 9
Elementos isolados, suspensos no vazio (Coelho, 1993)	x	x	x	x	x		x	x	
Margem inferior da folha como suporte (Campos, 2003)		x	x			x	x	x	x
Recusa de cor (Campos, 2003)	x	x				x		x	
Olho desprovido de pupila (Campos, 2003)	x	x	x	x	x	x	x		x
Mecanismo de defesa: isolamento (Coelho, 1993) – Casas retilíneas, pouco investidas e vazias			x	x		x		x	
Defesas maníacas (Coelho, 1993) – Inflação da FH	x	x							x
Mecanismo de defesa: clivagem (Coelho, 1993) – FH boas e FH más	x								x
FH representada apenas pela cabeça ou cabeça desproporcionalmente grande, relativamente ao resto do corpo (Aubin, 1980)		x	x	x	x	x			

ANEXO H

(Registos das cotações do DFH, versão de Goodenough)

GOODENOUGH - Cotação _____ em _____ Nº _____
 NOME Caso 1 - "Yorje" Nº _____
 Nascimento 15/11/2002 I.C. 10 mos e 8 meses e I.M. 7 mos e 3 meses Q.I. "Muito inferior" → 68

CATEGORIA A - Não se reconhece o Homem:

0 - garatuja 1 - traços controlados

⇒ CATEGORIA B - existem:

1 - contorno de cabeça	<input type="checkbox"/>	12.a)- proporção cabeça	<input type="checkbox"/>
2 - duas pernas	<input type="checkbox"/>	b)- proporção braços	<input type="checkbox"/>
3 - dois braços	<input type="checkbox"/>	c)- proporção pernas	<input type="checkbox"/>
4.a)- tronco	<input type="checkbox"/>	d)- proporção pés	<input type="checkbox"/>
b)- proporção tronco	<input type="checkbox"/>	e)- 2 dim. br/pernas	<input type="checkbox"/>
c)- ombros	<input type="checkbox"/>	13 - calcanhar	<input type="checkbox"/>
5.a)- lig. br/pernas/tr	<input type="checkbox"/>	14.a)- coordenação motora	<input type="checkbox"/>
b)- colocação correcta	<input type="checkbox"/>	b)- idem (gradação)	<input type="checkbox"/>
6.a)- pescoço	<input type="checkbox"/>	c)- linhas da cabeça	<input type="checkbox"/>
b)- id. bem delineado	<input type="checkbox"/>	d)- linhas do tronco	<input type="checkbox"/>
7.a)- olho/s	<input type="checkbox"/>	e)- linhas br/pernas	<input type="checkbox"/>
b)- nariz	<input type="checkbox"/>	f)- correcção feições	<input type="checkbox"/>
c)- boca	<input type="checkbox"/>	15.a)- orelhas	<input type="checkbox"/>
d)- 2 dim. boca, nariz	<input type="checkbox"/>	b)- id. pos./proporção	<input type="checkbox"/>
e)- narinas	<input type="checkbox"/>	16.a)- detalhes olhos	<input type="checkbox"/>
8.a)- cabelo (não dedos)	<input type="checkbox"/>	b)- pupila	<input type="checkbox"/>
b)- exactidão cabelos	<input type="checkbox"/>	c)- proporção olhos	<input type="checkbox"/>
9.a)- algo roupa	<input type="checkbox"/>	d)- olhar (no perfil)	<input type="checkbox"/>
b)- 2 roupas opacas	<input type="checkbox"/>	17.a)- frente e queixo	<input type="checkbox"/>
c)- completo opaco	<input type="checkbox"/>	b)- queixo projectado	<input type="checkbox"/>
d)- 4 peças definidas	<input type="checkbox"/>	18.a)- perfil (egípcio)	<input type="checkbox"/>
e)- traje comp. Realista	<input type="checkbox"/>	b)- perfil correcto	<input type="checkbox"/>
10.a)- dedos	<input type="checkbox"/>		
b)- número exacto	<input type="checkbox"/>		
c)- correcção dedos	<input type="checkbox"/>		
d)- oposição polegar	<input type="checkbox"/>		
e)- mão diferenciada	<input type="checkbox"/>		
11.a)- articulação braços	<input type="checkbox"/>		
(dif. 4c e 5b)	<input type="checkbox"/>		
b)- articulação pernas	<input type="checkbox"/>		

TOTAL 17

$QI = \frac{17}{128} \times 100 \Rightarrow QI = \frac{87}{128} \times 100 \Rightarrow QI = 68$
 ("Muito inferior")

I.C.
 Data Avaliação 2013 07 05
2012 19
 Data Nascimento 2002 11 15
 10 mos 8 meses 0
 ↓
 (10 x 12) + 8 = 128 meses
 ↓
 I.C.

I.M.
 7 mos e 3 meses =
 = (7 x 12) + 3 = 87 meses

GOODENOUGH - Cotação _____ em _____ Nº _____
 NOME Caso 2 - "João" Nº _____
 Nascimento 12/06/2000 I.C. 13 anos e 1 mês I.M. 8 anos Q.I. "Muito inferior" → 69
 (157 meses) (96 meses)

CATEGORIA A - Não se reconhece o Homem:

0 - garatuja 1 - traços controlados

→ CATEGORIA B - existem:

1 - contorno de cabeça	<input type="checkbox"/>	12.a)- proporção cabeça	<input type="checkbox"/>
2 - duas pernas	<input type="checkbox"/>	b)- proporção braços	<input type="checkbox"/>
3 - dois braços	<input type="checkbox"/>	c)- proporção pernas	<input type="checkbox"/>
4.a)- tronco	<input type="checkbox"/>	d)- proporção pés	<input type="checkbox"/>
b)- proporção tronco	<input type="checkbox"/>	e)- 2 dim. br/pernas	<input type="checkbox"/>
c)- ombros	<input type="checkbox"/>	13 - calcanhar	<input type="checkbox"/>
5.a)- lig. br/pernas/tr	<input type="checkbox"/>	14.a)- coordenação motora	<input type="checkbox"/>
b)- colocação correcta	<input type="checkbox"/>	b)- idem (gradação)	<input type="checkbox"/>
6.a)- pescoço	<input type="checkbox"/>	c)- linhas da cabeça	<input type="checkbox"/>
b)- id. bem delineado	<input type="checkbox"/>	d)- linhas do tronco	<input type="checkbox"/>
7.a)- olho/s	<input type="checkbox"/>	e)- linhas br/pernas	<input type="checkbox"/>
b)- nariz	<input type="checkbox"/>	f)- correcção feições	<input type="checkbox"/>
c)- boca	<input type="checkbox"/>	15.a)- orelhas	<input type="checkbox"/>
d)- 2 dim. boca, nariz	<input type="checkbox"/>	b)- id. pos./proporção	<input type="checkbox"/>
e)- narinas	<input type="checkbox"/>	16.a)- detalhes olhos	<input type="checkbox"/>
8.a)- cabelo (não dedos)	<input type="checkbox"/>	b)- pupila	<input type="checkbox"/>
b)- exactidão cabelos	<input type="checkbox"/>	c)- proporção olhos	<input type="checkbox"/>
9.a)- algo roupa	<input type="checkbox"/>	d)- olhar (no perfil)	<input type="checkbox"/>
b)- 2 roupas opacas	<input type="checkbox"/>	17.a)- frente e queixo	<input type="checkbox"/>
c)- completo opaco	<input type="checkbox"/>	b)- queixo projectado	<input type="checkbox"/>
d)- 4 peças definidas	<input type="checkbox"/>	18.a)- perfil (egípcio)	<input type="checkbox"/>
e)- traje comp. Realista	<input type="checkbox"/>	b)- perfil correcto	<input type="checkbox"/>
10.a)- dedos	<input type="checkbox"/>		
b)- número exacto	<input type="checkbox"/>		
c)- correcção dedos	<input type="checkbox"/>		
d)- oposição polegar	<input type="checkbox"/>		
e)- mão diferenciada	<input type="checkbox"/>		
11.a)- articulação braços	<input type="checkbox"/>		
(dif. 4c e 5b)	<input type="checkbox"/>		
b)- articulação pernas	<input type="checkbox"/>		

TOTAL

$$QI = \frac{IM}{IC} \times 100 \Rightarrow QI = \frac{96}{157} \times 100 \Rightarrow QI = 69$$

"Muito inferior"

IC

Data Avaliação 2013 07 14
 Data Nascimento 2000 06 12
 13 anos 0 meses 29 dias
 ↳
 13 anos e 1 mês
 ↳
 (13 x 12) + 1 = 157 meses
 IC

IM

↳ 8 anos e 0 meses =
 = (8 x 12) + 0 = 96 meses

GOODENOUGH - Cotação em _____ Nº _____
 NOME Case 3 - "Elise" Nº _____
 Nascimento 14/02/2001 I.C. 12 anos e 6 meses I.M. 6 anos Q.I. "Muito inferior" → 48
 (120 meses) (72 meses)

CATEGORIA A - Não se reconhece o Homem:

0 - garatuja 1 - traços controlados

→ CATEGORIA B - existem:

- | | | | |
|--|--------------------------|---------------------------|--------------------------|
| 1 - contorno de cabeça | <input type="checkbox"/> | 12.a)- proporção cabeça | <input type="checkbox"/> |
| 2 - duas pernas | <input type="checkbox"/> | b)- proporção braços | <input type="checkbox"/> |
| 3 - dois braços | <input type="checkbox"/> | c)- proporção pernas | <input type="checkbox"/> |
| 4.a)- tronco | <input type="checkbox"/> | d)- proporção pés | <input type="checkbox"/> |
| b)- proporção tronco | <input type="checkbox"/> | e)- 2 dim. br/pernas | <input type="checkbox"/> |
| c)- ombros | <input type="checkbox"/> | 13 - calcanhar | <input type="checkbox"/> |
| 5.a)- lig. br/pernas/tr | <input type="checkbox"/> | 14.a)- coordenação motora | <input type="checkbox"/> |
| b)- colocação correcta | <input type="checkbox"/> | b)- idem (gradação) | <input type="checkbox"/> |
| 6.a)- pescoço | <input type="checkbox"/> | c)- linhas da cabeça | <input type="checkbox"/> |
| b)- id. bem delineado | <input type="checkbox"/> | d)- linhas do tronco | <input type="checkbox"/> |
| 7.a)- olho/s | <input type="checkbox"/> | e)- linhas br/pernas | <input type="checkbox"/> |
| b)- nariz | <input type="checkbox"/> | f)- correcção feições | <input type="checkbox"/> |
| c)- boca | <input type="checkbox"/> | 15.a)- orelhas | <input type="checkbox"/> |
| d)- 2 dim. boca, nariz | <input type="checkbox"/> | b)- id. pos./proporção | <input type="checkbox"/> |
| e)- narinas | <input type="checkbox"/> | 16.a)- detalhes olhos | <input type="checkbox"/> |
| 8.a)- cabelo (não dedos) | <input type="checkbox"/> | b)- pupila | <input type="checkbox"/> |
| b)- exactidão cabelos | <input type="checkbox"/> | c)- proporção olhos | <input type="checkbox"/> |
| 9.a)- algo roupa | <input type="checkbox"/> | d)- olhar (no perfil) | <input type="checkbox"/> |
| b)- 2 roupas opacas | <input type="checkbox"/> | 17.a)- frente e queixo | <input type="checkbox"/> |
| c)- completo opaco | <input type="checkbox"/> | b)- queixo projectado | <input type="checkbox"/> |
| d)- 4 peças definidas | <input type="checkbox"/> | 18.a)- perfil (egípcio) | <input type="checkbox"/> |
| e)- traje comp. Realista | <input type="checkbox"/> | b)- perfil correcto | <input type="checkbox"/> |
| 10.a)- dedos | <input type="checkbox"/> | | |
| b)- número exacto | <input type="checkbox"/> | | |
| c)- correcção dedos | <input type="checkbox"/> | | |
| d)- oposição polegar | <input type="checkbox"/> | | |
| e)- mão diferenciada | <input type="checkbox"/> | | |
| 11.a)- articulação braços (dif. 4c e 5b) | <input type="checkbox"/> | | |
| b)- articulação pernas | <input type="checkbox"/> | | |

TOTAL 12

$QI = \frac{IM}{IC} \times 100 \Rightarrow QI = \frac{72}{150} \times 100 \Rightarrow QI = 48$

"Muito inferior"

IC
 Data Avaliação 2013 08 07 13
 Data Nascimento 2001 02 14

12 anos 3 meses 17 dias
 ↓
 $(12 \times 12) + 6 = 150 \text{ meses}$
 ↓
 IC

IM
 ↳ 6 anos =
 $= 6 \times 12 = 72 \text{ meses}$

GOODENOUGH - Cotação em _____ Nº _____
 NOME CASA 4 - "Daniel" Nº _____
 Nascimento 04/10/2002 I.C. 7 anos e 10 meses I.M. 7 anos e 6 meses Q.I. "Muito inferior" -> 69
 (130 meses) (90 meses)

CATEGORIA A - Não se reconhece o Homem:

0 - garatuja 1 - traços controlados

→ CATEGORIA B - existem:

- | | | | |
|--|-------------------------------------|---------------------------|-------------------------------------|
| 1 - contorno de cabeça | <input checked="" type="checkbox"/> | 12.a)- proporção cabeça | <input type="checkbox"/> |
| 2 - duas pernas | <input checked="" type="checkbox"/> | b)- proporção braços | <input checked="" type="checkbox"/> |
| 3 - dois braços | <input checked="" type="checkbox"/> | c)- proporção pernas | <input checked="" type="checkbox"/> |
| 4.a)- tronco | <input checked="" type="checkbox"/> | d)- proporção pés | <input type="checkbox"/> |
| b)- proporção tronco | <input checked="" type="checkbox"/> | e)- 2 dim. br/pernas | <input checked="" type="checkbox"/> |
| c)- ombros | <input type="checkbox"/> | 13 - calcanhar | <input type="checkbox"/> |
| 5.a)- lig. br/pernas/tr | <input checked="" type="checkbox"/> | 14.a)- coordenação motora | <input type="checkbox"/> |
| b)- colocação correcta | <input type="checkbox"/> | b)- idem (gradação) | <input type="checkbox"/> |
| 6.a)- pescoço | <input type="checkbox"/> | c)- linhas da cabeça | <input type="checkbox"/> |
| b)- id. bem delineado | <input type="checkbox"/> | d)- linhas do tronco | <input type="checkbox"/> |
| 7.a)- olho/s | <input checked="" type="checkbox"/> | e)- linhas br/pernas | <input type="checkbox"/> |
| b)- nariz | <input checked="" type="checkbox"/> | f)- correcção feições | <input type="checkbox"/> |
| c)- boca | <input checked="" type="checkbox"/> | 15.a)- orelhas | <input type="checkbox"/> |
| d)- 2 dim. boca, nariz | <input type="checkbox"/> | b)- id. pos./proporção | <input type="checkbox"/> |
| e)- narinas | <input type="checkbox"/> | 16.a)- detalhes olhos | <input type="checkbox"/> |
| 8.a)- cabelo (não dedos) | <input checked="" type="checkbox"/> | b)- pupila | <input checked="" type="checkbox"/> |
| b)- exactidão cabelos | <input type="checkbox"/> | c)- proporção olhos | <input checked="" type="checkbox"/> |
| 9.a)- algo roupa | <input type="checkbox"/> | d)- olhar (no perfil) | <input type="checkbox"/> |
| b)- 2 roupas opacas | <input type="checkbox"/> | 17.a)- frente e queixo | <input checked="" type="checkbox"/> |
| c)- completo opaco | <input type="checkbox"/> | b)- queixo projectado | <input type="checkbox"/> |
| d)- 4 peças definidas | <input type="checkbox"/> | 18.a)- perfil (egípcio) | <input type="checkbox"/> |
| e)- traço comp. Realista | <input type="checkbox"/> | b)- perfil correcto | <input type="checkbox"/> |
| 10.a)- dedos | <input checked="" type="checkbox"/> | | |
| b)- número exacto | <input type="checkbox"/> | | |
| c)- correcção dedos | <input type="checkbox"/> | | |
| d)- oposição polegar | <input type="checkbox"/> | | |
| e)- mão diferenciada | <input type="checkbox"/> | | |
| 11.a)- articulação braços (dif. 4c e 5b) | <input type="checkbox"/> | | |
| b)- articulação pernas | <input checked="" type="checkbox"/> | | |

TOTAL

$$QI = \frac{IM}{IC} \times 100 \Rightarrow QI = \frac{90}{130} \times 100 \Rightarrow QI = 69 \text{ (Muito inferior)}$$

Data Avaliação 2013 ⁽⁺¹²⁾ 08 13
 2012 20
 Data Nascimento 2002 10 04
 10 anos 10 meses 9 dias
 ↓
 (10 x 12) + 10 = 130 meses
 ↓
 IC

7 anos e 6 meses =
 = (7 x 12) + 6 = 90 meses

GOODENOUGH - Cotação _____ em _____ Nº _____
 NOME Case S - Rodrigo Nº _____
 Nascimento 27/06/2002 I.C. 11 anos e 1 mês e I.M. 5 anos e 6 meses Q.I. "Muito inferior" → 50
 (133 meses) (66 meses)

CATEGORIA A - Não se reconhece o Homem:

0 - garatuja 1 - traços controlados

→ CATEGORIA B - existem:

1 - contorno de cabeça	<input checked="" type="checkbox"/>	12.a)- proporção cabeça	<input type="checkbox"/>
2 - duas pernas	<input checked="" type="checkbox"/>	b)- proporção braços	<input type="checkbox"/>
3 - dois braços	<input checked="" type="checkbox"/>	c)- proporção pernas	<input type="checkbox"/>
4.a)- tronco	<input type="checkbox"/>	d)- proporção pés	<input type="checkbox"/>
b)- proporção tronco	<input type="checkbox"/>	e)- 2 dim. br/pernas	<input type="checkbox"/>
c)- ombros	<input type="checkbox"/>	13 - calcanhar	<input type="checkbox"/>
5.a)- lig. br/pernas/tr	<input type="checkbox"/>	14.a)- coordenação motora	<input type="checkbox"/>
b)- colocação correcta	<input type="checkbox"/>	b)- idem (gradação)	<input type="checkbox"/>
6.a)- pescoço	<input checked="" type="checkbox"/>	c)- linhas da cabeça	<input type="checkbox"/>
b)- id. bem delineado	<input type="checkbox"/>	d)- linhas do tronco	<input type="checkbox"/>
7.a)- olho/s	<input checked="" type="checkbox"/>	e)- linhas br/pernas	<input type="checkbox"/>
b)- nariz	<input checked="" type="checkbox"/>	f)- correcção feições	<input type="checkbox"/>
c)- boca	<input checked="" type="checkbox"/>	15.a)- orelhas	<input type="checkbox"/>
d)- 2 dim. boca, nariz	<input type="checkbox"/>	b)- id. pos./proporção	<input type="checkbox"/>
e)- narinas	<input checked="" type="checkbox"/>	16.a)- detalhes olhos	<input type="checkbox"/>
8.a)- cabelo (não dedos)	<input checked="" type="checkbox"/>	b)- pupila	<input type="checkbox"/>
b)- exactidão cabelos	<input type="checkbox"/>	c)- proporção olhos	<input type="checkbox"/>
9.a)- algo roupa	<input type="checkbox"/>	d)- olhar (no perfil)	<input type="checkbox"/>
b)- 2 roupas opacas	<input type="checkbox"/>	17.a)- frente e queixo	<input checked="" type="checkbox"/>
c)- completo opaco	<input type="checkbox"/>	b)- queixo projectado	<input type="checkbox"/>
d)- 4 peças definidas	<input type="checkbox"/>	18.a)- perfil (egípcio)	<input type="checkbox"/>
e)- traço comp. Realista	<input type="checkbox"/>	b)- perfil correcto	<input type="checkbox"/>
10.a)- dedos	<input type="checkbox"/>		
b)- número exacto	<input type="checkbox"/>		
c)- correcção dedos	<input type="checkbox"/>		
d)- oposição polegar	<input type="checkbox"/>		
e)- mão diferenciada	<input type="checkbox"/>		
11.a)- articulação braços (dif. 4c e 5b)	<input type="checkbox"/>		
b)- articulação pernas	<input type="checkbox"/>		

TOTAL

$QI = \frac{IH}{IC} \times 100 \Rightarrow QI = \frac{66}{133} \times 100 \Rightarrow QI = 50$
 (Muito inferior)

IC
 Data Avaliação 2013 07 16
 06 46
 Data Nascimento 2002 06 22

11 anos 0 meses 24 dias
 ↓
 $(11 \times 12) + 1 = 133$ meses
 ↓
 IC

IH
 ↓ 5 anos e 6 meses =
 $= (5 \times 12) + 6 = 66$ meses

GOODENOUGH - Cotação em _____ Nº _____
 NOME Caso 8 - "Torrões" Nº _____
 Nascimento 14/01/2002 I.C. 11 anos e 7 meses (139 meses) I.M. 9 anos e 3 meses (111 meses) Q.I. "Inferior" → 50

CATEGORIA A - Não se reconhece o Homem:

0 - garatuja 1 - traços controlados

⇒ CATEGORIA B - existem:

- | | | | |
|--|-------------------------------------|---------------------------|-------------------------------------|
| 1 - contorno de cabeça | <input checked="" type="checkbox"/> | 12.a)- proporção cabeça | <input checked="" type="checkbox"/> |
| 2 - duas pernas | <input checked="" type="checkbox"/> | b)- proporção braços | <input checked="" type="checkbox"/> |
| 3 - dois braços | <input checked="" type="checkbox"/> | c)- proporção pernas | <input checked="" type="checkbox"/> |
| 4.a)- tronco | <input checked="" type="checkbox"/> | d)- proporção pés | <input checked="" type="checkbox"/> |
| b)- proporção tronco | <input type="checkbox"/> | e)- 2 dim. br/pernas | <input checked="" type="checkbox"/> |
| c)- ombros | <input type="checkbox"/> | 13 - calcanhar | <input checked="" type="checkbox"/> |
| 5.a)- lig. br/pernas/tr | <input checked="" type="checkbox"/> | 14.a)- coordenação motora | <input checked="" type="checkbox"/> |
| b)- colocação correcta | <input checked="" type="checkbox"/> | b)- idem (gradação) | <input type="checkbox"/> |
| 6.a)- pescoço | <input checked="" type="checkbox"/> | c)- linhas da cabeça | <input type="checkbox"/> |
| b)- id. bem delineado | <input checked="" type="checkbox"/> | d)- linhas do tronco | <input type="checkbox"/> |
| 7.a)- olho/s | <input checked="" type="checkbox"/> | e)- linhas br/pernas | <input type="checkbox"/> |
| b)- nariz | <input checked="" type="checkbox"/> | f)- correcção feições | <input type="checkbox"/> |
| c)- boca | <input checked="" type="checkbox"/> | 15.a)- orelhas | <input type="checkbox"/> |
| d)- 2 dim. boca, nariz | <input type="checkbox"/> | b)- id. pos./proporção | <input type="checkbox"/> |
| e)- narinas | <input type="checkbox"/> | 16.a)- detalhes olhos | <input type="checkbox"/> |
| 8.a)- cabelo (não dedos) | <input checked="" type="checkbox"/> | b)- pupila | <input type="checkbox"/> |
| b)- exactidão cabelos | <input type="checkbox"/> | c)- proporção olhos | <input type="checkbox"/> |
| 9.a)- algo roupa | <input checked="" type="checkbox"/> | d)- olhar (no perfil) | <input type="checkbox"/> |
| b)- 2 roupas opacas | <input checked="" type="checkbox"/> | 17.a)- frente e queixo | <input checked="" type="checkbox"/> |
| c)- completo opaco | <input type="checkbox"/> | b)- queixo projectado | <input type="checkbox"/> |
| d)- 4 peças definidas | <input type="checkbox"/> | 18.a)- perfil (egípcio) | <input type="checkbox"/> |
| e)- traje comp. Realista | <input type="checkbox"/> | b)- perfil correcto | <input type="checkbox"/> |
| 10.a)- dedos | <input checked="" type="checkbox"/> | | |
| b)- número exacto | <input type="checkbox"/> | | |
| c)- correcção dedos | <input type="checkbox"/> | | |
| d)- posição polegar | <input checked="" type="checkbox"/> | | |
| e)- mão diferenciada | <input type="checkbox"/> | | |
| 11.a)- articulação braços (dif. 4c e 5b) | <input type="checkbox"/> | | |
| b)- articulação pernas | <input checked="" type="checkbox"/> | | |

TOTAL 25

$$QI = \frac{IM}{IC} \times 100 \Rightarrow QI = \frac{111}{139} \times 100 \Rightarrow QI = 80 \text{ (Inferior)}$$

IC
 Data Avaliação 2013 07 31
 Data Nascimento 2002 01 14
 11 anos 06 meses 17 dias
 $(11 \times 12) + 7 = 139 \text{ meses}$
 IC

IM
 9 anos e 3 meses =
 $(9 \times 12) + 3 = 111 \text{ meses}$

GOODENOUGH - Cotação _____ em _____ Nº _____
 NOME Caio A - "Burrinho" Nº _____
 Nascimento 13/10/2004 I.C. 8 anos e 10 meses (106 meses) I.M. 6 anos (72 meses) Q.I. "Nivito inferior" - 68

CATEGORIA A - Não se reconhece o Homem:

0 - garatuja 1 - traços controlados

⇒ CATEGORIA B - existem:

1 - contorno de cabeça	<input type="checkbox"/>	12.a)- proporção cabeça	<input type="checkbox"/>
2 - duas pernas	<input type="checkbox"/>	b)- proporção braços	<input type="checkbox"/>
3 - dois braços	<input type="checkbox"/>	c)- proporção pernas	<input type="checkbox"/>
4.a)- tronco	<input type="checkbox"/>	d)- proporção pés	<input type="checkbox"/>
b)- proporção tronco	<input type="checkbox"/>	e)- 2 dim. br/pernas	<input type="checkbox"/>
c)- ombros	<input type="checkbox"/>	13 - calcanhar	<input type="checkbox"/>
5.a)- lig. br/pernas/tr	<input type="checkbox"/>	14.a)- coordenação motora	<input type="checkbox"/>
b)- colocação correcta	<input type="checkbox"/>	b)- idem (gradação)	<input type="checkbox"/>
6.a)- pescoço	<input type="checkbox"/>	c)- linhas da cabeça	<input type="checkbox"/>
b)- id. bem delineado	<input type="checkbox"/>	d)- linhas do tronco	<input type="checkbox"/>
7.a)- olho/s	<input type="checkbox"/>	e)- linhas br/pernas	<input type="checkbox"/>
b)- nariz	<input type="checkbox"/>	f)- correcção feições	<input type="checkbox"/>
c)- boca	<input type="checkbox"/>	15.a)- orelhas	<input type="checkbox"/>
d)- 2 dim. boca, nariz	<input type="checkbox"/>	b)- id. pos./proporção	<input type="checkbox"/>
e)- narinas	<input type="checkbox"/>	16.a)- detalhes olhos	<input type="checkbox"/>
8.a)- cabelo (não dedos)	<input type="checkbox"/>	b)- pupila	<input type="checkbox"/>
b)- exactidão cabelos	<input type="checkbox"/>	c)- proporção olhos	<input type="checkbox"/>
9.a)- algo roupa	<input type="checkbox"/>	d)- olhar (no perfil)	<input type="checkbox"/>
b)- 2 roupas opacas	<input type="checkbox"/>	17.a)- frente e queixo	<input type="checkbox"/>
c)- completo opaco	<input type="checkbox"/>	b)- queixo projectado	<input type="checkbox"/>
d)- 4 peças definidas	<input type="checkbox"/>	18.a)- perfil (egípcio)	<input type="checkbox"/>
e)- traje comp. Realista	<input type="checkbox"/>	b)- perfil correcto	<input type="checkbox"/>
10.a)- dedos	<input type="checkbox"/>		
b)- número exacto	<input type="checkbox"/>		
c)- correcção dedos	<input type="checkbox"/>		
d)- oposição polegar	<input type="checkbox"/>		
e)- mão diferenciada	<input type="checkbox"/>		
11.a)- articulação braços (dif. 4c e 5b)	<input type="checkbox"/>		
b)- articulação pernas	<input type="checkbox"/>		

TOTAL

$QI = \frac{IM}{IC} \times 100 \Rightarrow QI = \frac{72}{106} \times 100 \Rightarrow QI = 68$
 "Nivito inferior"

IC
 Data Avaliação 30/12/2012 12 30
08 06
07 136
 Data Nascimento 2004 10 13
 Fomos 9 meses 23 dias
 (12 x 8) + 10 = 106 meses

IM
 6 anos =
 = 6 x 12 = 72 meses

ANEXO I

(Quadro resumo dos três níveis de análise de interpretação do DF e síntese das principais conclusões obtidas neste desenho)

Desenho da Família	Nível gráfico	Estruturas formais	Conteúdo	Principais conclusões
Caso 1	Ocupa uma pequena parte da folha	Marcado pela racional e pelo sensorial, igualmente	Família real – Princípio da realidade	Desvalorização de si próprio, com tentativa compensatória de se narcisar. Figura paterna desvalorizada e sentida como ameaçadora (mau objecto interno) e ao mesmo tempo investida. Figura materna como mais próxima, comparativamente à figura paterna. Desvalorização do irmão, através da sua supressão.
Caso 2	Ocupa uma pequena parte da folha	Marcado pelo racional	Família imaginária - Princípio do prazer-desprazer	Desvalorização de si próprio. Identificação parcial inconsciente com a figura paterna. Figura materna surge desvalorizada. Sentimentos negativos relativamente à sua família, com recusa do DFR.
Caso 3	Ocupa grande parte da folha	Marcado pelo sensorial	Família imaginária - Princípio do prazer-desprazer	Desvalorização de si próprio, com tentativa compensatória de se narcisar. Tendências regressivas. Figura paterna desvalorizada, sendo sentida como ameaçadora e distante, mas como uma figura mais próxima comparativamente à figura materna. Esta surge desvalorizada e pouco disponível para si.
Caso 4	Ocupa grande parte da folha	Marcado pelo racional e pelo sensorial, com predomínio da subjectividade sobre a objectividade	Família imaginária - Princípio do prazer-desprazer	Desvalorização de si próprio. Tendências regressivas. Identificação parcial inconsciente com a figura materna. Desvalorização da figura paterna. Identificação parcial consciente com o irmão e desvalorização do mesmo.
Caso 5	Ocupa uma pequena parte da folha	Marcado pelo racional	Família real - Princípio da realidade	Desvalorização de si próprio, com tentativas compensatórias de se narcisar. Tendências regressivas. Valorização de uma prima de 11 anos. Imagos parentais suprimidas do desenho, havendo uma desvalorização extrema de ambas.
Caso 6	Ocupa uma pequena parte da folha	Marcado pelo racional	Família imaginária - Princípio do prazer-desprazer	Desvalorização de si próprio. Valorização da figura paterna e identificação parcial com a mesma. Desvalorização da figura materna. Desvalorização do irmão. Rivalidade fraterna acentuada.
Caso 7	Ocupa uma pequena parte da folha	Marcado pelo racional	Família real – Princípio da realidade	Desvalorização de si próprio. Figura paterna valorizada, havendo uma identificação parcial inconsciente com a mesma. Figura materna desvalorizada. Irmão desvalorizado devido à rivalidade fraterna e identificação parcial consciente com o mesmo.
Caso 8	Ocupa grande parte da folha	Marcado pelo racional	Família real – Princípio da realidade	Desvalorização de si próprio. Desvalorização da figura materna. Idealização da figura paterna, que surge exacerbada. Desvalorização dos irmãos, devido à rivalidade fraterna.
Caso 9	Ocupa uma pequena parte da folha	Marcado pelo racional	Família imaginária - Princípio do prazer-desprazer	Desvalorização de si próprio de forma extrema, suprimindo-se. Desvalorização e valorização das figuras parentais, com predominância de desvalorização das mesmas. Desvalorização da irmã, suprimindo-a do desenho, devido à rivalidade fraterna. Recusa do DFR, com sentimentos negativos face à sua família.

ANEXO J

(Quadro síntese das principais conclusões obtidas relativamente à representação de si e das imagos parentais, no cruzamento entre os Desenhos e o RCH)

Desenhos/RCH	Representação de si	Imago materna	Imago paterna	Figuras parentais
Caso 1	Frágil e incompleta. Tentativas compensatórias de se narcisar. Desorganiza-se face a situações mais complexas.	Ameaçadora, distante. Relação quase fusional com a mesma.	Ameaçadora e passiva.	Pouco securizantes. Não são consideradas como figuras de referência, principalmente a imago paterna.
Caso 2	Frágil, incerta e incompleta. Tentativas compensatórias de se narcisar.	Pouco disponível emocionalmente e distante.	Pouco disponível emocionalmente e distante. Relação quase fusional com o mesmo.	Pouco securizantes. Não são consideradas como figuras de referência, principalmente a imago materna.
Caso 3	Incerta e frágil.	Distante e causa-lhe alguma estranheza.	Distante e ameaçadora. Relação quase fusional com a mesma.	Pouco securizantes. Não são consideradas como figuras de referência, principalmente a imago materna.
Caso 4	Frágil, pouco estruturada. Desorganiza-se face a situações mais complexas	Frágil e passiva. Identificação parcial.	Ameaçadora, frágil e distante. Mau objecto interno.	Pouco securizantes. Não são consideradas figuras de referência, principalmente a imago paterna.
Caso 5	Frágil. Tentativas compensatórias de se narcisar. Desorganiza-se face a situações mais complexas.	Forte e por outro lado frágil.	Ameaçadora, forte e ridícula.	Pouco securizantes. Não são consideradas figuras de referência, principalmente a imago paterna.
Caso 6	Incompleta. Desorganiza-se face a situações mais complexas.	Passiva e assustadora.	Passiva e frágil. Identificação parcial.	Pouco securizantes. Não são consideradas como figuras de referência, principalmente a imago materna.
Caso 7	Frágil. Tentativas compensatórias de se narcisar. Desorganiza-se face a situações mais complexas.	Ameaçadora e pouco disponível para si. Mau objecto interno.	Assustadora, distante e pouco disponível para si. Identificação parcial.	Pouco securizantes. Não são consideradas como figuras de referência, principalmente a imago materna.
Caso 8	Frágil, incerta, desvalorizada. Omnipotência como forma de preenchimento da sua falha narcísica.	Imatura, passiva e por outro lado forte.	Ameaçadora e passiva. Está idealizada.	Pouco securizantes. Não são consideradas como figuras de referência, principalmente a imago paterna.
Caso 9	Incerta, frágil e incompleta. Desorganiza-se face a situações mais complexas. Omnipotência para preencher a sua falha narcísica.	Amigável, por outro lado ameaçadora, passiva e pouco disponível emocionalmente para si.	Ameaçadora, forte e passiva.	Pouco securizantes, não são consideradas como figuras de referência, principalmente a imago paterna.